

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS – UFMG

FACULDADE DE LETRAS – FALE

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS CLÁSSICOS E
MEDIEVAIS**

MIRTES EMÍLIA PINHEIRO

DESVENDANDO EVA: O FEMININO EM HILDEGARDA DE BINGEN

BELO HORIZONTE

2017

MIRTES EMÍLIA PINHEIRO

DESVENDANDO EVA: O FEMININO EM HILDEGARDA DE BINGEN

Tese apresentada ao programa de Pós-Graduação Faculdade de Letras – FALE, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, como requisito parcial à obtenção do grau de Doutora.

Linha de Pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural.

Orientador: Dr. Jacyntho José Lins Brandão.

BELO HORIZONTE

2017

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

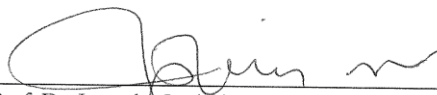
P654d	<p>Pinheiro, Mirtes Emília. Desvendando Eva [manuscrito] : o feminino em Hildegarda de Bingen / Mirtes Emília Pinheiro. – 2017. 249 f., enc. : il., color.</p> <p>Orientador: Jacyntho José Lins Brandão.</p> <p>Área de concentração: Literaturas Clássicas e Medievais.</p> <p>Linha de pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural.</p> <p>Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.</p> <p>Bibliografia: p. 240-249.</p> <p>Anexos: p. 202-239.</p> <p>1. Hildegarda, Santa, 1098-1179. – Crítica e interpretação – Teses. 2. Mulheres na literatura – Teses. 3. Eva (Personagem bíblico) – Teses. 4. Literatura medieval – História e crítica – Teses. 5. Feminismo e literatura – Teses. I. Brandão, Jacyntho José Lins, 1952-. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.</p>
CDD : 809.89287	

Tese intitulada *Desvendando Eva: o feminino em Hildegarda de Bingen*, de autoria da Doutoranda MIRTES EMÍLIA PINHEIRO, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da UFMG, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Estudos Literários.

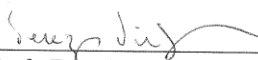
Área de Concentração: Literaturas Clássicas e Medievais/Doutorado

Linha de Pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural

Aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:



Prof. Dr. Jacyntho José Lins Brandão - FALE/UFMG - Orientador



Profa. Dra. Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa - FALE/UFMG



Profa. Dra. Maria Ester Maciel de Oliveira Borges - FALE/UFMG



Profa. Dra. Luciana Eleonora de Freitas C. Deplagne - UFPB



Profa. Dra. Cláudia Costa Brochado - UNB



Profa. Dra. Lyslei de Souza Nascimento
Subcoordenadora do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da UFMG

Belo Horizonte, 4 de agosto de 2017.

Ao Seu Pinheiro, meu querido pai – meu sustentáculo, que me ensinou que no “*corre corre da vida*” o mais importante é que você “*vire gente*”! Obrigada por tudo.

AGRADECIMENTOS

A Deus, Pai de bondade e misericórdia, Força Suprema, Luz Vivente.

À monja Hildegarda de Bingen.

À CAPES/CNPq

Ao Professor Jacyntho José Lins Brandão, meu orientador e estimado Mestre. Meus mais profundos e sinceros agradecimentos, não só pela orientação, mas pela sua presença serena e amiga. Esta passagem descreve o que você significou para mim: *“Porque tive fome, e destes-me de comer; tive sede, e destes-me de beber; era estrangeiro, e hospedastes-me; Estava nu, e vestistes-me”*; (Mateus 25,35-36).

Aos Professores do Departamento de Estudos Clássicos e Medievais.

À UFMG. À FAFICH. À FALE.

À minha família – irmãos, tios, sobrinhos, primos.

Aos meus amigos. A todos que, de um modo ou de outro, me apoiaram nesta empreitada.

Eu estarei alerta (*entretanto*), fazendo a minha sentinela

(como profeta de Israel),

E permanecerei firme sobre as fortificações,

E olharei atentamente para ver o que me será dito,

E o que hei de responder ao que me repreende.

Então respondeu-me o *Senhor*, e disse-me:

Escreve o que vês,

E nota-o sobre tabuinhas (de escrever),

Para que se possa ler correntemente.

Porque a visão ainda está longe,

Mas enfim ela se cumprirá, e não faltará;

Se tardar, espera-o porquê infalivelmente virá,

E não faltará.

Eis que o que é incrédulo não tem a alma reta em si mesmo;

Mas o justo viverá na sua fé.

(Habacuc 2, 1-4)

RESUMO

Neste trabalho nos propomos a tratar da temática da mulher, tendo como centro da pesquisa a figura emblemática de Eva. Partindo da trilogia visionária de Hildegarda de Bingen – *Scivias*; *Liber vitae meritorum*; *Liber divinorum operum* – e da sua obra de cunho científico *Causa et curae*, e apoiando-nos em vasta bibliografia, buscamos esboçar um perfil daquela que foi a personagem central da trama ocorrida no jardim do Éden – o comer do fruto proibido – fato que teve Adão e a serpente como partícipes, e que desencadeou todo o processo de expulsão do Paraíso, as penas daí decorrentes, e cuja responsabilidade maior recaiu sobre Eva. Em um contexto marcado pela misoginia e pelo preconceito, Hildegarda, escudada pela Luz Vivente que lhe ditava as visões, sai em defesa de Eva e, conseqüentemente, de todas as mulheres que viviam sob a égide do “pecado de Eva”. Por ter sido criada a partir de Adão e não diretamente da terra, Eva era considerada a mais frágil do par e, na concepção hildegardiana, este foi exatamente o fato que possibilitou a redenção da humanidade. Se foi por causa de uma mulher – Eva – que o pecado entrou no mundo, foi igualmente graças a uma mulher – Maria – que a redenção veio ao mundo. Eva, como mãe da humanidade, é também a mãe de Cristo. Eva e Maria, duas mulheres povoando o imaginário, sobretudo o Medieval, que via em uma a perdição e, na outra, a redenção, Hildegarda as percebe como as duas faces da mesma moeda, ambas carregando em si a perspectiva de salvação para a humanidade.

RÉSUMÉ

Dans cette thèse, on se propose d'étudier la thématique féminine en se concentrant sur la figure emblématique de Hildegarde de Bingsen : *Scivias*; *Liber vitae meritorum*; *Liber divinorum operum* et dans son œuvre à caractère scientifique : *Causa et curae*. Outre ces œuvres, on utilise aussi d'autres bibliographies afin d'esquisser un profil de celle qui a été le personnage central de la trame qui a eu lieu au Jardin d'Éden, qui a eu de surcroît Adam et le Serpent comme participants de la même action – manger du fruit défendu –, ce qui a déclenché toute la procédure d'expulsion du paradis et des peines découlant de cet acte, dont la plus grande responsabilité a été attribuée à Ève. Dans un contexte marqué par la misogynie et le préjugé, Hildegarde, sous le couvert de la lumière vivante qui lui dictait les visions, prend la défense d'Ève et, en conséquence, de toutes les femmes qui vivaient sous l'égide du « péché d'Ève ». Ayant été créée à partir d'Adam et non de la terre, Ève était considérée la plus fragile de la paire. D'après Hildegarde, c'est exactement cela qui a rendu possible la rédemption de l'humanité. Toutefois, si c'est à cause d'une femme, Ève, que le péché est entré dans le monde, c'est également grâce à une autre femme, Marie, que la rédemption y est venue. Ève, en tant que mère de l'humanité est aussi la mère du Christ. Ève et Marie, deux femmes qui ont peuplé l'imaginaire, surtout celui du Moyen Âge, qui voyait dans la première la perte et dans la dernière la rédemption. Hildegarde les percevait comme les deux faces d'une même pièce, où les deux portent en elles-mêmes la perspective de salut pour l'humanité.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	p. 12
CAPÍTULO 1 - HILDEGARDA, A TRAJETÓRIA DE UMA PROFETISA	p. 21
- O percurso visionário	p. 25
- A produção escrita	p. 31
- A serviço da Luz Vivente	p. 50
- As fontes utilizadas por Hildegarda	p. 64
CAPÍTULO 2 - NO PRINCÍPIO: UMA NARRATIVA DE GÊNESIS 2-3.	p. 68
- A criação do homem e da mulher	p.71
- A queda dos primeiros pais	p.74
- A mulher no relato do <i>Gênesis</i>	p.82
CAPÍTULO 3 - A ACUSAÇÃO DE EVA	p. 88
- E Eva tornou-se “a pecadora”	p. 96
- A (des)culpa de Eva	p. 98
CAPÍTULO 4 - DA DESOBEDIÊNCIA AO PECADO ORIGINAL	p. 108
- O livre-arbítrio	p. 113
- A glorificação da virgindade	p. 117
- O pecado hereditário	p. 126
CAPITULO 5 - VISÕES DA HUMANIDADE	p. 131
- A provação	p. 142
- A queda	p. 148
- A redenção	p. 154
- A permanência do mal	p. 160
CAPÍTULO 6 – EVA, A MÃE DA HUMANIDADE	p. 163
- A primeira mãe	p. 170

- Herança de Eva	p. 178
- Assuntos de mulher	p.188
CONCLUSÃO	p. 195
ANEXOS	p. 204
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	p. 242

INTRODUÇÃO

Tomei conhecimento de Hildegarda de Bingen quando me preparava para iniciar o Mestrado. O nome surgiu para mim na obra de Margareth Labarge, “*La mujer en la Edad Media*”. A partir das primeiras informações sobre a monja, inquietamento e curiosidade que fizeram torná-la o centro das minhas pesquisas.

Até meados de 2009, quando iniciei os estudos sobre Hildegarda, a maioria dos trabalhos que ela havia produzido, e textos de autores que trabalhavam com suas obras ou a respeito delas, estavam em língua estrangeira, principalmente em inglês, alemão e francês. Em português não havia tantos trabalhos sobre ela, nem bibliografia disponível.

Nos últimos tempos cresceu no Brasil o interesse pelas obras de Hildegarda: temos hoje uma literatura sobre o tema, assim como a tradução de algumas de suas obras (é o caso do *SCIVIAS*, pela Editora Paulus), para o português. Além disso, a sociedade Hildegardiana, em seu *site*, disponibilizou, em língua espanhola (o que simplifica a leitura por brasileiros) diversas obras da monja, para consulta *on-line*. No entanto, há obras de referência, imprescindíveis ao estudo da literatura hildegardiana, ainda inacessíveis ao leitor brasileiro. Assim, as traduções apresentadas neste trabalho foram feitas por nós; e, embora alguns comentadores tenham tratado do tema que aqui desenvolvemos, preferimos, quando possível, utilizar fontes diretas. A intenção foi a de trazer maior fidedignidade e autenticidade às informações apresentadas em nossas discussões.

Pensando em dar sequência ao trabalho de Mestrado, aventamos, inicialmente, a possibilidade de este trabalho versar sobre “os sonhos e visões na Idade Média”.

Mas, esta proposta mostrou-se, de certa forma, inviável. Então, acatando sugestão da professora Tereza Virginia, mudamos o tema para Hildegarda. Mas qual seria o enfoque da pesquisa? A obra da monja é vasta e oferece um campo bastante amplo de trabalho. Então, juntamente com o professor Jacyntho, decidimos nos debruçar sobre a defesa que ela faz de Eva, tendo como base suas visões.

Inicialmente o título do trabalho seria *(Des)vendendo Eva*. Mas chegamos à conclusão de que tal título poderia levar à leitura de que Eva estava vendada, sem visão. No entanto, ao longo das pesquisas, tínhamos percebido que tal imagem não

corresponderia à verdade, que foram construídos estereótipos em torno da figura da primeira mulher, e que ela estava “desvendada” a quem quisesse olhá-la de forma mais aguda. O problema não estaria nos olhos de Eva.

A pergunta que se formulou foi, pois: qual seria a defesa de Eva, feita por Hildegarda? Quais motivos nos levaram a escolher Eva e não Maria, como a personagem feminina de destaque? Eva representaria, de forma mais contundente do que Maria, o ideal feminino? Foi a partir destas indagações que iniciamos nossos trabalhos de pesquisa.

A obra de Hildegarda é ampla e há nela vários matizes e possibilidades que poderíamos focar. Mas, o objetivo deste trabalho é analisar como a monja se posiciona na defesa do feminino, tendo como base as visões¹ em que ela discorre sobre Eva, em sua trilogia visionária: *Scivias*, *Liber vitae Meritorum*² e *Liber divinorum operum*³, e no texto de cunho científico *Causa et Curae*⁴.

O tema do nosso trabalho é, pois, Eva – uma personagem que desperta sentimentos ambíguos, sobretudo na Idade Média. Tida por muitos como a pecadora, aquela que levou o homem à perdição eterna, a antítese de Maria, seu lugar poderia parecer destinado ao limbo; mas não ao esquecimento, pois sua figura constantemente despertava a lembrança do paraíso perdido e daquela que não só desobedeceu às ordens divinas como também induziu o homem a fazer o mesmo. No entanto, ao nos depararmos com as obras de Hildegarda de Bingen, percebemos que, embora ela trate Eva com certa dualidade, na maioria de seus relatos apresenta-a, se não isenta de culpa, ao menos dividindo essa culpa com seu parceiro, Adão.

A partir daí, as questões afloraram: Quem seria esta Eva defendida por Hildegarda? Qual faceta estava escondida por trás da figura conhecida de Eva? Que mistérios teria ela?

¹ As traduções das visões de Hildegarda foram feitas a partir das obras em espanhol disponibilizadas pela sociedade Hildegardiana.

² Ao referirmos à obra “*Livro dos Méritos da Vida*” utilizaremos a sigla *LVM*, que é a abreviação do título da obra em latim (*Liber Vitae Meritoru*) logo após o nome de Hildegarda.

³ Ao referirmos à obra “*Livro das Obras Divinas*” utilizaremos a sigla *LDO*, que é a abreviação do título em latim (*Liber Divinorum Operum*) logo após o nome de Hildegarda.

⁴ Ao referirmos à obra “*Livro das Causas e Remédios das Enfermidades*” utilizaremos a sigla *LCC*, que é a abreviação do título em latim (*Liber Causae et Curae*) logo após o nome de Hildegarda. Esta obra faz parte de outra mais ampla, que é o *Physica*. No entanto, esclarecemos que não utilizamos a obra completa, mas tão somente a parte que acreditamos ser imprescindível a esta escrita.

Lendo as obras da monja, iniciamos então nossas pesquisas. E foi com deslumbramento que nos deparamos com visões e versões de Eva que se contrapunham às imagens difundidas dela.

Percebemos que a personagem Eva foi sendo moldada paulatinamente. Ao longo do tempo, ela foi adquirindo características que a aproximam mais da figura de Pandora⁵ do que da Eva canônica, personagem central da cena do Éden. E as surpresas se sucederam. Assim, nosso trabalho se propõe a desvendar Eva, trazendo à tona a personagem que comete a ousadia de comer do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, que havia sido vetada ao casal primordial. Tal ato vai se desdobrar, e terá consequências no momento em que foi praticado, mas também fará desencadear uma sequência de acontecimentos, com início (criação), meio (queda) e fim (redenção). É relevante lembrar que Eva não estava sozinha ao praticar o ato de rebeldia, portanto, não seria justo que ela tivesse sobre si todo peso da culpa e da responsabilidade pelo ato praticado.

Descobri que é bem mais fácil identificar Eva do que Maria com a raça humana. Talvez isso explique por que Hildegarda lhe dá mais atenção em seus escritos. Eva, assim como os humanos, colheu os frutos do pecado cometido, integrando-se com a raça humana caída, participando dos sofrimentos resultantes da queda. Já Maria, em sua perfeição, permanece em um patamar inatingível, tornando-se muito difícil compará-la ao ser humano. Ela é virgem e mãe ao mesmo tempo, situação incompatível com a de uma mulher humana comum, “Com tudo isso, há em Maria outra coisa maior, que se admira, a fecundidade junto com a virgindade. Jamais se ouviu nos séculos que uma mulher fosse juntamente mãe e virgem” (SAN BERNARDO. 1941, 1, 7).

O livro de Gênesis apresenta duas narrativas a respeito da criação da mulher: na primeira, Deus cria o homem e a mulher conjuntamente; na segunda, cria o homem, depois a mulher – isto é, separadamente. A versão que prevaleceu foi a segunda. Podemos pensar que, se a exegese cristã tivesse optado pela primeira versão, determinada leitura privilegiaria maior igualdade nas relações entre os sexos. Ao optar pela segunda, elaborou uma teoria de subordinação natural da mulher. A perda de Eva é incomensuravelmente maior do que a de Adão, não só pelo castigo de parir com dor,

⁵ Pandora (a que tem todos os dons) – Virgem da mitologia grega. Movida pela curiosidade, abre a caixa que Zeus a encarregara de levar como presente a Epimeteu. Ao fazê-lo, liberta todos os bens e todos os males ali guardados, que se espalharam pelo mundo. Na caixa permanece apenas a esperança – que dá alento aos homens.

mas pela privação de exercer o poder igualitário de que, tudo indica, desfrutava quando foi criada, e que perdeu.

Eva passou a ser vista por alguns comentadores como um ser secundário, um apêndice do homem, porque nasceu da costela dele; e é exatamente isso que Hildegarda vai refutar: para ela, Eva apresenta um diferencial exatamente por ter sido criada da carne de um homem, ao contrário de todos os outros animais, criados a partir do barro. Na concepção hildegardiana, Eva foi vítima do embuste do diabo por ser a parte mais frágil do par humano.

Nos textos midráshicos, Eva é quase sempre apresentada como uma vítima da serpente, e não como alguém que enganará o homem. “De acordo com o midrash⁶, a serpente não tentou Eva para que ela fizesse sexo com Adão (os dois já tinham intercurso sexual); em vez disso, seduziu-a para que cometesse adultério”. Neste caso, a mulher é apresentada como uma “(...) vítima da agressão sexual da serpente, que a torna, juntamente com seus descendentes, temporariamente impura. Esta impureza, contudo, não tem nenhuma relação com a sexualidade lícita”, pois a sujeira que alguns comentadores acreditavam haver sido transmitida aos descendentes de Eva não “(...) é a do sexo, mas sim a do desejo e do sexo ilícito – adultério, bestialidade ou ambos”. “Eva está mais próxima da literatura canônica grega tradicional do que da Bíblia” (BOYARIN, 1993. p. 94).

Posto que Pandora seja chamada por alguns de “a Eva grega”, essa comparação não é a mais indicada, porque Pandora foi fabricada artificialmente e sua criação, em vez de atender ao propósito de companheirismo, foi um castigo imposto a Prometeu. Concordamos com Boyarin, quando ele afirma que “(...) nas raízes da ideologia ocidental sobre a mulher, encontraremos a figura de Pandora sobreposta à de Eva” (BOYARIN, 1993. p. 112).

Antes de adentrarmos na defesa que Hildegarda faz de Eva, escolhemos, para tornar o texto mais didático, apresentar a visão de Eva em três momentos. Primeiro, no relato bíblico com os agentes do episódio – o Jardim e seus elementos: a árvore do conhecimento do bem e do mal, a árvore da vida, Adão, Eva e a serpente. Segundo, de

⁶ O nome *Midrash* é extraído da raiz hebraica triletre “*DRSh*” que significa pesquisar a fundo, investigar; acompanhado da preposição *Mi* que significa “quem”. Segundo o Dicionário Bíblico *The Anchor Bible Dictionary Midrash* é: “O termo rabínico utilizado para exegese bíblica, palavra originada da raiz hebraica *DRSh*, que na Bíblia significa investigar, fazer inquérito, geralmente tendo este verbo como objeto direto Deus ou um grande e importante rei”. In AZEVEDO, Leandro Villela. *Midrash Rabbah: a Torá oral e a discussão rabínica medieval. Cadernos de Pesquisa do CDHIS* – n. 36/37 – ano 20 – p. 165-174 – 2007. www.seer.ufu.br/index.php/cdhis/article/download/1212/1170 (Consultado em 09/01/17).

como o pecado da desobediência transformou-se em pecado original e as implicações decorrentes disto. Terceiro, a acusação que passa a recair sobre Eva. Pensamos que essa forma tornará mais clara a percepção da concepção hildegardiana sobre os primeiros pais e dos fatos que os levaram à expulsão do Paraíso.

No primeiro capítulo, apresentamos Hildegarda de Bingen e traçamos seu percurso, desde antes da entrada para o mosteiro, quando já manifestava o dom visionário, até a descoberta das fontes que ela, embora não as revele diretamente, utiliza como embasamento para a composição de suas obras. Em um universo marcadamente masculino e misógino, Hildegarda conseguiu se impor, graças às suas relações e ao seu dom visionário, reconhecido pelo próprio Papa Eugênio que, ao ler e aprovar sua grande obra – o *Scivias* – autoriza-a a pregar em público, sendo ela a primeira mulher a receber tal autorização. Este fato não só lhe possibilita afirmar-se como líder espiritual de sua comunidade como lhe dá envergadura tal que ultrapassa os muros de seu mosteiro, fazendo com que ela fosse inserida no universo então marcadamente masculino.

No segundo capítulo, apresentamos uma versão da criação do homem e da mulher, quando Deus, já no ato criacionista, determina: “*Tu és pó e ao pó voltarás*”, estabelecendo aí a finitude da vida terrena. A partir da criação e dos fatos que decorrem dela, fazemos uma análise do papel desempenhado por cada elemento que compõe o cenário da criação paradisíaca. Nessa apresentação, os elementos são vistos sob um novo prisma. Ao contrário de ver o ato praticado pelo casal como um fato ruim, que os expulsou do Paraíso, vamos analisá-lo sob os aspectos positivos para a humanidade, aspectos estes que decorrem do ato de desobediência insuflado pela serpente: não há culpados pelos atos, mas há, sim, consequências deles para toda a humanidade, consequências estas que podem ser benéficas ou não, dependendo do ângulo de que se as observa.

No terceiro capítulo, enfocaremos as duas versões da criação da mulher. A primeira conta a criação simultânea do homem e da mulher: a segunda, que narra a criação do homem e, depois, a criação da mulher a partir da costela do homem. Se no primeiro relato há uma igualdade na criação do par, no segundo percebe-se uma supremacia conferida à figura masculina. Enfocaremos ainda, como Eva se transforma de protagonista – que auxilia no desenvolvimento histórico – em culpada, pelo ato transgressor praticado no jardim. Se nos textos midráshicos ela é quase sempre apresentada como vítima da serpente, e não como alguém que enganará o homem, passará a ser vista como a sedutora, que se deixou levar pela astúcia da serpente e que

também induzirá Adão a comer do fruto proibido. Sua fraqueza diante da tentação se torna um dos estigmas que vão marcar o sexo feminino ao longo da História.

No quarto capítulo discorreremos sobre como, pelo pecado original, se pretendeu explicar, através da queda do homem, a origem da imperfeição humana, do sofrimento e da existência do mal. O pecado é chamado de original não apenas porque está na origem da humanidade, mas também porque é transmitido a todos que, logo ao nascer, tornam-se pecadores; e o que é transmitido não é o castigo, mas a culpa. Possivelmente, o que fez com que a ideia do pecado original se tenha firmado a partir do século V, e se tenha tornado a base para a doutrina cristã foi o fato de que as pessoas se sentiam ao mesmo tempo, culpadas e impotentes; e, neste quesito, delegar à ancestralidade, no caso a Adão e Eva, a responsabilidade pelos erros do presente, terá sido uma conveniência, aceita e adotada por muitos.

No quinto capítulo, trazemos a versão de Hildegarda sobre a criação do homem e da mulher. Para a monja, o ato protagonizado por Adão e Eva é uma sequência da queda de Lúcifer e, ao mesmo tempo, um prólogo para a Encarnação. Na opinião de Hildegarda, a queda do primeiro casal é de inteira responsabilidade de Satanás que, movido pela inveja, se transveste na serpente; e Eva, por não conhecer sua astúcia, foi enganada por ele.

Se por uma mulher o pecado entrou no mundo, também por uma mulher a salvação entra no mundo. Eva e Maria estão ligadas pela mesma essência criadora, pois jamais teve o mundo outras mulheres como Eva virgem e mãe, ou como Maria, mãe e virgem.

Na primeira parte do capítulo seis, trataremos da defesa que Hildegarda faz de Eva, responsabilizada pelo pecado da desobediência que culmina com a “queda” da humanidade, mas é, ao mesmo tempo, mãe desta mesma humanidade. É mais fácil identificar Eva do que Maria com a raça humana, pois Maria permanece em um patamar inatingível, sendo virgem e mãe ao mesmo tempo.

Na segunda parte do capítulo discorreremos sobre a “herança de Eva”. Aqui Hildegarda não vê o pecado como hereditário, mas sim, as características herdadas dos pais, explicando de forma lógica e científica, e não meramente como castigo divino, os motivos pelos quais uma criança pode nascer com alguma deformidade física ou mental. Também enfocaremos as questões ligadas ao sexo e à sexualidade do homem e da mulher.

A fim de que o leitor possa acessar diretamente as visões de Hildegarda, selecionamos trechos (apresentados no anexo) em que, na sua trilogia visionária, ela discorre sobre a criação, a queda e a redenção. Hildegarda segue a linearidade histórica, e apresenta, não só aos leitores de seu tempo, mas também aos de hoje, uma percepção otimista do mundo, o que a difere de outros autores. Na obra visionária de Hildegarda, o Deus que criou a humanidade, o universo e tudo o que o habita comunga de ideias que remetem à salvação do homem e à perspectiva de um futuro aprazível, que pode se realizar no aqui e agora, e não somente no além. Suas visões vêm permeadas de esperanças, não em um futuro melhor, mas em um presente que pode ser melhor a partir da ação positiva do homem, com suas ações sobre o que está ao seu redor.

A obra deixada por Hildegarda é de grande importância, permitindo-nos refletir sobre a participação feminina na construção da sociedade medieval, e no caso dela, a do século XII, uma vez que em suas obras é possível situar o tempo cronológico e histórico no qual ela vive e produz. Ela é, portanto, um sujeito histórico, atuante e autoral. Daí a importância de garantir a visibilidade de suas obras.

Em um período marcadamente masculino, Hildegarda consegue garantir sua autonomia, assim como a das monjas do seu mosteiro, fugindo ao estereótipo da imagem de abadessa de convento, sobretudo aquelas perpetuadas pelos filmes e imagens que retratam o período Medieval, nos quais as vemos dadas ao recolhimento e à submissão. Ela, ao contrário, a partir da idade de 42 anos, quando se revelou para o mundo e obteve autorização para mostrar suas visões e falar delas, fez questão de registrá-las. O excepcional é que seu registro não se ateve tão somente às visões, mas a toda a sua produção intelectual que, como podemos atestar, foi bem vasta.

Observamos em Hildegarda constante autocrítica e autodepreciação: sou uma “pobre mulher indouta”, diz ela. Tal fato pode ser interpretado como manifestação da consciência da condição de inferioridade que lhe é imposta (porque ela não é inferior). E isso não diz respeito somente a ela, mas às mulheres em geral, como também é uma forma de penetrar, talvez sem chamar muito a atenção, no universo quase exclusivamente masculino que é o da escrita.

Ela sempre separou, em si mesma, a “pobre figura feminina” e o que a voz divina, ou a luz viva, expressava através dela:

Acreditamos, pois, que o conhecimento de tais obras constitui o único meio de colocar abaixo representações errôneas e nocivas, às quais, ao longo da história os escritos femininos foram expostos. Seus escritos nos dão prova da importância da palavra feminina como meio das mulheres participarem do processo histórico, manifestando sua visão de mundo em uma sociedade tradicionalmente androcêntrica. Estudar o passado, então, para compreender as raízes da dominação que deram suporte às relações hierárquicas de gênero através do tempo e identificar as marcas de resistência constituintes do discurso e trajetória feminina (DEPLAGNE, 2012, p. 297).

Hildegarda é inegavelmente uma personagem cativante, e isso pode ser percebido em várias situações. Sua originalidade a faz ser praticamente única em seu tempo. Cada problema ou cada tema que ela examina e esmiúça ganha ares de novidade como se estivesse sendo examinado pela primeira vez; e, mesmo que ela afirme categoricamente que seus conhecimentos e seu domínio linguístico e gramatical são escassos, ela utiliza uma linguagem vigorosa e colorida. Além disso, ela tem notório saber em vários campos do conhecimento. No entanto, como não cita suas fontes, é difícil precisar qual foi à literatura que se tornou a base de seu conhecimento. Podemos afirmar, porém, sem o menor traço de dúvida, que ela leu/estudou muito e, possivelmente teve acesso direto às fontes; e, embora seu temperamento seja claramente místico, em sua obra de caráter científico (*Causa et curae*) se esforça para entender o ser humano em sua plenitude e complexidade.

Ao longo do trabalho percebemos que o estudar as mulheres, no caso específico de Hildegarda e Eva, trouxe o exercício de pensar nas relações construídas entre os dois sexos: são relações ligadas a um mecanismo de poder, que inferiorizou as mulheres, tentando minimizar sua presença, chegando, em alguns casos, a anulá-las, ou não lhes dando a devida importância no processo histórico, negando-lhes o espaço de atuação, como foi o caso de místicas, monjas, abadessas, beguinas. Ressaltamos que foi no espaço monástico que muitas mulheres puderam dar vazão a sua ânsia de conhecimento (nela incluindo a leitura e a escrita), tendo a oportunidade de se dedicar a eles. Diferente do que se costuma acreditar, no período medieval muitas mulheres se destacam, como Leonor de Aquitânia, Branca de Castela, Beatriz de Nazaré, Margareth Porete, Duoda, e a abadessa Hildegarda de Bingen, capazes de atuar e de fazer parte da construção de cultura.

Em nossa concepção, acreditamos ser necessário que a historiografia busque novas formas de escrever a História, desenvolvendo um método capaz de conciliar e

incluir novas abordagens e campos de estudo, principalmente no que tange ao feminino medieval.

Hildegarda é, sem sombra de dúvida, uma das vozes mais expressivas desse período. Exercendo sua espiritualidade, afirmando e firmando seus dons visionários, ela foi capaz de utilizar os recursos dos quais dispunha para construir sua autoridade e se fazer amplamente reconhecida, não só dentro do meio monástico, mas igualmente fora dele.

Foi esta posição de autoridade que lhe garantiu outra: a de sábia e conselheira, sendo consultada tanto por membros do clero quanto por leigos em geral. Sua sapiência era reconhecida em distintos meios sociais, que iam desde a nobreza até os camponeses que recorriam a ela em busca de conselhos para o corpo e para a alma.

Assim, amparada e embasada pelas visões que a Luz Vivente lhe ditava, Hildegarda pode falar de vários assuntos espinhosos; mas, principalmente, sair em defesa do feminino, representado na figura de Eva, que traz em si duas faces: a perdição e a salvação, o medo e a coragem, os erros e os castigos.

Hildegarda foi uma figura emblematicamente humana e feminina.

CAPÍTULO 1

HILDEGARDA, A TRAJETÓRIA DE UMA PROFETISA

Na Baixa Idade Média latina, mais precisamente no século XII, ocorreu um renascimento cultural, associado ao crescimento das cidades e das suas próprias instituições, como as corporações de ofícios e as universidades. Nas escolas urbanas, então emergentes, mestres se distinguiram, como Abelardo, Bernardo de Chartres, João de Salisburg, Hugo e Ricardo de S. Vítor, dentre outros. Nessa efervescência cultural, as mulheres, em parte graças ao culto mariano, começam a ter mais visibilidade.

Quando nos ocupamos da Idade Média, é comum depararmos com os preconceitos e construções negativas referentes a esse período histórico: fazem-se comparações, ressaltando “os tempos modernos” como evoluídos, em contraposição a um passado imperfeito e obscuro. Esse desconhecimento estende-se à presença feminina, com estereótipos que não refletem a realidade vivida por muitas das mulheres, bem como a sua atuação, em vários campos do saber, colaborando consideravelmente para a construção da cultura de seu tempo. É possível afirmar que “(...) o período feudal, as mulheres da nobreza possuíam estudos em alto nível, quase igual ao dos homens” (ÉPINEY e ZUM, 2007. p. 16). É importante evitar olhar a Idade Média com os olhos do presente, pois, ainda hoje, vemos que há uma tendência para veicular a ideia de que a Idade Média é um período do meio, entre duas épocas grandiosas, a Antiguidade Clássica e o Renascimento. Diz a historiadora:

A tendência a olharmos para o passado com os olhos do presente, já tão criticada pela historiografia do século XX, dificulta qualquer tentativa de aproximação a esse mesmo passado, distorce-o, adapta-o a uma realidade atual, muitas vezes para legitimar o presente e percebê-lo como resultado de um processo que se orientou em termos de evolução (BROCHADO, 2014. p.588).

Michele Perrot afirma que, na Idade Média, “(...) dois lugares foram propícios à escrita: os conventos e os salões, o claustro e a conversação”. Os conventos favoreciam de tal forma a leitura, e mesmo a escrita “(...) que, ao final do século XIII, as mulheres da nobreza pareciam culturalmente superiores aos homens, que se dedicavam a guerrear, como nas cruzadas ou em outras circunstâncias. As religiosas copiavam os manuscritos e se apropriavam do latim proibido” (PERROT, 2007. p. 32). É possível que esse conhecimento adquirido tenha permitido o engendramento de mudanças no seio da sociedade medieval, dentre elas a instauração do amor cortês.

É sabido que, mesmo antes do século XII, muitas mulheres já administravam os feudos e os mosteiros, estudavam, produziam obras, cuidavam dos afazeres domésticos, das tarefas agrícolas e pastoris. De acordo com Deplagne, “(...) o papel da mulher na História vem sendo um dos tópicos de interesse nos estudos medievais, como uma forma de resgatar as minorias silenciadas pela historiografia tradicional” (DEPLAGNE, 2008. p. 2). Houve, nos séculos XI e XII, um momento “(...) em que a mulher no seu convento competia em instrução com o homem, a ponto de conhecer o seu Ovídio e o seu Virgílio melhor do que muito filólogo de hoje” (LAPA, 1981. p. 11), e vários nomes femininos, como já dissemos. Além dela, outra abadessa de destaque é Heloisa. Ambas produziram obras que as fizeram escapar do anonimato. Heloísa é recordada, sobretudo, através da correspondência trocada com Abelardo.

Em relação à escrita autobiográfica, ela costuma ser apresentada como um gênero literário dedicado às confissões e experiências dos protagonistas históricos masculinos. Mas é possível registrar a presença da autoria feminina nesse gênero literário como forma de reivindicar um espaço de registro da participação da mulher no contexto da sociedade patriarcal. Temos, por exemplo, na Baixa Idade Média, os relatos autobiográficos espirituais de Hildegarda de Bingen (séc. XII), “Christiana de Stommeln (séc. XIII-XIV), Juliana de Norwich (séc. XIV); as memórias de Leonor López de Córdoba (séc. XIV-XV), o relato de vida da sua contemporânea Christine de Pizan, e a autobiografia de Margery Kempe, escrita em 1432” (DEPLAGNE, 2008. p.3).

Em se tratando de Hildegarda, ela nos deixou um grande legado em vários campos do saber, oferecendo “(...) um exemplo excepcional do que uma mulher poderia realizar no século XII, tanto no plano da ação como na vida espiritual e artística. Ela se impõe por causa de seus dons, pelo seu carisma profético e por sua energia reformadora” (ÉPINEY e ZUM, 2007. p. 39).

Hildegarda⁷ ficou conhecida como “de Bingen”. Nascida no ano de 1098, em Bermersheim, a décima filha do casal Hildebert e Mechtild foi ofertada ao mosteiro aos oito anos de idade, permanecendo sob os cuidados de Jutta de Spanheim⁸, sua professora, que a ensinou a ler a Bíblia latina, especialmente os salmos⁹ e a cantar o Ofício monástico. Ressalte-se que: “(...) o espaço religioso abrigava mulheres de todos os tipos, com maior ou menor vocação religiosa, e foi lugar de proteção e refúgio de imenso contingente de mulheres” (BROCHADO, 2014. p. 588).

Hildegarda era observadora, perspicaz e dotada de uma sensibilidade muito grande. Segundo Peter Dronke, “(...) na Idade Média, é a única mulher cujo saber se compara ao do sábio Avicena: cosmologia, ética, medicina e poesia mística estão entre os campos conquistados por ambos, o mestre persa do século XI e a Sibila do Reno no século XII”. Ainda, de acordo com ele, mais recentemente talvez seja Goethe – que teve acesso ao “(...) manuscrito iluminado do *Scivias*, em Wiesbaden – quem tenha demonstrado maior afinidade com a combinação de impulsos poéticos, científicos e místicos, a liberdade de imaginação e de pensamentos que a caracterizaram” (DRONKE, 1994. p. 200). O comentário de Dronke se baseia na abrangência do trabalho de Hildegarda, que ainda escreveu sobre ciências naturais e medicina, trazendo à tona assuntos tidos como tabus, como sexualidade e ginecologia, com uma perspectiva feminina; e ainda criou um alfabeto conhecido como “*ignoto*”. É conhecida como a “*sibila do Reno*” e “*profetisa teutônica*”, uma polímata¹⁰ permanentemente aberta ao saber.

Sua trilogia visionária não era inconsistente com o pensamento de sua época, inclusive com o florescimento das universidades e o avanço científico que o século XII conheceu. A inspiração divina, como agente do verdadeiro conhecimento, era aceita como uma possibilidade real e de extrema importância, sobretudo quando considerada

⁷ De acordo com a filóloga Cândida Leite Georgopoulos, o nome Hildegarda, de origem germânica, se forma a partir dos elementos: *hilde*, *hild*, que quer dizer: guerra, batalha e *gard* = guarda/proteção), significando: aquela que se guarda para a guerra, ou aquela que oferece guarda/proteção na guerra.

⁸ Quando as crianças estavam na escola, os monges tinham que arcar com a educação delas: “a criança, como todo noviço, era confiada a algum venerável ancião, cheio de experiência e de virtude, que lhe servirá de pai espiritual. Receberá dele, especificamente, uma formação ascética e moral, espiritual antes que intelectual” (MARROU, 1971. p. 502).

⁹ “Muitas vezes os laicos possuem certos livros bíblicos, em particular o de salmos, no qual se aprende a ler, mas não a Bíblia completa” (BASCHET, 2014. p. 182).

¹⁰ Hildegarda é o que podemos chamar de polímata, do grego *polumatês*, *-ês*. adjetivo de dois gêneros e substantivo de dois gêneros: que ou quem estudou e sabe muitas coisas ou muitas ciências (ex.: Santa Hildegarda era uma freira polímata; os polímatas são peritos em muitas áreas do conhecimento). = POLÍMATE, POLÍMATO. “polímata”, in: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://www.priberam.pt/DLPO/pol%C3%ADmata> (consultado em 06/02/2017).

autêntica. Além do *Scivias*, *Liber Vitae Meritorum*, *Liber Divinorum Operum*, escreveu uma obra de cunho científico, *Liber Subtilitatum Diversarum Naturarum Creaturarum*, (Livro das Propriedades – ou Sutilezas – das Várias Criaturas da Natureza), dividido em *Physica (Liber Simples Medicinae)* (Física – Livro da Medicina Simples) e *Causae et curae (Liber Compositae Medicinae)* (Causas e Curas – Livro da Medicina Complexa).

A vida da abadessa de Bingen é movida pelo conhecimento, que “(...) foi um dos motores de sua larga existência, seguido por uma curiosidade inesgotável e um afã de saber, movido pelo desejo de compreender Deus e sua obra”. Sua ascensão a este saber ocorre “(...) por caminhos convencionais e não convencionais reveladores de sua concepção integral do ser humano em suas dimensões corporal-sensitiva, intelectual e espiritual, e da necessidade de colocá-los em jogo”; e sua abertura ao saber se constituiu, “(...) em seu sentido mais primitivo, na abertura ao outro, a Deus, que a iluminou com visões e audições desde os três anos” (GRAÑA CID, 2012. p. 412). Ela deixa ainda um legado no campo arquitetônico, ao desenhar a planta de seu mosteiro, em Rupertsberg. Filósofa, predadora (provavelmente, a primeira mulher a receber autorização papal) para pregar em locais públicos. Há, nela, uma preocupação constante com a natureza e com todos os elementos que a compõem, seja do reino vegetal, no mineral ou no animal: “Seus escritos estão cheios de perspectivas sugestivas, no que se refere à relação do homem com a natureza, o que hoje chamaríamos uma antropologia teológica” (RENEDO, 2013a. p.15). Ela também

(...) assumiu quase sem oposição, muitas das funções sacerdotais que a Igreja, em geral, considerava e seguiu considerando próprias de homens. No entanto, ela sempre separou em si mesma, a “*pobre figura feminina*” e o que a voz divina, ou a luz viva, expressava através dela. Assim, admoestar, advertir ou repreender aos demais é algo que faz sempre em nome da luz e da voz [divinas] e não por conta própria (DRONKE, 1994. p. 207).

Ela é autora de uma compacta trilogia que combina doutrina e ética cristãs com cosmologia; de uma enciclopédia resumida de medicina e de ciência natural; de duas vidas de santos “Vida de São Ruperto e Vida de São Disibold”. Outros escritos: “Respostas a 38 perguntas; Cinquenta homilias sobre os Evangelhos; Comentário da Regra de São Bento; Comentário sobre o símbolo Atanasiano;” além de uma requintada

coleção de músicas que inclui setenta canções litúrgicas e o primeiro drama alegórico de fundo moral conhecido. Manteve uma vasta correspondência com pessoas de todas as classes sociais, como os “Papas (Eugênio III, Anastácio IV, Adriano IV), Bernardo de Clairvaux, Odon de Paris, Conrado III, o imperador Frederico Barba Ruiva, o rei Henrique II da Inglaterra, a rainha Leonor de Aquitânia e a imperatriz bizantina Irene; bispos, padres, dirigentes de outros mosteiros e pessoas do povo em geral” (RENEDO, 2013. p. 8).

Em suas relações com o poder masculino, Hildegarda foi capaz de reformular e, até mesmo inverter as noções de autoridade, conseguindo não só o apoio para suas causas, como tendo monges secretários que ficavam ao seu serviço, auxiliando na transcrição de suas visões. Movida pela fé, era inteligente, determinada e muito distante da imagem da abadessa de convento dada ao recolhimento, à discricção, à submissão e ao apagamento. Ela fez questão de deixar registradas as suas visões, atestando-lhes a veracidade, inclusive através de suas cartas.

O percurso visionário

Na Baixa Idade Média, há uma desconfiança sobre as visões tidas em sonho, que eles se tornaram “(...) um dos campos privilegiados da batalha do Diabo contra Deus para danação ou salvação dos homens”. Sendo assim, os relatos das visões em estado de vigília, reforçavam-lhes a credibilidade, a fim de que, sobre eles, não recaísse nenhuma dúvida: “O corpo é cada vez mais designado como origem dos sonhos – deixando, porém, subsistir uma grande parte de sonhos diabólicos – ilusórios, e, por vezes, mortais – e de sonhos enviados por Deus – proféticos – premonitórios e até salvadores” (LE GOFF, 1994. p. 28-29).

Na Bíblia, há relatos em que o sonho aparece como um meio de comunicação entre Deus e seu povo; no entanto, a tradução e a interpretação deles cabiam a poucos escolhidos, como José, Daniel e outros profetas. O sonho bíblico torna-se um facilitador da mensagem de Deus para as pessoas comuns, traduzidas pelos seus intérpretes. Em relação aos sonhos proféticos, a crença era de que eles provinham diretamente de Deus, sendo, portanto, uma revelação dos desígnios divinos, não só no que se refere às

profecias, mas, sobretudo, ao visionário em si, que era escolhido em função de suas virtudes, seu contato direto com Deus, e, esse contato se traduzindo pela clareza da mensagem recebida.

No século XII, havia duas formas de registrar as experiências visionárias: a mais comum era a sua transmissão oral e transcrição por um clérigo, geralmente em latim. Esses relatos faziam parte de uma cadeia em que as testemunhas atestavam a experiência visionária de uma terceira pessoa. É o caso das visões de Hildegarda, que, ao recebê-las, estava sempre acompanhada do monge Volmar e/ou de sua secretária Richards, a fim de que eles transcrevessem o que ela via e ouvia da voz que lhe falava. Tal fato ocorre porque “(...) os preconceitos desfavoráveis que a cultura oficial, a dos clérigos, fazia pesar sobre os sonhos na Idade Média incitavam a falar de visões despertadas quando se queria reforçar a credibilidade de um relato” (SCHMITT, 1999. p. 17). No caso de Hildegarda, entre o início das visões até o registro das mesmas, passaram-se décadas dedicadas ao aperfeiçoamento de seu autoconhecimento, adquirido com o tempo e com a autoridade que lhe concedia o cargo abacial que ela exercia no mosteiro, até que tivesse a capacidade de compreender que suas visões eram um veículo para as revelações divinas:

Na auto representação que a profeta realiza, ela sustém em suas mãos, a tabuinha de cera na qual escreve, simbolizando, segundo o pensamento medieval, o livro interior da memória, depositário da tradição antiga, em que Deus escreve em uma primeira instância suas palavras. Logo depois ela as descreve ao monge Volmar, seu secretário, que escreve estas palavras no códice: o suporte exterior da escritura interior, que se abre para a leitura do resto dos homens (PICÓN, 2009. p.126).

Hildegarda sempre enfatizou que recebia suas visões plenamente ciente das suas capacidades físicas e mentais, o que excluía qualquer ataque que porventura pudesse sofrer em decorrência de doenças, êxtases ou estados de transe, frutos de imaginação, alucinações ou sonhos. As visões dela ocorriam dentro da esfera do transcendente, frutos da vidência espiritual, vindas diretamente do Criador. Tudo indica que eram espontâneas, pois “(...) não há indícios de que usasse de subterfúgios para induzir as

visões, como o uso de alguma substância alucinógena ou a prática de longos períodos de jejum e oração, que poderiam fazer com que tivesse algum tipo de alteração de consciência” (NEWMAN, 2015. p. 26). Ela as recebia acordada, com todos os sentidos aguçados, com os olhos e os ouvidos humanos, aptos a ouvir a voz de Deus, de tal forma que pudesse transmiti-la com a maior exatidão possível, não perdendo sua consciência ao ouvi-las:

Suas visões eram mesmo públicas, pois não as recebia em lugar ermo, solitário, “fechado”, mas sempre em lugares “abertos”, ou seja, vendo-o e sabendo-o toda a comunidade monástica. Nenhuma falsificação, nenhuma trama humana nem diabólica podia, assim, provocar qualquer desconfiança. Ela foi agraciada com visões e audições celestes, revelações que lhe foram impostas por vontade divina, mas, como ela própria específica, não foi “arreatada em espírito” (*in excessa mentis*). Hildegarda estabelece aqui uma nítida distinção entre “a visão espiritual” que ela tinha e o êxtase (SCHMITT, 2007. p. 334).

É bem possível que isso explique a necessidade que tinha Hildegarda de registrar não só suas visões, em sua trilogia sobre elas, mas também os conhecimentos que adquiriu através de sua experiência como médica, enfermeira, botânica e observadora da natureza. A escrita registra, marca e se eterniza, ao passo que a linguagem oral se perde com o tempo e no tempo. Seus escritos ganham notoriedade pela seriedade com que são descritas as visões, pela autoridade da monja que as tem em estado de perfeito domínio de suas faculdades e pelo fato de que são anotados por um monge. Se as visões são divinas, o registro é humano.

No caso das visões de Hildegarda, percebe-se que seus sentidos interiores são os primeiros a compreenderem a revelação, porque ela vê e escuta o que a Luz Divina lhe transmite de forma inteligível; depois, ela não só as entende simultaneamente como ainda retém o conhecimento que lhe é transmitido e que até então ela ignorava; e, uma vez ensinado, ela aprende e apreende o assunto, de tal forma que seu espírito se prepara para outros ensinamentos.

De acordo com seu próprio relato, aos três anos de idade ela teve sua primeira visão: “Quando, todavia não tinha nem meus ossos, nem meus nervos, nem as veias robustecidas, até agora que já tenho mais de setenta anos, sempre tenho desfrutado do

presente da visão em minha alma”. Ela explica que, em suas visões, seu espírito se elevava até a altura do firmamento e se propagava por entre “(...) povos diversos e regiões distantes e lugares que lhe eram remotos. E como ela via sua alma, assim também contemplava segundo a troca das nuvens e outra criaturas” (CIRLOT, 2009. p. 44). Contudo, ela via e percebia não com os olhos e ouvidos exteriores; tampouco percebia com os sentimentos de seu coração, ou através dos cinco sentidos; mas, sim, fazia-o com a alma.

Ela mesma nos informa sobre seu processo visionário:

Mas as visões que tive não as percebi em sonhos, ou no sono, ou em delírio, ou pelos olhos do corpo, ou pelos ouvidos do ser exterior, ou em lugares ocultos; recebi-as, pois, estando desperta e enxergando com mente pura e com os olhos e ouvidos do ser interior, em lugares abertos, conforme Deus o queria. Como isso poderia ser é difícil para a carne mortal compreender (HILDEGARDA, *SCIVIAS*, p. 96).

No entanto, por medo ou insegurança, ela não revelava as visões, guardando-as para si.

Parece que o caso de Hildegarda não era isolado, pois, de acordo com Troch:

Centenas de mulheres entre os séculos XI e XV falam ou escrevem em forma de alegorias e discutem suas experiências visionárias. Por vezes, tais debates giram em torno até mesmo de visões que receberam numa idade muito jovem (cerca de cinco anos). Isso significa que esta forma literária foi considerada obviamente verdadeira em círculos cristãos, a fim de comunicar algo sobre o divino. Visões geralmente foram consideradas mensagens provenientes de Deus. Quando são inescrutáveis, a pessoa que as recebe é que deverá interpretá-las (TROCH, 2013. p. 4).

Em seu relato autobiográfico, Hildegarda fala de como descobriu seus dons de vidente e que, desde quando era criança, a voz já lhe dizia: “Escuta estas palavras e não as digas à tua maneira, mas sim à minha; e, instruída por mim, diz o seguinte de ti”. Era essa voz que a orientava quanto ao que deveria dizer, fazer e revelar. O tom empregado

pela voz é categórico: “Não és tu quem diz estas palavras, portanto, não as digas como se fossem tuas, elas provêm de mim, a Sabedoria. E assim instruída por mim, fala de ti deste modo” (CIRLOT, 2009. p. 50). Hildegarda tem consciência de que o que a move é uma força superior:

Em minha primeira formação, quando Deus me infundiu no útero de minha mãe o alento da vida, imprimiu esta visão em minha alma, pois no ano de 1100 depois da encarnação de Cristo, a doutrina dos apóstolos e a justiça exaltada, que havia sido o fundamento para cristãos e eclesiásticos, começaram a sair e parece que estavam indo ao colapso. Naquele tempo nasci, e meus pais, ainda que sentindo muito, me prometeram a Deus. Aos três anos de idade, vi uma luz tal, que minha alma tremia, porém, devido a minha infantilidade, nada pude proferir a respeito disso (CIRLOT, 2009. p. 51).

Ela continua seu relato, afirmando que, aos oito anos, havia sido oferecida a Deus para a vida espiritual; e, até a idade dos quinze anos, via muito e explicava o que via, de um modo simples, de tal forma que os que a ouviam ficavam admirados, perguntando-se de onde vinha aquilo e de quem era. Hildegarda se surpreendia com o fato de que, enquanto olhava para o mais fundo de sua alma, mantinha também a visão exterior e, mesmo que não tivesse ouvido nada parecido, ela ocultou o quanto pode as visões que tinha.

Devido às frequentes enfermidades que a acometiam desde que ainda era lactente, fazendo seu corpo debilitado e que lhe faltassem força, ela desconhecia muitas coisas exteriores. Por sentir que somente a ela era dado o dom de ver algo mais do que todos viam, teve medo, e não se atreveu a dizer nada a ninguém. Ao sentir-se invadida pela visão, dizia coisas estranhas aos que a ouviam; e quando elas cessavam, conforme suas próprias palavras, ela se envergonhava e chorava; e teria preferido calar-se, se pudesse fazê-lo: “Por medo dos homens, não se atrevia a dizer nada do que via. Porém, a nobre mulher que me educava o notou e contou a um monge que conhecia” (CIRLOT, 2009. p. 51).

Nossa atenção é despertada pelas seguintes afirmações: “Por medo dos homens não me atrevia a dizer nada do que via”. Possivelmente este medo não seria relativo apenas ao elemento do sexo masculino: englobaria as pessoas de seu entorno no que se refere à opinião delas em relação às visões.

Ponderamos sobre quais seriam os acontecimentos presenciados ou ocorridos ao redor do mosteiro, envolvendo os homens que poderiam ter causado esse medo; ou quais atitudes tomadas por eles lhe teriam imposto o temor de revelar o que via. No entanto, por mais que tenhamos buscado em sua obra algum indício que pudesse nos auxiliar a atender este medo, não encontramos nada.

O outro ponto é o que se refere à Jutta: “Certa nobre dama, a quem minha instrução havia sido confiada, se deu conta das minhas visões e o revelou a um monge seu conhecido”. “Hildegarda acreditava que uma mulher que detinha maiores conhecimentos deveria ser guia para as mulheres que lhe haviam sido confiadas”. Assim, a “(...) transmissão genealógica do saber de uma geração de mulheres para outras e o desenvolvimento dessa função” serviriam para mantê-las unidas e para garantir a continuidade do ciclo que não se romperia, ao contrário, na medida em que “(...) chegavam novas pessoas, ele se ampliaria com a troca constante de conhecimentos e práticas que se modificavam, aperfeiçoavam e se tornavam indispensáveis para a manutenção e coesão do grupo” (MARTINENGO, 2000. p. 25-26).

Até onde a literatura nos permite saber, a vida de Hildegarda transcorre sem maiores incidentes, até que complete quarenta e dois anos, quando, em uma visão, e premida por fortes dores, finalmente ela se manifesta; no entanto, com medo e vergonha de dizer o que havia calado por tanto tempo. Em seu relato, ela conta que se sentiu fortalecida. Seus ossos e veias estavam cheios de vida, em uma inebriante sensação de saúde que não sentiu nem na infância, nem na juventude. Foi então que se confessou ao monge Volmar, que a “(...) orientou a escrever escondida, para ver o que eram e de onde vinham as visões” (CIRLOT, 2009. p. 51).

A atitude de Volmar em relação a Hildegarda poderia influenciar todo o seu futuro, pois se ele “(...) tivesse decidido que as visões eram ‘de Satanás’ ou, de alguma outra forma, inautênticas, naquele momento teria tido autoridade para condená-la ao silêncio ou mesmo acusá-la de heresia” (FINLAY, 2002. p. 543). Só quando ele teve a convicção de que as visões provinham de Deus foi que resolveu comunicá-las ao seu abade, ao mesmo tempo em que se tornou o fiel colaborador de Hildegarda. Desde então, trabalhou junto à abadessa, até ver o seu trabalho reconhecido:

As experiências reveladoras das mulheres não eram validadas por si mesmas. Elas tinham que ser validadas pela autoridade eclesiástica masculina; um conselheiro pessoal, um abade, um bispo, até mesmo o

papa, quanto maior a posição, melhor. As mulheres visionárias que não conseguiram ganhar esse apoio masculino, ou um apoio masculino de grau suficientemente elevado e influente, dificilmente poderiam ter uma voz. Quando uma mulher reivindicava revelações, a questão crítica era de onde vieram essas comunicações, Deus ou o diabo? (BAIRD; EHRMAN. 1994:28 *apud* FINLAY, 2002. p. 544).

Hildegarda diz que, depois de os clérigos terem percebido que, de fato, as visões provinham de Deus, encaminharam seus escritos para o Papa; este os leu em presença de muitos e, confiando em extremo na graça de Deus, enviou à monja sua benção, ordenando que escrevesse tudo o que ela visse ou ouvisse em suas visões.

A partir do momento em que o Papa reconheceu publicamente a verdade do que ela escrevia, Hildegarda alcançou “(...) outra etapa do desenvolvimento de sua identidade carismática: tinha ela agora o endosso da mais elevada autoridade eclesiástica, que conferia legitimidade incontestável a suas experiências e ideias”. Depois desse episódio, ela passou “(...) a desenvolver uma assertividade não vista antes, tomando decisões por conta própria, às vezes até mesmo contra os desejos daqueles com autoridade oficial imediata sobre ela”. O endosso do Papa aparentemente forneceu a prova final de que suas visões e audições eram autênticas; era o que ela precisava. Ao mesmo tempo, como veremos, “(...) sua influência sobre os outros cresceu em resposta a essa validação papal, e sua comunidade de freiras aumentou rapidamente. Esse crescimento de sua reputação, por sua vez, parece ter aumentado seu próprio senso de autoridade” (FINLAY, 2002. p. 545).

A produção escrita

Em 1141, depois de receber de Deus a ordem para escrever, Hildegarda inicia sua primeira obra visionária, o *Scivias*, uma abreviação de *Scito Vias Domini* (= *Conhece os Caminhos do Senhor*). Em relação à versão corrente, que o traduz por *conhece os caminhos*, o título *Scivias*, que “(...) é um *hápax legomenon* em toda a latinidade, é uma forma substantivada, que se pode traduzir em português por ‘guia

sinalética’ ou indicador do caminho”. Este título exprime “(...) o carácter de toda a *eximia et eminens doctrina* de Hildegarda de Bingen” (AMATO, 2012. p. 50).

Mas quais caminhos, ou quais vias seriam essas? Xavier defende que seriam “(...) vias de apologia doutrinária, vias de correção moral, vias de admoestação pastoral, vias de elevação espiritual” (XAVIER, 2001. p. 191) ¹¹. O *Scivias* resulta diretamente do chamado profético de Hildegarda, foi endereçado a uma audiência largamente clerical e monástica, e, mais especificamente, aos indolentes teólogos (no gênero masculino). O desafio inicial na sua leitura diz respeito a sua estrutura e estilo, o que comentaremos mais adiante.

O *Scivias* compreende 26 visões, cada uma das quais Hildegarda descreve minuciosamente antes de explicá-las¹².

O texto divide-se em três livros, que lidam respectivamente com as “*ordens da criação, da redenção e da santificação*”. A visionária utiliza-se de uma forma bem pedagógica para explicar cada visão, ou unidade estrutural. O texto, embora tenha organização complexa, é uniforme.

As visões estão agrupadas em três partes.

O livro primeiro que tem como título *O Criador e a Criação* contém seis visões e trata do Criador, da criação e das relações entre Deus, o cosmo e o homem. Começa com o conhecimento de Deus, a visão do Senhor sobre o Monte Santo e a criação dos anjos. Fala de como Lúcifer se ensoberbeceu e foi arrojado da glória celestial – e para ele e seus seguidores se criaram a Geena e outros tormentos. Explica também a origem do homem e sua queda, as consequências da queda e o desterro do Paraíso; o universo e o significado do sol e das estrelas. Esta parte trata também da Sinagoga, do significado de seu extravio; e conclui com a descrição dos coros angélicos. Ele se divide da seguinte maneira: Primeira visão: Deus entronizado mostra-se a Hildegarda. Segunda visão: A criação e a queda. Terceira visão: O Universo e seu simbolismo. Quarta visão: A alma e o corpo. Quinta visão: A Sinagoga. Sexta visão: Os coros dos anjos.

¹¹ O *Scivias* foi escrito para um público religioso. As advertências e as críticas que podemos encontrar nas visões de Hildegarda se dirigiam, pois, ao clero. Nestas críticas, Hildegarda não evita alguns temas mais indigestos da reforma gregoriana. Ela condena implacavelmente aqueles que merecem ser culpados de simonia (= negociação de ministérios eclesiásticos); outro ponto de discussão dos reformadores, o ‘nicolaísmo’ (= problema dos sacerdotes casados) – inquietou igualmente a Hildegarda (DEPLOIGE, 1999. p. 87).

¹² Utilizamos a obra publicada pela *Editora Paulus* (São Paulo, 2015), traduzida para o português por Paulo Ferreira Valério, que usou a edição de Madre Columba Hart e Jane Bishop (com introdução de Bárbara J. Newman e prefácio de Caroline Walker Bynum). São autoras renomadas, com um amplo trabalho que abrange, além de Hildegarda de Bingen, obras de outras personalidades do universo medieval.

O livro segundo é intitulado *O Redentor e a Redenção*. Contém sete visões e relata a história da salvação: a Palavra Encarnada, a Trindade, a Igreja que a perversidade da arte diabólica não pode obscurecer, os sacramentos e o sacrifício de Cristo, a Santa Missa e as artes da antiga serpente. Ele tem a seguinte divisão: Primeira visão: O Redentor. Segunda visão: A Trindade. Terceira visão: A Igreja, noiva de Cristo e Mãe dos fiéis. Quarta visão: A confirmação. Quinta visão: As três ordens na Igreja. Sexta visão: O sacrifício de Cristo e a Igreja. Sétima visão: O diabo.

O livro terceiro é maior, contém 13 visões. E apresenta a história da salvação simbolizada por um edifício. Relata a ação do Espírito Santo para edificar o Reino de Deus com as virtudes. Descreve o Edifício da salvação, a Coluna da Palavra de Deus e a Torre da Igreja. O final desta parte é profético e inclui as visões da vinda do ímpio e a plenitude dos tempos, as cinco cruentas idades dos reinos do mundo, o Juízo final, o Anticristo e a criação do novo Céu e da nova Terra. Ele se divide assim: Primeira visão: Deus e a humanidade. Segunda visão: O edifício da salvação. Terceira visão: A torre da prelibação da vontade de Deus. Quarta visão: A coluna da Palavra de Deus. Quinta visão: O zelo de Deus. Sexta visão: O muro de pedra da antiga lei. Sétima visão: A coluna da Trindade. Oitava visão: a coluna da humanidade do Salvador. Nona visão: A torre da Igreja. Décima visão: O Filho do Homem. Décima primeira visão: Os últimos dias e a queda do Anticristo. Décima segunda visão: o novo Céu e a nova Terra. Décima terceira visão: Sinfonia dos bem-aventurados.

Lido como um texto visionário, esta obra é única; no entanto, lido como um compêndio de doutrina cristã torna-se uma obra semelhante a muitas outras do mesmo período. O *Scivias* pode ser abordado a partir de muitos ângulos: “(...) é uma proclamação profética, um livro de visões alegóricas, um estudo exegético, uma suma teológica”. Por fim, pode ser considerado “(...) uma obra multimídia na qual as artes da iluminação, da música e do drama oferecem suas belezas para intensificar o texto e incrementar a mensagem visionária” (H. SCHIPPERGES, 1958-59, p. 83-139, *apud* NEWMAN, 2015. p. 49). Segundo Hildegarda, o título da obra

(...) foi-lhe revelado em uma visão, porque “procede do caminho da luz, não de outra doutrina”, indicando a fonte de sua obra; porém, em uma das exortações contidas no *Scivias*, se lê: “Conhece os caminhos, bons e maus, e quando os conhecer escolhe qual deles queres seguir”; exortação em que subentende-se a universalidade de uma ciência do bem e do mal – ciência especulativa, nas palavras da autora –

arraigada na razão humana, em que se fundamenta, portanto, toda escolha (ZAFRA, 1999. p. 10).

Hildegarda nos oferece, em suas visões, “(...) uma estética do ritmo espacial, a qual resulta acorde com o predomínio plástico e visual da estética do século XII” (PALUMBO, 2008. p. 605). Sua forma de proceder é a mesma em todas as suas obras visionárias, começando “(...) com uma descrição simples e comumente breve do que ela viu, sendo ocasionalmente interpelada por uma voz divina ou por uma figura de dentro da visão”. Ao final de cada visão, ela repete a fórmula que utiliza para apresentá-las: “*E ouvi uma voz vinda do Céu dizendo...*”. A partir desse ponto, a visão torna-se um “texto” em que ela interpreta frase por frase, “(...) tal como um comentarista monástico tradicional glosaria um texto da Escritura”. Essa interpretação é realizada em algumas etapas: em primeiro lugar, “(...) os fenômenos visuais são interpretados alegoricamente”; depois, “(...) segue-se um ensinamento mais ou menos elaborado, classificado por pontos de doutrina e de moralidade que foram sugeridos pela visão” (NEWMAN, 2015. p. 46).

A obra visionária de Hildegarda apresenta uma fusão de inspiração divina e intelecto humano. Suas visões fazem parte de uma experiência mística, um conhecimento de Deus que ultrapassa os limites do intelectual e do racional, e dizem respeito à fé e à intuição. Nelas, a monja empregou linguagem própria, que apresenta um caráter simbólico e alegórico, repleto de alusões bíblicas e símbolos naturais, interligando os sentidos da visão e da audição. A visão desperta sensações e emoções no leitor, provocando e instigando sua imaginação, facilitando a ele uma compreensão integral do texto.

Dentro dessas unidades doutrinárias, as passagens da Escritura são introduzidas como textos demonstrativos, e recebem leituras alegóricas. A fim de explicitar a natureza do todo, é recorrente o uso das questões: “*Quid est hoc?*” “*Quomodo?*” (“*O que é isso?*”, “*De que modo?*”) e invocações em diálogo com o Senhor, “(...) no que intervêm assim mesmo as virtudes, o demônio, as almas peregrinas”. Bynum entende que, no desenvolvimento da obra hildegardiana, “(...) confluem símbolos e textos bíblicos em um complexo desenvolvimento espaço-temporal, articulados com a narração dessa história plena, em uma espécie de sinfonia que culmina nos cânticos finais” (BYNUM, 2015. p. 10). Essa prática torna o texto menos hermético e mais

compreensível para o leitor. E, “(...) finalmente, cada unidade conclui-se com uma fórmula admoestatória que permanece constante em todas as visões de um livro particular, emprestando-lhe, assim, uma unidade estrutural adicional” (NEWMAN, 2015. p. 46).

No *Scivias*, Hildegarda parte da criação e chega até a verdadeira plenitude, o dia em que se terão cumprido todas as promessas e quando sobrevirá a serena e eterna calma sem fim. Na obra transparecem dois eixos entrelaçados:

O da palavra, com seus ecos, que chamaríamos melódicos, e um eixo espaço-temporal, do tipo arquitetônico, que integra as imagens, como observa o leitor. (...) Podemos, então, concluir que a urdidura do *Scivias* é a de uma obra musical: uma morada da música que abarca a palavra, a imagem, seus encadeamentos rítmicos, suas reverberações em sua harmoniosa síntese das Escrituras (ZAFRA, 1999. p. 11).

Hildegarda utiliza uma linguagem simbólica e recorre a expressões poéticas, em que figuram intuições, analogias e metáforas, nas quais todos os aspectos da criação proclamam a sabedoria e a vontade do Criador, e isto “(...) permite que os mesmos tipos e imagens funcionem de forma diferente em diferentes contextos. O que permanece idêntico em cada contexto é a verdade que ela, ou melhor, Deus, pretende comunicar” (THOMPSON, 1994. p. 350). Ela mesma acentuou a integridade doutrinária de suas visões, alertando seus leitores contra subestimar a unidade de seu pensamento, interpretando qualquer imagem isoladamente ou deixando de lado qualquer ideia ou imagem individual como desconectada do todo. As visões, diz ela, estão interligadas e são indivisíveis.

A segunda obra da trilogia visionária de Hildegarda de Bingen é o *Liber Vitae Meritorum*¹³ (Livro dos Méritos da Vida)¹⁴, do qual utilizamos a versão em espanhol

¹³ Em relação a esta obra, existem quatro manuscritos que datam do século XII. – Wiesbaden, Hessische Landesbibliothek, MS 2 (*Riesenkodex* – o códice gigantesco) (135v-201v), entre 1180-1190) – Dendermonde, St.-Pieters & Paulusabdij, Klosterbibliothek, Codex 9 – Berlin, Staatsbibliothek. Preussischer Kulturbesitz, Cod. theol. fol. 727, agora em Tübingen, Universitätsbibliothek – Treveris, Seminarbibliothek, Cod. 68.

A primeira publicação e edição de Referência é a *Analecta Sanctae Hildegardis*, editado por Jean-Baptiste Pitra, volume 8 de *Analecta Sacra* (Monte Cassino, 1882), p. 7 a 244. – A edição crítica se deve a Angela Carlevaris O.S.B. em *Hildegardis Liber Vitae Meritorum*, Ed. Corpus Christianorum (*Continuatio Medievalis*) vol. XC, Turnhout, Brepols 1995. 426 p. Latim. Nesta edição cotejam-se os

traduzida por Rafael Renedo, disponibilizada pela sociedade Hildegardiana. Tal como no *Scivias*, Hildegarda afirma que este livro não procede de sua pena, ou erudição: ele é ditado pela ‘*Luz Vivente através de uma simples mortal*’. Esta obra é “(...) um guia de como adquirir merecimentos, a fim de evitar ou reduzir, por meio da penitência feita nesta vida, qualquer possível castigo futuro” (RENEDO, 2014. p.10).

É uma das três obras magnas de Hildegarda, que a viu e a ditou depois de haver terminado o *Scivias* e antes de começar o *Liber Divinorum Operum*. Está dividido em seis partes. Nas quatro primeiras um homem olha para cada um dos quatro pontos cardeais e, na quinta, contempla a totalidade do orbe; as cinco visões seguem o mesmo esquema. Na sexta, o homem remove os confins da Terra e no centro do universo está o homem, que é o eixo central da exposição.

Cada uma das cinco primeiras partes termina com a exposição dos castigos reservados a quem comete esses pecados, como por exemplo, a cólera, a ira, a falsidade e vários outros, e a penitência que a pessoa deve fazer em sua vida se quer ver-se livre dos diabos que a tentam com esse vício e evitar os castigos reservados, para toda a eternidade, aos que por ele pecam.

Na sexta e última parte, tudo se remove, até chegar aos quatro confins da Terra. Ela não fala de vícios, mas detalha os lugares reservados no Céu para as almas dos bem aventurados e o tipo de atributos e gozos que terão, segundo a vida terrena que tenham tido. No final dos tempos, Deus manifestará seu poder e trocará esta criação por outra nova, ainda mais maravilhosa.

A forma narrativa assemelha-se à do *Scivias*: primeiro, a descrição da visão, seguida de uma explicação didática.

A peculiaridade desta obra é que, ao contrário das outras, ela não apresenta as ilustrações das visões. Mas ainda há outra diferença em relação à primeira obra: uma

diversos manuscritos existentes e se seleciona a leitura mais correta. Esta tradução foi feita a partir da edição crítica.

Outras edições: – Em espanhol: *Libro de los Merecimientos de la Vida*. Tradução de Azucena Adelina Fraboschi. Editorial: Miño y Davila (Madrid). 2011. – Em alemão: *Hildegard Von Bingen: Der Mensch in der Verantwortung. Das Buch der Lebensverdienste (Liber vitae meritorum). Nach den Quellen übersetzt und erläutert* von Heinrich Schipperges. Salzburg: O. Müller 1972. 310 S. 2. Aufl. 1985. Herder Spektrum. 4291. – Em italiano: *Come per lucido specchio. Il libro dei meriti di vita*. Traduzido por Luisa Ghiringhelli. Centro Studi St. Ildegarda e la Associazione Culturale Mimesis. Milano. 1988. – Em inglês: Hildegard of Bingen. *The Book of the rewards of life*. Traduzido por Bruce W. Hozeski. New York [a. o.]: Garland 1994. XXIII, 290 p. (*The Garland library of medieval literature*. 89, Series B.).

¹⁴ A tradução exata da palavra *meritus* é “o merecido”, “o que se merece”, quer dizer, a recompensa, o salário, os ganhos, em resumo, os merecimentos. O título faz uma referência aos prêmios que o homem receberá se abandonar os vícios e seguir as virtudes, o que é o tema da sexta e última parte do livro. O sentido do título é, portanto, “*Livro das recompensas da vida*”, que reforça a ideia de guia de conduta (RENEDO, 2014. p. 16).

“(....) detalhada e originalíssima exposição das tendências latentes na mente humana”. Hildegarda as expõe em forma de “ícones, depois das fórmulas e, finalmente, a verdade rebate seus argumentos. É um tratado completo de psicologia, do ponto de vista divino” (RENEDO, 2014. p.11). No entanto, o livro não é só

(...) uma confrontação entre vícios e virtudes, mas também explica parte da batalha que, iniciada com a rebelião de Lúcifer, deve livrar o homem para chegar ao seu criador, que é a beatitude e a suprema felicidade. A batalha terminará com a vitória final de Cristo, a quem todos se submeterão no último dia. Relata o dia a dia do cristão, dos perigos e seduções que lhe chegam para distraí-lo e separá-lo de seu objetivo final, que é a salvação e a visão do criador. Também fala do amor de Deus, que sugere ao homem o arrependimento e o exorta a penitência (RENEDO, 2014. p.11).

O *Liber Vitae Meritorum* é um livro didático, em que “Deus explica sua criação e como quer que suas criaturas gozem de seu esplendor”, pois Ele as criou livres, “premissa fundamental para que livremente aderissem a Ele”. Adverte ainda como Lúcifer e seus seguidores se negam a reconhecê-lo, levando-o “a criar o Inferno para eles, situado no Norte”. O homem foi criado para ocupar os postos que os seguidores de Lúcifer deixaram nas mansões celestiais: “Deus o criou à sua imagem e semelhança, com corpo material, alma espiritual e livre”. Porém, o homem cai nas ciladas do demônio, “que quer se opor a Deus, por meio de sua obra. Desobedece a Deus, porém Deus não renuncia a sua obra; tanto que lhes envia os profetas, a lei antiga, e, por fim, seu filho encarnado, para devolver ao homem a casa celestial e a uma magnificência maior” (RENEDO, 2014. p. 12).

Todo homem tem a capacidade de escolher entre o bem e o mal; e será examinado e julgado em função desta capacidade e da liberdade de decidir e de levar responsabilmente sua vida, justificando suas ações. Hildegarda alerta para o fato de que, se o homem quiser se encontrar com o Criador, deverá orientar sua vida e suas obras para Ele, a fim de alcançar os gozos das mansões celestiais, “(....) que nenhuma língua humana pode explicar”. Caso não proceda desta forma, o castigo também virá: “(....) verá eternamente as penas do Inferno, de onde não há nenhuma esperança de gozo

ou salvação, já que o sol verdadeiro não o alegra com seu encanto nem derrama sobre ele a claridade do seu fulgor” (RENEDO, 2014. p. 12).

Hildegarda reafirma que tudo lhe foi revelado pela “*Luz Vivente*”. Por sua própria informação sabemos quanto tempo transcorreu entre uma obra e outra: “(...) nove anos depois que a aparição verdadeira lhe manifestou revelações autênticas, pelas quais ela padeceu durante dez anos”. Desde o primeiro ano a aparição se manifestou para explicar-lhe “(...) as qualidades das diversas naturezas das coisas criadas, e respostas e conselhos para muitas pessoas de classes tanto distintas como inferiores, e a sinfonia harmônica das revelações celestes, assim como escritos, inclusive uma língua desconhecida”¹⁵, com algumas outras explicações. Depois de vivenciar as visões, vinha-lhe uma debilidade intensa e um peso irritante e profundo sobre o corpo. Ao que parece, as dores eram recorrentes: “(...) e foi assim durante oito anos. Quando cumpri os sessenta, tive uma poderosa e admirável visão, pelo que também padeci durante cinco anos” (HILDEGARDA, *LVM*. p. 25). Quando finalmente completa sessenta e um anos (1158, era reinado de Frederico como imperador dos Romanos), ela relata que ouviu uma voz do Céu que dizia:

(...) tu, a quem desde a infância se tem dado o dom da revelação verdadeira, não corporal, sim espiritual, pelo Espírito do Senhor, transmite as coisas que agora vê e ouve. Verdade é que o princípio de tuas visões te manifestaram algumas coisas a modo de leite espiritual, pois umas se te desvelaram como alimento, suave e leve, porém logo outras se manifestaram como alimento sólido e perfeito. Agora, fala não de ti, mas do que provêm de Mim e escreve, a partir de Mim e não de ti (HILDEGARDA, *LVM*, p. 25).

O processo da recepção das visões no *Liber Vitae Meritorum* era similar ao que ocorria nas visões anteriores, tendo como testemunhos o monge Volmar, seu secretário e copista, e a outra monja, Richards Von Staden, que a ajudaram a escrever o *Scivias* e o *Livro das Obras Divinas*, e a quem ela cita nos prólogos. Hildegarda deixa transparecer que não era sua vontade exercer tal papel: “(...) eu havia desejado que ninguém me encontrasse e me falasse”. No entanto, a despeito de sua indisposição para fazê-lo, ela

¹⁵ Ela refere-se a algumas de suas obras, incluindo o “*alfabeto ignoto*”.

se pôs a escrever e reafirma: “(...) e de novo ouvi a voz do Céu que me falava e me instruí” (HILDEGARDA, *LVM*, p. 25).

A terceira obra da trilogia visionária de Hildegarda é o *Liber Divinorum Operum*¹⁶, Livro das Obras Divinas. Este livro tem um breve prólogo e três partes. Cada parte apresenta visões; quatro na primeira parte, uma na segunda e cinco na terceira, totalizando dez visões. Essas visões têm, cada uma, um determinado número de capítulos numerados. No primeiro ponto de cada visão é feita uma descrição dela. Nos demais pontos, Hildegarda desenvolve, comenta e completa a visão.

As ilustrações das visões são as do *Codex Latinus* 1942 da Biblioteca Estatal de Lucca. Nas dez miniaturas se traduz o texto em imagens com grande fidelidade; e em todas elas, em pequeno tamanho, aparece Hildegarda: na primeira, com Volmar, seu secretário e outra monja, (possivelmente Richards); nas demais, aparece somente Hildegarda, elevando seu olhar para o Céu. A ideia fundamental do livro é a onipotência, sabedoria e bondade de Deus e a unidade e harmonia de suas obras. Hildegarda descreve e relaciona entre elas a doutrina teológica, a criação e os elementos do universo, a alma e as estruturas do corpo humano, e a salvação do homem, como componentes de um todo.

Também é fundamental no livro a unidade da criação. Manifestam-se ali alguns dos atributos de Deus: Sua sabedoria, que ordena a criação, faz tudo com um propósito. Sua onipotência – pois Deus é fonte de toda a vida – e todos os elementos: sol, lua, estrelas, ventos, águas, animais, vegetais, anjos, incluindo voluntariamente os demônios

¹⁶ Os manuscritos e edições desta obra são: *Liber Divinorum Operum* (1163-1173/1174). Manuscritos: - Gante, Biblioteca de la Universidad, Cod. 241, entre 1170-1171. - Wiesbaden, Biblioteca de Hesse, Hs 2 (chamado Riesenkodex-el códice gigantesco), da década de 80. - Troyes, Biblioteca Municipal, Ms 683, do século XII; - Manuscrito Ilustrado de Lucca, Biblioteca Estatal, Cod. lat. 1942, de princípios do século XIII.

Edição de Referência: In *Sanctae Hildegardis abbatissae, Opera Omnia, volumen 197 de la Patrologia Latina*, editado por Jacques-Paul Migne (Paris: Migne, 1855), cols. 739-1038; Outras edições: - *Hildegardis: Liber Divinorum Operum*. Derolez, Albert y Dronke, Peter, eds. *Corpus Christianorum, Continuatio Mediaevalis*. Turnhout: Brepols, 1996. Em latim. - *Hildegard Von Bingen: Welt und Mensch. Das Buch "De operatione Dei"*. Schipperges, Heinrich, ed. Salzburg: Otto Müller Verlag, 1965. 360 pp. Sobre o Manuscrito de Gante com ilustrações do manuscrito de Lucca. Em alemão. - *Hildegard Von Bingen. Das Buch vom Wirken Gottes. Liber divinorum operum*. Mechthild Heieck. Augsburg: Pattloch 1998. 464 S. Em alemão. - *Hildegard of Bingen's Book of Divine Works with Letters and Songs* (Santa Fe: Bear, 1987). Por Matthew Fox. Em Inglês. - *Hildegard de Bingen. Le Livre des oeuvres divines* (Visions). Présenté et traduit par Bernard Gorceix. Paris: Albin Michel 1989. Em Francês. - *Hildegarda de Bingen: Llibre de les obres divines*, col. “*Clàssics del Cristianisme*”, núm.65, Barcelona, Proa, 1997. Em catalão. - *Ildegarda di Bingen, Il libro delle opere divine*, a c. di Marta Cristiani e Michela Pereira, com introdução de Marta Cristiani. Tradução de Michela Pereira. Milano: Arnoldo Mondadori Editore 2003. Em Latim e Italiano. - *Livro das Obras Divinas*. Tradução de Maria Isabel Flisfisch. Año 2009. Editorial Herder, Barcelona. Para a seguinte tradução, temos seguido a edição da Patrologia Latina. As ilustrações correspondem ao Manuscrito de Lucca. Nota: J. D. Mansi (siglo XVII) alude a uma edição desta obra realizada por Jacobo Fabro em Paris, em 1513 (PL. 0739).

em sua liberdade, cumprem sua missão de modo preciso. Sua misericórdia, pois todos os problemas do cosmos e do homem encontram solução em seu Verbo, é o nexo de toda a criação.

Toda criação é reflexo da glória e do amor de Deus. No homem, criado à imagem de Deus, está resumido de uma ou outra maneira todo o cosmos, e por isso, também, todo o cosmos influi no homem, estão inter-relacionados. Porém Deus cria o homem livre, como os anjos, e, em função dessa liberdade, o homem deve escolher entre reconhecer, aceitar e adorar o Criador ou opor-se a Ele.

A queda do homem afetou a toda a criação. Porém, a promessa da Redenção feita a nossos primeiros pais, continuou ao longo da história da humanidade por meio dos profetas e se concretizou no Verbo por meio da Igreja.

Hildegarda nos diz que a impiedade se estenderá, e também como as diferentes idades dos últimos tempos precederão a chegada do Anticristo, sua ruína, ao fim do mundo, e a recapitulação de toda criação a Deus.

Nessa obra, ela reelabora e reescreve algumas perguntas das duas outras. Assim como o *Scivias*, as visões que precedem cada capítulo são ricas em formas e símbolos, e oferecem interessantes explicações e singulares alegorias de diferentes capítulos da Bíblia, possibilitando uma forma nova de ver a obra de Deus. É “(...) um texto sobre Deus, sua criação, entendida como macrocosmo, o homem como microcosmos e as relações entre todos; inclui uma espécie de ‘geografia teológica’ apresentando os lugares da bem-aventurança e da condenação” (GRANA CID, 2012. p. 413).

Ao longo da exposição, Hildegarda descreve, primeiro, a visão; e, depois, a desenvolve, comentando-a, a fim de torná-la completa.

Na obra se manifestam alguns dos atributos de Deus:

Sua sabedoria, que ordena a criação fazendo tudo com uma finalidade. Sua onipotência, pois Deus é fonte de toda a vida e todos os elementos: sol, lua, estrelas, ventos, águas, animais, vegetais, anjos, inclusive, involuntariamente os demônios em sua liberdade, que cumprem sua missão de modo preciso. Sua misericórdia, pois todos os problemas do cosmo e do homem encontram solução em seu Verbo, ligação entre toda a criação (RENEDO, 2013. p. 5).

O homem, criado à imagem de Deus, resume o cosmos, de uma forma ou de outra, e, por isso, do mesmo modo, todo o cosmos influi nele, estão inter-relacionados. No entanto, Deus cria o homem livre, igual aos anjos, e, por causa dessa liberdade, o homem deve escolher entre reconhecer, aceitar e adorar o seu Criador, ou opor-se a Ele. “A queda do homem afetou toda a criação, porém a promessa da redenção, que foi dada aos primeiros pais, continuou ao longo da história da humanidade, por meio dos profetas, e se concretizou no Verbo”. Ao iniciar esta obra, Hildegarda repete as fórmulas já utilizadas nas demais: “(...) *transcorria o sexto ano, durante cinco eu tinha me esgotado com autênticas e maravilhosas visões, quando a verdadeira visão do resplendor eterno ensinou a mim, completa ignorante, a diversidade das características humanas*” (RENEDO, 2013. p. 5).

No epílogo, Hildegarda faz a seguinte exortação: “(...) e agora, de novo sejam dados louvores a Deus, onipotente em todas as suas obras, antes de todos os séculos e todos os séculos, porque é o princípio e o fim” (RENEDO, 2013. p. 5).

As características da trilogia visionária são duas: a primeira é o enfoque, seguido do reforço constante que ela faz de afirmar que suas visões lhes trazem todo o saber necessário para o entendimento delas mesmas; e em segundo lugar, ela continua fazendo suas enfermidades corporais assimilarem as visões: “(...) *no primeiro ano que iniciaram estas visões de agora, quando eu tinha sessenta e cinco anos, tive uma visão tão misteriosa e poderosa que comecei a tremer completamente e logo, pela fragilidade do meu corpo, fiquei doente*”. O processo de escrita e interpretação das visões nem sempre ocorre de forma rápida e em sequência ao recebimento delas.

Assim, em relação a uma das visões em específico, ela afirma que “(...) *demorou sete anos para escrevê-la e, finalmente, a conclui*”. Mais ainda: Hildegarda precisa o ano em que iniciou sua escrita: “*No ano de 1163, sob o reinado do imperador Frederico*”; e o momento pela qual passava a Igreja: “(...) *no entanto, não reduzia a opressão exercida sobre a sede apostólica romana*” (HILDEGARDA, LDO, p. 27). E é neste conturbado cenário que ela escuta uma voz do Céu, que se dirige a ela com estas palavras:

Oh, pobre criatura, filha de tantos sofrimentos, purificada por tantas e tão graves enfermidades do corpo e, no entanto, repleta dos profundos mistérios de Deus. Aquilo que vês com teus olhos interiores e percebes com os ouvidos interiores da alma, registra num livro imortal a serviço dos homens, a fim de que eles também compreendam, por

teus escritos, seu Criador e não evitem adorá-lo com a devida honra. Escreve, pois estas coisas, não segundo teu coração, mas sim como o quer meu testemunho, de mim que sou vida sem princípio, nem fim, já que não são coisas imaginadas por ti, nem nenhum outro homem as tem imaginado, mas sim como Eu tenho estabelecido antes do princípio do mundo. Porque tal como Eu determinei tudo antes de criar o homem, assim também Eu previ tudo o que lhe faltaria (HILDEGARDA, *LDO*, p. 27).

Mesmo tendo debilidades decorrentes das enfermidades, ela começa a escrever. Antes de iniciar a tarefa, dirige para cima o olhar, para aprender do autêntico e vivente resplendor o que teria que escrever, já que “(...) *o que vinha aprendendo sucessivamente era visto com os olhos e com os ouvidos interiores do espírito*”. Esclarece ela que, ao escrever, “(...) velava com a mente e com o corpo, não em sonhos, nem em êxtases” reforçando mais de uma vez que não tinha *exposto* nada que tivesse aprendido com o sentido humano, mas somente o que percebia nos segredos celestiais. E de novo ouve a voz do Céu que a instruíra e lhe dizia: “*Escreve o que te digo*” (HILDEGARDA, *LDO*, p. 27).

A fim de evitar possíveis especulações a respeito do caráter de suas visões, Hildegarda descreve objetivamente as características e as circunstâncias da sua experiência. Ela também não permitiu que as visões sofressem especulações ou fossem prejudicadas por parte da imaginação interpretativa de terceiros, determinando criteriosamente o sentido de todas as partes que integram o conjunto simbólico de cada visão, desenvolvendo, “(...) para além da narrativa das suas visões, a sua própria hermenêutica das mesmas” (XAVIER, 2001. p. 191).

Qualquer suspeita que porventura pudesse incidir sobre as visões de Hildegarda é descartada. Ela insiste em afirmar que as tinha acordada, atenta e tampouco havia experimentado qualquer tipo de arrebatamento¹⁷. Recebia-as em público, em um local aberto, evitando assim que recaísse sobre ela, ou sobre suas visões, qualquer ato que pudesse provocar desconfiança, sobretudo das autoridades eclesiásticas. Ela mesma descreve como ocorreu seu processo de iluminação:

¹⁷ A regra de São Bento esclarece sobre a forma como o fiel deverá atentar para receber as visões: (...) e, com os olhos abertos para a luz deífica, ouçamos, ouvidos atentos, o que nos adverte a voz divina que clama todos os dias: “Hoje, se ouvirdes a sua voz, não permitais que se endureçam vossos corações” (Sl. 94, 8), e de novo: “Quem tem ouvidos para ouvir, ouça o que o Espírito diz às igrejas” (A Regra de São Bento, V.9, 10,11).

Nesta visão, compreendi os escritos dos profetas, dos evangelhos e de outros santos e filósofos sem nenhum ensinamento humano e algo disso eu expus quando apenas tinha conhecimento das letras, tal e como me ensinou a mulher iletrada. Porém, também compus cantos e melodias em louvor a Deus e aos santos sem ensinamento de nenhum homem e os cantava, sem haver estudado nunca nem neumas,¹⁸ nem canto (CIRLOT, 2009. p. p.50).

Por que uma simples mulher foi selecionada para receber essas visões? Por ser do sexo frágil, o que Hildegarda constantemente lembra, chamando a si própria de “*pobre mulher indouta*”, captou ela com vigor a paradoxal noção cristã de que “os mansos herdarão a terra” (*Mateus*. 5, 5). Finlay afirma que “(...) o surgimento de uma pessoa que se acredita possuir ‘carisma sobrenatural’ depende, em parte, de um contexto social e cultural favorável” e que “(...) as reivindicações do aspirante carismático devem apoiar a ‘estrutura de plausibilidade’ do mundo social dos seguidores” (FINLAY, 2002. p. 542). Podemos dizer que, no tempo de Hildegarda, havia descrições de visionários e de outros tipos de experiências que foram entendidos como exemplos genuínos de comunicações sobrenaturais e dons. Místicos do porte de Bernardo de Claraval, contemporâneo de Hildegarda¹⁹ e que foi um grande incentivador da publicação do *Scivias*, eram reverenciados tanto pela Igreja quanto pela sociedade em geral, que acreditava terem eles estabelecido uma comunicação especial e direta com Deus.

Outra crença, que certamente beneficiou mulheres do porte de Hildegarda, baseava-se na teologia do privilégio do fraco: “O Senhor eleva os humildes, mas abate os ímpios até a terra” (*Salmo*. 147,6). Por este viés, Deus chama alguém do povo, da mesma forma como chamou os profetas do Antigo Testamento, a fim de que

¹⁸ Do grego *pneûma*, ‘sopro’, pelo latim medieval *neuma*. Tem os seguintes significados: Cada um dos sinais da antiga notação musical medieval, que não indicavam nem a altura exata dos sons nem a sua duração, mas apenas o movimento linear da melodia, i.e., onde a voz deveria elevar-se ou abaixar-se. 2. No cantochão, passagem melismática entoada como uma só sílaba e, em princípio, emitida com um sopro só (FERREIRA, 1999. p. 1190).

¹⁹ Hildegarda de Bingen e Bernardo de Claraval nasceram no meio de famílias aristocráticas na última década do século XI e suas vidas giraram, principalmente, em torno da fé cristã que professaram desde muito jovens. Ambos viveram na Baixa Idade Média, num período conturbado, convulsionado pelas agitações políticas, guerras e cismas religiosos. No que tange ao conhecimento, ambos o adquiriram da divindade. Hildegarda, da luz que se apresentava em suas visões e, Bernardo, da natureza, que considerava um livro divino (CONTRERAS. In: <https://web.uchile.cl/publicaciones/cyber/19/ivilches.html> consultado em 09/04/2017).

ensinassem ou mesmo se opusessem aos fortes e poderosos. Essa noção favoreceu as mulheres, pois, como se acreditava, eram as principais escolhidas por Deus.

Estas duas crenças – a da plausibilidade dos dons carismáticos da profecia e a de que Deus escolhe os mais fracos como seus porta-vozes – auxiliaram na criação de um ambiente a partir do qual uma mulher como Hildegarda poderia exercer uma influência que extrapolava os muros de seu mosteiro: “(...) por isso, era crucial que, agindo como a voz de Deus, tivesse o cuidado de estabelecer um equilíbrio entre reivindicar autoridade para si mesma e reivindicar autoridade para Deus”. Isso “(...) nos permitiu medir a especificidade de sua atitude em relação a outros personagens contemporâneos e marcar algumas balizas da história do sujeito cristão no Ocidente”. Era importante mostrar, partindo desse caso excepcional, que essa história é complexa e não se desenvolve da mesma maneira que outras: as modalidades (visões, êxtases, sonhos) são diferentes e tem cada uma seu próprio ritmo histórico. Os suportes também variam, e não se admite aplicar a história dos textos à das representações figuradas. Enfim, uma das implicações dessa história é a diferença dos sexos e a repartição desigual da autoridade entre homens e mulheres na sociedade e na Igreja: “Foi preciso que Hildegarda, porque era mulher, dissesse e mostrasse, em imagens, que não tinha sonhado, para que suas palavras pudessem ser recebidas como autênticas” (SCHIMITT, 2007. p. 350). Na opinião de Picón, Hildegarda

(...) representou e simbolizou, tanto em texto como em imagem, a cena apresentada pela luz, cuja análise nos leva a compreender, entre outras coisas, como é a palavra escrita em distintos suportes materiais – a tabuinha de cera, o pergaminho, o códice, a placa de metal gravada – e imaginada metaforicamente como vínculo de comunicação entre Deus e os homens, e, como é que o próprio visionário concebe sua participação neste processo (PICÓN, 2009. p. 124).

Hildegarda pode usar suas visões com grande efeito, porque elas eram uma fonte de verdade não mediatizada, ou seja, ela as recebia direto da “Luz Vivente”, a qual lhe dava a liberdade de falar com autoridade sobre todos os assuntos. O que interessa não é se Hildegarda viu ou ouviu a voz, mas as consequências disso, que a colocam em uma posição excepcionalmente poderosa, contribuindo significativamente para uma releitura da autoridade feminina. Sem a caução de Deus, a voz de Hildegarda não teria sido tão

pública, possivelmente repercutindo apenas dentro das paredes de seu próprio mosteiro: “Sua reputação pública como mística era tão grande que lhe permitia dirigir-se com autoridade e impunidade a sua ampla gama de correspondentes e os aconselhar sem levantar as suspeitas da Igreja ante sua adoção de um papel masculino” (LABARGE, 1988. p. 172):

Para as mulheres ratificarem e afirmarem a importância de sua voz precisaram articular seus conteúdos, dizendo que a palavra provinha diretamente de Deus. A visão, portanto, é um conceito estratégico para garantir à voz teológica feminina uma dimensão divina e, conseqüentemente, sua autoridade. As mulheres querem afirmar que sua voz não é o resultado de uma emoção descontrolada, mas que vem do próprio Deus. Trata-se, pois, de uma maneira de contestar a voz dominante (TROCH, 2013. p. 4).

O que é excepcional em Hildegarda, e que a ela mesma lhe pareceu único, é que essa classe de visão se desse com exata sincronicidade com sua visão sensorial, sem que se suspendesse, no mais mínimo, sua capacidade de percepção: “Suas visões não têm nada a ver com sonhos ou devaneios, transe ou alucinações, ou êxtases, palavra de que ela, igual a uma série de autores do século XII, só emprega no sentido pejorativo” (DRONKE, 1994. p. 204). Todas as desconfianças que porventura pudessem ser levantadas contra ela foram descartadas: ela não era louca; não estava em estado de sonolência, portanto, não sonhava; não estava dominada pelo demônio, e tampouco desejava ser agraciada com os êxtases, ou os procurava. Suas visões tinham conteúdo político e estavam baseadas em uma experiência física de luz e dor²⁰. Suas imagens são mostradas com uma descrição forte, e ela faz uso de

(...) imagens do Antigo Testamento, sobre pedras preciosas e edifícios nobres, sobre agricultura e crescimento orgânico, sobre cortes e guerras, e belos vestuários – imagens radicalmente diferentes das

²⁰ Alguns pesquisadores analisam que Hildegarda poderia sofrer de uma doença que provoca fortes dores de cabeça e enxaqueca conhecida como “*escotoma cintilante*”, pois suas visões remetem a vários sintomas provocados por esta doença. Não é nosso objetivo discutir quais fatores (físicos, emocionais, psicológicos ou patológicos) poderiam ter influenciado na percepção de suas visões. Independente das causas, o que deve ser considerado é o fato de que ela não se limitou a sofrer com estas enfermidades, ao contrário, retirou desta experiência algo profundamente fecundo em termos espirituais, imaginativos e simbólicos.

meditações mais meigas, domésticas, até mesmo sentimentais sobre a Sagrada Família e sobre a experiência humana de Jesus, comuns nos conventos da Renânia do século XIV (BYNUM, 2015. p. 12).

Hildegarda usa das suas visões para escrever sobre a doutrina da Igreja; e ainda assim, ela se volta para fenômenos físicos e corporais, como desejo sexual, gravidez, doenças e seus respectivos remédios. Quando afirma que é uma pobre mulher sem o saber necessário para receber as visões e as transmitir aos homens, ela se aproxima de inúmeros relatos bíblicos sobre homens que, em um primeiro momento, recusaram sua missão, por não se sentirem capacitados para tal; mas, mais uma vez, Hildegarda mostra o quanto tinha assimilado da regra de São Bento²¹. Sua afirmação reforça o tom de humildade colocado como um dos pilares da ordem religiosa:

O sétimo grau da humildade consiste em que o monge se diga inferior e mais vil que todos, não só com a boca, mas que também o creia no íntimo pulsar do coração, humilhando-se e dizendo com o Profeta: “Eu, porém, sou um verme e não um homem, a vergonha dos homens e a abjeção do povo: (Sl. 21,17) exaltei-me, mas, depois fui humilhado e confundido”. (Sl. 87, 16) E ainda: “É bom para mim que me tenhais humilhado, para que aprenda os vossos mandamentos” (Sl. 118, 71-73) (A REGRA DE SÃO BENTO, 2012. V.51, V.52,V.53,V.54).

A atitude que Hildegarda assume de pessoa simples, iletrada, uma mulher sem maiores instruções, reforça sua figura profética, constituindo assim uma crítica “(...) implícita aos clérigos letrados, cuja negligência, ela acreditava, havia tornado necessária sua missão” (NEWMAN, 2015. p. 37). Ela falou com a intenção de recordar Deus aos que se acovardavam, a seus líderes incrédulos; e demonstra autoafirmação ao corrigir o clero. Este senso de inferioridade é afirmado por ela quando se dirige a Deus e não aos homens. Na opinião de Troch, seria um equívoco tratar mulheres do porte de Hildegarda “(...) apenas como indivíduos ou exceções. Em outros termos: tais mulheres não são

²¹ Para Le Goff, o lema básico da regra beneditina do *Ora et Labora* foi mal interpretado: segundo o autor é como se “significasse ‘trabalha e cala-te!’, o que é um contrassenso evidente. É preciso compreender o verdadeiro sentido: trabalha para transfigurar esse material, que testemunha tua baixaza, de modo a elevar-te” (LE GOFF, 2008. p. 78).

arquétipos, mas protótipos de diferentes contextos em que uma mística poderia ser ouvida e criada” (TROCH, 2013. p. 5).

Sua fala exigia coragem e determinação. Requeria também inspiração e respaldo divino. Este combate, embora a princípio recheado e até rechaçado por ela, foi assumido com confiança e poder. Com uma contida ironia, ela recorda, aos clérigos corruptos, que Deus a escolheu, a ela, uma porta-voz inferior, porque, em sua decadência, eles não tinham condições de escutar a voz divina. No livro III, visão sete do *Scivias*, Hildegarda fala de uma forma que recorda seu próprio papel dentro do contexto cristão no qual ela está inserida: “E assim, prosseguindo, eles abriram caminho entre as pessoas incrédulas que não tinham raízes [...] E a estas eles anunciaram as palavras da salvação e da verdadeira fé em Cristo” (HILDEGARDA, *Scivias*, 3, 7, 66).

De acordo com Newman, podemos distinguir três benefícios importantes e inter-relacionados que o dom visionário de Hildegarda lhe conferiu: “(...) uma experiência direta de Deus, uma fonte de verdade não mediada e uma forma de validação pública”. Um pouco de compreensão de sua vida interior, seu modo intenso e misterioso de ver, “(...) pode explicar por que insistiu tão veementemente em sua falta de educação, apesar da ampla leitura que é evidente em suas obras”. Por outro lado, “(...) a urgência de sua necessidade de validação, aumentada por seu gênero, levou-a a insistir no caráter absoluto e infalível de sua inspiração”. Juntas, essas considerações podem explicar o fato de que esta mulher, que em outro lugar enfatizou a importância da colaboração humana com Deus, “(...) reivindicou para suas próprias obras um grau quase bíblico de inspiração e infalibilidade” (NEWMAN, 1985. p. 169).

Hildegarda usa o pronome eu: “*Eu vi, eu ouvi*”. É o sujeito na primeira pessoa. Ela se coloca como protagonista no que a visão lhe revela como indivíduo. Em sua linguagem não há nós: a luz verdadeira se dirige a ela. Então o eu assume seu lugar de indivíduo, de único. Este novo estilo de se manifestar “(...) soa absolutamente novo nessa época se a contrastamos com a Alta Idade Média, em que a norma consistia no uso da primeira pessoa do plural” (CIRLOT, 2012. p. 31).

A pedagogia de Hildegarda é significativa e fundamentada. Ao falar em primeira pessoa, ela transmite o ensino de forma exemplificativa, ou seja, ela se coloca como sujeito da ação, havendo para o receptor mais facilidade para se identificar com o autor dos ensinamentos e, assim, ele absorverá melhor o que lhe for transmitido.

Seu propósito não é autobiográfico. É mesmo, explicitamente, o inverso de uma autobiografia, pois Hildegarda teria declarado, se dermos crédito à sua *vita*, que não

quis escrever sobre si própria, queria apenas relatar os propósitos de que Deus a incumbira: “Fala, portanto, destas maravilhas e, sendo assim instruída, escreve-as e fala” (HILDEGARDA, *Scivias*, p. 95).

Há uma característica marcante na linguagem de Hildegarda: quando ela fala de Deus, exercendo o papel de pregadora, usa a terceira pessoa, mas no papel de profetisa, quando se torna a porta-voz direta da palavra divina, ela o faz em primeira pessoa.

Dentre os escritos hildegardianos, outra obra que se destaca é a de cunho científico, *Liber Causae et Curae* (*Livro das Causas e Remédios das Enfermidades*). Provavelmente, Hildegarda ditou-a, como parte de um todo único, com o *Livro dos Remédios Naturais* (*Physica*), onde abundam receitas à base de vegetais, animais ou minerais (RENEDO, 2013a. p. 20). Esta obra “(...) descreve a recíproca relação e interação entre o homem e o cosmos de um modo amplo”. Para Hildegarda, não há uma disputa entre os reinos vegetal, mineral ou animal, “(...) há sim uma interação entre eles, que visam o bem estar do homem, pois toda a criação o influencia e o afeta e está contida nele”. A obra também detalha, aproximadamente, o funcionamento geral do organismo humano, que ocorreria por um equilíbrio de secreções internas, “(...) cuja alteração causa várias doenças”. Hildegarda insiste “(...) no equilíbrio, na moderação e na temperança como necessidades básicas para a vida e a felicidade” (RENEDO, 2013a. p. 20).

Causa et curae “(...) pode revelar certas coisas, sob o ponto de vista de Hildegarda, de forma mais direta do que as obras visionárias” (DRONKE, 1994. p. 201). E “(...) é significativo que, diferentemente de *Scivias* e dos escritos visionários posteriores, Hildegarda não reivindicasse, neste texto, nenhuma inspiração divina”. Ressalte-se que nem ela nem seus secretários “(...) jamais fizeram tentativa alguma de disseminá-la, (sic) tampouco foi ela incluída no enorme manuscrito de suas obras completas, preparadas em Rupertsberg, logo depois de sua morte”. Essa omissão dá a entender que Hildegarda fez uma nítida distinção entre a “(...) obra de Deus e a sua própria obra, posto que sua criatividade e curiosidade não conhecessem fronteiras” (NEWMAN, 2015. p. 31).

Hildegarda elaborou, com um grande senso de realidade e conhecimentos fundados na observação direta, a primeira história natural escrita em alemão – *Physica* – e um livro de medicina, *Causae et Curae*. Na obra *Physica* inclui mais de 500 descrições de plantas, animais, pedras e metais. Conforme Graña Cid, “(...) até a Idade Moderna, ninguém enumerou de forma tão exaustiva a fauna aquática do Reno e de seus

afluentes”. Já em *Causae et Curae*, ela estuda “(...) as enfermidades, suas causas e remédios, apoiando-se na literatura científica e, especialmente, na observação e sua experiência pessoal como médica”. Hildegarda “(...) foi terapeuta e taumaturga de corpos e almas: curava empregando a medicina natural e uma espécie de psicoterapia combinada com a oração, além de fazer milagres” (GRAÑA CID, 2012. p. 413). Na sua concepção, o ser humano era percebido em sua unidade física, mental e espiritual.

Há, na obra de Hildegarda, um matiz que permite compreender a dicotomia entre a profetisa e a cientista, e que define sua personalidade: ela tem consciência de que seu dom a diferencia dos demais, possibilitando-lhe inclusive prever o futuro. E esta é mais uma ambivalência que a caracteriza, uma vez que tais práticas eram proibidas. É como se houvesse nela duas faces: a mulher que vive sob uma regra, com forte senso de religiosidade e de conhecimentos exegéticos, e a mulher secular, que herdou o conhecimento do povo e o põe em prática para atender a comunidade em que vive.

A voz que fala através de Hildegarda condena, veemente, quem, por meios escusos, prevê o futuro, “contudo, estas pessoas que obstinadamente me tentam mediante arte perversa, examinando criaturas que foram feitas para o serviço delas e pedindo-lhes que lhes mostrem coisas que sua teimosia deseja saber”. A advertência continua: “(...) *Estas pessoas não podem aumentar tampouco abreviar o tempo do homem na Terra*”. As previsões são feitas com base nos movimentos dos astros; mas a voz implacável indaga: “*Quem fez os astros?* Todavia, às vezes, com minha permissão, os astros, mediante determinados sinais, realmente manifestam a si mesmos à humanidade” (HILDEGARDA, *Scivias*, 1, 3, 20).

Em *Causa et Curae* a linguagem é mais amena, e Hildegarda faz uma explanação a respeito dos doze signos e dos planetas²², bem como sobre os ciclos lunares e sua influência sobre a natureza. E, em mais de uma situação, ela foi procurada exatamente pelos seus dons de profetisa.

Em resumo, Hildegarda se interessa não só por questões teológicas, mas também por tudo o que envolve o ser humano, em sua natureza terrestre e multifacetada. Para ela, “(...) a obra salvadora de Deus se realiza em um universo sexuado formado por mulheres e homens, diferentes, porém iguais”. Considera ser necessário que o homem desenvolva “(...) o lado feminino de sua natureza” e esteja em uma relação de completude, equilibrada e complementar com a mulher, o mesmo se exigindo das

²² HILDEGARDA, *LCC*. 1, 3.

mulheres em relação aos homens, pois é necessário que também elas estejam em perfeita relação com seu lado masculino e com os homens (GRANA CID, 2012. p. 415).

A serviço da Luz Vivente

Para analisarmos o misticismo em Hildegarda é necessário que a situemos no contexto no qual vive, pois foi o sobrenatural que lhe permitiu “(...) sair dos estreitos marcos que, em princípio, lhe havia reservado seu mundo, para situar-se em primeiro plano da espiritualidade e cultura de sua época” (CIRLOT; GARÍ, 2008. p. 48). Para descrever suas visões, Hildegarda utiliza-se da simbólica do século XII, uma linguagem hermética e por vezes incompreensível para quem não tem acesso aos signos decodificadores. Seu misticismo apresenta singularidades, pois sua experiência de Deus, da perspectiva da mística cristã, ocorre “(...) através de visões relativas à obra da criação e da redenção, e por meio de participação misteriosa na vida de Deus e do universo em Cristo” (BORRIELLO, 2003. p. 497).

O que difere Hildegarda de outros místicos é que suas visões²³ e interpretações são canais pelos quais Deus comunica verdades sobre crenças e práticas cristãs. Elas não expressam sua experiência pessoal com a divindade. Campbel afirma que “(...) a realização mística fundamental, simples e grandiosa, é aquela pela qual alguém se identifica com a consciência e não com o veículo da consciência. O seu corpo é um veículo de consciência” (CAMPBEL, 2002. p. 59). E Cirlot completa: “(...) uma experiência requer um sujeito que experimente. Aí reside a modernidade de Hildegarda de Bingen e, com ela, de toda a mística em geral” (CIRLOT, 2009. p. 289), pois o antiquado adquire uma relevância menor, enquanto a pessoa se desprende da totalidade (a linhagem, a comunidade) para aceder à classe de indivíduo e de sujeito. Assim, suas visões adquirem uma autoridade próxima à dos profetas bíblicos: “A complexidade de seu simbolismo torna difícil à tarefa de seus intérpretes, mas sua tarefa não é

²³ “Dentre todos os sentidos, a visão pode ser eleita como a forma superior de conhecimento” (CIRLOT, 2009. p. 287).

impossível, se cada imagem e interpretação forem compreendidas no contexto de seu pensamento e simbolismo como um todo” (THOMPSON, 1994. p. 350).

As visões de Hildegarda buscam consonância com os escritos bíblicos, havendo uma ligação tangível entre a palavra da Escritura e a natureza criada. Na sua obra visionária, o Deus que criou o homem, o universo e tudo o que o habita comunga de ideais que sempre remetem à salvação do homem e à perspectiva de um futuro aprazível, que pode se realizar no aqui e agora, e não somente no além. Desta forma, as visões de Hildegarda vêm permeadas de esperanças, não em um futuro melhor, mas em um presente que pode ser melhor a partir da ação positiva do homem, com suas ações sobre o que está ao seu redor. Borriello afirma que “Hildegarda pode ser considerada mestra da mística²⁴ dos “sentidos espirituais”, isto é, de uma experiência de Deus na qual o mundo das imagens e dos sons, dos cantos e dos sentimentos é interiorizado, elevando-se a experiência de Deus” (BORRIELLO, 2003. p. 497).

A experiência mística, no caso de Hildegarda, é acompanhada de linguagem, tanto simbólica, representada pelas ilustrações das visões, quanto escrita, pois ela as comunica aos seus secretários, que as transcrevem e as registram conforme ela as expressa verbalmente. Em suas visões, Hildegarda vê e revela o que viu: “Os sentidos espirituais foram concebidos como duplos interiores dos físicos e, assim, os olhos físicos correspondiam aos olhos interiores, os da mente, os do coração, segundo as expressões mais habituais e, do mesmo modo, o resto dos órgãos dedicados à audição, olfato, tato e gosto” (CIRLOT, 2009. p. 287). É assim que ela desvela as visões, já que a voz explica o significado das imagens de forma a torná-las mais compreensíveis: “A visão não é alucinação. A diferença entre ambas reside no fato de que a alucinação não deixa pegadas e a visão, sim. Afeta diretamente na orientação da vida e repercute sensivelmente na criatividade do indivíduo que tem a visão” (CIRLOT, 2009. p.19). Mas, para Saratxaga, Hildegarda vai além ao apresentar suas visões, pois ela tem

²⁴ Usaremos aqui a definição de Borriello para o adjetivo *mystikós*, que, segundo ele, pertence à esfera dos *mysteria* (mistérios), e é usado “(...) para exprimir o tipo de experiência religiosa de natureza especialíssima como a definida como mística”. Assim, o adjetivo “*mystikós*”, o substantivo “*mýstes*” e o verbo “*myéo*”, são todos procedentes da raiz “*my*”, que no grego antigo estavam em relação com o verbo *mýo*, “fecho”, usado também em sentido absoluto, como equivalente de “fechar a boca” ou “fechar os olhos”. O verbo *myeo* exprime a ação sacra que tem como objeto o fiel e que, no fim de um ritual secreto, o constitui na condição de *mystes* ou de *ho myoumenos*, ou seja, “o iniciado”, sendo essa ação expressa pelo termo *myesis*, “iniciação”. Este último nome e o verbo correspondente (“iniciar”) traduzem nas línguas ocidentais modernas os termos latinos *initium* e *initiare* que traduziram os correspondentes gregos. A terminação (*terion*) do substantivo *mystérion*, o qual, na forma plural (*mystéria*), designa o lugar onde o místico é iniciado (BORRIELLO, 2003. p. 718-719).

Consciência de estar na origem de uma experiência de relação pessoal que se lhe impõe, de ter algo que dizer, de ser autora. E é precisamente devido a esta originalidade (de estar na origem) da experiência que se lhe impõe que não pode deixar de dar testemunho, com o que garantirá a veracidade de suas afirmações extáticas sobre Deus. Seus escritos e relatos biográficos, no caso da *Vida*, se fundamentam no recurso a sua própria experiência como sujeito individual para justificar suas afirmações (SARATXAGA, 2008. p. 89).

Depois dessa abertura, a monja atesta a procedência divina de suas visões: “(...) *quando eu estava observando com grande temor e trêmula atenção a visão celeste, vi um grande esplendor no qual ressoava uma voz do Céu*”. Em seguida, vem à ordem divina: “*Dize e escreve o que vês e o que ouves. Não por exigências de composição humana, mas como vês e as ouves no alto dos lugares celestes, nas maravilhas de Deus*”. Ela se refere ainda ao tempo em que viu e escreveu: “*Estas visões aconteceram e estas palavras foram escritas nos dias de Henrique, arcebispo de Mogúncia, e de Conrado, rei dos romanos, e de Cuno, Abade de Disibodenberg, sob o Papa Eugênio*”. E por último, mas não menos importante, ela dá uma dimensão divina à sua experiência: “*E escreve-as não por ti mesmo ou por qualquer ser humano, mas pela vontade daquele que sabe, vê e dispõe de todas as coisas no segredo de seus mistérios*” (HILDEGARDA, *Scivias*, p. 95-98).

Sem dúvida, trata-se de um proêmio análogo ao de alguns profetas bíblicos – basta compará-lo com o de Ezequiel – e ao Apocalipse de João. Nesse modelo, antes que o profeta conheça a Deus, Deus o conhece e, mesmo que o vidente se considere incapaz ou inábil, obedece à voz e cumpre a missão que lhe é designada. É interessante notar que exatamente os que se consideram inábeis, incapazes, destituídos de preparo físico ou intelectual é que são os escolhidos: a experiência, o contato com uma força sobrenatural os impele a agir e os tornam capazes de um entendimento que supera suas próprias expectativas.

Em quase todos os casos em que o indivíduo é convocado a profetizar, há uma reação de desconcerto, devido à consciência da própria incapacidade para responder às implicações que decorrem desta experiência:

Hildegarda se apresenta como uma transmissora e não é sua própria voz a que fala, mas sim a de Deus. Na sua obra, não se assiste à ausência de Deus, mas o contrário: Deus está presente com sua voz e as imagens que oferece à visionária. Por Ele, as visões de Hildegarda são místicas e proféticas ao mesmo tempo, testemunho de sua modernidade e arcaísmo (CIRLOT, 2009. p. 289).

Como já ressaltamos, após revelar a Volmar sua capacidade mística e visionária, Hildegarda é estimulada por ele a comunicá-la ao Papa. Ela se dirige a Bernardo de Claraval a fim de pedir-lhe orientação quanto às suas visões e a sua insegurança em relação a elas:

Pai, estou muito angustiada por uma visão que me apareceu no espírito como mistério, pois nunca a vi com os olhos exteriores da carne. Eu, miserável de mim e ainda mais miserável por ser mulher²⁵, vi desde a minha infância grandes maravilhas que minha língua não podia relatar se o Espírito de Deus não me houvesse ensinado a crer. Doce pai, cheio de certeza, responde-me com tua bondade, a mim, indigna serva tua, que nunca, desde a infância, tenho vivido segura nem uma hora.²⁶ Com sua piedade e sabedoria examina a minha alma tal e como tem sido ensinado pelo Espírito Santo e oferece o consolo de teu coração a tua serva (AZUCENA *et al.* 2015. p. 43).

A carta de Hildegarda ao abade Bernardo de Claraval, escrita entre os anos 1146-1147, é a primeira que se tem dela, portanto, cinco anos depois da iluminação descrita no prólogo do *Scivias*. Vemos, neste momento, sua projeção para além dos muros de seu mosteiro, pois ela escreve tal carta em plena elaboração deste primeiro livro profético e esse documento constitui um perfeito testemunho do medo e da angústia que acompanha toda experiência visionária: “(...) a consciência religiosa do visionário, que se fundamenta na experiência da direção direta do espírito de Deus, se

²⁵ Esta é uma expressão de uso muito frequente em Hildegarda, e que, talvez responda a sua intenção de minimizar o fato de ser mulher, o que poderia desqualificar a validade das verdades religioso-teológicas que apresenta como reveladas.

²⁶ A visão se descreve nesta carta como algo misterioso, que não se vê “(...) nunca com os olhos exteriores da carne” (*numquam vidi cum exterioribus oculis carnis*). Seguidamente faz alusão à visão concreta a que se refere no prólogo do *Scivias*, sendo interessantes as variantes no modo de expressar o mesmo conteúdo: 1. A visão implicou um conhecimento repentino do sentido interior (*interiorem intelligentiam*) e profundo (*profunda expositionis*). 2. A visão se apresentou como (*sicut*) uma chama ardente (*flamma comburens*). 3. O conhecimento do texto é “em simplicidade” (*in simplicitate*), unitário e não fragmentado (*in obscissione textos*) (CIRLOT, 2009. p. 155).

encontra acompanhada sempre e em todas as épocas de uma sombra que põe em questão a segurança do visionário e sua fé na verdade e correção de sua guia: o medo da ilusão” (CIRLOT, 2009. p. 155).

É este o divisor de águas entre uma abadessa que dirige seu mosteiro e a profetisa que ganhará o mundo. A resposta do abade seria decisiva para o progresso da escritura de Hildegarda. É muito possível que Bernardo influenciasse no juízo do papa cisterciense Eugênio III. Eis a resposta que ele envia a Hildegarda:

Congratulamo-nos da graça de Deus que há em você; e para que a tenha como graça a aconselhamos que procure corresponder a ela com todo efeito de humildade e devoção sabendo que Deus resiste aos soberbos e da graça aos humildes ²⁷. Como é para nós, oramos e insistimos. Ademais, quando a erudição interior e unção é que instrui em todas as coisas, o que nós podemos ensinar ou aconselhar? A seu respeito, dizem que sonda os segredos celestiais e que conhece, com a instrução do Espírito Santo, as coisas que estão acima dos homens. Portanto, lhe rogo e suplico mais insistentemente, que se recorde de mim perante Deus, e também daqueles que estão unidos a mim pelas relações espirituais. Confio que o espírito unido a Deus pode ajudar e socorrer muito, pois a oração assídua do justo é poderosíssima ²⁸. Da nossa parte, rogamos também com insistência por você para que Deus a anime a fazer o bem, a instrua na sua interioridade e a dirija ao que permanece, a fim de que em quantos puserem sua esperança em Deus não falhem, afligindo sua causa, mas confortados com sua generosa benção, que sabemos tem recebido, progridam a cada vez mais de bem para melhor (SAN BERNARDO, 1953. Carta 366).

O que poderia levar a monja a afirmar que tinha vergonha de se expor? Pairet interpreta “(...) essa ‘vergonha feminina’, de que fala a abadessa, como um senso de oportunidade política”. Hildegarda aprendeu a reconhecer-se a si como uma fonte de sabedoria e, graças a essa experiência de revelação, foi-lhe possível perceber o momento certo para agir e para revelar ao mundo o seu conhecimento. A oportunidade política refere-se ao fato de que ela procura Bernardo de Claraval, um dos homens mais influentes da cristandade medieval, a fim de pedir-lhe aconselhamentos sobre suas visões. Contudo, as temáticas de suas visões referiam-se a assuntos que iam além dos religiosos: “Seu saber era um saber que a instava a influenciar o mundo e não a se

²⁷ *Tiago* 4,6: “Por isso diz a Escritura: Deus se opõe aos orgulhosos, mas concede graça aos humildes”.

²⁸ *Tiago* 5,16: “A oração feita por um justo pode muito em seus efeitos”.

separar-se dele” (PAIRET, 1999. p. 84), dando-lhe os subsídios para que fosse mais do que uma abadessa de um mosteiro²⁹, ganhando autonomia, independência, fazendo-se reconhecida como autoridade, a fim de que pudesse expor suas ideias, sem ter que ceder às exigências de ordem sócio-política, simbólica e patriarcal.

A carta a Bernardo foi enviada por ocasião do Concílio de Treves; o prelado participava do sínodo preparatório do Concílio de Reims, que teria a presença do Papa Eugênio III. Nesse percurso, Hildegarda precisa contar com o apoio de vários homens. É necessário respeitar todo o sistema hierárquico estabelecido: ³⁰ “A maioria das mulheres construíram círculos em torno de si que, ao longo do tempo, cresceram e deram-lhes acesso a indivíduos poderosos. Isso geralmente ocorreu, ainda que cautelosamente, através de confessores ou a partir do poder de seu mosteiro” (TROCH, 2013. p. 5).

O Papa Eugênio III leu pessoalmente o *Scivias*, o que favoreceu Hildegarda por dois motivos: primeiro, o reconhecimento público de que suas visões procediam de Deus, a quem ela denominava “Luz Vivente”; e em segundo lugar, por servir como argumento na luta contra o abuso dos clérigos e o poder da nobreza de eleger bispos. A leitura da obra protegeu a autonomia de Hildegarda dentro da Igreja, pois sua obra passou a ser tida como a voz de Deus, e não como a opinião pessoal de uma mulher, apresentando diretrizes baseadas na Bíblia, criticando a ordem vigente e, ao mesmo tempo, indicando um comportamento mais condizente aos clérigos. Bernardo de Claraval, presente no evento, exortou o Sumo Pontífice a que “(...) não permitisse que tão insigne luz fosse apagada com o silêncio”, o que confirma sua autoridade até mesmo sobre o Papa. O Pontífice lhe deu seu consentimento e dirigiu, a Hildegarda, cartas nas quais lhe concedia permissão para que expressasse o que o “ (...) Espírito Santo lhe revelava e incentivou-a a escrever. Honrava o lugar em que ela havia se criado e felicitava o abade e os irmãos do mosteiro” (CIRLOT, 2009. p. 40).

²⁹ Na época de Hildegarda, as ordens religiosas femininas não dispunham de um governo central e nem sequer seus mosteiros podiam edificar-se em outras províncias: seus limites absolutos eram as paredes de cada convento e não se permitia comunicação com o mundo exterior (ZAFRA, 1999. p. 9).

³⁰ Hildegarda segue os preceitos da regra que recomenda: Se queremos sugerir alguma coisa aos homens poderosos, não ousamos fazê-lo a não ser com humildade e reverência; quanto mais não se deverá empregar toda a humildade e pureza de devoção para suplicar ao Senhor Deus de todas as coisas? E saibamos que seremos ouvidos, não com o muito falar, mas com a pureza do coração e a compunção das lágrimas (A REGRA DE SÃO BENTO, 2012. v.1, v.2, v.3).

Essa aprovação papal é muito importante³¹, pois não só contribuiu para aumentar a confiança e a segurança de Hildegarda diante de sua contínua autodesconfiança, “(...) como também a autenticou publicamente ao ler seus escritos em voz alta e protegeu-a da censura a que ela estava fadada por violar as escrituras deteropaulinas sobre o silêncio e a submissão das mulheres” (NEWMAN, 2015. p. 27). Ela assume, “(...) quase sem oposição, muitas das funções sacerdotais que a Igreja, em geral, considerava e seguia considerando próprias de homens” (DRONKE, 1994. p. 207). É a própria Hildegarda que informa quando se inicia seu trabalho profético:

Aconteceu que, no ano de 1141 da Encarnação do Filho de Deus, Jesus Cristo, quando eu tinha quarenta e dois anos e sete meses de idade, o Céu abriu-se e uma luz fulgurante de brilho excepcional veio e pervagou todo o meu cérebro e inflamou todo o meu coração e todo o meu peito, não como um ardor, mas como uma cálida chama, como o sol aquece qualquer coisa que seus raios tocam (HILDEGARDA, *SCIVIAS*, p. 96).

Tal fato a reporta ao profeta Ezequiel, que afirma:

“No ano trigésimo, no quarto mês, a cinco do mês, aconteceu que, estando no meio dos cativos, junto ao rio Cobar, abriram-se os Céus, e tive visões divinas. A cinco do mês, no quinto ano da deportação do rei Joaquim, foi dirigida a palavra do Senhor a Ezequiel, filho de Buzi, sacerdote, na terra dos Caldeus, junto ao rio Cobar, e lá a mão do Senhor fez-se sentir sobre ele” (*Ezequiel* 1-1,2). No quinto dia do quarto mês do meu trigésimo ano, eu, o sacerdote *Iehzekel ben Buzi*, Ezequiel filho de Buzi, vivia na Babilônia, às margens do rio Kevar, Quebar, junto com os judeus que haviam sido levados para lá expatriados e prisioneiros. E aconteceu que os Céus se abriram, e eu tive visões de Deus (*Ezequiel* 1, 1).

E ao profeta Jeremias,

³¹ Não há cópias do escrito de autorização do Papa a Hildegarda, enviado durante o Sínodo de Trevis. Porém esta autorização está recolhida em *Chronico Hirsaugiensi* de Johaans Trithemius (1462-1516). Também se referem ao beneplácito papal: *Manrique em Annal. Cisterciensns.*, ad na. Christi 1148, pag 101; Guillelmus Cave in *Historia litteraria acriptorum ecclesiasticorum ad na.* 1170, pág. 684; y *Casimirus Oudinus in Comment. de scrittoribus eccl.*, (tom II, col 1571 et seq. (PL 0741) *apud*: RENEDO, *LDO*, 2013. p. 7).

Filho de Helcias, um dos sacerdotes que viviam em Anatot, na terra de Benjamim; A palavra do Senhor foi-lhe dirigida no tempo de Josias, filho de Amon, rei de Judá, no décimo terceiro ano do seu reinado. Também lhe foi dirigida nos dias de Joaquim, filho de Josias, rei de Judá, até ao fim do ano undécimo de Sedecias, filho de Josias, rei de Judá, (*isto é*) até o tempo da transmigração de Jerusalém no quinto mês (*Jeremias 1, 1-3*).

Ambos colocaram seus sentidos a serviço da vontade divina: “Esta escrupulosa datação segue uma convenção literária estabelecida pelo visionário João de Patmos; tal como eles, Hildegarda estava argutamente consciente da história e de seu próprio momento histórico” (NEWMAN, 2015. p. 27). Vaz afirma que:

Essa característica narrativa — especialmente quando se precisava o “dia”, a “noite” ou o “ano” da criação — sublimava o ponto único da transição da não existência a existência da realidade que se queria pôr em foco com a narração da sua criação: delimitava o tempo primordial mítico, ‘pré-histórico’, do tempo real, histórico, contingente, condicionado pela existência atual das coisas aí criadas (VAZ, 1996. p. 47).

Hildegarda relata que, nesse episódio, viu como o céu se abriu e “(...) uma luz fulgurante de brilho excepcional veio e pervagou todo o seu cérebro e inflamou todo o seu coração e todo o seu peito”. Segundo ela, esta luz não era ardente, tampouco trazia desconforto, “(...) era como uma cálida chama, como o sol aquece qualquer coisa que seus raios tocam” (HILDEGARDA, *Scivias*, p. 96). A partir dessa experiência, tudo o que antes ela havia lido, como os livros, os saltérios, os evangelhos, outros livros católicos, tanto do Antigo quanto do Novo Testamento, passaram a lhe ser compreensíveis³²: “(...) exprimindo-se com as categorias culturais e religiosas da sua

³² Neste sentido, pensamos que Hildegarda se apropria da “teoria da Iluminação de Agostinho”. Agostinho deixa claro que, no processo empreendido pela sua teoria do conhecimento, a iluminação divina desempenha um papel essencial, uma vez que é ela que alumia a memória, esta potência interior da alma, em sua atividade e, ilumina, igualmente, a inteligência que, apesar de ser distinta da memória quanto à sua atividade, encontra-se inseparavelmente unida a ela no objetivo único de alcançar a Verdade. O hiponense declara a importância de ser iluminado pela luz divina, que não somente conduz a contemplar as verdades aparentes e mutáveis, mas leva ao conhecimento sempre mais perfeito, à contemplação das verdades eternas: “Conclui-se daí, com razão, que uma coisa é alguém ver em si o que o outro poderá acreditar, embora sem o ver; e outra coisa é contemplar-se na própria verdade, o que outro também pode ver, tão bem quanto ele. O primeiro fato está sujeito às mutações dos tempos. E o outro é eterno e imutável. Pois não há de ser por ter visto previamente muitas almas com nossos olhos corporais

época, interpretava à luz de Deus as Sagradas Escrituras, aplicando-as às várias circunstâncias da vida” (AMATO, 2012. p. 71).

Hildegarda reforça o seu pouco conhecimento linguístico afirmando que toda essa compreensão ocorreu “(...) embora ela não tivesse a interpretação das palavras de seus textos ou a divisão das sílabas ou o conhecimento dos casos ou dos tempos” e que ela tinha sentido “(...) o poder e o mistério das secretas e admiráveis visões de minha infância, ou seja, dos meus cinco anos, até aquele momento, como o faço agora” (HILDEGARDA, *Scivias*, p. 96). Quando estava observando, com grande temor e trêmula atenção, a visão celeste, ela viu um grande esplendor no qual ressoava uma voz do Céu, que lhe disse:

Ó frágil humano, cinzas das cinzas, e imundice! Dize e escreve o que vês e o que ouves. Contudo, visto que és tímido no falar e simples na exposição, e iletrado no escrever, fala e escreve estas coisas não por uma boca humana e não pela compreensão da invenção humana, e não por exigências de composição humana, mas como vês e as ouves no alto dos lugares celestes, nas maravilhas de Deus. Explica estas coisas de tal modo que o ouvinte, recebendo as palavras de seu instrutor, possa expô-las naquelas palavras, de acordo com aquela vontade, visão e instrução. Assim, portanto, ó humano, fala estas coisas que vês e ouves. E escreve-as não por ti mesmo ou por qualquer ser humano, mas pela vontade daquele que sabe, vê e dispõe de todas as coisas no segredo de seus mistérios. E mais uma vez ouvi a voz do Céu dizendo-me: “Fala, portanto, destas maravilhas e, sendo assim instruída, escreve-as e fala” (HILDEGARDA, *SCIVIAS*, P. 95).

Assim, Hildegarda pode ser colocada como uma profetisa nos termos dos escolhidos do Antigo Testamento, cuja missão é tida como superior às suas capacidades, mas que, no entanto, ao dizer o sim a Deus, imediatamente se veem imbuídos de todos os instrumentos necessários para que se façam ouvir e a fim de que suas palavras sejam divulgadas e promulgadas de acordo com a vontade divina. Hildegarda recebe a luz divina,

que alcançaremos por comparação conhecimento geral ou parcial da mente humana. Mas contemplamos a verdade inviolável pela qual conseguimos definir de modo perfeito, o quanto podemos – não qual seja o estado da alma de cada um, mas qual deva ser, conforme as razões eternas” (AGOSTINHO, *De Trin.* IX 6,9, *apud* NUNES, 2009. p. 57).

Sou a Luz Vivente, aquele que ilumina a escuridão. A pessoa [Hildegarda] que Eu escolhi e a quem atingi miraculosamente conforme Eu quis, coloquei entre grandes maravilhas, além da medida dos antigos povos que viram em mim muitos segredos; mas Eu a rebaixei sobre a Terra, a fim de que não pudesse colocar-se em espírito de arrogância. O mundo não tinha tido nela nenhuma alegria ou licenciosidade ou uso de coisas mundanas, pois Eu a subtraí ao atrevimento insolente, e ela sente medo e é tímida em suas obras. Com efeito, ela sofre no mais íntimo de seu ser e nas veias de sua carne; ela é afligida no espírito e nos sentidos, e padece grande dor corporal, porque nenhuma segurança faz moradia nela; mas, em todos os seus empreendimentos, ela se tem julgado culpada. De fato, fechei as rachaduras de seu coração, para que seu espírito não se exalte no orgulho ou na vanglória, mas possa sentir temor e pesar, em vez de alegria e libertinagem (HILDEGARDA, *Scivias*, p. 96-97).

Jeremias sente que Deus o tocou na boca:

A palavra do Senhor veio a mim, dizendo: “Antes de formá-lo no ventre eu o escolhi; antes de você nascer, eu o separei e o designei profeta às nações”. Mas eu disse: Ah, Soberano Senhor! Eu não sei falar, pois ainda sou muito jovem. O Senhor, porém, me disse: Não diga que é muito jovem. A todos a quem eu o enviar, você irá e dirá tudo o que eu lhe ordenar. Não tenha medo deles, pois eu estou com você para protegê-lo, diz o Senhor. O Senhor estendeu a mão, tocou a minha boca e disse-me: Agora ponho em sua boca as minhas palavras. Veja! Eu hoje dou a você autoridade sobre nações e reinos, para arrancar, despedaçar, arruinar e destruir; para edificar e plantar (*Jeremias 1,5-10*).

Cada um sente uma forma diferente da manifestação divina, mas todos sabem o quanto e como foram tocados.

Hildegarda não se havia apresentado como mulher, mas como “(...) ser humano ignorante. Ela não sentia que sua posição profética estivesse determinada pelo seu sexo”. Em suas visões, não se identificou com nenhuma das figuras como Miriam ou Débora, as duas profetisas mais conhecidas da Bíblia: “(...) pelo contrário, mencionava frequentemente metáforas e exclamações dos grandes profetas masculinos, como Ezequiel, Daniel ou João do Apocalipse”. Graças a sua feminilidade, Hildegarda podia utilizar sua ignorância. Essa pretensa ignorância não constituía só um predicado funcional para justificar seu direito divino de falar e escrever de maneira teológica, pois,

com o tempo, lhe conferiu uma grande autoridade social: “Como profetisa, Hildegarda necessitava também de sua posição de ignorante para tomar distância, porém podia ademais, (*sic*) superar sua questionada feminilidade. Ela falava e escrevia como um médium ignorante, não como mulher” (DEPLOIGE, 1999. p. 100).

De acordo com Dronke, há em Hildegarda uma forte tentação de esconder, dissimular ou abandonar o próprio talento. Para que pudesse sobressair, o primeiro passo foi o fortalecimento de sua autoestima e, isso se deve à mestra e amiga Jutta, pois é por meio dela que alguns (poucos) homens se inteiram da existência da monja, impulsionando-a a sair do anonimato. A partir do momento em que se revela para o mundo, sente-se fisicamente fortalecida e apta para iniciar sua missão evangelizadora.

Hildegarda desponta para o mundo após os quarenta anos, quando sentiu uma pressão irresistível que a obrigou a deixar de manter oculto seu dom; e o fez com uma determinação que, ao que deixa transparecer, não havia antes. Ela se revela corajosamente plena e apta para debater com os grandes de seu tempo. Possivelmente, o fato de ter sido eleita abadessa a terá impulsionado a agir como líder, e o reconhecimento de sua liderança certamente a impulsionou a agir como tal: “Durante a década de 1137/1147 ela foi tendo a aceitação no poderoso mundo masculino que a rodeava. Primeiro, no círculo do arcebispo de Mogúncia e, concomitantemente, no do Papa Eugênio” (DRONKE, 1994. p. 206). Gozando dos privilégios do nascimento ilustre e graças às influências familiares, teve um bom relacionamento com líderes políticos e eclesiásticos, “(...) manifestando a versatilidade de interesses e a vivacidade cultural dos mosteiros femininos da Idade Média” (AMATO, 2012. p. 75).

Cirlot também afirma que o ano de 1141, quando ela decide tornar públicas suas visões, é um marco na sua vida: “(...) é um eixo vertebral que determina todos os demais acontecimentos e, sobretudo, supõe uma descontinuidade no ritmo temporal. Implica uma troca qualitativa e, com ela, uma nova orientação da vida segundo um rumo inalterável”, pois “(...) diferencia um tempo anterior e outro posterior, de forma que é possível estruturar a vida de Hildegarda em antes e depois daquele ano” (CIRLOT, 2012. p. 14).

No começo e no fim de suas obras biográficas, ela insiste sobre suas inabilidades de vidente, e, também, sobre como sua condição de mulher, sua saúde fraca e sua falta de saber formal. Este código funcionava como autenticação e era um meio de tentar persuadir o leitor de que, não sendo uma mulher sábia, todo seu conhecimento provinha

de Deus, que a instruía: “Ainda que se confessasse *indouta*”³³ – retoricamente, como se tem comprovado – “(...) seu saber em conexão com Deus lhe outorgou o valor para pretender explicar os mistérios da divindade, a Igreja e a história da salvação desde a criação ao juízo final” (GRAÑA CID, 2012. p. 412).

De fato, ela usa o que se poderia chamar de uma “retórica da negação”, ou seja, pela negação ela afirma tudo o que não é: “Ela se diz humilde e ignorante nas letras, no entanto, criou um alfabeto, é letrada e mantém uma vasta correspondência com várias personalidades de sua época”. Suas visões não são de origem humana, mas divina, “(...) como é atestada pela voz que as dita e as descreve. A insistência em definir unicamente pela negativa a natureza de sua experiência visionária revela a importância da distinção que Hildegarda se esforça para estabelecer” (SCHMITT, 2007. p. 331).

Para Newman, o fato de reiterar que atende ao chamado da voz divina possibilita-lhe por “(...) um selo na autoridade profética que ela alegava: sem ele, não teria ela tido nem uma mensagem, nem um público ouvinte” (NEWMAN, 2015. p. 26). Já para Dronke:

Hildegarda tem a impressão de que não está dando seu próprio testemunho, mas sim que é a Sabedoria quem fala através dela. Ela, que se considera tímida, só se atreve a profetizar como porta-voz da Sabedoria, o qual põe em destaque. Hildegarda mistura insegurança e confiança no desempenho de seu papel. Ela tinha consciência de seu “talento” e de sua *visio*, desde sua mais terna infância, e esta não a abandonou até o fim de seus dias (DRONKE, 1994. p. 203).

Referindo-se a si mesma como mulher simples, pobre e inculta, Hildegarda está seguindo os princípios da Regra de São Bento; mas, ao mesmo tempo, burla o sistema, quando afirma que recebe autorização divina para fazê-lo (“Esse procedimento, destinado a garantir a autenticidade e a origem divina de escritos e palavras considerados proféticos, é utilizado até o século XIV, inclusive em relação aos homens”

³³ Nos meios monásticos medievais era justamente o domínio da "*ars grammaticae*" o que constituía a introdução necessária à compreensão das Escrituras. A gramática tinha-se convertido na mais importante das sete artes liberais, e o conhecimento dele distinguia o *doctus* do ignorante. Hildegarda confessa não ter estudos monásticos regulares. No entanto, sua modéstia, traz, ao mesmo tempo, um trunfo importante: sua explicação dos textos bíblicos é, por oposição à de seus colegas, de origem transcendente. Apesar de suas inseguranças gramaticais e estilísticas, Hildegarda não permitiu que subsistisse nenhuma dúvida a respeito da autoridade de suas visões (DEPLOIGE, 1999. p. 93).

³⁴ (ÉPINEY; ZUM, 2007. p. 46)). A monja é representante de uma dupla e importante tradição: “O saber visionário, que tem sido historicamente característico das mulheres, e o estudo erudito, desenvolvido, durante os séculos medievais nos espaços monásticos, especificamente no monacato beneditino” (GRAÑA CID, 2012. p. 412).

Podemos pensar que Hildegarda usava daquelas declarações como mecanismo de defesa: fazendo-as, ela não poderia ser acusada de heresia nem de provocar dissidências no seio da Igreja. Seriam também, um mecanismo de preservação, uma vez que ela não poderia ser vista como inimiga da cristandade. Assim, ela e suas monjas não seriam importunadas pelos eclesiásticos que pudessem se sentir ameaçados diante de uma mulher que tinha poder e que o exercia. Na verdade (é o que ela quis dizer), Deus dela se vale para trazê-los de volta à razão e instá-los a seguir sua palavra. Nesse sentido, ela é apenas o receptáculo, o papel, a luz e a voz da luz divina; é a tinta que impregnava na sua pessoa os conhecimentos do livro do mundo, os sinais e os ensinamentos de todo tempo e lugar, do universo conhecido e do desconhecido do homem; tudo lhe era revelado graças ao Divino, que a escolheu e a capacitou, para que ela, visionária, exercesse seu papel de profetisa.

Nessa cultura, “(...) a teologia oficial era definida pelo debate escolástico e por decisão papal”. E a recepção “(...) da Eucaristia exigia que a receptora se submetesse ao escrutínio prévio de um confessor do sexo masculino”, com regras cuidadosamente elaboradas para testar os dons carismáticos (sobretudo das mulheres) os quais poderiam ser considerados como “santidade simulada” (BYNUM, 2015. p. 15-16). Isso mostra como Hildegarda vivia em um mundo em que o poder e o saber eram masculinos: Deus é masculino e os intérpretes oficiais de sua palavra também o são. A autoridade residia nos autores da patrística; aos produtores de novos textos só era permitido fazer pequenos avanços em relação a eles, e, ainda assim, desde que atrelassem seu conhecimento ao marco referencial que neles estava inserido. Quando queriam dotar um texto de autoridade, atribuíam-no a algum autor antigo.

Se para os homens atestar a autoria de seus textos era algo difícil, para as mulheres poderia se tornar inconcebível. Contudo, pelo contato direto com a Divindade, Hildegarda tem consciência de que a origem de seu saber repousa em algo que não passa pelo lado humano e, portanto, ela pode reivindicar o *status* de autora, visto que

³⁴ O Apóstolo não permite à mulher ensinar na Igreja: Porém, esta mulher, liberada dessa condição pelo Espírito Santo e ensinada pelo seu magistério, tem aprendido em seu coração pela sua própria experiência o que está escrito: Feliz o homem a quem ensinai, Senhor, e instruí em vossa lei, *Salmo* 93, 12 (ÉPINEY; ZUM, 2007. p. 46).

seu conhecimento vem direto do Além. É original porque seu saber está na origem: “O Ser que criou tudo e todos é que a instiga a registrar as visões de tudo o que Ele lhe repassa. Em sua experiência pessoal não reside apenas sua autoria, mas sim também sua autoridade. E, nesses casos, há um respeito pelo receptáculo da palavra, independente de quem a recebe”. Hildegarda é coautora da obra ditada pela Luz Vivente; ela escreve, mas, é escritora daquilo que lhe é mostrado pelo Espírito: “Ela apela diretamente para a divindade reconhecida em si mesma, em seu âmago. Sua escrita tem fundamento pedagógico. Escreve para ensinar” (SARATXAGA, 2008. p. 99).

Hildegarda elabora o papel das virtudes e promove o valor da ação. Essa elaboração é síntese de uma herança comum e, nessa medida, ela “(...) é um expoente da tradição, não um marco da novidade. A sua fidelidade à tradição, sobretudo do ponto de vista doutrinário, terá concorrido, porventura, a favor da sua aceitação entre os contemporâneos, apesar da sua condição de mulher” (XAVIER, 2001. p. 189).

Assim, quem de fato aparecia, a fim de transmitir a palavra de Deus, eram os anjos. Há uma distância entre Deus e os homens, entre o Céu e a Terra. Deus se mostra a Moisés através do fogo que arde sem queimar, de forma espetacular e maravilhosa. O homem pode ver a Deus nos mínimos detalhes de sua criação; entretanto, o contato estabelecido entre Ele e os homens se dá por sinais que Ele revela aos seus escolhidos. No caso de Hildegarda, a forma manifesta de Deus se dá através da luz, uma luz que ela sabe diferenciada, porque denota a face de Deus.

As fontes utilizadas por Hildegarda

Hildegarda nos deixou um legado enorme em vários campos do saber. Na trilogia profética são narradas as visões que estão na base de sua reputação como visionária, profetisa e mística. Qualquer que seja a natureza dessas visões, elas são simbolicamente muito ricas e denotam ousadia no formato em que foram escritas. Também demonstram a inteligência, a percepção do universo, bem como as posições doutrinárias da autora. A dificuldade encontrada pelos estudiosos é determinar as fontes e influências que a marcaram, pois ela se apresenta como uma “*pobre mulher indouta*”,

reivindicando para suas visões o aporte divino, a fim de impedir o apelo à autoridade meramente humana de seus escritos e desenhos.

Embora seja evidente que Hildegarda tivesse “(...) grande conhecimento de escritores teológicos e espirituais, na prática ela jamais citava suas fontes, nem mesmo na forma mais convencional”. Além disso, seu estilo literário torna difícil reconhecer citações, “(...) à exceção dos textos literários que ela escolheu glosar”. Dado que a tradição exegética, na qual ela trabalhava, “(...) era tanto conservadora quanto cumulativa, qualquer um, entre dezenas de escritores, poderia ser citado, com igual plausibilidade, como a fonte de determinada doutrina ou interpretação”. E é “(...) somente em casos raros, tal como no débito da vidente em relação ao *Pastor*, de Hermas, em *Scivias* 3, 8, ou em relação ao tratado de Adso, *sobre o Anticristo*, em 3, 2, que podemos indicar com segurança um escritor específico” (NEWMAN, 2015. p. 81).

É possível que Hildegarda tivesse tido contato desde cedo com vários autores, pois as escolas monásticas mantinham um programa de estudos organizado em torno das sete artes liberais³⁵. A base do programa era o estudo da Gramática Latina. “Os textos são as obras de Donato e Prisciano” e ainda estudavam “Isidoro de Sevilha, Boécio, Cassiodoro, Capella e Agostinho. Mesmo nos conventos femininos, as monjas estudiosas combinavam os deveres monásticos com um regime de estudos formais” (GILES, 1987. p. 69).

Nos escritos de Hildegarda, sobretudo no *Scivias*, as influências mais determinantes são as da Bíblia e dos comentários dela, da liturgia da Igreja, da Regra Beneditina e das obras dos padres da Igreja (amplamente lidos e conhecidos no século XII) como Agostinho, Jerônimo, Gregório Magno e Beda, o Venerável. Em todos eles, evidencia-se a herança monástica de Hildegarda, que estava familiarizada tanto com as obras morais, quanto com as exegéticas, em particular com os ensinamentos sobre a virgindade. Certamente que o conhecimento da monja incluía uma grande literatura apocalíptica.

Há uma contradição visível em *Scivias*: a voz a considera “(...) tímida no falar, simples na exposição e iletrada no escrever” (HILDEGARDA, *Scivias*, p. 95). Mas a obra por si só desmente que a autora fosse tão indouta, o que ela afirma; e reiteramos, não nos é possível apontar, com certeza, suas fontes de estudos.

³⁵ Como sabemos, estas se dividiam em *Trivium* (Gramática, Lógica e Dialética, Retórica), e no *Quadrivium* (Aritmética, Geometria, Música e Astronomia).

A dificuldade de se rastrear a leitura hildegardiana ocorre por dois motivos: primeiro, porque não há um catálogo das obras que poderiam estar disponíveis, tanto no mosteiro de Rupertsberg quanto no de Disibodenberg. Em relação a este pormenor, ainda acrescentamos o fato de que, como Hildegarda era muito bem relacionada com pessoas influentes, ela poderia ter tido acesso a bibliotecas particulares, consultando obras que não houvesse nos mosteiros citados. Além disso, há ainda a rica tradição oral, tão importante no mundo de então, mesmo dentro dos muros de um mosteiro letrado. A tradição oral pode ser percebida em *Causa et Curae*, onde ela oferece tratamentos visando à cura das mais variadas doenças. E Newman afirma que “(...) alguns dos conhecimentos arcanos de Hildegarda sobre Adão e Eva, por exemplo, parecem provir da tradição judaica e podem ter sido adquiridos de primeira mão” (NEWMAN, 2015. p. 82).

É possível que ela tenha adquirido seu conhecimento dos padres da Igreja através de “(...) florilégios e de antigas adaptações medievais, bem como de textos originais. Entre os autores tardo-antigos e carolíngios, certamente deveria ter conhecido Isidoro de Sevilha, Rábano Mauro, Pascásio Radbert e o hinista Notker de São Galo”. É possível que a tradição neoplatônica, que matiza fortemente sua cosmologia – “(...) respondendo por afinidades com autores mais ‘vanguardistas’ como Bernardo Silvestre e Alan de Lille – tenha chegado até ela através de João Escoto Erígena”. Por outro lado, ela pode ter conhecido esse autor “(...) somente de maneira indireta, através de seu divulgador do século XII, Honório Agustinense” (NEWMAN, 2015. p. 82-83).

De acordo com Newman, Hildegarda, entre seus contemporâneos, aproxima-se mais de Honório – um autor que supostamente passou a última parte de sua vida em Ruggensburg – e de Rupert de Deutz, também conhecido como Ruperto de Saint-Laurent de Liege, um beneditino que escreveu numerosas obras de teologia e de exegese; e, certamente, ela estava familiarizada com determinados escritos de Bernardo de Claraval. Auerbach afirma que “(...) a tradição antiga não deixou jamais de exercer influência na Europa; foi muito vigorosa durante a Idade Média, embora frequentemente inconsciente”. Foi com o material legado pela civilização antiga que a Idade Média “(...) construiu e desenvolveu suas instituições religiosas, políticas e jurídicas, sua filosofia, sua arte e sua literatura”. A Idade Média adaptou-a às suas necessidades e fundiu-a em sua própria vida: “(...) os filósofos e teólogos do século XII tinham um conhecimento bastante amplo da Antiguidade” (AUERBACH, 1972. p. 107).

No geral, a obra de Hildegarda apresenta uma síntese de exegese, teologia, filosofia e espiritualidade beneditina clássica. No entanto, mesmo sendo conservadora, “(...) nada que ela jamais tenha escrito pode ser confundido com a obra de outro autor”. Todos os seus textos “(...) são modelados por seus dons proféticos e visionários, originais e, ao mesmo tempo, coloridos, penetrados por sua autoconsciência feminina” (NEWMAN, 2015. p. 84). Como já dissemos, Dronke corrobora essa opinião, pois afirma que “(...) Hildegarda se baseia concretamente em sua ideia de que, em tudo o que escreveu, ela foi um simples instrumento de Deus” (DRONKE, 1994. p. 223). Consciente de seu trabalho e missão, no final de seu *Liber Meritorum* ela afirma sobre sua vocação profética: “(...) tudo isso é verdadeiro, e Ele, que é verdadeiro, quis se manifestar assim em verdade”. Ao mesmo tempo, lança uma maldição sobre quem quer que tente desconstruir seu trabalho: “Se alguém, com coração soberbo e por conhecimento das Escrituras, ou simplesmente por um espírito presunçoso, tratar de modificar seu sentido, é digno de submeter-se às penas que aqui foram descritas”. Mais ainda, se alguém, com a intenção de se opor a ela, eliminar “(...) algo em particular, é digno de ser privado dos gozos que foram mostrados” (HILDEGARDA, *LVM*, p. 254).

Quando o assunto se refere ao universo feminino, nossa dúvida é a mesma da historiadora Caroline Bynum: “(...) se as mulheres medievais falaram com suas próprias vozes e a partir de sua própria experiência, ou se sua obra é tão somente o registro dos valores misóginos e patriarcais da tradição religiosa dominante” (BYNUM, 2015. p. 13).

Em relação a Hildegarda, acreditamos que ela fala com sua própria voz, ainda que, para isso, tenha que usar de alguns subterfúgios, como o de dizer que seu relato é o que a “*Luz Vivente*” lhe transmite. Contudo, mesmo ao usar a “*Voz Divina*” como interlocutora, Hildegarda tem – e mostra – um vasto conhecimento de exegese bíblica, filosofia e teologia. Ela começou a escrever sobre suas visões relativamente tarde, o que permite pressupor, portanto, ter tido tempo para construir uma boa base de leituras e saberes.

Há, como já dissemos, vários matizes da obra hildegardiana que poderíamos enfocar. Mas o objetivo deste trabalho é analisar como Hildegarda se posiciona na defesa do feminino, tendo como base as visões que ela tem de Eva; em *Scivias*; *Livro das Obras Divinas*, *Livro dos Méritos da Vida*; e em *Causas e Curas*. Suas visões mostram, principalmente, questões de ordem teológica, fisiológicas, morais e sociais. Não tratam apenas de um mundo idealizado no Além, com metáforas traduzindo jardins

paradisíacos, ou algo parecido: elas se aproximam do mundo real em que Hildegarda vivia.

Em várias de suas visões, ela se reporta ao primeiro casal e, quase sempre, sai em defesa de Eva, traçando uma imagem da personagem que mais se aproxima da visão judaica do que da visão proposta por outros comentadores do período medieval. Para tornar o texto mais didático, escolhemos, antes de adentrarmos na defesa que Hildegarda faz dela, apresentar a visão de Eva em três etapas. Primeiro, O Éden do relato bíblico, com a árvore do conhecimento do bem e do mal, a árvore da vida, Adão, Eva e a serpente; segundo, como o pecado da desobediência transformou-se em pecado original e as implicações decorrentes desse fato; terceiro, a acusação que passa a recair sobre Eva. Pensamos que essa forma tornará mais clara a concepção hildegardiana dos primeiros pais e dos fatos que os levaram à expulsão do Paraíso.

CAPÍTULO 2

NO PRINCÍPIO: UMA NARRATIVA DO GÊNESIS 2-3.

Os capítulos 2 e 3 do primeiro livro da Bíblia – o *Gênesis* – que conta a criação do mundo e a história de Adão e Eva, já foi esmiuçado de incontáveis formas, a fim de atender aos mais variados interesses. Faremos, também nós, uma leitura, uma vez que o episódio envolvendo o primeiro casal e as consequências advindas do ato de rebeldia cometido por eles têm influência direta na forma como foi visto o papel da mulher na Idade Média; e, conseqüentemente, na forma como se apresenta o episódio do Jardim do Éden³⁶ nas visões de Hildegarda de Bingen, incluindo sua concepção do matrimônio e da virgindade.

Concordamos com Vaz na sua opinião de que, para entender uma obra literária, primeiro devemos pelo menos tentar trazer a nossa “(...) própria visão da realidade para o mais perto de um alinhamento possível com a visão prevalecente no tempo de composição da obra” (VAZ, 1996. p. 31), ou seja, “(...) compreender um texto é sempre um trabalho de comparação, tanto com a nossa própria experiência e com outros textos (*sic*), dentro da mesma tradição literária ou além dela” (VAZ, 1996. p. 13). O cuidado estará em não cometermos anacronismos nem tampouco sermos ingênuos em relação a determinados enfoques.

Nossa intenção é situar a obra de Hildegarda de Bingen no contexto em que ela estava inserida, sobretudo no que diz respeito ao âmbito religioso e aristocrático; analisar-lhe a atitude perante as inúmeras situações vividas por ela, que podem ser vistas, em alguns casos, como inovadoras, em outros, conservadoras; e, ainda, contraditórias quando seu discurso destoa da sua prática, como, por exemplo, quando

³⁶ Nos capítulos de I a IV, o lugar em que ocorre a queda será referido tanto como Paraíso quanto como Jardim do Éden.

ela não incentiva mulheres a pregarem em público, sendo ela mesma uma predadora pública³⁷.

Consideremos o relato de *Gênesis* 2, 4b- 3,24, que é o ponto de partida das visões de Hildegarda sobre Adão e Eva. Nesta narrativa, primeiro Deus cria o homem:

- 4 Tal foi a origem do Céu e da Terra, quando foram criados, no dia em que o Senhor Deus fez o Céu e a Terra,
- 5 E toda a planta do campo antes que nascesse na terra, e toda a erva da campina antes que germinasse; porque o Senhor Deus não tinha (ainda) feito chover sobre a terra, nem havia homem que a cultivasse.
- 6 Mas da terra saía uma fonte, que regava toda a superfície da terra.
- 7 O Senhor Deus formou, pois o homem do barro da terra, e inspirou no seu rosto um sopro de vida, e o homem tornou-se alguma (pessoa) vivente.
- 8 Ora, o Senhor Deus tinha plantado, desde o princípio, um paraíso de delícias, no qual pôs o homem que tinha formado.
- 9 E o Senhor Deus tinha produzido da terra toda a casta de árvores formosa à vista, e de frutos doces para comer; e a árvore da vida no meio do Paraíso, e a árvore da ciência do bem e do mal³⁸.
- 10 Deste lugar de delícias saía um rio para regar o Paraíso, o qual dali se divide em quatro braços.
- 11 O nome do primeiro é Fison, e é aquele que torneia todo o país de Evilat, onde se encontra o ouro deste país é ótimo; ali (também) se acha o bdélio e a pedra ônix.
- 12 E o ouro deste país é ótimo; ali (também) se acha o bdélio e a pedra ônix.
- 13 O nome do segundo rio é o Geon; este é aquele que torneia toda a terra da Etiópia.
- 14 O nome, porém do terceiro rio é o Tigre, que corre para a banda dos Assírios. E o quarto rio é o Eufrates.
- 15 Tomou, pois, o Senhor Deus o homem, e colocou-o no Paraíso de delícias para que cultivasse e guardasse.
- 16 E deu-lhe este preceito, dizendo: Come de todas as árvores do Paraíso,
- 17 mas não comas do fruto da árvore da ciência do bem e do mal; porque, em qualquer dia que comeres dele, morrerás indubitavelmente.

E logo após, Ele cria a mulher:

³⁷ HILDEGARDA, *Scivias*. 2, 6, 76.

³⁸ A *árvore da vida*, porque os seus frutos, por livre vontade de Deus, tinham a virtude de conservar a vida do homem, até ser ele chamado ao Céu. *Árvore da ciência...* Porque, tendo Deus proibido comer dos seus frutos, ela devia mostrar ao homem desobediente a diferença entre a felicidade prometida á obediência e o castigo imposto à desobediência (Nota de rodapé – Bíblia Sagrada, p. 20).

18 Disse mais o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só; façamos-lhe um adjutório semelhante a ele.

19 Tendo, pois, o Senhor Deus formado da terra todos os animais terrestres, e todas as aves do Céu, levou-os diante de Adão, para este ver como os havia de chamar; e todo o nome que Adão pôs aos animais vivos, esse é o seu verdadeiro nome.

20 E Adão pôs os nomes convenientes a todos os animais (domésticos), a todas as aves do céu, e a todos os animais selváticos; mas não se achava para Adão um adjutório semelhante a ele.

21 Mandou, pois, o Senhor Deus um profundo sono a Adão; e, enquanto ele estava dormindo, tirou uma das suas costelas e pôs carne no lugar dela.

22 E da costela, que tinha tirado de Adão, formou o Senhor Deus uma mulher; e a levou a Adão.

23 E Adão disse: eis aqui agora o osso de meus ossos e carne da minha carne, ela se chamará virago, porque do varão foi tomada.

24 Por isso deixará o homem seu pai e sua mãe, e se unirá a sua mulher; e serão dois em uma só carne.

25 Ora um e outro, isto é, Adão e sua mulher, estavam nus; e não se envergonhavam (porque ainda eram inocentes).

Coube à serpente o protagonismo, por provocar, na mulher, o desejo de provar do fruto da árvore do conhecimento:

1 Mas a serpente era o mais astuto de todos os animais da terra que o Senhor Deus tinha feito. E ela disse à mulher: porque vos mandou Deus que não comêsseis de toda árvore do Paraíso?

2 Respondeu-lhe a mulher: nós comemos do fruto das árvores, que estão no Paraíso.

3 Mas do fruto da árvore, que está no meio do Paraíso, Deus nos mandou que não comêssemos, e nem a tocássemos, não suceda que morramos.

4 Porém a serpente disse à mulher: Vós de nenhum modo morrereis.

5 Mas Deus sabe que, em qualquer dia que comerdes dele, se abrirão os vossos olhos, e sereis como deuses, conhecendo o bem e o mal.

6 Viu, pois, a mulher que (o fruto) da árvore era bom para comer, e formoso aos olhos, e de aspecto agradável; e tirou do fruto dela, e comeu; e deu a seu marido, que também comeu.

7 E os olhos de ambos se abriram; e tendo conhecido que estavam nus, coseram folhas de figueira, e fizeram para si cinturas.

8 E, tendo ouvido a voz do Senhor Deus, que passeava pelo Paraíso, à hora da brisa, depois do meio-dia, Adão e sua mulher escondeu-se da face do Senhor Deus no meio das árvores do Paraíso.

9 E o Senhor Deus chamou por Adão, e disse-lhe: Onde estás?

10 E ele respondeu: Ouvi a tua voz no Paraíso, e tive medo, porque estava nu, e escondi-me.

- 11 Disse-lhe Deus: mas quem te fez conhecer que estavas nu, senão o ter comido da árvore, de que eu te tinha ordenado que não comesses?
- 12 Adão disse: a mulher, que me deste por companheira, deu-me (do fruto) da árvore, e comi.
- 13 E o Senhor Deus disse para a mulher: porque fizeste isso? Ela respondeu: A serpente enganou-me e comi.
- 14 E Senhor Deus disse à serpente: Pois que fizeste isto, és maldita entre todos os animais e bestas da Terra; andarás de rastros sobre o teu peito, e comerás terra todos os dias da tua vida.
- 15 Porei inimizades entre ti e a mulher, e entre a tua posteridade e a posteridade dela. Ela te pisará a cabeça e tu armarás traições ao seu calcanhar.
- 16 Disse também à mulher: Multiplicarei os teus trabalhos, e (especialmente os de) teus partos. Darás a luz com dor os filhos, e estarás sob o poder do marido e ele te dominará.
- 17 E disse a Adão: Porque deste ouvido à voz da tua mulher, e comeste da árvore, de que eu te tinha ordenado que não comesses, a Terra será maldita por tua causa; tirarás dela o sustento com trabalhos penosos todos os dias da tua vida.
- 18 Ela te produzirá espinhos e abrolhos, e tu comerás a erva da terra.
- 19 Comerás o pão com o suor do teu rosto, até que voltes à terra, de que fostes tomado; porque tu és pó e em pó te hás de tornar.
- 20 E Adão pôs a sua mulher o nome de Eva, porque ela era a mãe de todos os viventes.
- 21 Fez também o Senhor Deus a Adão e a sua mulher umas túnicas de pele, e os vestiu.
- 22 E disse: Eis que Adão se tornou como um de nós, conhecendo o bem e o mal; agora, pois, (expulsemo-lo do Paraíso), para que não suceda que ele estenda a sua mão, e tome também da árvore da vida, e coma, e viva eternamente.
- 23 E o Senhor Deus lançou-o fora do Paraíso de delícias, para que cultivasse a terra, de que tinha sido tomado.
- 24 E expulsou Adão, e pôs diante do Paraíso de delicias Querubins brandindo uma espada de fogo, para guardar o caminho da árvore da vida.

A Criação do homem e da mulher

Logo no início do relato da criação (Gen. 2, 5), lê-se que não havia nenhum arbusto sobre a terra e nenhuma erva do campo havia crescido. O autor apresenta dois motivos para isso: primeiro porque Deus não havia feito chover sobre a terra e, segundo, que não havia homem para cultivar o solo. Dessa forma, é criada uma

profunda conexão entre o ser humano e a terra. Os camponeses trabalham e cultivam o solo, não somente para si, mas para todos os demais habitantes das aldeias e para outros animais. Sem este trabalho primordial, a vida inexistiria, pois todo ser vivo é dependente da produção de alimentos.

Mais que isso, Deus se apresenta como o oleiro que, do pó da terra, modelou o primeiro homem (Gen. 2, 7). E tornou-o vivo, soprando nele. A ligação entre o homem e a terra é explícita: “(...) *porque tu és pó e em pó te hás de tornar*” (Gen. 3, 19). Declara-se assim a finitude da vida terrena. Ela tem um início, um meio e um fim, em um claro lembrete ao ser humano de que ele não é Deus. Fazer com que o antepassado mítico ou o homem primordial fosse ligado a uma divindade “(...) era um ato de fé e um fato antropológico-teológico”, uma vez que legitimava de uma forma divina a “existência do homem atual”, pois “(...) dava-lhe um suporte divino e definia, da maneira mais sublime, a sua presença no mundo, que ficava dotada de equilíbrio e segurança mediante o mito de origem” (VAZ, 1996. p. 88).

No relato da criação humana, Deus retira uma costela de Adão e dela cria a mulher. O homem e a mulher estão intimamente ligados, porque têm a mesma natureza. Adão diz sobre a mulher: “*Eis aqui agora o osso de meus ossos e a carne da minha carne, ela se chamará virago, porque do varão foi tomada*” (Gen. 2, 23).

Através do fragmento deste relato podemos perceber que a terra é concebida não só como uma realidade viva, mas também como o princípio da vida, por ser fértil e fecunda e, mais ainda, por produzir formas vivas, incluindo aí o próprio homem, a partir de sua própria substância; “Por isso, falavam dela como “Terra-mãe”, substituída sucessivamente pela concepção mais evoluída da deusa-mãe” (VAZ, 1996. p. 97).

Logo depois que criou o homem, Deus percebeu que ele estava só, e que tal fato não era bom (Gen. 2, 18). Assim, Ele formou da terra todos os animais terrestres, bem como as aves do céu e deu a Adão a incumbência de nomeá-los. Percebe-se aí a primeira participação do homem no ato criacionista: Deus cria, o homem nomeia (Gen. 2, 19-20). O fato de nomear os animais faz com que esse homem tome consciência de si próprio e da diferença existente entre eles, mas essa diferença tanto serve para distingui-los como para estabelecer uma relação entre eles.

Faltava ao homem um complemento adequado. Os animais criados não o poderiam ser, pois eram de espécies diferentes. Para criar a companheira ideal para Adão, Deus lhe envia um sono profundo, tira-lhe uma das costelas e dela forma a mulher (Gen. 2, 21-22).

Para complementar o homem era preciso um ser que estivesse à sua altura, além de ser adequado ao que lhe faltava para ser ou vir a ser. O contraste entre a mulher – complemento adequado ao homem – e os animais se evidencia. Ela e Adão são iguais em espécie, e isso é essencial, porque o “(...) ser humano só é verdadeiramente tal em comunidade com o seu semelhante; só a mulher, e não outros seres vivos (Gen. 2, 20) consegue completar o homem” (VAZ, 1996. p. 102).

Antes da criação da mulher, o homem não estava só, mas estava incompleto; e ela veio para suprir esta incompletude.

A mulher é imprescindível no processo, porque ela:

Não é meramente “uma ajuda adequada”, como costuma entender a sua tradução quase universalmente com leves matizes, nem um ‘segundo pensamento’ (inferior) na ordem da criação duma hierarquia sexual, como manteve a patrística e a teologia cristã, nem propriamente uma “aliada” ou uma “companheira” com a tarefa subordinada, dependente e subserviente, de ajudar o homem (superior) na procriação ou no trabalho (como os animais), mas antes – algo disso e muito mais do que tudo isso – o complemento total a todo nível e o acabamento necessários do homem a par dele ou do paralelo a ele e da mesma natureza que ele (VAZ, 1996. p. 109).

Deus criou a mulher a partir de um osso de Adão (Gen. 2, 21). Ela é o complemento do homem, e só a ela, e a nenhum outro animal, é dado, pois, este estatuto.

Hesíodo relata que Afrodite, deusa do amor e da fertilidade, teria nascido da espuma do mar onde se espalhou o esperma vindo do pênis amputado de Urano, e jogado às águas; Atena, deusa da sabedoria, nasce da frente de Zeus. De forma similar, Deus criou Eva partindo do osso retirado do lado do homem. Assim, deixava implícito que ela seria a parceira do homem, sua parte lateral, criando no sentido de inerência e pertencimento do homem à mulher e da mulher ao homem.

A Queda dos primeiros pais

Deus criou um jardim, que abrigou o primeiro casal.

Um jardim é um local aprazível, com fontes abundantes de água, lugar propício para o cultivo de todos os alimentos de que o homem necessita. “Jardim” evoca também um local de beleza ou de ostentação, com flores e plantas, na maioria das vezes aromáticas e de múltiplas cores; remete a um lugar agradável para conversas e encontros, e é como uma metáfora poética de um lugar edênico. Ocasionalmente, ele pode conter árvores frutíferas e hortaliças (mas estes elementos ficam mais reservados para o horto e o pomar).

No jardim criado por Deus, além das fontes há um infindável número de árvores, das quais duas se destacam: “(...) a árvore da vida no meio do Paraíso, e a árvore da ciência do bem e do mal” (Gen. 2, 9)³⁹. Estas árvores ficam no centro do jardim⁴⁰, em um lugar de destaque, já deixando antever a importância que ambas terão no desenrolar da ação que acontecerá entre elas.

É dessa natureza criada por Deus que o homem tira o sustento para a sua vida.

Visto sob esse prisma, trabalhar a terra não seria um castigo infligido por Deus, mas, sim, parte do seu plano, que inclui o ser humano como partícipe do processo contínuo de manutenção e criação da natureza e de tudo que a envolve. É o que podemos depreender da leitura do que nos diz o salmista: “(...) *porque comerás do trabalho das tuas mãos, bem aventurado serás, e te irá bem. Tua esposa será como uma vide fecunda, no interior da tua casa; teus filhos como pimpolhos de oliveiras, ao redor da tua mesa*” (Sl. 128, 2-3).

No centro do jardim havia, pois, duas árvores⁴¹ que se distinguiam das demais: “E o Senhor Deus tinha produzido da terra toda a casta de árvores formosas à vista, e de

³⁹ Há várias referências a essa árvore em outras passagens bíblicas: Gen. 3, 22; Gen. 3, 24; Prov. 3, 18; Prov. 11, 30; Ez. 31, 8; Ez. 31, 9; Ez. 47, 12; Ap. 2, 7; Ap. 22, 14; Ap. 22, 2.

⁴⁰ Para Eliade, o centro tem um significado mais profundo. Para este autor, “(...) a variante mais difundida do simbolismo do centro é a árvore cósmica que se encontra no meio do universo e que sustenta, como um eixo, os três mundos” (ELIADE, 1991. p. 43).

⁴¹ “Pela sua capacidade intrínseca de velar e revelar a força da natureza no ciclo anual da vida, ao regenerar-se periódica e persistentemente todas as primaveras e produzir abundância de frutos maduros no verão depois de repousar e ‘morrer’ cada outono e inverno, e também por ser importante fonte de nutrição do homem ou de variegadas substâncias medicinais curativas a árvore era espontaneamente associada com uma força biológica interior e invisível, que revivifica, faz crescer ou ressurgir de novo. Logo, prestava-se a cobrir um grande leque de aspirações profundas dentro do eixo semântico da vida humana e a tornar-se assim imagem linguística ou símbolo da vida renovável em todas as suas modalidades” (VAZ, 1996. p. 360).

frutos doces para comer; e a árvore da vida no meio do Paraíso, e a árvore da ciência do bem e do mal” (Gen. 2, 7). Simbolicamente a árvore representa a evolução do ser, em ascensão vertical, subindo em direção ao céu. Ela une os elementos vitais que sustentam a vida: terra, água, fogo e ar. Como são duas as árvores que se destacam das demais, primeiramente falaremos da árvore do conhecimento, depois trataremos da árvore da vida.

A árvore do conhecimento tem características comuns a toda espécie de árvores; é bonita, e produz frutos saborosos. Mas, por outro lado, tem um traço que a distingue das demais: tem o poder de tornar sábio e instruído quem comer de seus frutos. Esta foi à única proibição dada por Deus para o casal: que não comessem o fruto dessa árvore. Comê-lo significaria desrespeitar os limites impostos, e podia significar a morte (mas, antes dela, a destruição e o sofrimento poderiam causar enormes estragos).

É necessário saber discernir o que é bom e o que é mau antes de tomar uma decisão.

Esse conhecimento prévio – auxiliaria tanto no progresso cultural do homem quanto poderia mostrar-lhe o que seria prejudicial a ele. Este mito de origem reflete a ordenação e o aperfeiçoamento da vida, trazendo consigo uma visão otimista da existência, e fazendo perceber a civilização humana como um bem que está em busca de aperfeiçoamento constante. Para Vaz, *Gênesis* 2, 4b-3, 24 traz “(...) relatos fantásticos de fenômenos existenciais e acontecimentos históricos, apresentados como primordiais e reconhecidamente significativos e fundadores de sentido para a vida humana” (VAZ. 1996. p. 442). De toda forma,

Um mito relata acontecimentos que têm lugar *in princípio*, isto é “nos princípios”, num instante primordial e intemporal, num lapso de *tempo sagrado*. Este tempo mítico ou sagrado é qualitativamente diferente do tempo profano, da duração contínua e irreversível na qual se insere a nossa existência cotidiana e dessacralizada (ELIADE, 1991. p. 56).

Vaz afirma que mitos de criação e mitos de origem apresentam semelhanças, “(...), pois alguns ‘mitos de origem’ misturam autênticas criações por parte da divindade com a descrição da procedência e origem de realidades várias que não aconteceram necessariamente por criação”. Eles têm função análoga e o mesmo caráter existencial:

“(…) explicar etiologicamente a existência de realidades atuais”. Mas – e isto é muito importante – os mitos de origem têm alcance muito mais amplo. Eles tratam tanto da origem da agricultura e da civilização como dos costumes relativos ao modo de ser, de vestir, de viver, de se alimentar; tratam das relações familiares e das sociais, dos fatos da vida em geral, do nascer e do morrer, “(…) incluindo outros dados para além da pura criação ou dilatando o processo de criação propriamente dita” (VAZ, 1991. p. 449).

Um dos elementos que compõem o jardim, e é de grande importância, é a árvore da vida, uma árvore que tem o poder de proporcionar a vida eterna. Ela vêm ao encontro dos anseios humanos diante do envelhecimento e da morte⁴², sendo ambos desfechos naturais da vida terrestre. A partir do momento em que os humanos passam a conhecer o bem e o mal (porque comeram o fruto da árvore do conhecimento) houve uma proibição explícita de que eles não tocassem também na árvore da vida. Então declarou Deus: *“Eis que agora o ser humano tornou-se como um de nós, conhecendo o bem e o mal. Não devemos permitir que ele também estenda a sua mão e tome do fruto da árvore da vida e, comendo-o, possa viver para sempre!”* (Gen. 3, 22). E, a fim de que o homem não tivesse acesso à árvore da vida, foram colocados querubins na entrada do Éden (Gen. 3, 24).

Esta árvore teria vindo para sanar todas as dificuldades pelos quais os humanos poderiam passar, já que ela daria frutos o ano todo e os frutos, não perecíveis, seriam alimentos; e suas folhas, sempre viçosas, seriam remédios. Vaz define a árvore da vida como “(…) uma árvore especial que se impunha à consciência religiosa pelo ‘poder’ espiritual e pela realidade extramundana que representava, pelas forças sagradas de que se via carregada, pelo fato de germinar, crescer, produzir frutos vitalizantes e se regenerar”. Sua utilidade e o que ela revelava, implicava e significava, faziam com que ela fosse venerada: “(…) sempre uma realidade diferente dela própria e que a transcendia. Mais do que objeto de culto, era um símbolo dotado de poder benéfico pela sua subordinação a um protótipo divino” (VAZ, 1996. p. 360-361).

Provavelmente o nome ‘*árvore da vida*’ tem a ver também com as propriedades curativas que ela apresenta. Em um período de poucos recursos, o máximo que se pode extrair de uma planta pode significar a salvação do indivíduo.

Algumas pessoas atribuem propriedades mágicas a determinadas espécies de árvores; não esmiuçaremos aqui essa temática, embora a consideremos relevante. Mas,

⁴² Para Eliade, “(…) a morte não é mais que o resultado de nossa indiferença perante a imortalidade” (ELIADE, 1991. p. 55).

de fato, de muitos arbustos se retiram folhas, frutas, cascas, sementes, raízes e destas partes extraem-se remédios com as mais diversas finalidades: facilitação do parto, cura de males físicos, mentais e espirituais. Algumas árvores eram tidas como verdadeiras panaceias, usadas para resolver múltiplos problemas⁴³.

A árvore da vida está presente em diferentes mitologias. Na Bíblia lê-se, como já dissemos, que quem comesse dos frutos dela adquiriria a imortalidade. Se, depois de conhecer o bem e o mal, Adão permanecesse no Paraíso, poderia apossar-se também da árvore da vida, tornando-se imortal. Por isso, Deus o expulsou, e a vida terrena passou a ser efêmera.

Esta passagem faz ver na morte não um mal, tampouco um castigo, mas, sim, um acontecimento normal na ordem das coisas criadas: ela se torna para o homem um lembrete constante de sua limitação temporal, e de que as fadigas, a doença, as fatalidades são o preço a ser pago pela transgressão.

Deus, o criador e o ordenador de tudo o que existe, determinou o destino da humanidade. A aceitação da realidade da morte é necessária ao ser humano, pois faz parte da constituição da vida.

Por outro lado, a árvore da vida simbolizaria a aspiração dos humanos pela vida eterna. Mas, esta prerrogativa, reservada exclusivamente aos deuses, é vedada ao ser humano. Caso essa barreira fosse rompida, haveria um desequilíbrio cósmico. O que se quer dizer é que os humanos podem, através dos meios adquiridos, “(...) chegar a conhecer tudo o que quiserem, mas não poderão viver todo o tempo que quiserem e cancelar da natureza humana a barreira da morte: só é permitido realizar o primeiro sonho, devendo ser impedido por Deus realizar o segundo” (VAZ, 1996. p. 411). Através dessa passagem é possível distinguirmos uma diferenciação entre o aquém (espaço primordialmente reservado aos humanos) e o além (espaço reservado aos deuses). Como consequência, Adão e Eva foram expulsos do Paraíso.

⁴³ O uso de plantas para a cura de diversos males é recorrente na literatura, mas sobretudo na literatura medieval. A fim de exemplificar citaremos aqui a passagem em que o herói Gauvain, personagem da obra *Perceval* se propõem a curar um cavaleiro que se encontra ferido, quase morto, na estrada. Para isso, ele utiliza-se de seus conhecimentos herbários neste caso, de uma erva ou planta da vida cujo poder curativo é conhecido pela capacidade de regenerar outros seres, bastando que para isso se afixe nele um pedaço da erva. O que está doente se regenerará e recuperará as forças vitais que o sustentam. “Trago uma erva e suponho que o aliviará muito; assim que a toque lhe tirará parte da dor das chagas. Dizem os livros que não existe melhor erva para pôr sobre as feridas. Afirmam que tem tão grande virtude, que se alguém a adere à casca de uma árvore doente, com a condição de que não esteja seca de tudo, as raízes se recuperarão e a árvore sanará de tal sorte que dará folhas e flores. Seu amigo não estará em perigo de morte, donzela, assim que lhe tenhamos enfaixado bem as feridas com esta erva” (CHRÉTIEN DE TROYES, *Perceval*. 1997 VS. 6787-6884 apud PINHEIRO, 2012. p. 89).

Outro elemento importantíssimo no episódio ocorrido no Jardim do Éden é o aparecimento da serpente⁴⁴, o mais astuto de todos os animais que Deus havia feito. O texto a descreve como um ser dotado de sagaz habilidade argumentativa, e de uma fina sutileza nas sugestões. Isso pode ser verificado pelo papel ambíguo que ela desempenha na trama.

É a serpente que alerta a mulher sobre ser do conhecimento de Deus que, no dia em que Adão e Eva comerem do fruto da árvore do conhecimento, os olhos deles se abrirão e “(...) sereis como deuses, conhecendo o bem e o mal” (Gen. 3,5). E de fato, depois que comeram do fruto, “(...) os olhos de ambos se abriram” (Gen. 3,7).

Abriram-se os olhos de ambos, diz-se, não para verem, pois já antes viam, mas para discernirem entre o bem que tinham perdido e o mal em que tinham caído. Por isso é que a própria árvore destinada a comunicar-lhes esse discernimento, se, apesar da proibição, comessem do seu fruto, tomou daí o seu nome: chamou-se a árvore da ciência do bem e do mal. Realmente, a dolorosa experiência da doença torna mais sensível o encanto da saúde (AGOSTINHO, *Cidade de Deus*, Livro 14, 17).

Assim, ao abrir os olhos, o casal altera sua condição de incivilizados para civilizados e passa a ter condições de compreender seu mundo e de interferir nele na tentativa de ter melhoria e conforto. Isso fica explicitado na tentativa de se cobrirem: “(...) tendo conhecido que estavam nus, coseram folhas de figueira, e fizeram para si cinturas” (Gen. 3, 7). Em contrapartida, ao se cobrir, o casal demonstra o embaraço e a vergonha pela própria nudez. “O nu é também uma das principais manifestações de risco moral, que são a falta de pudor e o erotismo. A roupa, ao contrário, é não somente adorno, mas também proteção e armadura” (LE GOFF; TRUONG. 2006. p. 141). Assim, quando Deus providencia para Adão e Eva uma roupa de pele para usarem no lugar das folhas de figueira, não lhes dava apenas um adorno a fim de enfeitar seus corpos, mas, principalmente, proteção.

⁴⁴ Em numerosos textos e mitologia do antigo Próximo Oriente a serpente é associada positivamente ao conhecimento e aparece até como símbolo da sabedoria, especialmente no Egito, mas também na Mesopotâmia. A sua frequente associação à ciência oculta, à magia e à adivinhação atesta a sua reputação de animal “sábio”, “instruído”, “dotado de ciência sobrenatural e divina” (VAZ, 1996. p. 216).

A partir do ato de desobediência cometido por sugestão da serpente, os humanos, por um lado, passam a ter condições de desenvolver um progresso sapiencial, mas, por outro, tomam consciência da finitude da vida, ao se depararem com a questão da morte. Ou seja, com a serpente se inaugura uma era de progresso e de morte.

A serpente conduz seu discurso com muito jeito, jogando com a duplicidade das palavras, dando a entender alguma coisa sem dizê-la claramente, atizando a mulher a transgredir, a desobedecer à ordem que lhe havia sido dada; mas, em nenhum momento diz à mulher que coma do fruto da árvore do conhecimento: apenas sugere, e insinua os ganhos que os humanos teriam se provassem tal fruto.

Não vamos aqui nos deter na questão da culpa que recai sobre a serpente, se ela seria a responsável pelo pecado cometido por Adão e Eva. A serpente falou baseada em suas próprias observações naturais, mesmo porque ela era o mais astuto de todos os animais. Ela era, assim como todos os animais do campo, criada por Deus (Gen. 3, 1) e, portanto, como ser criado por Ele, não era sua inimiga.

É a serpente que inicia o casal na busca do conhecimento, ao sugerir que comessem do fruto proibido, provocando neles uma aspiração do que lhes era vedado pelo interdito divino. Ela mistura o verdadeiro (conhecereis o bem e o mal) com o falso (não morrereis), apresentando os fatos em partes, usando seu poder de persuasão para com a mulher, a fim de enredá-la em seus propósitos, ou seja, levá-la a provar do fruto que lhes era proibido.

Ela assume uma atitude desafiadora e opositora perante Deus, o que se revela na pergunta que dirige à mulher: “(...) *porque vos mandou Deus que não comêsseis de toda árvore do Paraíso?*” (Gen. 3, 1). O ato de comer o fruto da árvore proibida pode trazer o benefício do conhecimento, mas é um ato transgressor. Assim, ao mesmo tempo em que traz proveito para o casal, o ato também lhe traz transtornos pelas punições que eles sofrerão.

Este acordo para que não se comessem os frutos da árvore do conhecimento é anterior à existência da mulher, e tinha sido feito entre Deus e Adão. A mulher corrige a serpente “(...) nós comemos do fruto das árvores, que estão no Paraíso” (Gen. 3, 2). No entanto, a mulher oferece elementos para que a serpente saiba qual é a árvore cujos frutos eles não poderiam ingerir, quando informa: “*Mas do fruto da árvore, que está no meio do Paraíso, Deus nos mandou que não comêssemos, e nem a tocássemos, não suceda que morramos*” (Gen. 3, 3).

Nota-se que a mulher não explicita qual a era árvore proibida, se a da vida ou a do conhecimento. Contudo, ela antecipa as consequências que teriam que arcar com o ato de desobediência, já que haviam sido alertados para que não comessem dela ou não a tocassem, “*para que não morrais*” (Gn. 3, 3).

Como se estivesse esperando por esta resposta, a serpente prontamente responde: “*Com toda a certeza não morreréis*”. E, em seguida, continua no seu trabalho de persuasão. Dando a entender que estava revelando um grande segredo, ela conta à mulher as intenções ocultas de Deus para que eles não tivessem acesso àquela árvore: “*Mas Deus sabe que, em qualquer dia que comerdes dele, se abrirão os vossos olhos, e sereis como deuses, conhecendo o bem e o mal*” (Gen. 3, 5). Ela sugere que Deus é egoísta ao querer impedir que o ser humano – criado a sua imagem e semelhança – se torne como Ele.

De acordo com Vaz, “(...) esta contraposição narrativa da figura mítica da serpente a Jahvé-Elohim não significa que ela ‘originalmente tenha podido ser um demônio’”. No entanto, a “exegese pode ter sido induzida a entendê-la como “Satan” ou uma divindade pagã também pela sua sabedoria preternatural”. Ainda, de acordo com esse autor, o que possibilita isso é a arte literária e o poder do mito, “(...) que tanto é capaz de ‘humanizar’ o divino e ‘naturalizar’ o sobrenatural como de divinizar o humano e sobrenaturalizar o natural”. A função mítica da serpente seria a de iniciar a “(...) aquisição do “conhecimento” humano enquanto contributo para explicar a suma do saber e da civilização humana atual” (VAZ, 1996. p. 219).

A serpente não convida explicitamente a mulher a desobedecer às ordens dadas por Deus: ela insinua, mostra que há outras possibilidades e, astutamente, assim como entrou, sai de cena, deixando a mulher próxima à tentadora árvore do fruto proibido, que Eva já olhou com um olhar mais apurado e sentindo que a “(...) árvore realmente parecia agradável ao paladar, muito atraente aos olhos”. E, quando a mulher, além de tudo, “(...) viu que (o fruto) da árvore era bom para comer, e formoso aos olhos, e de aspecto agradável tirou do fruto dela, e comeu; e deu a seu marido, que também comeu” (Gen. 3, 6).

Esse fato é que os tornará conhecedores do bem e do mal, o que antes era prerrogativa apenas de Deus e o que diferenciava os humanos da divindade. A ordem para que não comessem do fruto da árvore da ciência e do mal era explícita e as consequências de tal ato também: “(...) *porque, em qualquer dia que comeres dele, morrerás indubitavelmente*” (Gen. 2, 17). Esse saber era considerado miticamente um

segredo concedido aos deuses. O autor bíblico considera que, por ser exclusivo de Deus, é vedado ao homem. Este ponto apresenta duas vertentes: por um lado assemelha o homem à divindade; e por outro, distingue-o nitidamente dos animais com que vivia, aos quais, no entanto, era semelhante pelo fato de estar nu.

Contudo, o fato de comer do fruto não faz com que o homem seja ontologicamente semelhante a Deus, “(...) mas antes um modo de ser como Deus ou como deuses, que possibilita esse ‘conhecimento’” (VAZ, 1996. p. 222). Este conhecimento fará com que o casal perceba que está nu e providencie folhas a fim de se cobrir. Antes de comer do fruto, eles estavam nus e não se envergonhavam. A partir do instante em que comem, conscientizam-se de seu estado e se cobrem. É o “conhecimento” que, ao dar-lhes consciência do que é “(...) bem e mal” para si, lhes faz perceber positivamente o significado e a inconveniência da própria nudez e os move e promove à civilização (VAZ, 1996. p. 223).

Segundo Vaz, a interpretação de cunho sexual que é dada aos capítulos 2 e 3 do *Gênesis*, principalmente o motivo da nudez e o fato de que o casal comeu da árvore do conhecimento do bem e do mal, remonta ao judaísmo rabínico⁴⁵, que a usou para “(...) criar, condenar ou defender práticas e hábitos sexuais, fazendo de alguns versículos um código de comportamento sexual” (VAZ, 1996. p. 237). Também o apóstolo Paulo, a tradição cristã e os Padres da Igreja contribuíram para matizar este fato, dando-lhe contornos pecaminosos com cunho sexual e relacionando “vergonha”, pelo fato de se perceberem nus, com uma conotação de uma experiência sexual, como se tivesse sido esta a ação pecaminosa promovida pelo casal. Dentre as autoridades que contribuíram para que essa explicação prevalecesse está Santo Agostinho, que foi o principal responsável pela associação tradicional entre “pecado original”⁴⁶ e relação sexual no âmbito da exegese ocidental.

⁴⁵ Judaísmo rabínico (do hebraico תורה רבנית "Yahadut Rabanit") é o nome dado ao judaísmo tradicional, que aceita o *Tanakh* como revelação divina e a Torá Oral também como fonte de autoridade. Recebe este nome devido ao fato de dar grande valor aos ensinamentos rabínicos através dos tempos codificados principalmente no Talmud. In: https://pt.wikiversity.org/wiki/Introdu%C3%A7%C3%A3o_ao_Juda%C3%ADsmo/Ramifica%C3%A7%C3%B5es_do_Juda%C3%ADsmo (Consultado em 22/09/2016).

⁴⁶ O javista pretende sublinhar que a potência do pecado reside no mais fundo do homem, pois até dominou o primeiro homem, apesar de este habitar o Paraíso. Daí se conclui que a ‘potência’ do pecado não é uma consequência do pecado de Adão, mas anterior ao pecado deste. Ser homem (*há-adam*) é estar em ocasião de pecado (VAZ, 1996. p. 384).

A mulher no relato do *Gênesis*

Pode ser que o fato de a mulher ter sido narrativamente a escolhida para dialogar com a serpente lhe tenha dado uma posição mais central e dominante na cena: quando questionado dos motivos que o levaram a desobedecer, Adão imediatamente reporta a ela a responsabilidade pelo ato: “*A mulher, que me deste por companheira, deu-me (do fruto) da árvore, e comi*” (Gen. 3, 12). Por isso, sua sentença de punição será ligada ao ato de tê-la escutado: “*Porque deste ouvido à voz da tua mulher*” (Gen. 3, 17).

Na reflexão de Vaz, a mulher é a protagonista da ação desenrolada no jardim, uma vez que é ela quem descobre as propriedades da árvore do conhecimento, percebendo que “(...) o fruto era bom para comer e formoso aos olhos, de aspecto agradável”. Depois de comê-lo, “(...) deu-o a seu marido, que também comeu” (Gen. 3, 6). Por esse ato, ela será apresentada como mãe, recebendo “(...) o nome de Eva, porque ela era a mãe de todos os viventes” (Gen. 3, 20). O feito da mulher é que ela “(...) consegue, por meio do motivo da ‘comida’ de uma árvore, violadora de uma proibição divina, arrebatando o precioso ‘conhecimento’, fonte das conotações negativas da vida e ocasião da morte” (VAZ, 1996. p. 244).

Retratar a serpente com o rosto feminino não tem embasamento no texto bíblico. Tal interpretação decorre da exegese masculina feita a partir de pressupostos culturais e sociais dos intérpretes, já a partir dos Padres. E percorreu ininterruptamente a mentalidade cristã, embasada em grandes nomes de doutores e santos da Igreja que contribuíram para a visão negativa da mulher, aumentando significativamente a misoginia.

Teria sido necessário um rompimento entre o homem e Deus, pois, caso ele não tivesse ocorrido, “(...) o casal primordial ficaria com demasiado poder no nível de equilíbrio da criação, o mesmo que a divindade” (VAZ, 1996. p. 264). A transgressão se deu porque o homem não esperou o tempo certo para provar/comer do fruto da árvore do conhecimento: ele se antecipou a Deus. Esta seria a transgressão: a impetuosidade com que o homem se apodera do conhecimento a partir do momento em que ele come do fruto.

Após o ato de transgressão, ou seja, de comer o fruto, homem e mulher “abrem os olhos”, mostrando a aquisição do conhecimento. E imediatamente preocupam-se com a sua nudez. Adquirem, pois, *status* de civilizados, ao mesmo tempo que, cobrindo-se, passam a se distinguir dos animais. E, depois da sentença divina que lhes imputou o

trabalho, o sofrimento físico, a morte e, finalmente, a expulsão do Jardim, eles adquirem a condição de mortais.

Percebemos que o ato de comer do fruto da árvore do conhecimento desencadeou consequências que podem ser vistas como positivas (como é o caso do conhecimento, da confecção do vestuário) e negativas (não significa necessariamente que o sejam), como os dissabores decorrentes dos trabalhos exaustivos (“comerás o pão com o suor do teu rosto”) e as dores do parto; e o mais impactante, talvez o que mais desconforto traz à raça humana, que é a morte.

O encontro entre Deus e o casal é inevitável e necessário. Então “Naquele dia, quando soprava a brisa vespertina, o homem e sua mulher ouviram o som da movimentação de Deus, que estava passeando pelo jardim”, denotando as familiaridades que havia entre Ele e os humanos. No entanto, o medo provocou a ruptura com Deus e o distanciamento d’Ele: “(...) tendo ouvido a voz do Senhor Deus, que passeava pelo Paraíso, à hora da brisa, depois do meio-dia, Adão e sua mulher esconderam-se da face do Senhor Deus no meio das árvores do Paraíso” (Gen. 3, 8).

Nesse encontro, o homem admite ter medo e vergonha. A percepção de que está nu é um claro indicativo de que o pacto foi rompido. Deus o chama e lhe pergunta: “*Onde estás?*” (Gen. 3, 9). A pergunta é dirigida ao homem e, embora os dois estivessem escondidos, foi Adão quem respondeu: “*Ouvi a tua voz no Paraíso, e tive medo, porque estava nu, e escondi-me*” (Gen. 3, 10). Tem início um processo de investigação no qual Deus o questiona: “*Mas quem te fez conhecer que estavas nu, senão o ter comido da árvore, de que eu te tinha ordenado que não comesses?*” (Gen. 3, 11).

Assim que o homem confessa a sua nudez, Deus o interroga não sobre o ato praticado – comer do fruto da árvore proibida – mas sobre quem foi que o fez conhecer o fruto da árvore. Neste momento, o homem, ciente de que havia infringido o acordo firmado entre eles, tenha se envergonhado e procurado se esconder. Sabendo que o ato cometido era, do ponto de vista do acordo, um ato transgressor, Adão teve medo da reação de Deus. Ou seja, ele compreendeu que haveria uma punição ou, no mínimo, que o diálogo entre Deus e ele já não seria ameno como era até então. Houve uma ruptura, e o casal seria punido de uma forma ou de outra pelo ato cometido.

Assim como Adão, a mulher também não assume sua parcela de culpa. É mais fácil delegar a terceiros as responsabilidades. E, neste caso, tratava-se de um ser que a princípio não poderia responder por seus atos, pois estava em uma escala abaixo

daquela dos humanos e, portanto, sob a responsabilidade destes. Contudo, a serpente não fica sem a devida punição. Deus não a interroga, não a questiona, mas lança sobre ela uma maldição eterna: “E o Senhor Deus disse à serpente: *Pois que fizeste isto, és maldita entre todos os animais e bestas da Terra; andarás de rastros sobre o teu peito, e comerás terra todos os dias da tua vida. Porei inimizades entre ti e a mulher, e entre a tua posteridade e a posteridade dela. Ela te pisará a cabeça e tu armarás traições ao seu calcanhar*” (Gen. 3, 14-15).

Logo a seguir, a punição recai sobre a mulher: “Disse também à mulher: (...) *multiplicarei os teus trabalhos, e (especialmente os de) teus partos. Darás a luz com dor os filhos, e estarás sob o poder do marido e ele te dominará*” (Gen. 3, 16). Esta punição demonstra que os atos de parir na dor e ser dominada pelo homem não faziam parte do plano original de Deus, mas foram medidas que visavam relembrar à mulher a proporção que tomou o seu ato de desobediência.

A terceira punição recai sobre o homem: “E disse a Adão: *Porque deste ouvido à voz da tua mulher, e comeste da árvore, de que eu te tinha ordenado que não comesses, a Terra será maldita por tua causa; tirarás dela o sustento com trabalhos penosos todos os dias da tua vida. Ela te produzirá espinhos e abrolhos, e tu comerás a erva da Terra. Comerás o pão com o suor do teu rosto, até que voltes à Terra, de que fostes tomado; porque tu és pó e em pó te hás de tornar*” (Gen. 3, 17-19). Conforme Vaz,

A serpente diz-se reduzida na maneira desse mover e alimentar e na sua relação com os humanos por ela desencaminhados; a mulher diz-se atingida no seu ser mãe e esposa ‘condenada’ a sofrer no dar à luz e à tensão na sua relação com o homem; o homem diz-se destinado ao árduo labor e a fatigante relação com o solo (VAZ, 1996. p. 301).

Há três consequências para o ato de desobediência cometido. Primeira, há um afastamento entre os humanos e Deus: a relação de confiança que havia entre eles foi quebrada. Segunda, é a acusação do homem contra a mulher: Adão tem dificuldade em assumir sua falta e dizer claramente o que ocorreu. Sua atitude foi a de passar para a mulher a responsabilidade pelo ato cometido: “Adão disse: (...) *a mulher, que me deste por companheira, deu-me (do fruto) da árvore, e comi*” (Gen. 3, 12). E a terceira foi que, a partir da resposta dada pela mulher, há a destruição da harmonia entre os

humanos e a natureza. Quando Deus inquiriu a mulher sobre o motivo que a levou a desobediência, ela respondeu: “*A serpente enganou-me e comi*” (Gen. 3, 13).

Pelo que vimos, inicialmente, trabalhar a terra não seria um fardo para o homem: faria dele um co-criador na obra de Deus. A agricultura seria um privilégio, algo prazeroso e ameno.

O castigo é fazer com que o homem retorne à sua origem, mas trabalhando infatigavelmente uma terra que produzirá espinhos e ervas daninhas. O que antes seria abundante, agora passará a ser escasso; o que antes era fértil torna-se infértil; a terra, antes abençoada e produtora de frutas, torna-se também amaldiçoada, e, a fim de contribuir para a punição do homem, poderá começar a produzir frutos ruins.

Uma das formas de integração do homem com a natureza ocorreria através do trabalho. O trabalho humano vem imbuído de um contributo civilizacional na medida em que o cultivo do solo fornece alimentos, ao mesmo tempo que possibilita o desenvolvimento de novas tecnologias.

Embora o rastejar (serpente), o parto com dor (mulher), o trabalho árduo (homem) sejam punições dadas por Deus após o ato de desobediência, nenhuma delas se compara à maior punição de todas, que é a morte. O homem voltará à terra, “(...) de que fostes tomado; porque tu és pó e em pó te hás de tornar” (Gen. 3, 19).

É preciso atentar para o fato de que cada personagem da narrativa desempenha um papel, mas o que fica evidente é que não haveria razão para que Deus quisesse punir o ser humano que tinha acabado de criar. Na opinião de Pagels,

Nossa mortalidade não é consequência do pecado, e sim da natureza! Por que o Gênesis não diz “porque pecaste e transgrediste minhas ordens”? Isto deveria ter sido dito, se a decomposição física estivesse relacionada a um crime. Mas o que ele diz? “Porque és pó”. Certamente, esta é a razão de voltarmos a terra, “pois dela foste formada”. Se este é o motivo dado por Deus - por que viemos da terra - penso que é possível admitir que não se pode culpar o pecado. Sem dúvida, não é por causa do delito, e sim em razão de nossa natureza mortal (...) que o corpo desintegra-se de volta aos elementos (PAGELS, 1992. P.184).

Para Vaz, no cerne da explicação que a passagem de *Gênesis* 2-3 oferece sobre os males da vida e da morte humana, “(...) não encaixava a concepção de um castigo

moral divino”. Semelhantes aos mitos da Queda, eles se caracterizam por proteger os humanos; e recorre-se à metáfora da transgressão a fim de “(...) desculpá-los da responsabilidade moral pelas realidades penosas e mortes atuais”. Dizer que o ser humano transgrediu para alcançar o desejável e necessário conhecimento desculpa-o pelo ato; dizer que seus atos eram consequências de uma transgressão humana e não da vontade de Deus, desresponsabiliza Deus de ser causa delas. O fato de a serpente também ser abrangida pela sentença divina é a prova inequívoca de que não estamos perante um castigo moral, pois ela, como animal, não é capaz de atos de responsabilidade passíveis de punição moral, limitados aos humanos (VAZ, 1996. p. 385-386).

A consciência do leitor de *Gênesis* 2-3 é despertada a fim de levá-lo a acatar as asperezas do presente e reconhecer que a morte tem uma função essencial na natureza animal, que ela é natural, fazendo parte da vida criada por Deus. Deve também dar ao homem um sentido e uma dimensão entre o que é acessível (finitude) e o inacessível (imortalidade), ajudando-o a reconciliar-se com suas limitações e possibilidades. É o despertar da consciência de que só Deus domina tudo e todos, enquanto ao homem cabe viver dentro dos limites que lhe foram impostos e os quais ele tenta, por meio do conhecimento, ultrapassar e aperfeiçoar. O entendimento de que esta existência é findável, antes de criar angústias e incertezas deveria trazer alento aos humanos, que precisavam aproveitá-la para voltarem a ser co-criadores no processo iniciado com Adão no Paraíso.

Depois de Deus ter pronunciado a punição que cabia a cada um, o homem retoma parte da sua tarefa. “*Adão pôs a sua mulher o nome de Eva, porque ela era a mãe de todos os viventes*” (Gen. 3, 20). Ela será a mãe de todos os vivos, “(...) não por dar à luz um filho, mas por ser em absoluto a primeira mulher e, enquanto (*sic*) tal, a mãe da humanidade e fonte da sua propagação” (VAZ, 1996. p. 129).

Vemos, neste ato, um traço de esperança. Apesar do pecado, apesar das relações rompidas entre Deus e o homem, entre o homem e a mulher e entre os humanos e a natureza, a humanidade sobreviverá. Ela criará mecanismos que lhe possibilitarão reerguer-se e buscar novamente o equilíbrio entre estas esferas que se romperam.

Mostrando sua misericórdia ou, talvez, dando-lhes um esboço das dificuldades com que teriam que lidar, Deus faz túnicas de pele para Adão e sua mulher. Estas vestes serviram de proteção a eles, que, banidos, passaram a viver fora do Jardim.

Uma vez que os humanos provaram da árvore do bem e do mal, na esperança de tornarem-se como um Deus, poderiam eles, também, estender sua mão para a árvore da vida. Mas foram expulsos do Paraíso; e, diante das portas do jardim, Deus “(...) pôs Querubins brandindo uma espada de fogo, para guardar o caminho da árvore da vida” (Gen. 3, 24).

O relato de *Gênesis* 2, 4b a 3, 24 tem como um dos objetivos explicar a origem da humanidade e como o mal entrou em um mundo que era perfeito e equilibrado. O autor utiliza-se de símbolos que podem ter diversas interpretações; e, em várias destas interpretações, há o reforço do papel desempenhado pela mulher como a responsável pelo pecado da humanidade. A partir de Eva, recairá sobre todas as mulheres a maior parte da culpa pelo ousado ato de desobediência cometido.

CAPÍTULO 3

A ACUSAÇÃO DE EVA

A figura de Eva é emblemática em suas contradições. E isso decorre do fato de o *Gênesis* conter dois relatos da criação⁴⁷. No primeiro (1, 26-27), o chamado narrador sacerdotal, depois de apresentar a decisão de Deus nos termos, “*Façamos o ser humano à nossa imagem, de acordo com a nossa semelhança*” acrescenta: “*Portanto, criou os seres humanos à sua imagem, à imagem de Deus os criou: macho e fêmea*”. Esta versão registra a criação simultânea do homem e da mulher, indiferenciados quanto à sua humanidade, e tendo sua igualdade atestada por uma designação comum: ambos os sexos estão compreendidos na palavra latina *homo*, “(...) e a relação entre os termos que os distinguem, os atributos de gênero, chegam tão perto quanto pode a linguagem de uma equivalência referencial e sintática” (BLOCH, 1995. p. 32)⁴⁸.

É quase um consenso entre os comentadores e analistas que a “(...) supressão da história da criação simultânea do homem e da mulher teve implicações de longo alcance para a história da sexualidade no Ocidente”. Não há como afirmar convictamente, mas podemos supor que, se esta versão tivesse prevalecido, a “(...) história da relação entre os sexos, começando, por exemplo, pela Queda, teria sido diferente”. No entanto, o relato sacerdotal foi praticamente esquecido, “(...) exceto por algumas tentativas recentes, de feministas estudiosas da Bíblia, de evidenciar aquilo que é visto como uma intenção igualitária original”. Na opinião de Bloch, “(...) o próprio fato de que esta

⁴⁷ Trata-se de duas fontes literárias diversas, ou seja, de dois autores. O primeiro, que escreveu *Gênesis* 1,1 a 2,4, conta a criação em um esquema de sete dias; normalmente é chamado *Sacerdotal*. O segundo autor, chamado *Javista*, escreveu a versão encontrada em *Gênesis* 2, 4b-25 (na verdade a sessão completa é de 2, 4b até 3, 24). Nessa segunda história, aquilo que marca a narração é a centralidade do homem, a sua criação do barro, e a criação da mulher como sua companheira, criada da costela do homem. Os animais são criados numa tentativa de encontrar companheiros para o homem (BOYARIN, 1993. p. 49).

⁴⁸ Na escrita dos capítulos III e IV, utilizamos dentre outros, as obras de Boyarin (1993), Bloch (1995), Brandão (2014) e Brown (1990). Citamos estes autores porque suas obras foram os condutores que nos permitiram delinear um panorama das questões que envolvem Adão, Eva e o episódio que culminou com a expulsão do Paraíso.

versão não tenha permanecido significa em si mesmo o relato – e o efeito – de uma repressão textual indissociável do relato da repressão sexual contida na versão dominante”. No capítulo 2, 21-24 há outra narração: Deus adormece Adão e retira-lhe um osso da costela, a partir do qual modela a mulher e a conduz até Adão. Quando este a vê, exclama: “*Esta, sim, é osso dos meus ossos e carne da minha carne! Ela será chamada ‘mulher’, porquanto do ‘homem’ foi extraída*”. “(...) o que, ao menos culturalmente, foi apropriado de imediato no período patrístico medieval” (BLOCH, 1995. p. 32). De acordo com o narrador cognominado javista⁴⁹,

Não só a criação dos dois sexos é um processo *ad seriatim*, como o próprio processo depende tanto da associação da diferença sexual com um momento eponímico original – a nomeação das coisas – quanto da relação derivacional das designações dos sexos. No relato javista, a criação da mulher está ligada a um ato linguístico fundador. Diz-se que Adão foi o primeiro a falar, sendo o nomeador das coisas; e a mulher, ou a necessidade da mulher, sua causa, parece provir da imposição dos nomes. A designação das coisas, uma instância primordial do exercício do poder dos homens sobre elas, e a criação da mulher são contérminas. Além do que, de acordo com esta segunda versão da criação dos sexos, a mulher é por definição uma derivação do homem que, como criação direta de Deus, continua a ser tanto cronologicamente antecedente como ontologicamente precedente (BLOCH, 1995. p. 33).

Assim, se no primeiro relato há uma igualdade na criação, no segundo há uma supremacia masculina: primeiro a criação do homem e, em seguida, a da mulher. Caso a exegese cristã tivesse optado pela primeira versão, haveria uma interpretação que privilegiaria uma maior igualdade nas relações entre os sexos. Ao optar pela segunda, elaborou uma teoria de subordinação natural da mulher. A perda de Eva é incomensuravelmente maior do que a de Adão, pelo fato de parir com dor, e, também, pela privação de exercer o poder igualitário de que, parece, desfrutava quando foi criada.

⁴⁹ Para maiores esclarecimentos citaremos Brandão: A tradução da *Torah* para o grego auxilia nisso, na medida em que Deus deixa de ter nome próprio (*Yahweh*) (melhor, nomes próprios, ou seja, *Elohim* e *Yahweh*), passando a ser tratado simplesmente como *Théos*, isto é, um nome comum que certamente contribui para despersonalizar, desmitificar e tornar abstrata a potência divina. Todavia, nos relatos sobre os acontecimentos primordiais - sobretudo o que se passa no Paraíso, em que os traços antropomórficos de *Yahweh* mais ressaltam – ele planta e passeia no jardim, modela Adão de argila e conversa com ele etc. (BRANDÃO, 2014. p. 314).

Boyarin chama a atenção para o fato de que a “(...) precedência cronológica de Adão implica uma série de relações que fazem lembrar não só a teoria medieval dos sinais”, mas também certas questões “(...) ontológicas que deixam claro que a Queda, considerada na maioria das vezes o momento de origem – a causa e a justificativa – do antifeminismo medieval, nada mais é do que o cumprimento ou conclusão lógica daquilo que já está implícito na criação de Adão e Eva”. A mulher da versão javista – considerada desde o início um elemento secundário, derivado, subserviente e suplementar – “(...) carrega, dentro da articulação dos gêneros, desenvolvida nos primeiros séculos do cristianismo, o fardo de tudo aquilo que é inferior, adulterado, escandaloso e perverso” (BOYARIN, 1993. p. 91). Este mesmo autor afirma ainda que “(...) não interessava à hegemonia masculina manter registros de autonomia feminina. A descoberta desta autonomia, ou melhor, a sua reconstituição, também representa um ponto de resistência contra as hegemonias dominantes no presente” (BOYARIN, 1993. p. 251).

Para entendermos estas divergências convém esclarecer os motivos pelos quais elas aparecem nos dois primeiros capítulos do *Gênesis*. Esses capítulos falam sobre a origem do homem, do universo em função do homem e do futuro escatológico. Há uma inversão de ordem temporal entre a escrita dos capítulos e a sua apresentação; o segundo, “(...) mais antigo, pertence à tradição javista e foi escrito com toda probabilidade no século X a.C., em Jerusalém, na corte de Salomão”; o primeiro, mais recente, pertence à “(...) tradição sacerdotal e foi escrito depois da destruição de Jerusalém, durante o cativeiro na Babilônia, ou logo depois” (TERRA, 1986. p. 49)⁵⁰.

⁵⁰ Brandão apresenta a história de Noé sob as perspectivas de *Yahweh* e *Elohim*. Nós a reproduziremos aqui, a fim de que o leitor possa perceber a diferença que há entre tradições javista e eloísta. “De como na história de Noé a perspectiva monoteísta se impõe sobre um fundo politeísta que pode ser percebido no modo como se atribuem ações e perspectivas a *Yahweh* e a *Elohim*, desde que considerados dois deuses e não como meros nomes do mesmo Deus: “*Yahweh* é mais veemente e determinado”, falando em “(...) aniquilar todas as criaturas” e enumerando-as (Gen. 6, 6), enquanto “*Elohim* age como que a contragosto, uma vez que fala que o ‘(...) fim de toda a carne apresentou-se diante de mim’ e se refere apenas em termos gerais à destruição, sem nenhuma especificação” (Gen.6, 13); “*Elohim* preocupa-se mais com a humanidade e as criaturas vivas, tanto que ensina a Noé como construir a arca e quais criaturas vivas reunir nela (Gen. 6, 14-21), enquanto “*Yahweh* se preocupa especialmente que haja um número suficiente de animais sacrificiais e pássaros” (Gen. 7, 1-3); apenas *Yahweh* está em ação no desencadeamento do dilúvio (Gen.7, 4), enquanto *Elohim* age no final dele, contribuindo para a volta a uma situação normal (Gen. 8, 1); finalmente, “(...) apenas *Elohim* cuida da saída de Noé da arca” (Gen. 8, 15-19), mas Noé “(...) oferece um sacrifício não a *Elohim*, o principal salvador, mas a *Yahweh*, o principal destruidor (Gen. 8, 20), como que para apaziguá-lo”, a promessa deste último sendo, contudo, “(...) apenas em segredo ‘para seu coração’” (Gen. 8, 21-22), ao passo que as promessas do primeiro são “(...) amigáveis, generosas e expressas extensamente – e ele ainda promete, para o futuro, uma aliança com a humanidade (Gen. 9, 21-17)” (BRANDÃO, 2014. p. 257).

De acordo com a tradição hebraica, as origens do Pentateuco remontariam ao tempo de Moisés. As narrativas foram transmitidas oralmente, antes que escritores, em diferentes épocas, “(...) as recolhessem e as redigissem, o que explica as diferenças de estilo, de ideias e de preocupações religiosas” (TERRA, 1986. p. 49).

Segundo os estudiosos, o Pentateuco seria resultado de quatro principais fontes ou tradições: javista (J), eloísta (E), sacerdotal (P) e deuteronomista (D), cada uma delas surgindo em épocas e locais diferentes.

O narrador javista (J) chama Deus de Javé (*Iahweh*). Seu estilo, concreto, poético, ingênuo, cheio de imagens, descrevendo um Deus antropomórfico: “(...) é inconfundível. O narrador compraz-se em expressões concretas e de efeito, e, por ser um psicólogo perspicaz revela-se admirável na descrição dos caracteres. Escreve com vivacidade, clareza e brilho, e mostra-se capaz de compor uma cena com poucos e vigorosos traços”. O eloísta (E) chama Deus de Eloim (*Elohim*). Essa tradição está presente principalmente nos livros do *Gênesis*, do *Êxodo* e dos *Números*. Seu estilo é sóbrio em comparação com o enfoque javista, e ele tende a insistir na distância entre Deus e os homens. O Deuteronomista (D) se limita ao último livro do *Pentateuco*, o *Deuteronomio*⁵¹. Repete, em parte, as leis dos outros livros. Mostra que a história reflete o amor de Javé para com o seu povo escolhido. Por sua vez, o narrador sacerdotal (P)⁵² se revela nos quatro primeiros livros que abarcam as tradições jurídicas: “Embora o estilo seco, técnico de P seja prontamente reconhecível, o escritor sacerdotal pode às vezes atingir alturas sublimes; sua obra-prima é a história da criação” (Gen. 1-2, 4ª) (HARRINGTON, 1985, p. 232). Neste sentido, o esforço da hermenêutica cristã tem, como pressuposto,

Admitir que, por detrás das várias vozes que falam na escritura, há uma continuidade, já que quem sempre fala pela boca de Moisés e dos profetas, garantindo a consistência da revelação, é o próprio *logos*, encarnado em Cristo, sendo a partir deste, portanto que se devem compreender a lei e as profecias (BRANDÃO, 2014. p. 235-236).

⁵¹ Como se sabe, a autoria da *Torah* é atribuída a Moisés pela tradição judaica; isso levanta problemas, o principal dos quais estando no fato de que sua morte seja narrada no final do Deuteronomio. A tradição rabínica buscou explicações, como resume Rashi, comentando Deuteronomio 34, 5: “Como pode ser que Moisés tenha morrido e que ele mesmo tenha escrito? Morreu Moisés ali? A resposta: Até aqui escreveu Moisés; daqui em diante, Josué. Rabi Meir diz: É por acaso possível que ao livro da *Torah* falte algo e ele [Moisés] diga: Toma este livro da *Torah*? É que realmente Deus lhe ditava e Moisés escrevia com lágrimas” (El Pentateuco com el comentário de Rabi Shlomo Yitzajaki (Raschi, p. 178) – ou seja, Moisés é o autor do relato de sua própria morte e dos 30 dias seguintes em que o povo o chorou (BRANDÃO, 2014. p. 155).

⁵² Recebe a sigla P devido ao nome alemão (Priest).

Hermeneutas antigos – Filon de Alexandria, Crisóstomo, Jerônimo, Agostinho – “(...) centram-se na criação javista, e entendem o aparecimento sequencial dos sexos de forma altamente hierárquica”. Essa interpretação constituiu a instância fundadora do que Bloch denomina, “lógica ‘falocêntrica’, e tem dominado o pensamento ocidental desde então – o homem primeiro, a mulher em segundo – foi compreendida como refletindo a ordem cósmica e estipulando a ordem social” (BLOCH, 1995. p. 33).

Na opinião de Krauss, “(...) a mulher foi pensada como o ápice dos eventos da criação”: O fato de ela ter sido retirada da costela de Adão lhe concede o estatuto de singularidade, pois todos os demais seres foram criados a partir do “pó da terra”. Para esse autor, a continuação da narrativa apresenta indícios de que a mulher “(...) até ocuparia o papel de liderança, uma vez que é ela quem atuará no episódio envolvendo a tentação, mas sua decisão é aceita e compartilhada pelo homem” (KRAUSS, 2006. p. 38). No entanto, a punição é dada para o casal e a situação da mulher, que antes poderia ser vista como de igualdade, passa a ser de submissão.

Pelo relato javista, não afirmamos que a mulher – secundária, um complemento – seria um adorno: de acordo com a prescrição paulina, “(...) o homem é a imagem de Deus, a mulher a imagem do homem” (I *Coríntios*, 11, 7-8). Dessa forma, assim “(...) como se assume que as palavras sejam os complementos das coisas, que são levadas sem nome a Adão, também se infere que a mulher é o complemento, o “adjutório” do homem”. Pois há duas raças de homens, uma feita segundo a Imagem (divina), e outra moldada de terra (...). O adjutório está associado ao segundo homem. Para começar, o adjutório é um ser criado, pois está dito ‘façamos um adjutório para ele’; e, em segundo lugar, subsequente àquele que deve ser ajudado, pois Ele formara antes a mente e está prestes a formar seu ajudante (BLOCH, 1995. p. 33). E, de acordo com Boyarin, “Filon interpreta “Homem = Adão” como a “mente”, enquanto “Mulher = Eva” é o “corpo”, o ajudante da mente” (BOYARIN, 1993. p. 247).

Ao descrever a existência do segundo homem, Filon afirma que nada que foi criado permanece constante e que todas as coisas mortais sujeitam-se a mudanças e revezes. Assim, era esperado que o primeiro homem sofresse algum tipo de infortúnio e, na opinião de Filon, a mulher tornou-se o início da vida censurável, porque, enquanto Adão estava sozinho e vivendo de acordo com sua solidão, continuou a crescer em harmonia com o mundo e com Deus. No entanto, ainda de acordo com Filon, essa harmonia começou a se desvanecer quando a mulher foi criada, pois, ao ver uma figura semelhante à sua, o homem se alegrou, se aproximou e a cumprimentou, e ela “(...)

ficou cheia de júbilo e, sem o menor pudor, respondeu ao cumprimento”. A partir daí, veio o amor para unir as partes divididas, tornando-as uma só criatura, colocando em cada um deles o desejo da companhia do outro. O objetivo seria a produção de semelhantes: “E este desejo também gerou o prazer corporal, este prazer que é a origem de todos os males e da violação da lei, prazer pelo qual os homens se atiraram à mortalidade e ao sofrimento, abandonando a imortalidade e a felicidade” (BOYARIN, 1993. p. 92).

Seguindo a mesma linha de Fílon, João Crisóstomo escreve: “Formado primeiro, o homem tem o direito a honra maior” (BLOCH, 1995. p. 33). A fim de validar sua afirmação, ele recorre a São Paulo, que assinala a superioridade masculina, quando diz: “(...) o homem não foi criado por causa da mulher, mas a mulher do homem” (I *Coríntios* 11: 9).

Bloch apresenta ainda a opinião de Graciano, de quase oito séculos mais tarde, que mostra como a cronologia pode facilmente se converter em lógica: “Não foi por nada que a mulher foi criada, nem da mesma matéria da qual foi criado Adão, mas da costela de Adão (...). Porque Deus não criou no começo um homem e uma mulher, nem dois homens, nem duas mulheres; mas primeiro o homem, e então a mulher (...). É natural que as mulheres sirvam aos homens, como os filhos aos pais, porque é justo que o ser inferior sirva o superior”. Dessa forma, percebemos que a mulher da versão javista, concebida desde o começo “(...) como secundária, derivada, subsequente e complementar, assume o fardo de tudo aquilo que é inferior, depreciado, escandaloso e perverso, durante a articulação fundadora dos sexos, nos primeiros séculos do cristianismo” (BLOCH, 1995. p. 33-34).

Boyarin afirma que “(...) para os rabis, a sexualidade faz parte do estado original da humanidade, e não de uma degeneração sofrida depois da Queda”. Assim, de acordo com o judaísmo rabínico, “(...) a humanidade não teria sido rebaixada de uma condição metafísica, nem sofrido uma Queda em direção à sexualidade” (BOYARIN, 1993. p. 58). A partir da fusão da cultura judaica com a greco-romana, iniciada por Paulo e consolidada pelos padres de formação latina, sobretudo Ambrósio, Jerônimo e Agostinho, é que o cristianismo incorporou ideias misóginas referentes à sexualidade, à sociedade e ao casamento.

Para Bloch, a misoginia “(...) é um modo de falar sobre as mulheres, o que é diferente de fazer algo a elas, embora o discurso possa ser uma forma de ação e mesmo de prática social, ou pelo menos um seu componente ideológico”. O contrário da

misoginia, portanto, não é nem uma generalização negativa equivalente sobre os homens (o que culturalmente não produziria o mesmo efeito), nem amar todas as mulheres (uma pretensão que é apenas outra forma de misoginia), mas algo da ordem de se perceber as mulheres como indivíduos, ou evitar afirmações gerais tais como “a mulher é...” ou “as mulheres são”. Pois o efeito de tal “(...) ato de falar em que a mulher é o sujeito da frase e o predicado um termo mais geral, reside na zona em que o uso das palavras produz os elementos mais básicos do pensamento – e o pensamento autoriza a ação” – fazendo da mulher uma essência que, “(...) enquanto essência, é eliminada do palco histórico do mundo”. (...) Seu propósito – “(...) tirar as mulheres individuais da esfera dos eventos – depende da transformação da mulher em uma categoria geral, a qual, ao menos internamente, parece nunca mudar” (BLOCH, 1995. p. 12-13).

Ainda de acordo com Bloch, na esteira do platonismo e do pitagorismo, todas as coisas criadas expressam ou o “(...) princípio de autoidentidade (*principium ejusdem*) ou o de autoalteração contínua (*principium alterius*). O primeiro está associado à unidade, à mônada; o segundo “(...) à multiplicidade, às estruturas diádicas”. Eles têm, além disso, gêneros específicos, “(...) a mônada sendo masculina, a díade feminina”. Em um fragmento de Eudoro, lê-se que “(...) que os pitagóricos postulavam, no plano mais alto, o Um como um Princípio Primeiro, e então, em um plano secundário, dois princípios das coisas existentes, o Um e a natureza oposta a este”. (...) Chamam um deles “(...) ordenado, limitado, cognoscível, masculino, ímpar direito e luz; o oposto a este é chamado desordenado, ilimitado, incognoscível, feminino, esquerdo, par e treva”. Dos dois princípios, “(...) um expressa estabilidade, o outro, variação sem fim”, escreve Boécio. “Aqui, há mudança e alteração, lá, a força da fixidez. Aqui, solidez bem determinada, lá, a fragmentação da multiplicidade infinita”. A unicidade que Adão gozou um dia, a singularidade única, “(...) é indistinguível da unicidade que é o princípio fundador e garantia da gramática, geometria, filosofia, e, implicitamente, da teologia, uma vez que Deus é definido como a natureza do um, aquilo que é universal e eterno”. A palavra universo vem de *unus*, sustenta Agostinho. Unidade, outra palavra para Ser, é sinônimo da meta da filosofia, ou da verdade: “A filosofia enquanto uma disciplina, ela própria, já contém esta ordem do conhecimento e não precisa descobrir mais do que a natureza do um, mas em um sentido muito mais profundo e divino”. A unidade, ademais, escreve Tertuliano, “(...) é tudo o que é de uma vez por todas.” E segundo Anselmo de Cantuária, “(...) apenas o Um é necessário e, portanto, merecedor de amor” (BLOCH, 1995. p. 35).

A inteligência, a razão, a alma racional é associada ao homem, enquanto a mulher é associada ao corpo, ao apetite e às faculdades animais: “Segundo Filon, ela é aliada da serpente, que simboliza o prazer. Orígenes segue a direção filoniana, assim como Gregório de Nissa, Ambrósio, Agostinho e, mais tarde, João Escoto, Hugo de Saint-Vítor, Guibert de Poitiers e São Bernardo” (BLOCH, 1995. p. 38).

De acordo com Boyarin, a repulsa ao corpo humano já era comum no mundo pagão. Parte-se, então, do princípio de que a Igreja cristã, “(...) ao se afastar de suas raízes judaicas – onde predominavam atitudes otimistas em relação à sexualidade e ao casamento, encarados como parte da criação de Deus – assumiu a ideologia sombria do ambiente pagão em que estava inserida” (BOYARIN, 1993. p. 15).

No entanto, para Brown, tal visão não se sustenta, pois, segundo ele, “O fácil contraste entre o pessimismo pagão e o otimismo judaico negligencia a importância da renúncia sexual como meio de chegar à simplicidade do coração no judaísmo radical do qual surgiu a cristandade”. As origens desta tendência podem ser diversas, mas, entre si “(...) não explicam sua função, quer dizer, a constelação distintiva de ideias que a renúncia sexual cristalizará como um sinal de dominação especificamente masculina nas comunidades cristãs dos séculos II e III”. Em se tratando de questões sexuais, “(...) é necessário esclarecer os motivos pelos quais o corpo foi escolhido e apresentado como o lugar privilegiado de motivações especificamente sexuais e como centro das estruturas sociais que o orientam para o casamento e a gestação” (BROWN, 2009. p. 241).

E é exatamente no quesito sexual que, para Brown, torna-se mais evidente a linha divisória entre cristandade e judaísmo. Para os rabinos, a sexualidade constitui um complemento permanente da personalidade. A princípio impulsiva, ela “(...) é suscetível de moderação, assim como as mulheres são ao mesmo tempo honradas e necessárias à existência de Israel, bem como firmemente impedidas de interferir nos assuntos sérios da sabedoria masculina”. Este modelo baseia-se no controle e no isolamento, aspectos necessários da existência humana. Para os cristãos ocorre o contrário, pois a sexualidade torna-se um ponto de referência de forte carga simbólica exatamente “(...) porque se julga possível seu desaparecimento no indivíduo comprometido e porque tal desaparecimento deve provar, de modo mais significativo que qualquer outra transformação humana, as qualidades necessárias à direção de uma comunidade religiosa”. O desaparecimento da sexualidade, ou a retirada da sexualidade “(...) significa um estado de disponibilidade decidida com relação a Deus e ao outro, ligado ao ideal da pessoa de ‘coração simples’” (BROWN, 2009. p. 242).

O judaísmo do final da Antiguidade estava dividido em dois tipos de formação social androcêntrica: o (s) judaísmo (s) helenista (s), “(...) onde havia uma profunda repulsa pela carne, e o medo da sexualidade e da mulher era um lema central da cultura”, e o judaísmo rabínico, “(...) onde se dava um grande valor à carne, e onde as mulheres e a sexualidade eram controladas como elementos essenciais e altamente estimados” (BOYARIN, 1993. p. 89).

E Eva tornou-se ‘a pecadora’

No episódio envolvendo o encontro entre a serpente e a mulher o autor bíblico deixa claro que aquele era o mais astuto dos animais. Havia no jardim uma árvore de cujo fruto o casal deveria se abster, sendo essa a única proibição que lhes havia sido feita. Isso tinha sido estabelecido entre Deus e Adão, mas é Eva quem rompe o acordo, pois, usando de sua astúcia, a serpente a induz a revelar-lhe qual era a árvore proibida. Em relação à serpente, ela pode ser vista como “(...) símbolo do prazer (*sýmbolon hedonês*)” como se compreende tudo que está ligado à terra, segundo Filon de Alexandria:

(...) seguindo alguém uma conjetura verossímil, dirá convenientemente que a dita serpente é símbolo do prazer, porque, em primeiro lugar, é um animal sem patas e prostrado inteiramente sobre o ventre, em segundo lugar, porque usa torrões de terra como alimento e, em terceiro lugar, porque transmite o veneno com os dentes, os que são mordidos por ela acabando mortos (*FILON DE ALEXANDRIA, Sobre a feitura do mundo 157. Apud BRANDÃO, 2014. p. 293*).

Eva demonstra o receio que a afastava da árvore: estava predito que, se comessem do fruto dela, morreriam. A serpente lhe afiança que isso não ocorreria, mas que, a partir do momento em que experimentassem tal fruto, os olhos deles se abririam e seriam como Deus. Eva prova do fruto, conscientiza-se do quanto ele é prazeroso e o oferece a Adão, que também o come. Após esse ato, a culpa faz com que eles se

percebiam nus, e o que antes não os incomodava agora lhes causa transtornos e vergonha. Ambos procuram uma forma de esconderem suas partes pudendas. A partir desse ato é que a culpa marcará toda a humanidade.

A fim de dar seu parecer a respeito da situação da mulher, que ocupa a posição de sujeito dominado na sociedade rabínica, Boyarin é categórico e afirma que não conhece “(...) nenhum texto desta cultura onde se afirme que esta condição é uma consequência do fato de a mulher ter sido criada depois do homem e, portanto, de ocupar uma posição ontológica inferior (como afirma *Timóteo* 2, 11, ou Fílon e seus seguidores)”. De acordo com a tradição rabínica, Adão tinha relações sexuais com Eva desde o início. “A sexualidade lícita, isto é, o contato sexual entre homem e mulher depois do casamento, não faz parte do reino demoníaco da serpente, mas sim do reino de pureza do Jardim da Inocência” (BOYARIN, 1993. p. 94-95).

Na narrativa de Hesíodo, a mulher não é um ser natural, feito da mesma substância que o homem, mas “(...) uma invenção técnica, resultado de uma ação premeditada, um produto artesanal ou até mesmo uma obra de arte – em suma, um artifício em todos os sentidos da palavra”. Além disso, “(...) a mulher não é criada como uma companheira para aliviar a solidão do homem, como no relato bíblico, mas como um castigo”. E mais, ela não é apresentada como uma parceira na “condução da existência mortal”, mas como um parasita que drena o homem, sentada “(...) dentro de casa, ‘enchendo a barriga com o produto do trabalho alheio’. Este contraste entre a produção de Pandora e a criação de Eva também se aplica à representação da vida sexual de cada mito” (BOYARIN, 1993. p. 109).

De fato em Hesíodo, ao invés de “(...) se unir, tornando-se uma só carne”, ou de “(...) se juntar no amor”, “(...) como no eufemismo canônico utilizado nos textos gregos (e em outros pontos da *Teogonia*), o homem e a mulher permanecem entidades distintas, envolvidas em uma transação desigual, onde a mulher literalmente suga a substância do homem (alimentícia e sexual)” e, com seus apetites, “(...) assa o homem vivo e o condena a uma velhice prematura”. A beleza extraordinária de Pandora, realçada pelos adornos que os gregos consideravam sinais externos dos atrativos sexuais, é, ao mesmo tempo, uma cilada e uma ilusão. “Os perigos da sexualidade como uma violação da autonomia do corpo masculino, o desequilíbrio que provoca em seus humores, as limitações impostas para o seu gozo, o fato de não estar ligada a um objeto de amor específico e os apetites sexuais descontrolados (extravagantes) atribuídos à mulher são características recorrentes da atitude dos gregos”. Textos médicos e

filosóficos posteriores exporiam com todas as letras os perigos do prazer sexual para a saúde do homem, “(...) mas esta estrutura já está montada em Hesíodo, principalmente no contexto da criação da mulher, como um *anti pyrós*, um “fogo” que tomaria o lugar daquele que fora roubado”. Há uma diferença substancial entre as duas personagens, pois, enquanto Eva é chamada de ‘mãe de todos os viventes’, Pandora é denominada a ‘ancestral da raça das mulheres’. Hesíodo chega a inverter o significado de seu nome, que deixa de ser ‘Aquele que dá todas as dádivas’, um epíteto de *Gaia*, para se tornar ‘Aquele que recebe todas as dádivas’(BOYARIN, 1993. p. 110). E o ponto crucial é que, ao contrário de Eva, não há nenhuma menção de que Pandora sofreria dores físicas ao parir seus filhos.

Praticamente quase todos os papéis desempenhados pelas mulheres na literatura bíblica são de subordinação, dominação e dependência. No entanto, “(...) as suas funções (sociais ou sexuais, produtivas ou reprodutivas) são altamente valorizadas”. Elas não são encaradas como um mal que caiu sobre o ‘homem’, mas como um sinal da benevolência de Deus. Já na versão da cultura grega representada por Hesíodo “(...) – que, apesar de não ser universal, é a que foi transmitida no final da Antiguidade para a Idade Média – a mulher é a marca de um mal e uma fonte de perigo para o homem; na verdade, a sua própria natureza é maligna”. Concordamos com Boyarin que “(...) pode-se dizer que, nas raízes da ideologia ocidental sobre a mulher, encontraremos a figura de Pandora sobreposta à de Eva” (BOYARIN, 1993. p. 112).

Um outro aspecto da Queda está relacionado à perda da virgindade e à “(...) perda da integridade, de uma relação imediata e natural entre significante e significado que excluiria inteiramente a necessidade daquilo que intitulamos a teológica cosmológica dos Padres” (BLOCH, 1995. p. 127). Ora, se o corpóreo está ligado ao feminino, “(...) as exortações insistentes dos Padres à castidade feminina só podem ser vistas como uma incitação autocontraditória ao feminino para que seja algo que ele não é”. Ou seja, conchamar uma mulher à castidade é “(...) conchamá-la, em um sentido profundo, a negar sua feminilidade, uma vez que transcender ao corpo é fugir daquilo que é sexizado como feminino” (BLOCH, 1995. p. 135). Dessa forma, a mulher é colocada em uma posição em que, para ser igual, é necessário que renuncie ao feminino, tornando-se homem.

A (des) culpa de Eva

A questão da culpabilidade de Eva, além das considerações dos comentadores do *Gênesis*, gerou diferentes narrativas, tanto no ambiente judaico quanto no cristão. Apenas para situar duas dessas formas, referimo-nos brevemente a dois textos com base nos trabalhos de RIOS (2009) e AUERBACH (1971). O primeiro tem em vista a vida de Adão e Eva; Auerbach comenta a peça natalina *Mistério de Adão*, de fins do século XII, conservada em um único manuscrito, uma das peças mais antigas em língua vulgar. Ela apresenta, em primeiro lugar, o episódio do Jardim do Éden; depois, o assassinato de Abel e a procissão dos profetas. Para nosso trabalho, analisaremos apenas a parte que se refere ao episódio do Jardim. Trata-se de documento importante, uma vez que o que nos interessa é a formação de um imaginário sobre a mulher, a narrativa dando à discussão filosófica, hermenêutica e teológica um contorno plástico.

O pecado original é apresentado em forma de diálogo entre os personagens. Primeiramente, o diabo tenta seduzir Adão. Como não obtém o resultado esperado, volta-se para Eva, conseguindo realizar seu intento:

Adão: Dize-me mulher, o que procurava o malvado Satanás junto a ti? O que queria de ti?

Eva: Falou-me do nosso proveito.

Adão: Não acredites no traidor! Ele é um traidor, bem o sei.

Eva: Como o sabes?

Adão: Porque o experimentei!

Eva: Por que deveria isso impedir-me de vê-lo? Também a ti ele fará mudar de saber.

Adão: Não o conseguirá, porque não acreditarei nele sem provas. Não deixes mais que ele se aproxime de ti, pois é um sujeito muito malvado. Já quis trair o seu Senhor e pôr-se a si mesmo na sua altura. Não quero que um tal patife tenha qualquer coisa a ver contigo! (*Apud* AUERBACH, 1971. p. 123).

Nesse diálogo imaginário, há vários elementos que caracterizam a sociedade feudal do século XII, incluindo as relações homem/mulher. Auerbach compara Adão a um homem comum, que tira satisfações com sua mulher, da mesma forma que poderia ter feito um camponês ou um burguês que, ao voltar para casa, surpreende sua esposa conversando com um sujeito com o qual ele já tinha tido contato e sabia que era mal afamado: “Mulher, *mulier*, ele diz, o que é que esse aí queria de você? O que é que ele tem a ver com você?” (AUERBACH, 1971. p. 123). Há registros literários onde se lê

que, “(...) na promiscuidade buliçosa das grandes casas nobres, não faltavam damas que sucumbiam aos assaltos do senescal de seus maridos” (DUBY, 2013. p. 25). O comportamento de Adão assemelha-se ao desses maridos que desconfiavam de suas esposas e de suas relações extraconjugais.

Adão se preocupa com sua mulher. Ele é o seu guardião; e pode parecer-lhe suspeito que ela converse com uma pessoa do sexo masculino (devendo-se notar que o diabo, na peça, não se apresenta sob a forma de serpente). Adão alerta a mulher para os perigos que ela corre estando em uma companhia que ele já conhece, tanto que o nomeia “*malvado Satanás*” e o caracteriza com o que há de mais infame para os preceitos da cavalaria: “(...) *ele é um traidor*”, já quis trair o seu Senhor.

Percebemos nessa fala o substrato dos laços de suserania e vassalagem que uniam os senhores e seus vassallos, laços cujo rompimento causava aborrecimentos e até mesmo guerra entre as partes envolvidas. Eva também sabe disso; contudo, ela não mostra ter consciência de que fosse uma traição, pois não possuía uma consciência moral como a de Adão, sendo movida por uma curiosidade que a faz querer experimentar o fruto desconhecido. Primeiramente, Satanás tentou aliciar Adão. Uma vez que não obteve sucesso, ele se voltou para a mulher, talvez por perceber que ela seria mais facilmente envolvida em sua trama. Percebemos que está consolidada a imagem de fragilidade feminina perante as tentações, reforçando a opinião de sua volubilidade ao se deixar enganar facilmente por Satanás.

Na continuação do diálogo entre o casal, a serpente entra em cena. No início, Adão a liga a Satanás, pois, segundo a tradição cristã, ela é identificada como o diabo (Apc. 12, 9). É ele quem, travestido de animal (o mais astuto por sinal), se apresenta à mulher para tentá-la; usa para isso das artimanhas da sedução, a fim de que a mulher cometa o pecado da desobediência e, mais ainda, que ela leve consigo o homem. A serpente/Satanás seduz a mulher e esta seduz o homem.

Na peça, a serpente sobe pelo tronco da árvore, de forma que fique próxima ao ouvido de Eva e esta possa escutá-la. Não se apresenta a conversa entre a mulher e o animal, mas somente o diálogo entre a mulher e Adão, que culminará no ato de comer do fruto da árvore proibida:

Eva: Come Adão, tu não sabes o que é isto! Peguemos este bem que nos é dado.

Adão: É tão bom?

Eva: Logo o saberás! Não podes sabê-lo sem experimentar.
Adão: Tenho medo de fazê-lo!
Eva: Faze-o.
Adão: Não o farei!
Eva: Que hesitação covarde é essa!
Adão: Então a pegarei.
Eva: Come, pega! Assim reconhecerás o bem e o mal. Eu comerei primeiro.
Adão: E eu depois.
Eva: Naturalmente.
 Ela come um pedaço da maçã e diz a Adão: Experimentei. Deus, que sabor! Nunca comi algo tão doce. Que sabor tem esta maçã.
Adão: Que sabor?
Eva: Um sabor que nunca homem algum experimentou. Agora os meus olhos tornaram-se tão claros, que eu me sinto como Deus todo-poderoso. Tudo o que foi, tudo o que será, tudo o sei, e sou seu senhor. Come, Adão, não hesites, pegá-la-ás em boa hora.
 Aqui, Adão pega a maçã da mão de Eva e diz:
Adão: Crerei o que dizes, tu és meu par.
Eva: Come, não temas (*Apud AUERBACH, 1971. p. 123*).

A mulher torna-se protagonista da história. Ela instiga Adão a experimentar do bem que a serpente lhes oferece: *“Peguemos este bem que nos é dado.”* E Adão, denotando insegurança, lhe pergunta: *“É tão bom?”* Ele claramente demonstra o sentimento de medo que o acomete: *“Tenho medo de fazê-lo!”*. A mulher o provoca com um misto de escárnio e desafio: *“Que hesitação covarde é essa!”*. Embora amedrontado e inseguro, premido pelo desafio, Adão cai na armadilha: *“Então a pegarei”*.

O texto não informa o sentimento que move Eva; no entanto, pode ser que a serpente/Satanás já lhe tivesse feito conhecer as propriedades do fruto, porque ela manifesta o desejo de ser a primeira a comê-lo: *“Assim reconhecerás o bem e o mal. Eu comerei primeiro”*. Ao comer, exalta o sabor do fruto: *“Nunca comi algo tão doce! Que sabor tem esta maçã”*. Adão, movido pela curiosidade, indaga: *“Que sabor?”* E a mulher responde: *“Um sabor que nunca homem algum experimentou. Agora os meus olhos tornaram-se tão claros, que eu me sinto como Deus todo-poderoso. Tudo o que foi, tudo o que será, tudo o sei, e sou seu senhor. Come, Adão, não hesites, pegá-la-ás em boa hora”*.

Se a primeira parte do diálogo apresenta vários elementos que caracterizam a sociedade do século XII, a segunda os reforça. Ao responder Adão à mulher, diz-lhe: *“(....) sou seu senhor”*. Cabe ao homem – súdito da *dama sans merci* – acatar a ordem dada e, como seu bom vassalo, obedecer: *“Crerei o que dizes, tu és meu par”*.

Em se tratando da trama, é Eva quem seduz Adão. Ela é uma pessoa “hábil e diplomática”, “(...) cuja meta seria acalmar Adão e fazê-lo esquecer Satanás, contra o qual ele nutre um preconceito, ou dar-lhe a entender, pelo menos, que ela não confia cegamente em Satanás, mas quer esperar, para ver se as promessas se cumprem” (AUERBACH, 1971. p. 127). Outro motivo para que a serpente tenha intervindo entre Eva e Adão é que ela sente, ou mesmo sabe, pelo jeito com que Eva estava conduzindo a conversa, ela – a serpente – poderia não obter o êxito desejado. A ideia de uma Eva fraca, pecadora, e que necessita de um homem que a conduza marca o texto medieval:

Na realidade, Eva é pouco hábil, ainda que esta falta de habilidade não seja, de forma alguma, difícil de compreender; pois sem a ajuda do diabo ela é, apesar de curiosa pecadora, fraca, dirigível pelo marido, muito inferior a ele – assim como Deus a criou, da costela do homem. Expressamente ele ordenou a Adão que a dirigisse, e a Eva, que o (*sic*) servisse e obedecesse. Eva é diante dele, medrosa, submissa, acanhada; ela sente que não pode enfrentar a sua vontade clara, sensata e máscula. Somente através da serpente a situação muda: ela inverte a ordem estabelecida por Deus, faz da mulher o senhor do homem e leva, desta forma, os dois à perdição (AUERBACH, 1971. p. 127).

Seguindo instruções da serpente, Eva deverá atacar Adão no ponto em que ele se apresenta mais fraco, ou seja, “(...) na irreflexão dos seus atos, na falta de um sentido moral próprio”. Adão “(...) é um bom homem, de confiança e seguro de si; ele sabe o que deve fazer e deixar de fazer. Deus ordenou-lhe isso claramente, e a sua decência descansa nesta segurança, que o guarda de complicações imprevisíveis”. Ele também domina a sua mulher. No entanto, algo de diferente ocorre à mulher. Ela, que antes era infantil e inconsequente, de súbito age contrariamente ao que era esperado e tem uma atitude, pratica uma ação, tirando da árvore um fruto que não só come, como instiga o companheiro a provar dele. Trocam-se os papéis, Eva domina a situação e ele, que antes era tão seguro de si, “(...) vacila entre o medo e o desejo – não propriamente desejo pela maçã, mas por autoafirmação: será que ele, como homem, deverá ter medo diante de uma coisa que a mulher conseguiu levar a cabo?” (AUERBACH, 1971. p. 127).

Adão acaba por praticar o mesmo ato. Come da maçã. Mas come-a instigado por Eva, conduzido por ela. Sua submissão é clara e patente. Todos veem que, naquele ato,

a mulher é a senhora da situação e, só ela poderia seduzir Adão pelo fato de estar intimamente ligada a ele; afinal, ela é osso dos seus ossos.

Eva, a sedutora, aquela que se deixa seduzir pela astúcia da serpente e que induz Adão a também comer do fruto proibido; este é um dos estigmas que marcarão o sexo feminino ao longo da história. A partir de Eva, as mulheres passarão a ser vistas como sedutoras, que usam e até mesmo abusam de seus poderes para com os homens levando-os ao pecado, à perdição. Eles terão que se livrar delas, dominando-as, caso queiram alcançar a salvação. O exemplo dado por Adão torna-se claro: ao menor vacilo, ao menor descuido, as mulheres mandam e comandam, e estes atos podem por em risco a vida mortal e a alma imortal do homem.

Em “A versão de Eva: perspectiva, narrativa e interpretação em *A vida de Adão e Eva*”, Rios estuda o discurso de Eva em sua versão grega, abordando-o em uma perspectiva mais ampla. Segundo o autor, a primeira peculiaridade do texto está em sua sobrevivência em várias línguas, como o latim, o grego, o eslavo, o gótico, em que se preservaram partes e versões dessa narrativa de origem claramente judaica. Ele ainda chama a atenção para o fato de que “(...) é sensato considerar a possibilidade de que outras ideias que hoje consideramos caracteristicamente cristãs, na verdade advenham diretamente do judaísmo” (RIOS, 2009. p. 4). A narrativa do que vai ocorrer em relação ao casal é apresentada da seguinte forma:

Após saírem do “pomar da várzea”, Adão e Eva vivem juntos. Eva tem um sonho que pressagia a morte de Abel. O casal vai à procura do filho e encontra-o assassinado. Deus revela a Adão que lhe dará um filho no lugar do perdido. Seth e muitos outros filhos são gerados. Adão adoece e os convoca todos para junto de si. Seth e Eva retornam à região do Paraíso para tentar convencer Deus a entregar-lhes do fruto da árvore da vida, para curar Adão. No caminho, novo encontro com a serpente, a qual luta com Seth e refuta as palavras de Eva. Não conseguindo o que buscavam, retornam à tenda de Adão. Nesta ocasião Eva contará a seus filhos e netos a forma como foram enganados no Éden. Após a narrativa de Eva, chega a morte de Adão. Ele é, então, sepultado por anjos. O mesmo acontece com Eva. Suas mortes são, contudo, marcadas pela expectativa da ressurreição, anunciada em vários momentos no texto (RIOS, 2009. p. 2).

O que interessa aqui é a narrativa que, a pedido de Adão, em seu leito de morte, Eva faz a seus filhos e netos. Ela principia por expor-lhes não somente o ocorrido, mas a

maneira como ocorreu. Assim, pode contar os mesmos fatos, mas agora sob sua ótica. No entanto, se Adão pede que ela relate a maneira como eles haviam transgredido, colocando-os como agentes da ação, Eva muda o enfoque, deixando claro que foi o inimigo que os enganou. Pouco antes e em poucas palavras, Adão narra o ocorrido ao seu filho Seth:

Quando Deus nos fez, a mim e a tua mãe, pela qual também morro, nos deu toda árvore que havia no Paraíso, mas a respeito de uma nos ordenou que não comêssemos dela, por meio da qual também morremos. Aproximou-se a hora em que os anjos que vigiavam vossa mãe subiam e adoravam o Senhor. Então, o inimigo - percebendo que eu não estava perto dela, nem os santos anjos - deu a ela da árvore e ela comeu. Em seguida, ela deu também a mim para que eu comesse (A vida de Adão e Eva, apud RIOS, 2009. p. 2).

Nesse trecho, o inimigo aparece dando o fruto a Eva, mas ele só procede dessa forma porque nem os anjos nem Adão estavam de guarda, vigiando-a. Isso leva a pressupor que ela fosse potencialmente perigosa e que, por isso, fosse mais propícia a errar. Adão não estava perto de Eva. Se estivesse, poderia ter evitado o ocorrido. Como consequência do ato da mulher, ele morre. No entanto, quando Eva tem a oportunidade de se manifestar, muda a configuração da narrativa: “(...) o sujeito torna-se o inimigo que engana”. Eva divide com Adão a ação praticada, quando afirma: “(...) nosso inimigo nos enganou”. A serpente também passa a ocupar outra posição na narrativa. Não que deixe de ser o vilão da história, mas também é seduzida pelo diabo.

Deus deu a Eva e a Adão a incumbência de cuidar do Paraíso. A ela cabia guardar as fêmeas dos animais e a parte sul e oeste, enquanto Adão guardava os animais machos e a parte norte e leste do jardim. A serpente era um animal macho, portanto estava sob a responsabilidade de Adão; e, enquanto Eva guardava sua parte, o diabo se encaminhava para a porção que Adão estava guardando.

Eva começa a referir “(...) uma cadeia maior de seduções, da qual ela será somente parte, e, simultaneamente, revela outras responsabilidades na história”. Na literatura canônica, há uma única informação sobre a serpente: “(...) era o mais astuto de todos os animais dos campos” (Gênesis 3, 1). Nesta versão, o diabo aproveita-se dessa informação e a usa para também seduzir a serpente: “Ouço que és mais astuto que todos os animais selvagens, e eu vim para te conhecer”. A serpente ainda tenta se

esquivar, afirmando: “*Tenho medo de que o Senhor se ire contra mim*”; contudo, acaba cedendo, pois o diabo garante que ele mesmo falará por meio de sua boca. Dessa forma, a serpente torna-se apenas o meio pelo qual o diabo chegará até os humanos, a fim de seduzi-los. Ele a usa como instrumento, a fim de se aproximar de Eva: “(....) *é mais razoável ser enganada pela astúcia de um ser de natureza angelical que por um animal, ainda que sagaz*” (RIOS, 2009. p. 5). Eva, assim como a serpente, também titubeia, repetindo as palavras pronunciadas pela serpente: “*Tenho medo de que o Senhor se ire contra mim*”. No entanto, cede.

De acordo com a narrativa canônica em *Gênesis* 3, 6-7, primeiro Eva comeu do fruto e depois o ofereceu a Adão. Só depois é que os olhos de ambos se abrem. Eva saberia antes dos efeitos da ingestão do fruto? Se ela soubesse, não só foi desobediente, como também foi má, ao levar Adão para o mesmo caminho que conduziria à morte. Na opinião de Rios, é melhor que Eva mesma se explique:

E [a serpente] tendo caminhado um pouco, virou-se e me diz: “Mudei de ideia... Não te darei para comer.” Isso disse querendo, como fim, me seduzir e arruinar. E me diz: “Jura para mim que dás também a teu homem.” E eu lhe disse: “Não sei que juramento jurarei a ti, contudo, o que sei te digo: pelo trono do soberano e os querubins e a árvore da vida, que darei também a meu homem para comer.” E quando tomou meu juramento, então foi e subiu na árvore. E se colocou sobre o fruto, o qual me deu para comer, veneno de sua maldade, quer dizer, de seu desejo – pois o desejo é cabeça de todo pecado. E inclinou o galho sobre a terra e eu tomei do fruto e comi (*A vida de Adão e Eva*, apud RIOS, 2009. p. 6).

Quando seus olhos se abriram, ela se percebeu nua e chorou, por ter perdido glória, com a qual estava vestida, e também pela quebra do juramento feito entre Deus e Adão. Neste meio tempo, o diabo desceu da planta e desapareceu. Eva procurou folhas a fim de se cobrir, mas não encontrou; pois as plantas de sua parte do Paraíso secaram todas. Com exceção da figueira: então, ela utilizou dessas folhas para fazer um cinturão e se cobrir.

Para Rios, Eva incorre nos mesmos erros de outros personagens trágicos, que agem de forma contrária a seu juramento, expondo-se a consequências quase sempre

nefastas. É por isso que ela oferece o fruto a Adão. Eva esclarece que seus olhos se abriram depois que comeu do fruto, mas complementa: estava “*nua de justiça*”, cobrindo-se com as folhas que tinha disponíveis, com as quais “*(...) ela tece um cinturão, junto ao qual há da planta proibida*” (RIOS, 2009. p. 6). Percebe-se uma aproximação entre o fruto proibido e o corpo de Eva.

Depois de provar do fruto, Eva chama Adão e, quando ele se aproxima, ela abre a boca e o diabo fala através dela, convencendo-o: “Vem, meu senhor Adão, dá-me ouvidos e come do fruto da árvore, da qual Deus nos disse para não comer, e serás como Deus”. Assim como a serpente, ela é usada como instrumento pelo inimigo, a fim de seduzir Adão. A resposta de Adão já é conhecida: “*(...) tenho medo de que o senhor se ire contra mim*”. Depois da serpente e de Eva, ele é o último a pronunciar essas palavras: “A serpente as profere diante do próprio diabo; Eva, diante do diabo que fala pelo corpo da serpente; Adão, diante do diabo que fala pela boca de Eva. Cada um, com a mesma frase, inclui-se na mesma corrente de sedução; todos se igualam, assim, não só nas palavras, mas na fraqueza” (RIOS, 2009. p. 7).

Deus vem ao Paraíso na companhia dos anjos, percebe o que ocorreu e dá a cada um dos envolvidos a respectiva punição, sendo a expulsão a maior de todas. Adão pede aos anjos que o deixem falar com Deus, para lhe dizer que ele, Adão, foi quem pecou: “*Deixai-me um pouco, de modo que eu peça a Deus, e ele se compadeça e tenha misericórdia de mim, porque eu somente pequei*”. O que motiva Adão a assumir a responsabilidade do ato? Rios aponta algumas explicações: a primeira, é que seria mais lógico responsabilizar Eva pelo ato; a segunda, é que o segundo “*eu*” expresso na frase refere-se a Eva. Assim, o “*eu*” deveria ter sido substituído por “*ela*”, e a forma verbal por “*pecou*”. Há para isso duas hipóteses: “*(...) o homem curiosamente assume a culpa; Eva o faz dizer: “eu somente pequei”*”. Na segunda das hipóteses, Adão atribui a culpa somente a sua mulher, mas nisso falha, pois Deus não lhe dá ouvidos” (RIOS, 2009. p. 7).

Os anjos permitem que Adão converse com Deus, e o homem ainda pede para comer o fruto da árvore da vida – pedido obviamente negado. Contudo, Deus promete que, caso ele se guarde de praticar qualquer tipo de mal, posteriormente será ressuscitado e se tornará imortal para sempre. O terceiro e último pedido de Adão é poder levar substâncias aromáticas do Paraíso, a fim de prestar culto a Deus, o que lhe é concedido.

Depois disso, sai o casal do Paraíso e eles se veem privados de seu habitat privilegiado.

Eva encerra sua narrativa alertando seus filhos: “Agora, então, meus filhos, vos mostrei a maneira pela qual fomos enganados. Vós, guardai a vós mesmos para não abandonar o que é bom” (*A vida de Adão e Eva, apud RIOS, 2009. p. 7*). Contar o ocorrido tem uma finalidade didática: a de proporcionar uma esperança escatológica, uma recompensa que será alcançada de acordo com o bom comportamento assumido pelos filhos e netos do primeiro casal.

O castigo dado por Deus recai sobre os três personagens transgressores e não apenas sobre a mulher. No entanto, Vaz afirma que, ainda que seja habitual considerar que a “maldição” se estende, explícita ou implicitamente, aos três transgressores, só a serpente e o solo arável se dizem “amaldiçoados” (VAZ, 1996. p. 332), pois tanto a mulher, quanto o homem ficaram isentos de uma maldição. É perceptível, contudo, a associação de Eva com o “inimigo”, recaindo “(...) sobre ela toda a culpa, bem como a insistência em uma leitura eminentemente negativa de sua figura”, o que Rios entende “(...) como sintomas de uma altamente difundida aversão a Eva” (RIOS, 2009. p. 9).

Essa interpretação negativa provavelmente se deve a um ser masculino. Ao longo da narrativa, são destacáveis os trechos em que a maior responsabilidade da Queda é atribuída a Eva; mas Eva diverge sutilmente da interpretação misógina tradicional”; ela “(...) não confronta diretamente, em comentários, a hermenêutica patriarcal, nem nega dados da narrativa canônica”, mas “(...) movimenta-se, isso sim, nos vazios desta e, embora utilize uma linguagem simples, tem a sagacidade de reorientar sua recepção” (RIOS, 2009. p. 10). Parece sensato considerar que a narrativa de Eva propõe novas leituras, não considerando *a priori* a mulher como a maior culpada e transgressora ao longo dos eventos e do tempo.

CAPÍTULO 4

DA DESOBEDIÊNCIA AO PECADO ORIGINAL.

A dinâmica medieval que envolve homens e mulheres é marcada pelo pecado⁵³. Pode-se dizer que a visão de mundo – que vai desde “(...) a concepção do tempo, a organização do espaço, a antropologia, a noção de saber, a ideia de trabalho, as ligações com Deus, as construções das relações sociais, a instituição de práticas rituais” (CASAGRANDE, 2002. p. 337) – gira em torno do pecado.

A Queda de Adão divide a história em duas: antes e depois do Jardim: vai de um tempo bom, de prosperidade, com uma humanidade perfeita, para um tempo de sofrimento e morte. Também, a vinda de Cristo também separa a humanidade em duas: do sofrimento e da morte para as alegrias e promessa de vida eterna. Imagens invertidas, uma prefigurada na outra.

O tempo histórico é pontuado pelo pecado. É ele que dá a tônica e o dinamismo aos acontecimentos, pois os fatos são marcados pelo antes e depois da Queda, da vinda de Cristo e do Juízo Final. O ato de desobediência que envolveu o primeiro casal assinala a passagem de um estado de perfeição e harmonia para uma condição de imperfeições e sofrimentos. O processo de salvação e libertação dos pecados ocorre através da Encarnação, assim como o Juízo Final, que marcará a separação entre justos e pecadores, entre os condenados e os libertos.

O tempo individual, que se situa no tempo histórico, apresenta estreita ligação com o pecado, uma vez que se acredita que, ao nascer, o homem contrai o pecado

⁵³ A palavra *pecado* (do latim *Peccatum*); significa uma “(...) transgressão intencional de um mandamento divino”. Há uma variedade de palavras para significar *pecado*, com acepções que variam desde “errar o alvo” e “quebra de relacionamentos” até “impiedade”, “perversão” e “rebelião”. A conotação dada ao termo é, sobretudo, religiosa, pois não é uma transgressão a uma norma moral ou jurídica, mas sim a transgressão de uma ordem considerada imposta ou estabelecida por uma divindade: “O reconhecimento do caráter divino de uma norma e a intenção de transgredi-la são os dois elementos desse conceito, sem os quais se confunde com os conceitos de culpa, delito, erro, crime etc., que designam a transgressão de uma norma moral ou jurídica” (ABBAGNANO. 2007. p. 746).

original. A absolvição desse pecado ocorre depois do sacramento do batismo, quando o homem adquire capacidade de lutar contra os variados pecados que o cercam; e tudo termina com a morte, quando então se procede ao julgamento final, para determinar o futuro no Além.

Esse tempo pontuado pelo pecado apresenta sua geografia própria: em primeiro lugar, há o Paraíso terrestre, o Jardim do Éden, lugar livre do pecado onde viviam os primeiros pais, antes da desobediência. Em segundo lugar, há a Terra, lugar para onde os pais tiveram que se dirigir depois que foram expulsos do Paraíso; a Terra tornou-se um lugar de provas e expiações. E, finalmente o Além, onde distinguimos o Paraíso (que alguns denominam Jerusalém Celeste) o Purgatório, o Limbo e o Inferno. Pressupõe-se que cada um desses espaços será ocupado pelas almas, de acordo com a vida que levaram, mais ou menos próxima do pecado ou da santidade.

A fim de atenuar, minimizar o pecado, ou mesmo se livrar dele, várias práticas rituais foram desenvolvidas. Essas práticas podem ser individuais ou coletivas: o batismo, a confissão, o jejum, os castigos físicos, a oração e a peregrinação, instituídas todas com a intenção de limitar o poder e a extensão dos pecados no mundo.

As ações do homem, durante a Idade Média, são moldadas por duas forças antagônicas, que disputam sua alma: de um lado há Deus, que se manifesta para proibir, punir e, sobretudo, salvar; e, do outro, há o diabo, que tenta seduzir, enganar e induzir ao pecado, que levará à morte e ao rompimento com Deus.

Pelo pecado original pretende-se explicar a origem da imperfeição humana, do sofrimento e da existência do mal pela Queda do homem. Ele, que representa uma primeira rebelião de um homem e uma mulher contra Deus, foi decisivo e dramático, e marcou indelevelmente a humanidade, porque se transmite de Adão a todos os outros homens, tornando-se, ao mesmo tempo, causa e princípio de outros pecados.

O pecado é original não apenas porque está na origem da humanidade, mas porque é transmitido a todos, que logo ao nascer tornam-se pecadores. A transmissão do pecado original não significa a transmissão de castigos, mas da culpa. É o vínculo que se estabelece entre a natureza humana e a pessoa de Adão, que representa toda a humanidade, em virtude de sua potência geradora, e reparte igualmente pena e culpa. A culpa será erradicada pelo sacrifício do Cristo, único homem que, por ter a qualidade de Deus, nasceu sem pecado original.

E, provavelmente, foi a função procriadora que possibilitou ser o pecado original transformado em pecado sexual. Por terem sucumbido à tentação, o homem e a mulher

foram destinados não apenas a morrer, mas também a sofrer: “Assim haverá não somente morrer, mas também sofrer. Ao homem o labor, à mulher, a dor. Decorre daí que a dor é, em princípio, assunto de mulher” (LE GOFF; TRUONG, 2006. p. 112).

Antes do pecado da desobediência, a gravidez era considerada como uma bênção, porque haveria a multiplicação das espécies. “Engravidar uma mulher é uma ‘felicidade’: Sofre-se ao conceber? ‘Antes se goza, e muito’” (DUBY, 2013. p. 62). Afirma-se aqui que o ato sexual é (quase sempre) prazeroso.

Depois, a gravidez transforma-se em um período angustiante de medos, incertezas e desconfortos, tornando-se quase um castigo.

Antes que Adão e Eva provassem do fruto da árvore do conhecimento, havia a ordem explícita de que o casal deveria procriar. Primeiro vemos esta ordem em *Gênesis* 1, 26: “(...) *crestei e multiplicai-vos e enchei a Terra.*” Em outra passagem, *Gênesis* 2, 24, a ordem para a conjunção é repetida: “*Por isso deixará o homem seu pai e sua mãe, e se unirá a sua mulher; e serão dois em uma só carne*”.

De acordo com Ricoeur, o pecado original apresenta duas categorias: uma jurídica, em decorrência da dívida, e a outra biológica, resultante da herança maldita que recaiu sobre todos os humanos a partir do primeiro casal. O mal seria obra da liberdade. Contudo, para esse autor, tal tese é “(...) insuficiente porque ela não dá conta do aspecto mais claro do mal, aquele que nós poderíamos chamar o mal atual, no duplo sentido de mal em ato, em exercício, e de mal presente, em vias de ser feito” (RICOUER, 2008. p. 7).

De acordo com Ricoeur, o pecado original apresenta duas categorias: uma jurídica, em decorrência da dívida, e a outra biológica, em decorrência da herança maldita que recaiu sobre todos os humanos a partir do primeiro par. O mal seria obra da liberdade. Contudo, para ele, essa tese é “insuficiente porque ela não dá conta do aspecto mais claro do mal, aquele que nós poderíamos chamar o mal atual, no duplo sentido de mal em ato, em exercício, e de mal presente, em vias de ser feito” (RICOUER, 2008. p.7).

Em sua teoria sobre o pecado original, Agostinho de Hipona afirma que as crianças são contaminadas desde o momento de sua concepção, porque o pecado de Adão corrompeu toda a espécie humana:

Todo o gênero humano, que devia propagar-se pela mulher estava no primeiro homem, quando essa união dos cônjuges recebeu a sentença

divina da sua condenação. E aquilo em que se tornou o homem, não quando foi criado, mas, quando pecou e foi castigado, transmitiu-o ele aos seus descendentes no que diz respeito à origem do pecado e da morte (AGOSTINHO, *Cidade de Deus*, 13, 29).

Essa transformação do pecado original em pecado sexual foi possível porque o sistema medieval era dominado pelo pensamento simbólico e, nesse quesito, os textos bíblicos são ricos e polivalentes, atendendo a interpretações de todos os gêneros: “A interpretação tradicional afirma que Adão e Eva quiseram encontrar na maçã⁵⁴ a substância que lhes permitiria adquirir uma parte do saber divino”, sendo possivelmente mais fácil convencer as pessoas de que a ingestão do fruto, geralmente apresentado como sendo a maçã, “decorria da copulação” mais do que do desejo do conhecimento, “(...) a oscilação ideológica e interpretativa instalando-se sem grandes dificuldades” (LE GOFF; TRUONG. 2006. p. 51).

O fato de Adão e Eva se terem coberto com a áspera folha da figueira levou os adeptos da teoria do pecado sexual a vê-la referendada neste ato, pois lhes pareceu que Adão quis castigar seus órgãos sexuais, órgãos que os levaram a pecar. Agostinho é mais complacente, pois para ele o fato de eles terem se coberto com folhas de figueira deveu-se a serem elas “(...) as primeiras, com certeza, que, na sua atrapalhação, encontraram” (AGOSTINHO, *Cidade de Deus*, 13, 13).

Embora haja uma grande especulação sobre qual a espécie a que pertence à árvore do conhecimento, não é possível responder com certeza. O Talmude registra como os sábios, confrontando o texto da Escritura consigo mesmos, propuseram soluções variadas, a opção do Rabi José pela figueira sendo justificada por um símile de natureza sexual: o filho do rei que desonra a si mesmo com uma das servas:

“A árvore do conhecimento.” Qual foi essa árvore da qual Adão e Eva comeram? Rabi Meir disse: era trigo, porque, quando alguém perde o entendimento, as pessoas dizem: este homem jamais comeu em sua vida pão de trigo. Rabi Samuel ben Isaac compareceu diante de Rabi Zeira e perguntou-lhe: é possível que ela seja trigo? Ele respondeu: sim, mas ele replicou: mas está escrito “árvore”. Rabi Zeira

⁵⁴ A ideia da maçã como símbolo do pecado remonta ao séc. XIII. Uma das explicações para isso repousa no fato de a forma latina *malus* (que, declinada, faz *mala*, *malum*, *mali*, variando conforme a função) traduz-se, em português, como *maçã* e também como *mal*. Daí a aproximação entre o fruto e o pecado original, que é o grande mal.

explicou: plantas de trigo cresciam alto como os cedros do Líbano. [...] Rabi Judah ben Ilai disse: eram uvas, como está escrito: “suas uvas são uvas de fel, seus cachos são amargos” (Dt. 32, 32): esses cachos trouxeram amargura ao mundo. Rabi Aba de Acco disse: era cidra, como está escrito: “e a mulher viu que a árvore (*ets*) era boa para comer” (Gen. 3, 6). Considere: saia você e examine a madeira (*ets*) de qual árvore é comestível exatamente como o fruto e você não encontrará nenhuma outra senão a cidra. Rabi José disse: eram figos; pode alguém não encontrar algo a partir dessa mesma palavra e uma outra a partir de seu contexto? Isso pode ser comparado ao filho de um rei que desonra a si mesmo com uma das jovens servas. Quando o rei ouve isso, expulsa-o do palácio e ele continua a rodear de uma porta a outra das jovens servas, mas nenhuma o recebeu, exceto aquela que se desonrou a si mesma com ele. Ela abriu a porta e recebeu-o. Do mesmo modo quando o primeiro homem comeu da árvore, [o rei] expulsou-o do Jardim do Éden e ele continuou a rodear todas as árvores, que não o acolheram. O que lhe disseram elas? Rabi Berekhia: aqui está o ladrão que roubou sabedoria de seu Criador, que roubou sabedoria de seu senhor, como está escrito: não deixe o pé de presunção vir sobre mim (Sl. 36, 12), isto é, o pé que presumiu contra o Criador; e não deixe a mão do ímpio me abalar, isto é, não tome de mim nenhuma folha. Mas a figueira, como Adão havia comido de seus frutos, abriu suas portas e recebeu-o, como está escrito: e eles coseram folhas de figueira (Gen. 3, 7). Mas de qual espécie de figueira? Rabi Josua de Siknin disse em nome de Rabi Levi: era a *berath ali*, porque ela trouxe lamentação e choro ao mundo. Rabi Azariah e Rabi Judah ben Simon disseram em nome de Rabi Joshua ben Levi: Deus nos livre! O Único-Santo-Abençoado-Seja-Ele não expôs ao homem a natureza dessa árvore e não a exporá no futuro (*Genesi Rabbah* 2, 9, *apud* M. R. Niehoff, p. 345-346. *Apud* BRANDÃO, 2014. p. 290-291).

Definir a espécie de árvore cujo fruto foi comido é uma aspiração de grande número de filósofos e sábios, que não chegaram ainda a um consenso. Por isso, não nos aventaremos a propor um ou outro o fruto; concordamos que um determinado fruto de uma determinada árvore, tornou-se o símbolo do pecado da desobediência, algo palpável para que a humanidade entenda que houve a transgressão e, com ela, a consequência pelo ato praticado.

O livre arbítrio

Em dois momentos houve uma ruptura, ou disjunção, na história da sexualidade no Ocidente. O primeiro ocorreu entre os séculos I e IV (para alguns, logo com Paulo; para outros, mais tarde, com Agostinho), caracterizando-se “(...) por uma articulação dos gêneros sexuais bem diferentes da tradição estoica, judaica, platônica, aristotélica, gnóstica, maniqueísta ou tardo-romana”. De fato, a construção cristã dos gêneros sexuais “(...) é composta de elementos que se encontram nas culturas preexistentes ou vizinhas, mas não na mesma combinação que foi passada para a Idade Média e tem durado até a época presente” (BLOCH, 1995. p. 17).

Bloch expõe o que, mais especificamente, encontramos nos escritos dos primeiros Padres da Igreja: primeiro, “(...) uma feminização da carne, ou seja, de acordo com a metáfora da mente e do corpo, a associação do homem com *mens ou ratio* e da mulher com o corporal”; segundo, uma “(...) estetização da feminilidade, ou seja, a associação da mulher com o cosmético, o superveniente ou o decorativo, incluindo-se aqui não só as artes, mas o que São Jerônimo chama ‘pequenos espetáculos ociosos da vida’”; e terceiro, “(...) a teologização da estética, ou a condenação em termos ontológicos não só da esfera da simulação ou das representações, de ‘tudo o que é emplastrado por cima’, nas palavras de Tertuliano, mas também de praticamente tudo o que é prazeroso ligado à corporificação material”. Nada nas tradições anteriores rivaliza com o ascetismo do cristianismo primitivo, segundo o qual “(...) apenas a renúncia da carne detém a promessa da salvação” (BLOCH, 1995. p. 17).

Em relação às ideias de Agostinho, Pelágio, um monge britânico, as refuta. A controvérsia entre eles se acirra em torno de dois pontos teológicos: a liberdade da vontade humana – o livre-arbítrio – e a maneira como Deus opera sua graça. Quanto ao livre-arbítrio, a discussão girava em torno da capacidade humana de exercer ou não a sua liberdade. A maioria dos cristãos acreditava que se tivéssemos a mancha do pecado, seríamos purificados através do batismo. Pelágio, no entanto, negava tal contaminação e afirmava não só a inocência da alma como também a absoluta capacidade de escolha, tanto moral quanto espiritual. Em suas contestações a Agostinho, ele afirmava que o homem tinha poder volitivo tanto para escolher ser salvo como para desistir dessa salvação, e que também tinha capacidade de decidir o seu futuro independente da graça de Deus.

Em *Gênesis 2, 7* Adão é advertido para não comer da árvore do conhecimento do bem e do mal: se ele assim fizesse, morreria. Note-se que, segundo este texto, esta advertência foi feita a Adão antes que Eva fosse criada. Como ela sabia da proibição,

deduz-se que foi Adão quem lhe passou a informação. Juliano, um dos seguidores de Pelágio, afirma que essa advertência não se refere a uma morte física, mas sim de uma morte simbólica, devida ao rompimento do pacto com Deus. Para reforçar sua tese lembra que, no encontro com a Serpente, Eva externa seu receio de comer do fruto, porque, se assim procedesse, morreriam (Gen. 3, 3). No entanto, a resposta da serpente foi enfática: não morreriam (Gen. 3, 4).

Juliano afirma que “(...) Adão começou a morrer moral e espiritualmente desde o dia em que escolheu pecar”. Por sua vez, “(...) sua descendência se encontra diante da mesma possibilidade de escolha que ele enfrentou, pois Deus dá a todo ser humano o que deu a Adão – o poder de escolher o próprio destino moral, a possibilidade de escolher um estilo de vida espiritual ou a autodestruição”. Em relação ao pecado original, ele é mais enfático: “(...) o mérito de uma só pessoa não pode alterar a estrutura do próprio universo” (PAGELS, 1992. p. 177).

É recorrente o questionamento sobre as causas pelas quais nascem crianças com deformidades físicas e mentais. Além disso, até certa idade, as crianças são destituídas de razão e desamparadas, pois necessitam de quem cuide delas e lhes dê condições de sobreviver até que aprendam a falar, andar e ter o mínimo de controle sobre si. Para Agostinho, essa seria uma das provas cabais de que os pecados dos pais passam para os filhos. Juliano rebate essa ideia citando o *Evangelho de João* 9, 1-3, em que Jesus cura um cego de nascença e, ao ser questionado sobre quem pecou, se o doente ou os pais, respondeu ele que não foi o doente, tampouco os pais. Ou seja, Jesus não fez nenhuma referência ao pecado de seus antepassados, nem mesmo do próprio cego, mas apresentou outra explicação para o fato: o doente nasceu naquele estado para que nele se manifestasse a glória de Deus.

Em relação aos castigos, os que recaíram sobre as mulheres não foram relacionados com a fertilidade de Eva, mas, sim, com sua transgressão. Por isso os incômodos da gravidez e as dores do parto, além da subjugação feminina ao homem: “(...) e o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará” (Gen. 3, 16). Juliano, assim como Crisóstomo, defende que não faz sentido a dominação masculina, bem como o trabalho de parto, originários da criação “boa” de Deus, se tornarem, pelo pecado, dolorosos e opressivos.

A pergunta que se faz é: por quais motivos as mulheres vão sofrer na hora de dar à luz? Para a mulher, sentenciou o Senhor: “*Multiplicarei grandemente o teu sofrimento*

na gravidez; em meio à agonia darás à luz filhos; seguirás desejando influenciar o teu marido, mas ele te dominará!” (Gen. 3, 16).

Um rabino diz que

Eva foi amaldiçoada com dez maldições, pois está escrito: *E à mulher ele disse: multiplicarei* (Gen.3,16): estes dois são os dois fluxos de sangue, o sangue da menstruação e o sangue da virgindade; tua dor: este é o esforço de criar os filhos; *e a tua concepção*: este é o esforço da gravidez; *na dor darás à luz os teus filhos*; como está escrito; *terás desejo pelo teu homem*: ensina que a mulher deseja o seu marido mesmo quando ele viaja; *e ele te dominará*: a mulher implora (por sexo) com o coração, enquanto o homem implora com a boca. O que consideramos [louvável] é quando ela o excita (BOYARIN, 1993. p. 141).

As ‘maldições’ da mulher fazem parte de sua esfera, mas não representam o seu estado. Além de não ser uma justificativa para fazer com que ela sofra, a maldição obriga o marido a cuidar da esposa. Mais uma vez, porém, “(...) fica claro que a relação entre os sexos é assimétrica, que a mulher ocupa uma posição de inferioridade no que diz respeito à sexualidade e que a posição dos homens é a dominante”. O próprio fato de ele ser obrigado a “(...) ter uma grande consideração com ela mostra como esta estrutura patriarcal pode ser magnânima, mas sufocante”. Assim, “O desejo feminino em si não é estigmatizado, mas sim o uso direto da linguagem para expressar este desejo. Por outro lado, o homem é estimulado a usar a fala justamente com o propósito de excitar a esposa”. Ele deve recorrer à expressão verbal para despertar o desejo da mulher, pois se ela não estiver excitada, os dois não devem ter relações. “A assimetria entre os sexos, portanto, não se dá no nível do direito ao prazer sexual, mas sim no direito à fala, entre aquele que controla a situação e aquela que deve ser ‘protegida’” (BOYARIN, 1993. p. 142-143).

Para os primeiros cristãos, os seres humanos tinham autonomia e seriam capazes de se autogovernar. No entanto, a partir do momento em que os próprios imperadores romanos se tornaram patronos do cristianismo, aos poucos eles começaram a dizer que não era possível esse autogoverno. Os primeiros porta-vozes cristãos viam nos três primeiros capítulos do *Gênesis* essa autonomia. Afinal, Deus conferiu a Adão o poder de governar (Gen. 1, 28): “E Deus os abençoou e disse: crescei e multiplicai-vos, e enchei a Terra, e *sujeitai-a; e dominai sobre os peixes do mar e sobre as aves dos céus,*

e sobre todos os animais que se movem sobre a Terra”. Para alguns exegetas, nessa passagem se nota que o poder também tinha sido dado à mulher, uma vez que a bênção foi sobre o casal: “*E Deus os abençoou*”; e a ordem dada, de crescer, multiplicar, encher a Terra, sujeitá-la, dominar toda a criação, não parece que tenha sido dada apenas a Adão, mas aos dois. Dessa forma, tanto homem quanto mulher seriam responsáveis por toda a criação. Nessa passagem nada diz que o homem deveria dominar outro da mesma espécie. Se assim fosse, estaria escrito, de forma explícita, que, além de dominar todos os seres vivos, homem e mulher deveriam se submeter uns aos outros. Mas, ao contrário, a ordem é clara: sujeitar a Terra e ter domínio sobre os animais, não sobre os seres humanos.

Uma parte dos cristãos dos três primeiros séculos parece considerar a liberdade como virtualmente sinônimo de evangelho. Mas, com Agostinho, no final do quarto e início do quinto século, esta mensagem mudou, pois, em vez do livre-arbítrio e da dignidade da humanidade, ele enfatiza a escravidão dos homens ao pecado. Na concepção de Agostinho, a humanidade é doente, sofredora, desamparada e irreparavelmente prejudicada pela Queda. Ele afirma, ainda, que o pecado original foi uma tentativa orgulhosa de Adão de estabelecer sua própria autonomia de governo.

Pagels vê a posição de Agostinho como paradoxal, pois, se, por um lado atribui poderes ilimitados à vontade humana, por outro restringe o homem a um passado irrecuperável, a um Paraíso perdido. Para reencontrá-lo necessitamos espiritualmente da graça divina e, secularmente, da autoridade e orientação que podem vir tanto da Igreja quanto do Estado:

Dizer que uma única vontade humana possuiu um dia tanto poder reflete a presunção de uma importância humana sobrenatural. Pois, quando Agostinho diz que um único ato da vontade de Adão “mudou a estrutura do próprio universo”, nega que enfrentemos, na condição de mortais, uma ordem natural que se sobrepõem ao poder humano. Agostinho insiste em que “nos tornamos suscetíveis à morte somente em razão de um ato da vontade: ‘*A morte resultou da vontade, não da necessidade*’” (PAGELS, 1992. p.191).

Como, a exemplo de Adão, a humanidade continuava pecando, o governo, embora fosse corrupto, tornava-se indispensável, “(...) pois os homens, sem um

governo central, cometeriam atos irracionais uns contra os outros, fazendo com que até cidades ruíssem. Desta forma, é necessário ter alguém que os persuada a serem pacíficos, por meio do medo e do castigo”⁵⁵ (PAGELS, 1992. p.141).

Quando Agostinho sustenta a ideia de que toda a raça humana seria incapaz de se autogovernar, oferece aos cristãos novas formas de entendimento do episódio do *Gênesis*. As consequências do pecado de Adão são pintadas em um quadro tão drástico que ele aceita e, de certa forma, endossa o governo dos homens como uma defesa indispensável contra as forças do mal que o pecado originou na natureza humana. Essa teoria substitui a ideia da liberdade humana, oferecendo um embasamento para que o governo, seja ele religioso ou político, aja com rigor sobre as pessoas, a fim de que elas não se desviem do caminho da salvação. Contudo, atribuir tão somente a condições políticas a responsabilidade pela perpetuação das ideias de sofrimento apregoadas por Agostinho é reducionista, pois, ao que tudo indica, parece haver tendência para aceitar individualmente a culpa pelos sofrimentos, sobretudo dor e morte, como sendo punições pelo pecado cometido.

Como explicar a dominação de um homem por outro seu igual? Para Agostinho, uma situação como a escravidão, por exemplo, só pode existir como consequência do pecado. Agostinho define que o pecado foi transmitido pelos pais primitivos através da reprodução sexual e que este pecado “(...) contaminou seus filhos de tal forma que, agora, ‘todos, vindos de um tronco contaminado, são, através de Adão, desde o início ruins e carnis’” (PAGELS, 1992. p. 155). Ele exemplifica citando o episódio envolvendo Caim e Abel, em *Gênesis* 4, 3-11, em que, por inveja, o primeiro mata o irmão.

A glorificação da virgindade

Em se tratando de glorificação da virgindade, as sacerdotisas virgens exerceram influência na vida religiosa dos gregos, “(...) que mantiveram um senso agudo dos

⁵⁵ Thomas Hobbes (1587-1666) em “*O Leviatã*” parte do princípio de que os homens são egoístas e individualistas. Neste estado natural, sem a existência da sociedade civil, haveria necessariamente competição entre os homens pela riqueza, segurança e glória. A solução apresentada seria a de que todos os homens se submetessem a um contrato social que estabelecesse a paz, a qual os levará a abdicarem da guerra. Para isso é necessária a figura de um soberano (Leviatã) que puna aqueles que não obedecem ao contrato social.

perigos potenciais da indulgência excessiva quanto ao sexo, assim como um sentido de autocontenção, que se manifesta sob a forma de um medo do feminino”. Elementos como a “(...) desconfiança platônica da carne, dos sentidos e da sensualidade, assim como da superficialidade das representações, influenciaram sem dúvida os Padres” (BLOCH, 1995. p. 94).

É necessário ser cauteloso a fim de não confundir a “(...) misoginia teologizada da era cristã com a misoginia do mundo helênico, ao mesmo tempo mais mágica e mais fisiológica”. Contudo, a medicina grega oferece modelos de refreamento sexual e discriminação sexual, que, sem dúvida, serviram para fundamentar o preconceito ideológico subsequente e para justificar o celibato cristão. Galeno, por exemplo, “(...) associava a masculinidade ao autocontrole, e a feminilidade com a falta de contenção”. Sorano afirmava que “(...) toda excreção do sêmen é prejudicial tanto às mulheres como aos homens. A virgindade, portanto, é saudável, uma vez que evita a excreção do sêmen”. Acreditava-se que os homens que permanecem castos seriam mais fortes e melhores do que os demais, gozando inclusive, de melhor saúde. O mesmo se aplica também às mulheres, deduzindo-se daí que “(...) a virgindade, em geral, é saudável” (BLOCH, 1995. p. 95).

No universo cristão, São Jerônimo ficou famoso por sua intensa e bem sucedida luta contra a tentação sexual. Ele insistia que o casamento era uma segunda opção, se comparado à virgindade, pois esta “(...) tinha sido a condição humana antes da expulsão do Jardim do Éden, ao passo que o casamento desviou a mente da contemplação de Deus” (STERNS, 2010. p. 84). A fim de fugirem do demônio da fornicção, os padres do Oriente, cujos nomes de destaque são: Antônio, Pacômio, Apolônio e João Clímaco, passaram a viver no deserto, refugiando-se do mundo. A rotina destes monges era austera. Eles conciliavam vigília, jejum, leituras, meditações, isolamento social e trabalho árduo a uma alimentação mínima composta de pão e água. Renunciar à carne tornou-se o princípio que transformou o cristianismo em uma religião verdadeiramente universal. Era “o grande igualador”: “(...) como cristãos, as mulheres e os incultos podiam alcançar uma reputação através da abstinência sexual tão extraordinária quanto a de qualquer homem culto”. Ou seja, a castidade estava aberta a todos. Inicialmente o ascetismo serviu “(...) para definir as seitas emergentes e encorajar sua coesão social interna” (BLOCH, 1995. p. 104).

A originalidade do cristianismo consistiu também “(...) em um tal reposicionamento do feminino, o conceito de mulher vindo a ocupar uma posição

fundamental na ‘economia imaginária da igreja’”. A singularidade do cristianismo reside no fato de que, diferentemente de qualquer dos cultos e religiões que podem ser identificados como fontes potenciais, “(...) não só faz a mulher assumir o encargo de mediadora, como também mantém atitudes sexuais conflitantes simultaneamente em suspensão”. Assim, a mensagem às mulheres não é “você é a Esposa de Cristo”, ou “você é o Portão do Diabo”, ou mesmo “você pode ser uma ou outra”, “você escolhe”. Em vez disso, se diz: “Você é ao mesmo tempo, simultaneamente, a ‘Esposa de Cristo’ e o ‘Portão do Diabo’, sedutora e redentora, mas nunca o meio-termo” (BLOCH, 1995. p. 112-113). Os efeitos desta contradição coincidente são certamente poderosos e de grande extensão. Para Bloch:

A ideia da mulher como simultaneamente sedutora e redentora não é, portanto nenhuma contradição, mas uma arma ideológica poderosa, pela qual as mulheres, juntamente com os haveres pertencentes a elas, saíram da posse de suas famílias e foram alocadas na Igreja. As mulheres podem ter sido libertadas da ordem patriarcal nos primeiros séculos do cristianismo, mas só foram libertas para serem recuperadas pela família de irmãos e irmãs na qual assumiriam o fardo, tão impossível quanto à antiga tutela romana, da carnalidade e da espiritualidade, tornando-se o agente – sedutora e redentora – através do qual os homens vão encontrar ou a perdição ou a salvação (BLOCH, 1995. p.113-114).

A perspectiva cristã se calcou na ênfase judaica da importância de priorizar a procriação dentro do casamento e também na cultura grega, que enfatizava a “(...) fraqueza moral do gênero feminino e a necessidade de um controle rigoroso das mulheres, criaturas que, embora possuíssem alma imortal, estavam mais próximas do que os homens do comportamento animal” (STEARNS, 2010. p. 83). Com essa imagem, que denota uma marcante inferioridade feminina, o matrimônio adquire *status* de sacramento, cujo fim é a procriação; contudo recomenda-se que o ato sexual seja isento de prazer para que não se configure como adultério.

Há um ponto destacado por Boyarin que nos chama a atenção: a lei talmúdica, além de não tratar “(...) a mulher como propriedade ou um mero objeto para a satisfação do homem”, talvez “(...) seja o primeiro sistema legal ou moral onde se reconhece que, quando o marido força a esposa, ele está simplesmente cometendo um

estupro, tão condenável e desprezível quanto qualquer outro” (BOYARIN, 1993. p. 126). Contrapondo-se à perspectiva cristã, o judaísmo rabínico vê as questões que envolvem as relações sexuais sob dois ângulos. Em sua forma positiva, veem-no como um benefício oferecido por Deus à humanidade, destinado não só a propagação da espécie, como também ao prazer e bem estar, excluindo a “(...) repulsa ginecofóbica das mulheres como a ‘carne’, cuja presença se torna marcante no contexto dos judaísmos helenistas, de caráter dualista”. O aspecto negativo é que essa concepção contribuiu para determinar de forma rígida e absoluta as funções de cada sexo. E foram as mulheres que sentiram de modo mais contundente este engessamento, pois – com raras exceções – seus papéis se limitavam ao de filha, mãe e esposa. No entanto, os judaísmos helenistas (incluindo várias formas do cristianismo) inverteram essa situação sociocultural. Se antes as relações sexuais eram valorizadas, agora “(...) o corpo, o sexo e a procriação foram radicalmente desvalorizados em relação ao ‘espírito’” – causando sérias deformações. Por outro lado, no entanto, as mulheres, que antes ficavam relegadas às funções domésticas, puderam ter acesso às atividades que eram definidas como o domínio do espírito. Isso ocorre quando elas, ao optar pelo celibato, podiam atingir um alto grau de satisfação e expressão espiritual ou intelectual: “O preço era a perda de sua sexualidade e do prospecto da maternidade, um preço do que muitas vezes (mas nem sempre) era descrito como uma transformação em um homem, ou em um ser assexuado” (BOYARIN, 1993. p. 246).

A condenação do prazer e a reabilitação do matrimônio pelo bem da procriação preexistiam à construção agostiniana: “Os cristãos, disse São Justino no século II, ou bem nos casamos somente para produzir filhos, ou bem, se nos negamos a casar, sejamos totalmente continentais”. De onde procedia tal doutrina? “Certamente não era proveniente do Antigo Testamento, que canta o amor carnal, não condena em absoluto o prazer como tal e, inclusive admite, a respeito do homem, certas relações extraconjugais” (FLANDRIN, 1984. p. 114). Tampouco provinha do Novo Testamento, pois nenhum texto justifica o matrimônio pela procriação.

Na carta aos *Coríntios*, I Cor 7, 1-11, Paulo descreve como deve ser a atitude daqueles que não têm a capacidade de transcender a sexualidade e, embora ele não estivesse interessado em enaltecer o matrimônio, afirmava que era mais seguro do que o celibato irrefletido, “(...) pois é melhor casar-se do que incendiar-se de paixão”. Em relação aos casais unidos pelo matrimônio, estes não deveriam renunciar ao coito, por

medo de que acontecesse algo pior, como, por exemplo, a tentação da imoralidade que a abstinência poderia provocar.

O paradigma monástico pôs um ponto de interrogação no casamento, na sexualidade e até na diferenciação dos sexos: “Pois no Paraíso Adão e Eva eram seres assexuados. Se perderam seu estado ‘angélico’ de adoradores exclusivos de Deus, foi porque, ao menos indiretamente, caíram na sexualidade” (BROWN, 2009. p. 270). A partir daí, começa a deriva de homens e mulheres rumo a um mundo de preocupações próprias dos corações divididos, ligado ao casamento, ao nascimento de crianças e à dura labuta necessária para alimentar bocas esfaimadas. Em certa passagem, Brown afirma que o coito conjugal era uma realidade da natureza: “Se Eva não tivesse sido extraída da costela de Adão e se a ambos não tivesse sido concedida a capacidade de procriar, a Palavra de Deus não teria podido nascer de uma mulher e habitar entre os homens” (BROWN, 1990. p. 215). Se, na primeira citação, o autor analisa a Queda de forma negativa, uma vez que ela se torna causa de preocupações e temores que acompanham a humanidade, na segunda ele a percebe como um ato positivo, que possibilitou não só a procriação em geral, mas o nascimento do Filho de Deus gerado em uma mulher.

Alguns discípulos radicais de Taciano atribuíram a perda original do Espírito Santo por Adão e Eva diretamente a um ato sexual. “Afirmaram que Eva tinha-se deparado com a serpente, que representava o mundo animal, e que esta lhe ensinara a fazer o que os animais faziam – ter relações sexuais”. Assim, por se haverem “sexualizado”, Adão e Eva “(...) descobriram-se em uma rampa escorregadia que desceu, através da sexualidade, até o reino animal e daí até a sepultura”. Isso pode ser demonstrado pela perda do predomínio do homem sobre os animais, uma vez que “(...) os seres humanos, tornando-se mortais, haviam passado a compartilhar com o mundo animal as realidades do sexo” (BROWN, 1990. p. 87).

Algumas ideias de que o sexo seria obra da serpente, e o casamento um modo de vida repugnante e hediondo, somadas às experiências pessoais de vida, fizeram com que Agostinho, Tertuliano e Jerônimo, entre outros, contribuíssem significativamente para que o ato sexual fosse considerado repulsivo, sujo, indecoroso, vergonhoso, cuja única finalidade deveria ser tão somente a procriação. A humanidade herdou a concupiscência dos primeiros pais – Adão e Eva – fato que explica a natureza dos impulsos sexuais, que ocorrem, sobretudo, nos homens, que não conseguem controlar sua ereção.

Costumes e comportamentos tidos no início da civilização cristã como relativamente normais, como nudez, carícias entre os cônjuges, divórcio, chegam à Idade Média como condições pecaminosas. Assim, para João Crisóstomo e outros bispos gregos, “(...) as relações sexuais eram algo desordenado, porém absolutamente necessário, para assegurar a continuidade, pela concepção de filhos” podendo-se até considerá-las algo positivo. “Deus concedera a sexualidade a Adão, depois da Queda, para que os humanos, uma vez decaídos de sua majestade “angélica” original, pudessem ao menos perseguir a sombra fugaz da eternidade, gerando filhos semelhantes a si”. Para Agostinho, ao contrário, “(...) a sexualidade, tal como se observa atualmente, constitui um sintoma tão íntimo da Queda de Adão e Eva quanto a mortalidade” (BROWN, 2009. p. 278).

Muitos acreditavam que as relações sexuais praticadas de acordo com o decoro gerariam crianças mais perfeitas do que aquelas concebidas em relações nas quais não se consideravam estas normas. “Assim, o ato sexual em si podia ser apresentado como o sinal mais íntimo da ‘moral da distância social’, ligada à manutenção dos códigos de decoro público, específicos da classe superior” (BROWN, 2009. p. 280).

No debate sobre casamento e sexualidade entre Agostinho e Juliano, podemos testemunhar a confrontação de dois mundos. Juliano sabia que o prazer físico era necessário à reprodução: era a *confectrix commixtrixque seminum*, a força que reunia harmoniosamente as sementes masculina e feminina. Um calor *genitalis*, um calor difuso, acompanhado pela excitação prazerosa, era necessário à reprodução. Sem isso e sem as sensações prazerosas que a acompanhavam, a concepção simplesmente não aconteceria. O casamento não teria sentido. Longe de ser o sintoma de uma sinistra desarticulação do ser humano, o prazer sexual era o “(...) instrumento de eleição de qualquer casamento que se respeite, aceitável em si e por si, e merecedor de censura apenas em seus excessos” (BROWN, 1990. p. 339).

Galeno, observando as comunidades cristãs de fins do século II, deixou registros de sua surpresa com relação à austeridade sexual que via nelas, e à moderação em matéria de coabitação: “Algumas habitações são compostas só por homens e outras somente por mulheres que se abstêm de coabitar. Entre eles há indivíduos altamente disciplinados e que, pelo autocontrole, se elevam à altura de autênticos filósofos”. Os cristãos praticam uma moral sexual austera, facilmente reconhecível e bem-aceita pelos pagãos: “Renúncia sexual completa para alguns, ênfase na harmonia conjugal (que já começou a impregnar a conduta pública das elites, embora por motivos muito diversos),

severa desaprovação de um segundo casamento” (BROWN, 2009. p. 238). Os cristãos procuram fazer com que sua disciplina sexual atinja seu objetivo, que é diferenciá-los dos povos pagãos. Se a renúncia sexual é um mecanismo de retorno ao Paraíso perdido, isso pode implicar que os cristãos casados ficariam fora dele.

Quando o assunto refere-se às práticas sexuais, a Igreja Ocidental destoa da Igreja Oriental “A igreja Ocidental – passou a insistir cada vez mais na ideia de que uma vida de celibato era espiritualmente preferível”. Entre os autores cristãos havia o consenso de que o sexo, bem como a morte, estaria ausente do Paraíso celestial a que os cristãos deviam aspirar. A Igreja Ortodoxa, no entanto “(...) não concordou de todo, permitindo que os sacerdotes se casassem; essa era uma diferença fundamental entre os dois principais ramos do cristianismo” (STEARNS, 2010. p. 84).

Os primeiros textos cristãos valorizam a castidade, a virgindade, e é aqui onde se distingue claramente a nova lei. Cristo não era casado. Por outro lado, em *Mateus* 19,12 ele exalta os homens a se tornarem eunucos voluntariamente. O matrimônio de Maria e José constituiu, durante muito tempo, o ideal de matrimônio cristão, pois é um vínculo sem relações carnis (já desde a origem se insiste na virgindade de Maria). “Assim, pois paradoxalmente, a virgindade parecerá, então, a senda cristã da fecundidade, como a cruz é a senda da vida. Fecunda é só a palavra, que multiplica a Igreja, não a carne” (FLANDRIN, 1984. p. 115).

Os textos de Ambrósio, “(...) que frisavam o contraste entre o nascimento virginal de Cristo e o nascimento dos seres humanos comuns”, forneceram a Agostinho “(...) o que ele encarou como uma confirmação irrefutável de suas próprias concepções sobre a estreita relação entre o ato do coito e a transmissão do pecado original”. Segundo Brown, esses textos possibilitaram, ao bispo de Hipona, injetar “(...) um tema poderoso e tóxico na teologia medieval” (BROWN, 1990. p. 291). Isso pressupõe que a sexualidade e o que decorre dela, como o casamento e a criação da família, ocorreram depois da Queda de Adão e Eva, como resultado do declínio do casal, que passa de um estado angelical para a natureza física, tendo, como resultado final, a morte. A exegese ascética da Queda tende a considerar que o casamento – e, se não este, ao menos as relações sexuais – seriam estranhos ao primeiro casal e teriam surgido depois, inclusive impondo limitações ao estado angelical do qual desfrutavam, enquanto estavam no Jardim do Éden.

Pressupunha-se que “Adão e Eva haviam sido colocados no Paraíso para fundar um *populus*; e fundar um *populus* implicava mais do que a reunião desincorpórea de

almas semelhantes: implicava a reação física, o parto e a criação de filhos”. A exegese de Agostinho “(...) validou a dominação de homens sobre as mulheres e o domínio do pai sobre os filhos como parte da ordem divina originária. Houvessem eles ficado no Paraíso, Adão e Eva teriam gerado filhos e os teriam alimentado com autoridade parental” (BROWN, 1990. p. 329).

No entanto, “Agostinho foi inflexível quanto ao fato de que Eva não havia utilizado a atração sexual para seduzir Adão a comer o fruto fatal: ele o comera *amicali benevolentia*, ‘por amistosa benevolência’”, de modo a partilhar a vida dela em todos os momentos e de todas as maneiras. Era necessário que Adão tivesse uma mulher por companheira – muito embora, admitiu Agostinho, “(...) a companhia feminina fosse claramente menos estimulante que a de um homem – para que, através do coito, eles povoassem de filhos o Paraíso”. No estado original de Adão e Eva, o desejo sexual não estivera ausente, mas coincidia perfeitamente com a vontade da consciência: não introduziria nenhum elemento de ruptura na clara serenidade do seu casamento: “O casamento, portanto, era uma expressão da natureza primeva e permanente dos homens e mulheres como seres inerradicavelmente sociais, criados por Deus para a concórdia” (BROWN, 1990. p. 330-331). Originalmente, Adão e Eva haviam desfrutado de uma união harmoniosa entre corpo e alma. O que traz sofrimento à raça humana é a consciência de que esta harmonia foi quebrada e que restaurá-la era uma empreitada quase impossível.

Adão e Eva haviam comido do fruto proibido e “(...) os olhos de ambos se abriram, e eles souberam que estavam nus” (Gen. 3,7). Em um marcante contraste com a maioria dos autores gregos e sírios, Agostinho identificou esse momento com um instante de vergonha sexual claramente sentida. Prosseguiu insistindo em que essa vergonha era “mais do que justa”: era “totalmente apropriada”. “Mal eles tornaram sua própria vontade independente da vontade de Deus, algumas partes de Adão e Eva se tornaram resistentes a sua vontade consciente. Seus corpos foram afetados por um novo e inquietante sentimento de estranheza, sob a forma de sensações sexuais que escapavam a seu controle”. O corpo passou a não mais poder ser inteiramente dominado pela vontade: “Um sintoma minúsculo, mas ameaçador – no caso de Adão, o alvoroço de uma ereção sobre o qual ele não tinha nenhum controle – advertiu os dois da derradeira evasão do corpo, como um todo, do abraço familiar da alma no instante da morte” (BROWN, 1990. p. 342). Para Agostinho, o que interessava, depois da Queda de Adão e Eva, é que esse prazer havia adquirido um impulso próprio e se chocava com as

intenções da vontade: “A intensa *summa voluptas* do orgasmo escapava notoriamente ao controle consciente”. Isso significava que a revolução dos limites do eu consciente, que a princípio deixará Adão e Eva perplexos, ainda persistia, como um triste lembrete do momento exato da Queda, no ato ardoroso através do qual cada novo ser humano é concebido. Nesse modelo psicológico, a impotência tinha para ele igual interesse. É que, também “(...) na impotência, a vontade era escarnecida pelo corpo com a mesma semcerimônia do gozo incontrolável do orgasmo: ‘a própria lascívia não serve à lascívia... E se volta contra si mesma’” (BROWN, 1990. p. 324-3).

Para Agostinho, Adão e Eva nunca foram seres assexuados. Usufruíram no Paraíso de uma existência plenamente conjugal. A alegria de se perpetuar por meio dos filhos lhes foi concedida e Agostinho não vê nenhuma razão para que tais filhos não tenham sido concebidos no decorrer de um ato sexual acompanhado de sensações de intenso e sério prazer. O Paraíso não é uma antítese cintilante da vida "no mundo". É "(...) um lugar de paz e alegrias harmoniosas", não a ausência de uma sociedade estabelecida, como o deserto, mas, sim, uma sociedade estabelecida como deveria ser, quer dizer, livre das tensões inerentes a suas condições atuais. O Paraíso e a experiência de Adão e Eva no Paraíso fornecem um paradigma de intercâmbios concretos, sociais e sexuais (BROWN, 2009. p. 277).

Para a patrística oriental, “Adão e Eva não pecaram por ter (*sic*) cedido à fornicação, mas sim por ter (*sic*) cedido à gula. Neste caso desobedeceram a Deus, comendo o fruto da árvore da sabedoria. Por isso tamanha obsessão pelo jejum” (CABRAL, 1995. p. 104). Seu anseio de alimento físico é que os levará a desobedecer à ordem de Deus. Ao fazê-lo, eles destruíram o equilíbrio físico com que tinham sido originalmente criados. Não mais se contentando em contemplar a majestade de Deus, Adão e Eva tinham procurado devorar o fruto proibido. É possível que seja esta a explicação para o jejum tão ferrenho que os padres se dispunham a fazer, pois seria uma forma de superar a tentação que culminou com a expulsão do Paraíso.

Como consequência pelo seu ato de desobediência, Adão e Eva são expulsos do Jardim do Éden e uma das penas que lhes são imputadas é o trabalho (no caso de Adão) e as dores do parto (no caso de Eva). Entretanto, há outro castigo que não é explícito, mas fica subentendido: o exílio. As portas do Paraíso se fecham não só para eles como para toda a humanidade a partir do momento em que foram expulsos. Eles vagarão pela Terra em busca de um lugar para se estabelecer. No entanto, há a esperança de que seja possível um retorno ao Paraíso, em um futuro reservado aos eleitos. Em se tratando de

Adão e Eva, de acordo com os evangelhos apócrifos, o casal foi resgatado dos Infernos pelo próprio Jesus, a fim de que pudessem gozar dos prazeres celestiais, pois haviam cumprido sua missão⁵⁶ e mereciam descansar.

O pecado hereditário

De maneira geral, os comentadores cristãos admitem que o pecado de Adão trouxe sofrimento e morte para a humanidade. No entanto, há também os que concordam que Adão deixou a cada um de seus filhos a liberdade de escolher entre o bem e o mal. Outros viam na história de Adão um alerta para que não usassem indiscriminadamente o dom divino do livre-arbítrio.

A interpretação de Agostinho depende de Romanos 5, 12: “Portanto, assim como por um só homem entrou o pecado (*original*) neste mundo, e, pelo pecado, a morte, e assim passou a morte a todos os homens (*por aquele homem*) no qual todos pecaram”. A esse respeito, Brandão chama a atenção para o fato de que

A relação tipológica Adão-Cristo leva muito cedo, já em Justino, que é o primeiro a propô-la, à relação Eva-Maria, o que sugere que se trata, antes do mais, de elaborar uma genealogia com base não nos corpos, mas nos tipos: “e por meio de uma virgem [Cristo] tornou-se homem, a fim de que pelo mesmo caminho em que teve princípio a desobediência da serpente, por esse também fosse destruída; porque Eva, quando ainda era virgem e incorrupta, tendo concebido a palavra que lhe disse a serpente, deu à luz a desobediência e a morte; mas a virgem Maria concebeu fé e alegria quando o anjo Gabriel lhe deu a boa notícia de que o espírito o senhor viria sobre ela e a força do altíssimo lhe faria sombra” (*Justino, Diálogo com Trifão, 100*. Apud BRANDÃO, 2014. p. 160-161)

⁵⁶ Jesus encontra-se com Bartolomeu, que indaga sobre o que lhe aconteceu logo depois da morte na cruz, ao que o Mestre respondeu: "Quando desapareci da cruz, desci aos Infernos para dali tirar Adão e a todos que com ele se encontravam, cedendo às súplicas do arcanjo Gabriel" (PROENÇA, 2012. p. 628).

João Crisóstomo, como a maioria dos escritores cristãos, entendeu com isso que o pecado de Adão trouxe ao mundo a morte e ela recaiu sobre todos, “(...) porque todos pecaram”. Mas Agostinho o entendeu de forma diferente. Para Pagels, ele

Ignorou ou não percebeu as conotações existentes no texto original, entendendo erroneamente que a última frase se referia a Adão. Ele insistiu em que ela significava que “(...) a morte passou a todos os homens, no que todos pecaram” - que o pecado deste “único homem”, Adão, trouxe à humanidade não apenas a morte universal, mas também o pecado universal é inevitável (PAGELS, 1992. p. 149).

No Evangelho de *João* 1, 1º, o autor diz que “*No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus*”. Ora, o Verbo estava, portanto, presente desde o início da criação: “*No princípio Deus criou o Céu e a Terra*” (Gen. 1, 1). Assim, segundo a leitura cristã, “(...) aquele início da criação, que foi o princípio do mundo, já existia o Verbo, como Filho de Deus” (TERRA, 1986. p. 22). A Sagrada Escritura, a Tradição e a Teologia tradicional apresentam a criação do mundo em função da criação do homem, e a criação do homem em função da encarnação do Verbo. Ele estava no princípio com Deus. Portanto, não é o pecado de Adão e Eva que necessariamente culminará na encarnação de Cristo, pois a encarnação do filho de Deus já está posta desde o início da criação. E tudo foi feito pelo Verbo.

Agostinho acredita que a raça humana herdou de Adão a natureza pecaminosa: “(...) é que todos estivemos naquele homem único quando todos fomos aquele homem único que foi arrastado ao pecado pela mulher que dele fora feita antes do pecado” (AGOSTINHO, *Cidade de Deus*, 11, 14); o salmista escreve: “Eis que nasci na culpa, minha mãe concebeu-me no pecado” (*Salmo* 50,7), embasando assim, as ideias agostinianas.

Imaginar que centenas de milhões de indivíduos que ainda não haviam nascido podiam estar em Adão, ou que de alguma forma “fossem Adão”, traria inúmeras objeções a Agostinho, o que tornaria seu argumento um absurdo. Ele argumenta que, embora não tivéssemos ainda forma individualmente criada, tampouco proporcionais às quais viveríamos como indivíduos, existia uma razão seminal a partir da qual a humanidade se multiplicaria. No sêmen (semente) estaria a essência que nos vincularia

tanto ao pecado, quanto à morte. Por isso, já ao nascer o ser humano carrega em si a marca do pecado, por ter sido concebido através do sêmen. O único ser isento de qualquer pecado seria Jesus, por ter sido concebido pela intercessão do Espírito Santo.

Ao descrever o despertar do pecado original em Adão, Agostinho escolhe a linguagem política – e, especificamente, a linguagem da política sexual. Para ele, a alma, como ente superior e ligada a Deus, deve submeter o corpo à sua vontade. No Paraíso, tanto Adão quanto Eva receberam o corpo e, antes do ato de desobediência, este obedecia a Deus, sem resistência, porque o corpo e a alma estavam em perfeita sintonia.

Em relação à política, Agostinho concorda com Crisóstomo: ela começa em caas, e a união do homem com a mulher é a base de onde se desenvolve a cidade. Cada casa é um núcleo que, unido a outros, forma o espaço urbano. Assim, a paz doméstica colabora com a paz cívica: “Deus, querendo não só unir os homens em uma única sociedade pela semelhança da natureza, mas também, mercê dos laços do parentesco, juntá-los em uma harmoniosa unidade no vínculo da paz, institui a humanidade a partir de um só homem” (AGOSTINHO, *Cidade de Deus*, 14, 1).

Ao admitir que Adão e Eva foram criados para viverem juntos, de forma harmoniosa, que conjugava autoridade e obediência, superioridade e subordinação – como alma e corpo – Agostinho conclui que o marido deveria predominar sobre a mulher, como o espírito predominaria sobre a carne. A própria história narrada no *Gênesis* apresenta Deus reforçando a autoridade do marido sobre a esposa: “(...) *estarás sob o poder do marido, e ele te dominará*” (Gen. 3, 16). Na visão de Agostinho, a formação de Eva a partir da costela de Adão, no que tange a sua alma racional, distingue-a como a parte mais fraca do casal humano; mesmo que tenha sido criada para ajudá-lo, torna-se ela a sua tentação e o leva à perdição. Contudo, uma vez que a rebeldia os fez romper com a harmonia existente, de tal forma que as paixões físicas insurgiram-se contra a alma, experimentaram eles um rompimento análogo em suas relações mútuas.

Para Agostinho, a desobediência gerou, como castigo, a desobediência, pois se antes o corpo obedecia à mente, agora esta passa a sofrer por escolhas que não consegue fazer ou controlar, como as frustrações, a agitação mental, a dor física, o sofrimento, a velhice e a morte. Nesses quesitos, somos incapazes de controlar nossas vontades, o indivíduo não tem escolha, sobretudo com relação àquilo que não depende de sua vontade:

O homem não decaiu ao ponto de se tornar mesmo nada, mas, inclinando-se para si próprio, tornou-se menos do que era quando estava unido ao que é plenamente. Abandonar a Deus para ficar em si próprio, isto é, para em si próprio se comprazer, ainda não é o nada, mas é já aproximar-se do nada (AGOSTINHO, *Cidade de Deus*, 14,13).

Agostinho conclui que o desejo sexual foi o resultado direto do pecado da desobediência. Se antes não cobriam suas “partes pudendas”, cobrem-nas imediatamente após a desobediência:

É com razão que se sente vergonha principalmente desta paixão. É também com razão que se chamam «vergonhosas» as regiões ou órgãos que esta paixão excita ou não, por assim dizer, segundo as suas leis e não precisamente como nós quereríamos. Não fora assim antes do pecado: estavam nus e não se sentiam embaraçados (AGOSTINHO, *Cidade de Deus*, 14,17).

Agostinho distingue a excitação sexual de outras formas de paixão por lhe atribuir mais poder que às outras paixões, e o modo apaixonado como discorre sobre o assunto leva-nos a pensar que poderia estar falando de suas próprias experiências. Na opinião de Pagels, “Agostinho acredita que *todas as pessoas podem experimentar o salto radical que ele deu* impelido pela sua agitação interior – salto que identifica o desejo sexual como evidência e castigo do pecado original” (PAGELS, 2000. p. 152, grifo nosso).

“A causa do pecado está na alma e não na carne — e a corrupção contraída pelo pecado não é um pecado, mas um castigo”. Se alguém disser que a carne é a causa de todos os vícios porque a alma revestida de carne vive nos maus costumes, mostra claramente que não presta atenção a toda a natureza do homem. Certamente que, na realidade, o corpo corruptível entorpece a alma. (AGOSTINHO, *Cidade de Deus*, 14,3).

Porque sofremos e porque morremos? Essa é uma questão que norteia praticamente todas as crenças religiosas. A morte é uma ocorrência natural, já preconizada no *Gênesis*: “(...) *tu és pó e ao pó voltarás*”. No entanto, a maior parte dos comentaristas cristãos convencionou afirmar que a morte só entrou no mundo depois do pecado da desobediência. Dessa forma, a dor, a opressão, o trabalho que beira a escravidão e a morte são castigos que nós ou nossos ancestrais fizeram recair sobre nós mesmos: “Desde o seio materno se extraviaram os ímpios, desde o seu nascimento se desgarraram os mentirosos” (*Salmo 57, 4*). Uma escolha feita pelos primeiros pais alterou o caráter e a natureza de toda a humanidade, que, a partir de então, passou a sofrer as consequências dela.

O que fez com que a ideia do pecado original tenha se firmado a partir do século V e se tenha tornado a base para a doutrina cristã foi o fato de as pessoas se sentirem ao mesmo tempo culpadas e impotentes. Culpadas por atos que cometeram e impotentes, sobretudo frente às tragédias que, vez ou outra, assolam a humanidade, ou mesmo, acometem o indivíduo de forma particular e peculiar. Ao se questionar sobre os motivos pelos quais se abate sobre o homem algum tipo de sofrimento, a resposta de Agostinho vem ao encontro das angústias e consola, pois ele afirma que, pessoalmente, ninguém é culpado, apenas Adão e Eva o são. Com esse discurso, atinge-se o homem na sua mais profunda ânsia, que é a de se livrar da dor, da culpa e do medo de ter transgredido e assim incorrer na ira divina.

CAPÍTULO 5

VISÕES DA HUMANIDADE

É perceptível que, para os cristãos medievais, em geral, incluindo Hildegarda, a história do Paraíso, relatada no *Gênesis*, servia como pedra de toque para toda meditação antropológica. Esse episódio explicava a origem do homem, a sua situação presente e o fim a que se destinava, bem como as relações entre Deus, Satanás e a humanidade. Assim Hildegarda apresenta, na primeira visão da segunda parte do *Livro das Obras Divinas*, uma descrição da criação da Terra:

Percebi então a redondeza da Terra dividida em cinco partes, de modo tal que uma parte olhava para o oriente, a segunda para o ocidente, a terceira para o meio, a quarta para o norte e a quinta parte entres elas, no centro. A superfície da parte oriental e a da parte ocidental eram iguais e ambas tinham a forma de um arco tenso. Também a superfície da parte meridional e a da parte setentrional eram de medidas iguais e foram feitas de modo que coincidissem com o comprimento e largura das outras duas, exceto pelo feito que a parte mais interior delas delimitada pelas extremidades arqueadas dos dois extremos, aparecia como cortada, se se excetuando estes lados interiores truncados, no entanto, também elas tinham forma parecida a um arco tenso.

Estas duas últimas partes, a meridional e a setentrional, estavam divididas em três setores, dos quais as duas partes do centro eram iguais em forma e dimensão. As outras quatro, as que estavam nos lados, tinham formas distintas, porém equivalentes entre elas por forma e disposição, e tinham uma largura e amplitude iguais às do médio. A única diferença era que no lado virado para o interior pareciam mais estreitas e, no lado virado para o exterior, mais largas que os outros dois como consequência do feito que as duas partes orientais e ocidentais, encurvando lateralmente, deixavam um espaço mais estreito no interior e mais amplo no exterior. A quinta parte, a que estava entre elas no centro, como dito no princípio, era de forma quadrada e estava invadida de um calor intenso em um lugar, e de frio em outro, e em outra parte de um ar medianamente quente.

A parte oriental resplandecia com uma grande claridade, enquanto que a ocidental era escura, como que banhada de trevas. A parte

meridional se dividia em três setores, tinha os dois setores laterais cheios de tormentos. No terceiro setor, o do meio, não se viam lugares de castigo, porém infundiam medo pela presença de imagens monstruosas e aterrorizadoras. Assim também a parte setentrional dividida em três setores, infundia terror tanto com os setores laterais cheios de muitos tormentos, como o do centro, cheio de coisas horríveis, ainda que tampouco neles houvesse lugares de castigo. No lado oriental, fora da circunferência da Terra, vi a certa altura um globo vermelho rodeado por um círculo da cor de safira. Da esquerda da bola saíam duas asas e da direita saíam outras duas asas que se elevavam sobre ambos os lados. Uma asa de cada parte do círculo se elevou para cima e alcançando o cume, as duas asas se encurvam uma a frente da outra, como se olhando. Em troca, a segunda asa de ambas as partes caiu até a metade da circunferência da Terra, assim que estas duas asas circundaram a circunferência da Terra até a metade da Terra, como a abraçando por cima do firmamento. A partir daquele ponto mediano se estendia um círculo vermelho como um arco tenso, que rodeava toda a parte ocidental e também parcialmente os setores das partes meridional e setentrional contínuos a ela, este círculo foi desde o extremo da asa meridional circulando a circunferência da parte ocidental e rodeando até o extremo da ala setentrional.

Sempre sobre a circunferência da Terra, em direção à parte oriental, no meio das duas asas, viu-se algo como um edifício que se elevava até aquele globo, enquanto por acima do globo até a metade das asas havia como um lugar alongado, sobre o que brilhava algo parecido a uma estrela branca.

Mais além entre as pontas destas duas asas, se viu algo parecido a um globo de fogo que emitia raios em todas as direções. A distância entre a circunferência da Terra e o globo vermelho, entre o globo vermelho e a estrela branca e entre a estrela branca e o globo de fogo era a mesma. Ademais se distinguiam os raios entre as duas primeiras asas exteriores, de uma e da outra parte do lugar e os raios das estrelas que partindo do globo vermelho circundavam uma estrela e dela foram para o globo de fogo.

Havia o ocidente, fora da circunferência da Terra se viam trevas, que desde ambas as partes da circunferência se encurvaram até o centro, de onde descia um segundo par de asas. E dentro destas trevas, na parte entre o ocidente e o norte, havia outras trevas mais densas e agudas, que tinham a forma de uma boca horrível aberta como para devorar, e estas estavam contíguas a outras trevas ainda mais densas, infinitamente horrorosas, que estavam no exterior delas, como se fossem sua boca aberta. Estas trevas infinitas eu sabia que estavam, porém não as vi. E de novo ouvi a voz do Céu que me disse:

A admirável sabedoria e a potência do artífice divino refulgem considerando que a matéria da Terra, que não é angulosa, mas sim redonda, foi dividida em cinco partes, nenhuma a mais, nenhuma a menos, imóvel no centro dos outros três elementos. E a semelhança da divisão em cinco partes da Terra tem dotado o homem com esta vida dos cinco sentidos, enquanto que no futuro o restituirá íntegro do pó da sepultura (HILDEGARDA, LDO, 2, 1).

Para Hildegarda, o evento protagonizado por Adão e Eva é uma sequência da queda de Lúcifer e, ao mesmo tempo, um prólogo para a Encarnação. De acordo com Newman, a vidente “(...) vê estes eventos como três atos de um mesmo drama”. A Queda é recontada por Hildegarda com grandeza mítica e pungente, pois “(...) ela vê no casal, sobretudo durante sua permanência no Paraíso, o paradigma da sexualidade humana, como foi planejado por Deus, e seu propósito final, que é a encarnação do Verbo”. Por outro lado, “(...) o casal caído forneceu-lhe uma imagem e etiologia de todos os males morais e físicos, principalmente no que concerne a desvios sexuais” (NEWMAN, 1989. p. 89).

A noção de que a morte entrou no mundo pela “inveja do diabo” (Sab. 2, 24), embora bíblica e amplamente ensinada, desempenha um papel excepcionalmente pouco relevante na compreensão de Hildegarda sobre a Queda. Quando ela “(...) expôs a história de *Gênesis* em termos narrativos, em vez de simbólicos, a distinção de sua leitura tornou-se ainda mais evidente”. Ao contrário de seus contemporâneos, ela não demonstrou virtualmente nenhum interesse pela psicologia de Eva e Adão e mal considerou a questão de sua culpa: “Sua abordagem era ontológica, cósmica e mítica, na qual as tendências exegéticas predominantes eram psicológicas e morais. Mesmo seu uso da tradição agostiniana era seletivo e moderado” (NEWMAN, 1989. p. 107).

Hildegarda reforça e detalha as passagens do *Gênesis* que falam sobre a criação, evidenciando seu caráter exegético e pedagógico. Ela começa explicando que Deus, depois que deu forma à Terra com os minerais, os vegetais e criou todos os animais, viu que isso era bom (Gen. 1, 25) e disse: “*Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; e domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a Terra, e sobre todo o réptil que se move sobre a Terra*” (Gen. 1, 26). E Ele viu com o olhar de sua bondade, que era bom e útil que todo o globo terrestre contivesse a plenitude da dignidade do homem e, convidando o homem a um banquete, disse: “(...) *nós, que somos a potência unitária da única substância da divindade em três pessoas, façamos o homem à nossa imagem, aquela que brotará no ventre da Virgem, que a pessoa do Filho vestirá pela salvação do homem, sendo gerado em um ventre, que, no entanto, permanecerá íntegro*”. Desta túnica (corpo) não se separará a divindade, no entanto, “(...) *a alma humana se desvestirá do corpo na morte, para permitir a Redenção do homem. Esta só será retomada pelo homem depois que ele for ressuscitado, por obra do poder da divindade*”. E continua: “*E o fazemos a nossa semelhança para que, com a ciência e a sabedoria compreenda e aprenda a julgar as*

coisas que tem que trabalhar através dos cinco sentidos e com a razão, que vive escondida dentro dele e que nenhuma criatura enquanto está no corpo pode ver”. Ao homem é concedida essa superioridade com o propósito de que domine todas as outras criaturas, sejam os peixes, os pássaros, os animais terrestres, tanto os domesticados quanto as feras, e a explicação para que tal ocorra é simples: “(...) *porque a razão do homem é superior a tudo*” (HILDEGARDA, *LDO*, 1, 43. Neste poema, Hildegarda expressa toda a sua admiração pela obra de criação divina:

Ó quão admirável é a presciência do divino coração,
na qual previu toda a criatura.
Pois quando Deus contemplou o rosto do homem
que formou
todas as suas obras
divisou em sua forma inteiramente.
Ó quão admirável é o sopro,
que assim animou o homem.
(Ó quão admirável. HILDEGARDA. *Apud* CARVALHO;
MENDONÇA, v. XV, 2004)

Depois que Deus criou o homem e a mulher à sua imagem, abençoou-os e lhes ordenou: *Frutificai e multiplicai-vos, e enchei a Terra, e sujeitai-a; e dominai sobre os peixes do mar e sobre as aves dos céus, e sobre todo o animal que se move sobre a Terra* (Gen. 1- 27, 28), criou o homem, dando-lhe um corpo de carne que também seu Filho, sem pecado, vestiria. “O Filho, como o homem, faz seu vestido adaptado a sua forma, segundo aquela forma que Deus conheceu desde sempre, antes do tempo”. Criou “(...) *o homem dotando o varão de maior força e a mulher de energia mais delicada*”, e organizou seus elementos, segundo uma medida equilibrada em comprimento e largura, tal como dispôs também a altura, a profundidade e a largura de outras criaturas, para que nenhuma delas ficasse desproporcional em relação às outras. Deus tornou o homem o representante de todas as criaturas e dentro dele dispôs algo parecido com o espírito angelical – a alma – que trabalha no homem sem poder ser vista por nenhuma criatura enquanto está no corpo, assim como a divindade, que também não pode ser vista por nenhuma criatura mortal: “A alma vem do Céu, o corpo da terra. A alma se conhece através da fé e o corpo através da vista” (HILDEGARDA, *LDO*, 1,43). O milagre da

Encarnação foi prefigurado desde o princípio, porque Maria vestiria o Filho de Deus em carne, da mesma forma que Eva vestiu os filhos de Adão.

Ó pedra preciosa plena de esplendor,
brilhante beleza do sol
sobre ti derramada,
fonte que brota no coração do Pai,
seu Verbo único,
por quem criou a primeira matéria do mundo,
que Eva desordenou.
Este verbo forjou para ti, ó Pai, o homem
e por isso és daquela brilhante matéria,
pelo qual o próprio Verbo insuflou todas as virtudes,
quando da primeira matéria plasmou todas as criaturas.
(De santa Maria. HILDEGARDA. *Apud* CARVALHO;
MENDONÇA, v. XXIII, 2004).

Assim como há seres de luz (anjos) que não necessitam de vestimenta nenhuma, há o frágil espírito humano, que necessita de sua túnica, que veio do barro: “Para receber a vestimenta, o homem depende da mulher, da sua mãe; mas, em última instância, de Eva, a mãe de todos os viventes. E, em troca deste manto de carne, o homem oferece à mulher a proteção e o apoio de que ela precisa” (NEWMAN, 1989. p. 95).

Para Hildegarda, “*A mulher é quem pare, porque o homem a fecunda por força da virilidade que tem escondida nele*”. Poética e simbolicamente, Hildegarda faz uma analogia entre o nascimento dos humanos e as estações do ano: “*Os frutos crescem no inverno e amadurecem no verão, mas, se estas duas estações não se sucedem, eles não amadurecem*”. Da raiz da árvore, que contém em si o verdor da fecundidade, alimentam-se as flores e os frutos, e todos vêm do mesmo lugar. Assim, “*(...) do macho e da fêmea há muitos nascimentos, no entanto, eles provêm de um mesmo Criador*”. A explicação é que “*(...) se o homem estivesse sozinho, ou se a mulher estivesse sozinha, não poderiam gerar nenhum ser humano*”. Ela vê a geração de novos seres como responsabilidade tanto do homem como da mulher: “*(...) portanto, o homem e a mulher são uma coisa só, já que o homem é como a alma e a mulher é como o corpo*”. Então, os anjos os contemplam no conhecimento e no louvor, abençoam-nos e lhes ordenam que cresçam e se multipliquem e encham a Terra, dominando-a, para que, cultivada

pelos humanos, ela possa produzir tudo aquilo de que precisa, além de dominar todos os animais. Hildegarda reforça os motivos para que ele proceda desta forma: “(...) *porque o homem é superior, em desenvolvimento dos cinco sentidos, a todos os animais que se movem sobre a Terra vivificada pelo ar, porque é superior na glória da razão*” (HILDEGARDA, *LDO*, 1, 43).

Para Hildegarda, quando o homem alcançar “(...) *o número perfeito estabelecido por Deus, chegará àquela Terra que, para os homens terrenos, é a Terra dos viventes e logo conseguirá a união com o Cordeiro no alto dos Céus*”. Que os homens se regozijem com grande alegria, pois Deus se dignou “(...) *fazer-se homem, existindo com sua divindade entre os anjos, com sua humanidade entre os homens!*” Por conseguinte, acredita-se que é verdadeiro Deus e verdadeiro homem e estabeleceu que o homem tivesse sua túnica fazendo por ele o que o pai faz com o filho: “(...) *distribuiu-lhe a herança que lhe corresponde, quando lhe submeteu os peixes, os pássaros e todos os seres viventes que vivem e se movem sobre a terra, mas que não são dotados de razão*” (HILDEGARDA, *LDO*, 1, 43).

Disse Deus: “*Eis que lhes dou todas as plantas que nascem em toda a Terra e produzem sementes, e todas as árvores que dão frutos com sementes. Elas servirão de alimento para vocês. E dou todos os vegetais como alimento a tudo o que tem em si fôlego de vida: a todos os grandes animais da terra, a todas as aves do céu e a todas as criaturas que se movem rente ao chão.*” E assim foi (Gen. 1,29-30). Deus deu ao homem as ervas de semear e também as árvores que dão as sementes para que as coma. Isso não significa que o homem só pode alimentar-se das ervas e dos frutos das árvores, mas que também pode se alimentar daqueles animais que se alimentam das ervas e das árvores, pois Deus “(...) concedeu ao homem que tomasse como alimentos os animais que habitam a Terra e os pássaros e tudo o que se move e tem em si o ar que lhes dá vida”. Com efeito, todos os que vivem sobre a Terra têm sua “(...) alimentação das ervas vigorosas que brotam da terra, não porque todos os animais comam ervas e frutos, mas sim porque também aqueles que são comidos por outros animais por sua vez foram nutridos por ervas e ramos verdes”. E assim se executou o preceito de Deus, já que tudo está submetido à vontade de Deus e toda a ordem que Deus tem estabelecido para as criaturas é finalizada pelo homem: “O homem, cuja alma é fogo inextinguível, depois do fim dos tempos verá Deus, que não tem princípio nem nunca terá fim” (HILDEGARDA, *LDO*, 1, 43). Enquanto cresce e minguia como a lua, ou seja, ao mesmo tempo que é mortal, o homem não verá Deus; só poderá fazê-lo quando Ele

decidir mostrar-se na sombra da profecia. Porém, no princípio, quando Deus o criou, também previu o que ocorreria no final dos tempos e o tempo que viveria desde o momento que saísse do ventre de sua mãe até o momento em que fosse batizado.

Deus criou todas as criaturas em plena perfeição, sem nenhum defeito (Gen.1,31). Como Criador e Pai, viu que suas obras eram boas, mas, sobretudo, a obra humana, que foi feita no sexto dia: “Terminado aquele princípio que Deus havia cumprido nas criaturas e no homem que predestinou a tomar o lugar do anjo perdido, o sexto dia resplandecia com a criação do homem” (HILDEGARDA, *LDO*, 1, 43), obra-prima da criação divina.

No verso 44, Hildegarda faz outra interpretação do mesmo capítulo. Para ela, a Terra equivaleria à Igreja, que produziria todas as virtudes através do ensinamento dos apóstolos. Os animais corresponderiam às virtudes das instituições espirituais. Ao criar o homem à sua imagem e semelhança, Deus o fez para que “edifique a Igreja”. Seguindo seu estilo pedagógico, Hildegarda indaga: “*O que Deus quis dizer?*” e Ele responde: “*Vamos fazê-lo para que a Igreja possa ser levantada, erguida e possa levar o homem à plena edificação,*” o homem, adornado pela razão, feito à imagem e semelhança de Deus, e a Igreja, inflamada pelo Espírito Santo, recebendo a lei através de Cristo. Através da visão, Hildegarda aproveita para alertar o clero sobre suas responsabilidades para com a Igreja: “(...) que os homens que têm a ciência sejam postos como chefes das coisas terrenas e obedeçam ao Evangelho dado por Deus e pratiquem as virtudes voltadas para o bem e ponham ao serviço de Deus seu corpo e sua alma, submetendo-se às regras de Deus” (HILDEGARDA, *LDO*, 1, 44). Ao criar o homem e a mulher à sua imagem, Deus quis que, na sua Igreja, fosse reconhecida sua divindade e que seu povo possuísse as virtudes viris, próprias do sexo masculino, e as virtudes celestes, próprias do sexo feminino.

Para Hildegarda, todas as coisas foram benditas por Deus através da encarnação de seu filho, que em si trouxe todas as virtudes, virtudes estas que podem ser adotadas tanto por religiosos quanto por seculares, bastando para isso seguir o caminho da perfeição divina. Ao desejar que os humanos cresçam e se multipliquem, Deus deseja que os homens se multipliquem nas virtudes, enchendo a Terra, que seria a Igreja, e submetendo-a a Cristo, para fazê-la crescer através do aumento dos seguidores do Evangelho.

Ao sujeitar aos homens todo o reino vegetal e animal, Deus está dizendo: “*Eu lhes dei e enviei a verdadeira fé através do meu Filho, que nasceu de uma terra que*

nunca foi lavrada, ou seja, o ventre da Virgem, como flor brotada de terra intacta"; em troca, meu filho levou "(...) a semente do Verbo de Deus, para que fosse semeada sobre a Terra prometida, a Santa Igreja, que tem sido construída para ser a Jerusalém Celeste" (HILDEGARDA, *LDO*, 1, 44).

Jesus disse: *A minha comida é fazer a vontade daquele que me enviou* (João 4, 34). Segundo Hildegarda, a interpretação desta passagem é que o Filho de Deus submeterá seu corpo aos suplícios e, por seu meio, conduzirá os homens ao Paraíso, pois vencerá o diabo, segundo a vontade de Deus, uma vez que este foi o motivo pelo qual Jesus veio a Terra: salvar os homens. Se os homens observarem os preceitos divinos, nada lhes faltará, porque, ao praticar os mandamentos, imitam Cristo na milícia celeste, afastando-se das coisas terrenas e se aproximando da Jerusalém Celeste.

A interpretação do capítulo I do *Gênesis* continua no verso 46, retomando os versículos que tratam da criação do homem. Deus disse dentro de si: "(...) *este homem que tem começado a praticar a justiça, vencendo-se a si mesmo em seus desejos ilícitos, é capaz de chegar a Mim, elevando-se através de boas obras no luminoso desejo de obedecer a minha primeira lei, a que instituí justamente quando o criei*" (HILDEGARDA, *LDO*, 1, 46). E ela continua discorrendo sobre o pensamento divino, que reforça a presença das três pessoas da Trindade no momento da criação humana, estabelecendo, assim, um vínculo entre o homem e a divindade, a ponto de ele lhe prestar homenagens, de possibilitar que também se sinta senhor da criação e que se sinta próximo da figura de Jesus. Essa proximidade se dará através dos sacrifícios que os homens estejam dispostos a fazer, como abstinências, jejuns e orações, a fim de elevar-se das coisas da Terra para o Céu.

Deus cria o homem e a mulher à sua imagem e semelhança, e ordena-lhes que sejam fecundos e submetam a si todas as criaturas (Gen. 1, 27-28). Seguindo seu método exegético, ela questiona: *O que isso quer dizer?* E logo a seguir explica: é "(...) que a potência da divindade que tudo cria e governa se mostra naquela obra mestra que é o homem". A misericórdia divina veio em socorro do mundo, e reconhece que o homem pratica a indulgência e a misericórdia e o respeito ao próximo, na medida do possível, pois o salmista diz: "*Vós sois deuses, e todos vós filhos do Altíssimo*" (Sl. 82,6), que ela interpreta assim: "*Eu disse aos homens: nisto sereis deuses, porque o homem domina todas as criaturas, submetendo-as à vossa vontade para prover a todas as necessidades próprias*". Do mesmo modo que o homem sente fé, temor e amor para com a onipotência de Deus, assim as criaturas se fixam no homem e lhe querem como a

um deus, quando são alimentadas por ele e domadas. Os homens são filhos do Deus vivo, pois foram criados racionalmente e possuem toda a ciência que lhes é necessária, enquanto os animais irracionais não sabem nada, a não ser o que captam com os sentidos: “No homem, além disso, Deus cria a força e a potência da cautelosa justiça, para que não ceda a iniquidade contra si mesmo, nem contra os outros. *E este é um elemento masculino*”. Mas também o cria fazendo que, por presente, “(...) a graça divina conceda o perdão ao homem ferido pelos seus pecados, e suas misérias sejam valorizadas justamente, e lhe seja vertido o vinho da penitência, e se o unte com o azeite da misericórdia”, de tal modo que o homem não caia posteriormente, de maneira imperdoável, por uma penitência desmedida, nem, permanecendo túbio, siga deixando-se implicar em vaidades dos maus atos. E ela conclui: “(...) *este é o elemento feminino*” (HILDEGARDA, *LDO*, 1, 46).

Na humanidade do Filho de Deus, toda a humanidade foi bendita, como foi dito no Evangelho: “(...) *todo aquele que fizer a vontade de meu Pai que está nos Céus, este é meu irmão, e irmã e mãe*” (Mt. 12, 50). A interpretação que se segue é que “(...) todo ser humano, repleto da graça de Deus e que tenha cumprido a vontade d’Ele, que habita no alto do Céu, também viverá no Céu”; todo homem que “(...) tenha renegado sua natureza terrena voará para Deus com o homem interior”; e todo homem que imite Deus e o adore no temor e na contemplação contínua será irmão de Cristo. E Jesus diz: “*Quem abraça na fé e no amor com continuidade a Deus, é meu irmão pela sua devoção*”, e quem se eleve até Deus com “(...) *todas as suas obras, com desejo de perfeição, e o leve no corpo e no coração é minha mãe, já que deste modo me gera e nela eu floresço no desejo da santidade que há no meu Pai e na plenitude das santas virtudes*” (HILDEGARDA, *LDO*, 1, 46).

O homem terá que ser capaz de dominar seus desejos com grande felicidade, abstendo-se das grandes preocupações do mundo e praticando as virtudes, pois assim poderá almejar as coisas do alto, virtuosamente, aliando-se às forças que o moverão para o bem, porque a prática das virtudes libera o homem dos desejos ilícitos, que são muitos. Em relação à passagem de Gen. 1, 29-30, onde se lê que as sementes serão dadas para a alimentação do homem, Hildegarda a interpreta assim: “(...) ao homem serão dados as sementes das virtudes que lhe possibilitarão ser obediente e, com isso, ele obterá alimento para o descanso da alma”. O homem que em si cultiva as virtudes é como se fosse um jardim regado pelo Espírito Santo, pois as virtudes estarão em sua alma como alimento, e ele poderá alimentar-se delas em todos os momentos de sua

vida: “E no sexto dia Deus faz que o bom fim resplandeça no homem, com o bom princípio da sexta virtude, que é a obediência, como o sexto dia” (HILDEGARDA, *LDO*, 5, 46).

Todos os elementos superiores e inferiores e todas as virtudes foram feitos com plenitude e perfeição, sem defeitos, e tudo o que é útil foi criado de forma abundante: “(...) assim foram concluídos os céus e a terra, e tudo o que neles há” (Gen. 2, 1). Portanto, “(...) no sétimo dia Deus já havia concluído a obra que realizara, e nesse dia descansou” (Gen. 2, 2): “O cumprimento das obras feitas com a ordem dos seis dias se denominou sétimo dia quando Deus levou à perfeição todas as coisas que havia previsto criar”. Dessa forma, pôde descansar, deixando sua obra. E Ele bendisse o sétimo dia e o santificou, porque neste dia repousou de todo o trabalho que teve ao criar: “Deus agiu assim para que fosse reconhecida sua solenidade, já que cada criatura havia herdado d’Ele a plenitude da criação, como Deus havia ordenado, e, depois, cada uma delas procede das outras por geração”. Os anjos e todos os demais mistérios da divindade davam graças a Deus pela perfeição de sua obra.

Para Hildegarda, isto se dá pelo fato de que “Deus terminou seu trabalho munido com os sete dons do Espírito Santo” (HILDEGARDA, *LDO*, 1, 47).

Em outra explicação para a mesma passagem, Hildegarda afirma que ficaram perfeitas todas as obras divinas, tanto as celestiais quanto as terrenas, necessárias aos filhos dos homens nascidos sobre a Terra. Portanto, toda a honra das obras celestiais é representada na Terra pela Igreja. Em relação ao descanso divino, no sétimo dia, Deus fala através de Hildegarda:

Eu defini todas as minhas obras em meu filho no sétimo dia, ou seja, na plenitude da totalidade do bem, para que todo o povo da Igreja, vendo, escutando e examinando com a ajuda da doutrina, aprenda bem o que tem que fazer para obedecer às minhas regras. A ordem estabelecida por mim era tão alegre que não teria sido possível ensiná-la, se não tivesse mandado o meu filho. Ele realizou todas as minhas disposições com sua doutrina e por seus apóstolos, enquanto antigamente somente os profetas as viram, como uma sombra. Então brilhou na Igreja o sétimo dia, o dia do meu descanso, em seguida, brilhou na Igreja o sétimo dia, o dia da minha pausa, por isso, a partir de então não agi de forma aberta, não pelos sinais dos milagres, nem com as visões, como as dos santos dos tempos antigos. Somente agora no Filho se manifestaram as obras da vida e os mistérios concernentes ao futuro, passado e presente e, aos meus eleitos, ensino imitar a

Encarnação do meu filho, flor da primeira floração (HILDEGARDA, *LDO*, V. 48).

Ele bendisse e santificou o sétimo dia, para a salvação das almas, quando enviou seu filho para que se encarnasse no ventre da Virgem:

*“Eu o bendisse e o santifiquei porque me comprazo neste dia, que me pertence, naqueles que, como flores de rosas e açucenas, liberadas do jugo da lei, elegem vincular-se a Mim voluntariamente, por minha inspiração, ensinando que a encarnação do Filho, prometida nas antigas profecias, não está em oposição às regras da lei”. A obra termina com a Igreja, “(...) porque já é perfeita e resplandece na santidade das obras e na plenitude da ordem estabelecida”. Jesus seria a sétima obra de Deus, pois, “(...) nascido como homem do ventre da Virgem, levou a cabo, junto a Mim no Espírito Santo, todas as coisas, como disse no Evangelho: É-me dado todo o poder no Céu e na Terra (Mt. 28, 18)”. E Jesus responde: “É que Deus Pai tem dado a Mim, Filho da Virgem, todo poder por direito hereditário, no Céu, para fazer, e sobre a Terra, para julgar todas as coisas, que tem que ser feitas e julgadas, fazendo a vontade de meu Pai em todas as coisas porque Eu estou no Pai e Ele está em mim” (HILDEGARDA, *LDO*, 1, 48).*

Hildegarda ainda apresenta outra interpretação da mesma passagem de *Gênesis*, 2, 1. Segundo ela, as virtudes celestiais e terrenas e todos os seus ornamentos se realizam no homem com a justiça e a verdade, através das boas obras. Assim, “Deus leva a cabo, no homem, as boas obras, com a perfeição de todas as virtudes, como o ourives enfeita com pedras preciosas seu trabalho e o refina”, já que as boas obras são o adorno perfeito do homem que as realiza pela graça do Espírito Santo. Então, “Deus descansou de toda obra no Filho, ou seja, descansa das obras de criação, das quais o homem é a mais perfeita, e no Filho, que é a sétima obra, começa a realizar as obras de justiça, no ventre da Virgem Maria” (HILDEGARDA, *LDO*, 1, 2, 49).

Em relação à perfeição de sua obra, que é o homem, Deus diz que ele é como um membro do seu Filho, o que se torna possível porque o homem imita a palavra interior de Deus, é o filho saído do coração divino e pode ser reconduzido à vida com o exemplo. No homem, se manifesta a santidade das obras celestes, quando o tem consigo na glória e lhe concede a honra de perdoar a seu próximo qualquer dívida. Então, o Pai

cessa o rigor das obras, aquele rigor que, antes da Encarnação do Filho, não permitiu a ninguém entrar no Reino dos Céus, sendo que agora seu próprio Filho abre a porta da alegria celeste e, por Ele, o Pai perdoa os homens de qualquer dívida que lhe confessem de todo o coração. Hildegarda termina a exortação conclamando os fieis, a fim de que entendam “(...) estas coisas com fé, e nem pensem em se ofender com elas, pois são verdadeiras” (HILDEGARDA, *LDO*, 1, 2, 49).

A provação

Novamente a voz do Céu se dirige a Hildegarda, dizendo-lhe: “Deus, que criou tudo, formou o homem à sua imagem e semelhança, representando nele todas as criaturas superiores e inferiores” (HILDEGARDA, *LDO*, 1, 1, 3), e o fez com um amor tão intenso a fim de que ele ocupasse o lugar que antes era ocupado pelo anjo caído. Ao homem foi reservada toda a glória e toda a honra que Lúcifer perdera. A despeito de todos esses privilégios, o homem permanecia livre, e foi submetido a uma prova, para poder, com o auxílio da graça, merecer o Céu.

Assim, quando Deus criou o homem, revestiu-o de uma veste celestial que resplandecia com grande glória: “Porém Satanás viu a mulher e reconheceu nela a mãe em cujo seio se alojaria um possível grande mundo” (HILDEGARDA, *LDO*, 1, 1, 38), e, então, tentou vencer a Deus na sua obra, com a mesma perversidade com que se havia revoltado, desejando que o homem se aliasse a ele, Lúcifer. Assim, usando de artimanhas, ele oferece a maçã à mulher e, uma vez comido o fruto, a mulher, que se sentiu outra, deu-o ao homem e ambos perderam sua veste celestial.

Depois que Adão comete o ato de desobediência, Deus lhe pergunta onde está. Estas palavras significam que Ele estava sempre atento ao homem e que não desejava vê-lo afastado do seu lado. No entanto, premidos pela vergonha, Adão e Eva se cobriram com folhas e foram para o desterro.

Para Hildegarda, o ato de desobediência teve três consequências: primeiro fez com que o casal perdesse a luz com que seu corpo era revestido; em seguida, fez com que eles seguissem para o exílio; e, por último, houve a instituição do casamento: “Deus uniu a mulher ao homem com um juramento de fidelidade, para que esta fidelidade

recíproca nunca fosse destruída”. Assim, a união da mulher ao homem “(...) foi uma harmonia semelhante à união de corpo e alma” (HILDEGARDA, *LDO*, 1, 1, 15). Hildegarda insiste na indissolubilidade do casamento: “Quem quer que rompa o juramento de fidelidade e persista em seu erro, encontrará o exílio da Babilônia, ou seja, uma terra caótica e baldia, em perpétua aridez, afastada do verdor dos prados fecundos. Ou seja, carente das bênçãos de Deus”. Ela afirma que “(...) a vingança de Deus recairá sobre o homem até a última linha da descendência, porque um pecado deste tipo afeta até mesmo os descendentes” (HILDEGARDA, *LDO*, 1, 1, 15).

Deus formou o homem do barro da terra, com a forma prevista antes do começo dos tempos: “Assim, quando criou todas as coisas produziu-as no Verbo, já que o Verbo é o filho, escondido no Pai como o coração está escondido dentro do homem”. E Deus fez o ser humano formando-o à sua imagem e semelhança, porque quis recobri-lo de uma forma que revestirá a santa divindade. Por isso, “(...) deposita no homem o sinal de todas as criaturas, na mesma medida em que toda criatura procede da palavra divina”. Deus fez o homem e o vivificou “(...) com um alento vivente, que é a alma, e o coagulou na carne e no sangue, e o fez firme com a estrutura dos ossos”. Hildegarda compara a fisiologia do homem com a da terra: “(...) tal e como a terra é consolidada pelas pedras, já que não pode existir sem elas, assim tampouco o homem pode existir sem os ossos” (HILDEGARDA, *LDO*, 1, 4, 14).

Em outra passagem, ela diz que, quando Deus criou o homem, misturou o barro com a água e formou o homem à sua imagem e semelhança, e deu-lhe um sopro de vida de fogo e ar. Posto que a forma do homem fosse de água e barro, devido ao fogo do sopro vital de Deus “(...) o barro se fez carne” e, por causa do ar do sopro, “(...) a água com a que havia misturado o barro se converteu em sangue”. Em outra passagem, ela detalha:

Deus, ao criar Adão, o esplendor de sua divindade fez resplandecer a massa de barro com que o havia criado e aquele barro tomou forma em sua parte exterior. Então, Deus com o mesmo barro criou em seu interior o coração, o fígado e os pulmões, o estômago, os intestinos, o cérebro, os olhos, a língua e o resto das partes internas. E quando Deus lhe enviou o sopro da vida, a matéria de Adão, que são os ossos, a medula e as veias, tomou consistência, por causa do mesmo sopro. E assim tomou consistência, como acontece com a prata, quando o artesão a lança no fogo; e assim o sopro vital se assentou no coração do ser humano, criando com o mesmo barro, a carne, o sangue. (HILDEGARDA, *LCC*, 2, 76).

Assim, quando Adão era terra, foi despertado pelo fogo e o ar fez com que subisse a água que o molhou, a fim de que se movesse. Então Deus o adormeceu e o preparou com estas forças, de modo que sua carne se temperasse com calor, respirasse com o ar, e a água o esfregasse como um moinho. Quando ele despertou, tornou-se um profeta, conhecedor de todas as forças das criaturas e de toda arte.

Deus lhe deu todas as criaturas, para que pudesse olhar para dentro delas, com força viril, e pudesse conhecê-las e distingui-las. Na concepção de Hildegarda, há uma interação entre homens e animais, pois “(...) todas as criaturas estão no próprio homem, e nele está o sopro de vida que não termina quando a vida termina” (HILDEGARDA, *LCC*, 2, 86). Ela explica:

O homem está dividido em duas partes: a vigília e o sono. O corpo humano se alimenta e, assim, nutrido, se recupera com o sono. Depois de deixar o corpo, a alma viverá de outro modo, e a alma que é boa apenas pode suportá-lo; e por isso clama a Deus e diz: Quando vestirei a carne como a que vivi nos dias de luz? Pois, quando Deus criou todas as criaturas, o dia apareceu com uma luz inteira, pois à noite com ele ainda não havia dividida (HILDEGARDA, *LCC*, 2, 89).

Depois que as outras criaturas foram criadas, Deus criou o homem do barro e o aqueceu, de modo que ele se transformou em carne e sangue, “(...) pois a terra é o material carnal dos humanos, e nutriu-o com umidade, como uma mãe dá leite a seus filhos”; e soprou sobre ele até que ele se ergueu sob a forma de um ser humano, “(...) despertou-o pelo poder celestial e miraculosamente ergueu um ser humano com inteligência de corpo e de mente” (HILDEGARDA, *Scivias*, 2, 1, 7).

O primeiro homem conheceu a Deus e O amou. Ao receber os preceitos, dispôs-se a obedecer a eles, mas inclinou-se para o mal e desobedeceu: “De fato, quando o diabo lhe sugeriu o mal, ele se esqueceu do bem e perpetrou o mal e, conseqüentemente, foi expulso do Paraíso. Portanto, o mal deve ser lançado dentro da perdição da morte, e o bem abraçado no amor da vida” (HILDEGARDA, *Scivias*, 1, 4, 30).

Segundo Hildegarda, o homem apresenta três causas para o ato sexual: “(...) desejo, potência e zelo. Seu desejo inflama sua potência e, assim, tanto no homem quanto em sua obra, há zelo para completar a obra e vontade ardente”. Do mesmo modo, segundo ela, houve três causas no ato da criação de Adão: “(...) a vontade de Deus formou a humanidade por meio de seu poder e aperfeiçoou-o em grande ternura

amorosa à sua imagem e semelhança”. Assim, na vontade de Deus “(...) nota-se um paralelo com o desejo de um homem e, no seu poder, a potência de um homem, e, na ternura amorosa da vontade e do poder Dele, o zelo do desejo e da potência do homem” (HILDEGARDA, *Scivias*, 2, 3, 22). Dessa maneira, a raça humana é gerada por homens e mulheres, assim como Deus fez a humanidade da lama. Assim como a terra, em seu vigor, é constituída para produzir, a partir de sementes, os frutos do campo, assim também as mulheres darão à luz as crianças geradas em seu ventre:

Porque a terra, quando forma e nutre o homem, e quando sustenta e apoia todas as demais criaturas que estão ao seu serviço, se mostra quase como uma flor de beleza e enfeite da honestidade da virtude de Deus, que prepara com sua força justamente todas as coisas. Do mesmo modo, a terra honra a potência de Deus, já que mantém o homem, que sempre tem que louvar e glorificar Deus por obter o necessário para seu corpo, e também sustenta todas as demais criaturas que podem resultar úteis a ele, já que ela apoia a prosperidade de todos. Na verdade, quando o homem elogia a excelência de Deus, é como se a terra, de que ele é feito, tributasse honras ao próprio Deus, nas justas e santas obras dos homens. E isso ocorre porque a terra produz a vida em todas as suas formas. *Certamente todas as criaturas terrenas que se formaram se produziram na terra.* Portanto, é uma espécie de mãe para os muitos tipos de criaturas, tanto as que nascem da carne como as que se desenvolvem de sementes, já que toda criatura terrena que tem forma e vida nasce dela e também o homem, que é animado de racionalidade e do sopro da inteligência, é formado da terra (HILDEGARDA, *LVM*, 4,20).

Hildegarda concebe a terra como uma entidade feminina. Em *Liber Divinorum Operum*, ela a apresenta como a mãe de tudo o que nasce: “E Deus chamou ao seco, terra, que é a mãe de todas as coisas que brotam sobre ela, porque o primeiro homem também foi feito por ela” (HILDEGARDA, *LDO*, 1, 2, 30.), estabelecendo uma analogia com Eva, “a mãe de todos os viventes”, pois, à medida que a humanidade surgiu da terra, “(...) também é da terra que a humanidade deriva. A terra virgem, como a Virgem Maria, é paralela ao Criador virginal, que deu à luz a criação, sem necessidade de um parceiro”. Da mesma forma, foi a terra que “(...) forneceu o material para a criação de Adão, deu carne à Virgem, e a partir dela forneceu a humanidade do Filho encarnado de Deus. Dela vêm todos os bons dons” (THOMPSON, 1994. p. 353). Assim

como a terra precisa ser cultivada, a fim de que dê frutos, a mulher precisa receber a semente do homem para que gere, em seu seio, o filho, fruto da união dos dois. Só Cristo não nasceu de um campo cultivado, uma vez que foi concebido pelo Espírito Santo e nasceu da Virgem, “(...) que é simbolizada pela terra e que se declarou serva de Deus, porque olhou para si mesma e reconheceu a terra de onde foi feita” (THOMPSON, 1994. p. 354-5). *A terra é o material da obra de Deus no homem, e é também matéria da humanidade do filho de Deus*, porque Deus criou o homem da terra e a terra era também o material daquela Virgem sem mancha que deu a luz ao filho de Deus em sua pura e santa humanidade (HILDEGARDA, *LVM*, 1, 4, 21).

Em meio “(...) à fusão Eros-morte, é mais uma vez curioso o papel reservado ao elemento feminino. A mulher que aparece nos mitos e na literatura como fonte de toda a vida, como aquela que gera, protege e alimenta o filho (e, por analogia, é simbolizada pela terra)” é, ao mesmo tempo, “(...) aquela que devora e corrói, que traz a morte ao mundo dos homens (a terra é também túmulo)” ou um grande útero que se abrirá para abrigá-lo pelos tempos imemoriais que hão de vir, até o dia do juízo final⁵⁷. “É Eva quem morde a maçã e instaura a finitude no Éden; é Pandora quem amaldiçoa a humanidade em sua caixa de males”. As representações do feminino como elemento “(...) aliado à morte são tão variadas quanto aquelas que o vinculam à vida”. Afinal, se morte e vida se misturam, sobretudo “(...) no momento da reprodução, é natural que a mulher, como elemento gerador, conviva intimamente com esses fenômenos” (CASTELO BRANCO, 1984. p. 38-40).

Antes do princípio do tempo, o Senhor, com grande força e poder, deu vida a toda classe de criaturas. A vida que criou continha dentro de si a semente fértil para a multiplicação de todas as criaturas. E criou todas as coisas completamente boas, de acordo com o plano que Ele tinha traçado desde sempre (HILDEGARDA, *LVM*, 1, 1, 21).

Hildegarda interpreta o *salmo* 117, 18: “(...) o Senhor castigou-me duramente, mas poupou-me à morte”, da seguinte maneira: “O homem é muitas vezes inconsistente e indisciplinado e não é medroso, exceto quando todas as veias são atravessadas pelo sofrimento”. Por isso, é compreensível que o diabo tenha enganado o primeiro homem,

⁵⁷ Uma grande inquietação foi imposta a todos os homens, e um pesado jugo acabrunha os filhos de Adão, desde o dia em que saem do seio materno até o dia em que são sepultados no seio da mãe comum: seus pensamentos, os temores de seu coração, a apreensão do que esperam, e o dia em que tudo acaba, desde o que se senta num trono magnífico, até o que se deita sobre a terra e a cinza; *Eclesiastes* 40, 1-3.

“(....) quando ele se encheu de grande vaidade e queria ser o que não podia ser”. Como resultado de seus atos, o homem conheceu a tristeza e a dor, e ainda, “(....) por causa do sofrimento, adquiriu o medo, pela vaidade, esquecimento, e, pela desobediência à lei, a confiança tola”. Contudo, “(....) o temor a Deus prevalece, já que, graças ao temor, o homem treme diante de Deus e conhece perfeitamente a inutilidade de todas as demais coisas”. Há uma sequência em que, “(....) primeiro, sobrevém ao homem o temor a Deus, logo segue o abraço à caridade e, por fim, chega o momento em que o homem ama a Deus e pensa como reconciliar-se com ele, para que Deus não se recorde de sua iniquidade”. Porém, mesmo quando o homem busca a Deus no amor, Deus não deixa de castigá-lo com contínuos sofrimentos, para fazê-lo dizer com confiança:

(....) ao castigar-me com seus flagelos, o que o Senhor de todas as coisas tem castigado é um pecador, porém, a causa daquele mesmo castigo com que me flagela não me tem entregado às penas mortais do Inferno, porque com amor eu fui à sua busca e lhe confessei meus pecados, e, neste mesmo castigo, sou paciente e prudente, quando reconheço que seus juízos sobre minhas culpas são justos. E apressome, então, a voar para seu lado, com duas asas, as do conhecimento do bem e do mal, com a asa direita ajudarei a esquerda até alcançar o caminho reto e uniforme (HILDEGARDA, *LDO*, 1, 2, 30).

Para Hildegarda, foi depois que Adão pecou que começou a existir a noite: “(....) todos os elementos se escureceram com grandes trevas e Adão foi conduzido ao seu exílio em meio delas”; e disse, chorando: “Devo viver de maneira diferente a que Deus me concedeu para viver”. Assim, ele começou a trabalhar e a suar. No entanto, antes de transgredir o preceito divino, “Adão e Eva reluziam como o sol em todo o seu esplendor e o resplendor lhes servia de vestimenta”. Depois de violar o mandamento de Deus, já não brilhavam como antes, viram-se escuros e permaneceram na escuridão: “Quando viram que não brilhavam como antes, souberam que estavam despidos e se cobriram com as folhas das árvores, como está escrito. Antes do pecado, vestiam-se de luz. Descobriram que estavam nus, porque não brilhavam mais” (HILDEGARDA, *LCC*, 2, 90). Antes de sua transgressão, Adão não trabalhava, e brilhava como o sol.

No fim dos dias, os justos brilharão de novo, segundo está escrito: “Então os justos resplandecerão como o sol, no reino de seu Pai” (Mt. 13, 43). Eles brilharão por

suas obras santas, pois as obras sagradas brilham e estão depositadas no esplendor que tinham os santos, como pedras preciosas engastadas em ouro⁵⁸.

De acordo com Hildegarda:

(...) “Adão era viril por causa do ardor viril da terra, e fortíssimo graças aos elementos. Eva era mais débil em suas entranhas, tinha mente aguda, devido ao elemento ar, e passava uma vida deliciosa, porque o peso da terra não a oprimia. E assim como ela foi tirada do homem, todo gênero humano provém dela (HILDEGARDA, *LCC*, 2, 89).

A Queda

Quando ainda perambulavam pelo Jardim do Éden, os pais não imaginavam as intenções da serpente, que se escondeu e só se manifestou quando interrogou Eva pela primeira vez e a enganou (porque, em princípio, Eva era inocente). Assim, “(...) tudo começou com o primeiro pecado original, proveniente do engano do diabo”, e o engano se parece com “(...) uma névoa que se levanta do ar maléfico e cobre toda a Terra, de modo que não se possa ver a pureza do dia, uma névoa que corrói as obras da sabedoria, como se as depreciasse”. O engano não tem nem alegria, nem felicidade e não encontra paz em nenhuma parte. Estas coisas indicam que todos os sentidos humanos se voltam para onde os dirige a intenção do homem. Assim, a função das virtudes, quando o homem se permite consultar Deus a esse respeito, é corrigir as falhas. O homem dirige seus sentidos para onde o conduz sua intenção; “(...) não se conhecem os pensamentos de seu coração, porque permanecem em segredo”. Quando foi enganada pelo diabo, Eva

⁵⁸ No quarto livro da “*Physica*”, Hildegarda explica para os homens a utilidade das virtudes curativas das pedras preciosas. Segundo ela, o diabo aborrece, detesta e despreza as pedras preciosas, porque lhe recordam que sua beleza aparecia com ele, antes que caísse da glória que Deus lhe havia dado, porque algumas pedras preciosas se engendram no fogo em que recebe seu castigo. Por vontade de Deus, o diabo foi vencido pelo fogo e no fogo caiu, assim como foi vencido pelo fogo do Espírito Santo, quando a primeira inspiração do Espírito Santo arrebatou os seres humanos de sua face (HILDEGARDA DE BINGEN, 2012. p. 31).

“(....) não conhecia sua astúcia, porque ele se havia escondido tão bem que seu engano não pôde ser visto por nossos pais. Assim, arrastou todo mundo para o mal, porque não tinha em si nada de bom” (HILDEGARDA, *LDO*, 1, 4, 37).

Hildegarda afirma que “(....) a mulher é débil e se dirige ao homem para que cuide dela, como a lua recebe do sol a sua força”. Se, por um lado, “(....) a mulher está submetida ao marido e tem que estar preparada para servi-lo”, por outro “(....) é ela quem veste o homem com a obra de sua ciência, porque foi criada da carne e do sangue; já o homem foi barro antes de ser formado e, por isso, ele, em sua nudez, se dirige à mulher para que ela o vista”. Ela explica: “(....) o prazer da carne olha para o desejo da alma com grande tremor, porque a alma muitas vezes a repreende e submete, sem, no entanto, ser capaz de separar as energias da alma, porque, como a mulher se dirige para o homem para que cuide dela, servindo-o com temor e prazer da carne, ambos olham na direção da alma” (HILDEGARDA, *LDO*, 1, 4, 65).

Esta faculdade de agir de maneiras tão diversas é inerente ao homem. por isso, se os anjos se alegram junto a Deus pelas boas ações humanas, também se levantam na qualidade de juízes dos maus atos praticados contra Deus. Já a antiga serpente se regozija com todos os castigos que afligem o homem, tanto na alma quanto no corpo, pois, tendo perdido a glória celeste, não quer que o homem a alcance. Efetivamente, quando percebeu que o homem atendeu ao seu conselho, começou a planejar a guerra contra Deus, dizendo: “Através do homem levarei a cabo todos os meus propósitos” (HILDEGARDA, *LDO*, 2, 1, 9). Foi assim que exacerbou sua cólera contra a mulher reconhecendo nela a raiz do gênero humano, visto que é ela quem pare: “Seu ódio cresceu ao extremo e se disse que não deixaria nunca de persegui-la, até que a destruísse, afogando-a na água do mar, depois de havê-la enganado primeiro”⁵⁹ (HILDEGARDA, *LDO*. 2, 1, 16).

Ao transgredir a ordem que lhe foi dada, a Queda do homem foi tão intensa que até seu corpo e sua mente mudaram: seu sangue perdeu a pureza, de tal forma que passou a “(....) lançar uma espuma que é seu sêmen”. Se tivesse permanecido no Paraíso, o homem persistiria no estado imutável e perfeito; “(....) quando desobedeceu, tudo mudou de forma distinta e amarga” (HILDEGARDA, *LCC*, 2, 56).

Segundo Hildegarda, “Lúcifer e a humanidade, cada um tentou, no começo de sua criação, rebelar-se contra Deus e não puderam permanecer firmes; decaíram do bem

⁵⁹ “E, quando o dragão viu que fora lançado na Terra, perseguiu a mulher que dera à luz o filho homem” *Apocalipse* 12,13.

e optaram pelo mal”. Lúcifer foi taxativo, e rejeitou todo o bem; Adão, no entanto, “(...) provou o bem quando aceitou a obediência, mas desejou o mal e, em seu desejo, realizou-o por sua desobediência a Deus”. Os motivos que levaram Lúcifer a querer ser como Deus, e Adão a desobedecer às ordens dadas, são um mistério cuja solução é vedada ao homem, pois “(...) um mortal não pode saber o que havia antes da criação do mundo, ou o que pode acontecer depois do último dia; somente Deus sabe isso, exceto na medida em que permita a seus eleitos o conhecerem” (HILDEGARDA, *Scivias*, 1, 2, 15).

Certamente, o pecado de Adão e Eva é menos grave do que o de Lúcifer: enquanto este quis igualar-se a Deus, Adão e Eva quiseram conhecer mais do que lhes era permitido. Trata-se, segundo Hildegarda, de um pecado de conhecimento. Daí uma dupla acepção do conhecimento em Hildegarda: dom e pecado. Por um lado, “(...) é pecado o conhecimento que o homem procura ou conjectura ter de Deus, para além do que lhe é dado, como a consideração de Deus antes da Criação e depois do fim dos tempos”; por outro lado, “(...) o conhecimento que o homem pode ter de Deus, que é incompreensível, não pode ser, para Hildegarda, uma construção ou uma dedução humana, mas um dom divino” (XAVIER, 2001. p. 197-198).

Depois de criar Adão, a única exigência que Deus lhe fez foi que lhe obedecesse em relação ao fruto da árvore. Mas, “Na realidade, mediante a insinuação do diabo, ele voltou as costas para o mandamento divino e afundou na escancarada boca da morte, visto que não buscou Deus nem pela fé, nem pelas obras”. Assim, “(...) sobrecarregado pelo pecado, o homem não podia levantar-se em busca do verdadeiro conhecimento de Deus”, até que, para resgatar Adão e toda a humanidade que se perdeu, Jesus foi concebido sem pecado, oferecendo a sua vida pela humanidade. Porque Adão pecou e não cumpriu sua parte no acordo (que era a de não tocar no fruto de determinada árvore) e porque seguiu a orientação dada pela serpente, “Deus então, achou por bem que nenhum olho mortal fosse capaz de vê-lo enquanto permanecesse na Terra”. E não só “Adão, mas toda a raça humana ficou sem lei até que houve a encarnação do Filho de Deus que restabeleceu as leis” (HILDEGARDA, *Scivias*, 2, 1, 8).

Como o diabo temia acercar-se abertamente do homem no Paraíso, escolheu fazê-lo por meio da serpente, já que, entre todas as espécies de animais, não encontrou outro mais inteligente. Hildegarda explica porque a serpente foi escolhida: é que ela tem duas naturezas – por vezes, está na água, e por vezes, sobre a terra. Em ambos os elementos é sibilante e pérfida: da água retira os silvos, e da terra a perfídia. Por isso

tem um movimento sinuoso quando na água, e no chão rasteja, quase suplicante. Sua natureza é tal que engana com malícia o homem e o mata com seu veneno mortal. Porém, se o homem acredita vencê-la, ela se esconde e intencionalmente se move para ele. Com a astúcia de uma serpente, o diabo levou o homem a não ter nem alegria nem confiança em Deus. “Ao provar a maçã, o homem adquiriu a ciência do bem e do mal e, em seu julgamento, não percebeu que havia pecado; o diabo foi quem infundiu no homem todo o mal, mal que foi apagado pelas águas do batismo” (HILDEGARDA, *LVM*, 6,16). Devido ao ato de Adão, as portas do Paraíso se fecharam – não só para ele, como para toda a humanidade – tendo sido abertas depois da vinda de Cristo, sobretudo quando, pela vontade divina, ele foi batizado nas águas do rio Jordão e ouviu-se uma voz que vinha do Céu, dizendo que aquele era o filho de Deus⁶⁰. Através de Hildegarda, a voz diz:

Quis assim, a fim de que, no final dos tempos, eu pudesse redimir a humanidade através de meu Filho, que se une a mim no mais brilhante calor do amor, como o favo ao mel; portanto, eu o enviei à fonte, que simboliza a mim, a Fonte de água viva, de modo que ele mesmo, que é a fonte da salvação, pudesse soerguer aquelas almas a quem o Espírito Santo, pela água, redimirá do pecado e da morte eterna. Razão pela qual o Espírito Santo apareceu lá também, pois, através dele, é concedida aos fiéis a remissão dos pecados; ou seja, no segredo místico, quando meu Unigênito foi indicado pelo Espírito Santo sob a forma de uma pomba, pássaro de comportamento simples e honesto; e semelhantemente, o Espírito Santo, acima de todo o bem, é bondade e justiça simples e infalível (HILDEGARDA, *SCIVIAS*, 2,3, 26).

Quando Adão comeu a maçã nociva, concebeu o gosto do pecado, o que o fez ser capaz de pecar. Ele foi seduzido em primeiro lugar através da comida. Este pecado se combate com abstinência, jejuns e orações, ideia recorrente no período medieval. Por isso, a glória do Paraíso o abandonou e foi enviado ao desterro. Em seguida, o diabo, para combater a Deus, lhe deu a luxúria e subverteu o modo de geração humana, misturando-o com impudicícia: “Enquanto refletia sobre seu engano, se convenceu de que o homem, uma vez jogado no meio da imundície do pecado, não poderia entrar no Reino dos Céus, porque os filhos da fornicção não podiam formar parte do povo de Deus, e o próprio Deus não seria seu Deus”. O diabo se alegrou muito da sujeira do

⁶⁰ *Mateus*, 3, 17.

impulso carnal, e disse para si: “Eu retirei o homem do lugar glorioso em que ele estava e o joguei na máxima sujeira, e, portanto, a Deus não deixei sequer uma parte dele, porque Deus, que é todo puro, não quer nem aceita a imundície. Assim, desse modo, o homem cairá comigo” (HILDEGARDA, *LDO*, 3, 4, 5). Porém, Deus não revelou à antiga serpente seu plano para libertar o homem e lavou, por meio de seu Filho, a sujeira que fermentou a causa do engano diabólico, fechando com Ele as feridas que a luxúria infligiu ao homem.

Feito de lama, o homem se transformou de lama em carne e, por isso, ele é superior aos animais. Trabalha ele a terra, para que dê frutos e lhe proporcione forças em seus ossos, em suas veias e em sua carne. Tem íntegra a cabeça, a pele grossa e forte e, em sua força, produz sêmen como o sol produz luz. Para Newman, “Hildegarda atribuiu a tez da terra ao homem, porque Adão foi formado da terra”, dando um “(...) temperamento arejado para a mulher” (NEWMAN, 1989, p. 128).

De fato, ela considera que a mulher não mudou, uma vez que, tirada da carne, permaneceu sendo carne e, por isso, Deus concedeu às suas mãos o trabalho artesanal. A mulher é quase de bronze (aérea), já que leva a criança em seu ventre e a dá à luz. Tem a cabeça dividida e pele fina, para que a criança que leva em seu ventre possa ter ar. (HILDEGARDA, *LCC*, 2, 63). Newman mostra que “(...) aparentemente, para ela, o espaço entre o couro cabeludo e o cérebro de uma mulher se expande durante o período menstrual, de modo que os vasos sanguíneos no cérebro podem liberar o sangue menstrual, que ela considerava como purgação” (NEWMAN, 1989, p. 128). É este sangue menstrual que torna a mulher fértil e sua pele porosa permite que o embrião possa respirar.

Depois que Deus criou Adão, fê-lo dormir, a fim de tirar-lhe um osso da costela (Gen. 2, 21). Segundo Hildegarda, Adão encontrou grande prazer em dormir, quando Deus lhe insuflou o sono: “E Deus fez uma forma para deleite do homem e, assim, a mulher é o deleite do homem”. Depois que formou a mulher, Deus deu-a ao homem; e, para seu deleite, deu também aquela virtude de sua criação que é a capacidade de procriar na mulher. “Pois quando Adão contemplou a Eva, ficou plenamente consciente de que estava vendo a mãe com quem devia gerar seus filhos”. E, ao mesmo tempo, quando Eva contemplou Adão, “(...) viu-o quase que no Céu como a alma que deseja as coisas celestiais tende a alçar-se, porque sua esperança estava no homem”. Por essa razão, um só é e um só deve ser o amor do homem. O grande amor que estava em Adão saiu dele e se dirigiu a Eva. Por isso, o homem, ao sentir e abrigar dentro de si este

grande prazer, corre rápido para a mulher, como o cervo para a fonte, e a mulher diante dele age como a superfície do celeiro, que, incitada por vários golpes, se esquentava quando se peneira o grão (HILDEGARDA, *LCC*, 2, 282).

Depois que foram expulsos do Paraíso, Adão e Eva conheceram o trabalho de conceber e dar à luz filhos “(...) e, perdendo a inocência do ato de procriar, eles se entregaram ao pecado e, quando souberam que podiam pecar, descobriram a doçura do pecado”; desse modo, “(...) transformando a instituição legítima de Deus em licenciosidade pecaminosa” (embora deveriam ter sabido que “(...) a comoção em suas veias não era para a doçura do pecado, mas para o amor dos filhos) por sugestão do diabo mudaram-na em depravação”. A fim de conseguir seu intento, “(...) ele (o diabo) lançou seus dardos e, conforme disse: “(...) minha força está na concepção humana e, portanto, a humanidade é minha!” Vendo que, se estivesse de acordo com ele, a humanidade participaria da sua punição, disse novamente de si para si: “Todas as iniquidades são contra o Deus Todo-Poderoso, visto que ele certamente não é injusto”. E aquele enganador pôs isso como um grande selo no coração dela, de modo que a humanidade, que havia consentido com ele por sua própria vontade, não pudesse ser tirada dele (HILDEGARDA, *Scivias*, 1, 2, 15).

Hildegarda começou com uma teoria moralizada dos humores, mas incorporou-a em uma visão da Queda tão holística que é praticamente impossível separar da moral e do mítico os aspectos medicinais. Perda de esplendor visível, cegueira espiritual e amnésia, luxúria, vergonha, depressão, raiva, fragilidade e perversão dos sentidos são apenas alguns dos sintomas. O veneno insidioso faz com que a melancolia, fonte de todas as doenças e paixões perversas, coagulasse em Adão e pervertesse seu sangue e sua semente: “Eva sofre um dano equivalente, perdendo a glória primordial e a visão de Deus, incorrendo nas penalidades especiais da menstruação e das dores do parto” (NEWMAN, 1989, p. 116). Dores estas que acompanham todas as mulheres pelos tempos dos tempos, em um ciclo sem fim.

A Redenção

Maria é uma figura central para Hildegarda. Com sua visão fortemente encarnada do mundo e sua tendência de ver o pecado original como uma queda na

sexualidade, Hildegarda voltou-se para uma teologia da expiação, em que o nascimento virginal é pelo menos tão importante quanto a cruz. Hildegarda se importou “(...) tão pouco com a ‘personalidade’ de Maria quanto pouco cuidou da psicologia de Eva. Ambas as mulheres são maiores do que a vida, não indivíduos, mas teofanias cósmicas do feminino”. (NEWMAN, 1989. p. 158-159). Embora Maria encarne o feminino primordial, segundo os padrões deste mundo caído ela não é nem homem nem mulher. Recordamos que o nascimento virginal de Cristo, não menos do que sua morte sacrificial, era necessário ao plano de Deus para a completa destruição da morte. A fim de exaltar e louvar a Maria, Hildegarda escreve um belíssimo hino:

O vara frondosa, ave,
que nas rajadas dos ventos da indagação dos santos
avançaste.

Quando chegou o tempo,
fluíste em teus ramos,
ave, ave,
pois o calor do sol te fez emanar
como odor de bálsamo.

Em ti floriu a bela flor,
que deu odor a todos os aromas,
áridos até então,
e aqueles manifestaram-se em todo o esplendor.

Por isso os Céus destilaram orvalho sobre a erva,
e toda a Terra se tornou florida,
pois desabrochou de tuas entranhas o trigo,
e os pássaros dos céus construíram nela os ninhos.

Desde aquele dia os homens tiveram alimento
grande gáudio os convivas do banquete.
Por isso, ó suave Virgem,
Em ti não falta gáudio algum.
Eva todas estas coisas desprezou.
Agora porém seja louvado o Altíssimo.

(De Santa Maria. HILDEGARDA. *Apud* CARVALHO;
MENDONÇA, v. XXXVI, 2004)

Na percepção de Hildegarda, toda criança é gerada a partir do sangue de sua mãe. Segundo Newman, por isso era imperativo para ela que, não só o próprio Cristo nascesse sem relações sexuais, mas que o próprio sangue de Maria não devesse ter sido

maculado pelos desejos. A carne da Virgem “(...) nunca queimou na doçura da luxúria, nem foi tocada”; ela “(...) não poderia ter mancha em sua virgindade, pelo que poderia ser enfraquecida”; sua beleza brilhou “(...) sem mancha de pecado ou fluído de imundície humana, e sem anseio pelo ato feito em desejos pecaminosos”. Assim como o ramo florido de Arão foi cortado de sua árvore, “(...) o homem foi cortado de sua mente, para que ela nunca fosse tocada pelo prazer da relação sexual”. No entanto, ela precisava ainda de mais purificação para conceber a Cristo. Na Anunciação, “(...) o poder do Altíssimo a obscureceu, pois ele a acariciou tanto em seu calor que a limpou completamente de todo o calor do pecado” (NEWMAN, 1989. p. 174-5). Maria é suprema porque carrega em seu ventre uma criança sem a trágica queda na sexualidade. Ela encarna o Paraíso perdido em sua própria pessoa e dá acesso a ele através de seu Filho. A Redenção é a obra-prima de Deus, pois refaz o homem que foi desfigurado pela culpa e o repõe, em certo sentido, em um estado melhor que o anterior à Queda.

Hildegarda retrata de forma poética a gestação de Jesus:

Tu esplendes de divina claridade,
 clara Virgem Maria,
 infundida do Verbo de Deus,
 quando teu ventre floriu
 à chegada do Espírito de Deus,
 que sobre ti soprou, e em ti enxugou
 aquilo que Eva auferiu
 perdendo a pureza
 no contágio que contraiu
 por sugestão do diabo.

Admiravelmente escondeste em ti imaculada carne
 por divina disposição
 quando o Filho de Deus
 em teu ventre floriu,
 e por santa divindade nasceu
 contra as leis da carne
 que Eva construiu,
 Ele que foi estreita e inteiramente concebido
 nas divinas entranhas.

(De Santa Maria. HILDEGARDA. *Apud* CARVALHO;
 MENDONÇA, v. XXXIII, 2004)

Para Hildegarda, a terra imaginada pela vara de Arão é a Virgem Maria: “Em sua grande humildade, ela é a câmara nupcial do rei, a habitação selada”. Uma vez que o anjo lhe anunciou o “(...) desejo do rei de residir nas dobras de seu peito, olhou para a

terra de que foi feita e se chamou Serva de Deus”, Maria não questionou a mensagem recebida. Hildegarda compara a obediência de Maria à de Abraão, pois, segundo ela, “(...) a obediência de Abraão, durante a prova a que Deus o submeteu quando lhe mostrou um carneiro preso em um espinheiro, pressupõe a da Santíssima Virgem” (HILDEGARDA, *LDO*, 1, 1, 17). Ela também creu na palavra do mensageiro de Deus e desejou que fosse feito nela o que lhe anunciaram. E por isto o filho de Deus, prefigurado pelo carneiro na mata, se revestiu de carne.

Como já foi ressaltado, para Hildegarda Deus criou o homem a partir da terra e o transformou em carne e sangue. Porém, a mulher, tomada do homem, é carne de sua carne, não teve que transformar-se em outra coisa: “Eles, no espírito de profecia, sabiam, por inspiração do Espírito Santo, que a mulher daria à luz o Filho de Deus como uma flor que cresce em ar fresco” (HILDEGARDA, *LDO*, 3, 2, 3). Isso foi prenunciado na vara de Arão⁶¹ separada da árvore, símbolo da Virgem Maria, cuja mente estava tão afastada do homem que nunca foi tocada pelo prazer da união sexual, e seu único Filho foi gerado pelo fogo do Espírito Santo.

Ó suavíssima vara,
que despontas do tronco de Jessé,
grande é teu vigor,
tanto que Deus voltou os olhos para sua belíssima filha,
como no sol a águia crava seu olhar.
Quando o Pai do Céu se deteve no brilho da Virgem,
quis que nela encarnasse seu Filho,

Assim que no místico mistério divino
ganhou forma o projeto duma Virgem,
a flor brilhante admiravelmente
da própria Virgem floriu.
Quando o Pai do Céu se deteve no brilho da Virgem,
quis nela encarnasse seu Filho!

Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo,
como era na origem.
Quando o Pai do Céu se deteve no brilho da Virgem,
quis que nela encarnasse seu Filho.
(De Santa Maria. HILDEGARDA. *Apud* CARVALHO;
MENDONÇA, v. XXXII, 2004)

⁶¹ *Números* 17, 8: Sucedeu, pois, que no dia seguinte Moisés entrou na tenda do testemunho, e eis que a vara de Arão, pela casa de Levi, florescia; porque produzira flores e brotara renovos e dera amêndoas.

Hildegarda compara Eva com Maria.

Deus fez com que Adão caísse em um sono profundo e, de sua costela, criou Eva – sem dor, sem ferida ou qualquer outro tipo de sofrimento. Assim também ocorreu com a concepção do Filho de Deus: a Virgem o concebeu sem dor, sem sofrimentos ou sem feridas: “Eva não foi criada de semente, sim da carne do homem, já que Deus a criou com aquela mesma manifestação da potência com que mandou seu Filho à Virgem”. Indubitavelmente, Eva e Maria estão ligadas pela mesma essência criadora: “(...) jamais tinham vindo ao mundo outras mulheres como Eva Virgem e Mãe, e Maria, Mãe e Virgem. Deste modo, Deus se revestiu de forma humana e com ela ocultou a mesma natureza divina, a que os anjos contemplam no Céu”. (HILDEGARDA, *LDO*, 3, 2, 13).

A mulher foi criada por causa do homem e o homem por causa da mulher. Como se lê na carta aos *Coríntios*, 11, 12: “(...) porque, como a mulher provém do homem, assim também o homem provém da mulher, mas tudo vem de Deus”. Um provém do outro, “(...) a fim que não divirjam entre si na unidade de gerar seus filhos”. Há entre eles uma responsabilidade conjunta, pois deveriam trabalhar unidos em uma mesma obra, assim como o ar e o vento se entrecem em seu labor, “(...) pois o ar move o vento e o vento está misturado ao ar, de modo que, no movimento deles, todas as coisas estão sob a sua influência”. Assim também “(...) a esposa deve cooperar com o marido e o marido com a esposa no gerar os filhos”. Os pais que não criam seus filhos na senda do bem, “(...) certamente incorrerão na fraude do diabo e na ira de Deus, porque eles transgrediram aquela obrigação que Deus lhes ordenou”. Ai deles, portanto, se seus pecados não forem perdoados! Todavia, conforme foi dito, “(...) embora o marido e a esposa trabalhem juntos em seus filhos, apesar disso o marido e a esposa e todas as outras criaturas provêm da disposição e da ordenação divinas, visto que Deus os fez de acordo com sua vontade” (HILDEGARDA, *Scivias*, 1, 2, 12). Ou seja, há um determinismo na obra, pois, mesmo com a colaboração do homem e da mulher, a vontade de Deus sobrepuja tudo. Entretanto, que haja fé e amor do conhecimento de Deus entre marido e mulher. Esta preocupação ocorre em função da procriação, para que a semente não seja contaminada pela arte do diabo e, com isso, não sejam gerados filhos que carreguem em si a marca do pecado dos pais.

Deus continua a exortar homens e mulheres a fim de que eles não contaminem suas sementes com vícios, “(...) visto que aqueles que derramam seu sêmen na fornicção ou no adultério tornam enfermos seus filhos assim nascidos” (HILDEGARDA, *Scivias*, 1, 2, 12). A explicação é clara e prática. Hildegarda questiona

se é possível fabricar um vaso duradouro misturando lama ou estrume com barro puro. Certamente este vaso não durará o tempo que se espera dele. Semelhantemente, aquele que contamina seu sêmen na fornicação ou no adultério não poderá gerar filhos fortes. Assim, ela exorta os homens a que se resguardem, imitem a Cristo na castidade, a fim de alcançarem a Jerusalém Celeste.

Para Hildegarda, o desejo mútuo era um pré-requisito biológico para a concepção. A noção médica subjacente parece ter sido a “teoria das duas sementes”, de Hipócrates e Galeno, que associa o orgasmo feminino com a emissão de sementes necessárias para a concepção: “Assim, escritores médicos mais prosaicos do que Hugo de São Vítor poderiam opinar que as prostitutas raramente concebiam porque elas têm relações sexuais sem prazer e, portanto, não emitem semente”. Hildegarda, no entanto, foi ambivalente sobre a existência de sementes femininas: “O fator essencial para ela era a mistura de sangue, aliás, esta teoria mobilizava-a com um argumento médico contra o adultério” (NEWMAN, 1989. p. 136-137).

Era comum atribuir-se à mulher a infertilidade e a incapacidade de gerar filhos. (embora, às vezes, o problema seja do homem.) No entanto, é possível que, o não ter filhos seja expressão da vontade de Deus. Segundo Hildegarda, o próprio Deus esclarece: “Mas quando não quero que uma pessoa tenha filhos, suprimo o poder viril do sêmen, de modo que não possa coagular no ventre da mãe; assim, também nego à terra o poder de produzir fruto quando, por meu justo julgamento, quero agir assim”.

E porque Deus permite que nasçam crianças vítimas de adultério? Ele diz: “(...) porque meu julgamento é justo”.

De fato, desde a Queda de Adão, não encontrei na semente humana a justiça que deveria haver nele, pois o diabo expulsou a justiça pelo gosto do fruto. Portanto, enviei meu Filho ao mundo, nascido de uma virgem, de modo que, por seu sangue, no qual não havia nenhuma imundície carnal, ele pudesse retomar do diabo aqueles despojos que ele havia conquistado da humanidade (HILDEGARDA, *Scivias*, 1, 2, 12).

Assim, tendo sido libertados os homens, brilham eles em Deus, e Deus na humanidade que, tendo comunhão com Ele, tem esplendor mais radiante no Céu do que tinha antes. E “(...) isso não teria sido assim se o Filho de Deus não se tivesse revestido da carne”: se a humanidade tivesse permanecido no Paraíso, o Filho de Deus não teria

sofrido na cruz. Mas quando a humanidade foi enganada pela astuta serpente, “Deus foi tocado pela verdadeira misericórdia e ordenou que seu Unigênito se encarnasse na Puríssima Virgem”. Assim, tal como um campo que, depois de bem cultivado, produz bons e abundantes frutos, também a humanidade, depois de sua ruína, apresenta muitas virtudes.

Antes mesmo “(...) que a estrutura do mundo fosse feita, Deus, em verdadeira Justiça, previra todas essas coisas” (HILDEGARDA, *Scivias*, 1, 2, 31).

O primeiro homem buscou mais do que deveria ter buscado, foi enganado e caiu na perdição. Mas o diabo não previu a Redenção dos homens, quando o Unigênito matou a morte e despedaçou o Inferno, porque o diabo, que conquistou a humanidade através de uma mulher, não pressupôs que Deus o esmagaria exatamente através de uma mulher que geraria e daria à luz a um Filho e aniquilaria suas obras. Ele, que “(...) brilhando como um ser humano glorioso em meio à raça humana, sem nenhuma mistura de sangue poluído, pisou, com seu pé belicoso, a cabeça da antiga serpente; ele destruiu todos os dardos de sua iniquidade, cheios de ira e de devassidão como estavam, e tornou-o completamente desprezível” (HILDEGARDA, *Scivias*, 1, 3, 30).

Para Hildegarda, a Queda “(...)de nosso primeiro pai encontra-se claramente entre o intelecto espiritual e o carnal, a Queda foi a mais escura sombra da infidelidade, de modo que ninguém podia explicar-lhe o terror”. E ela continua: “Na Encarnação do Filho de Deus, nascido da Virgem, o desejo celestial foi supremo, ao passo que a lascívia terrena estava ausente; assim, a transgressão de Adão foi miraculosamente transformada em salvação, pelo sangue do Filho de Deus”; nenhuma outra pessoa, a não ser o Unigênito, enviado ao mundo pelo Pai, poderia eliminar aquela transgressão e possibilitar o acesso ao Céu. Portanto, “(...) a menos que o Filho de Deus tivesse derramado seu sangue pela salvação humana, aquela transgressão teria oprimido a humanidade, de tal sorte que ela não poderia ter alcançado a alegria dos cidadãos do Céu” (HILDEGARDA, *Scivias*, 2, 5, 12).

A fim de pagar e apagar o pecado da desobediência, com o qual ficou marcada toda a humanidade, o Filho Unigênito de Deus vem para resgatá-la. Os ferimentos de suas mãos “(...) apagam o ato de desobediência feito pelas mãos de Adão e Eva”, as chagas de seus pés têm por função clarear o caminho “(...) do exílio, para a humanidade voltar”, e a ferida de seu lado, “(...) da qual jorrou a Igreja, limpou o pecado de Eva e de Adão depois que Eva foi feita do lado de Adão”. E Deus disse: “Meu filho foi pregado na árvore a fim de abolir o que havia sido feito através da árvore que ocasionou

o pecado; e, por conseguinte, ele bebeu vinagre e fel a fim de eliminar o gosto do fruto pernicioso” (HILDEGARDA, *Scivias*, 3, 2, 21).

A permanência do mal.

Lúcifer, o anjo que se rebelou contra Deus e foi expulso do Céu, recorre aos enganos, a fim de atrair Adão e fazê-lo partícipe – primeiro, de sua maldade e, depois, da sua condenação.

Quando o diabo, por causa de seu orgulho e obstinação, perdeu seu imenso esplendor (pois Lúcifer era de luz mais pura do que todos os outros anjos), e quando as sementes da morte entraram nele e em todos os seus seguidores, aquele esplendor retornou a Deus Pai, para ser conservado em seu secreto coração; de fato, não se permitiu que a glória daquele esplendor se desperdiçasse, mas Deus a conservou como uma luz para outras de suas criaturas. Com efeito, Deus, que ordenou que uma variedade de suas criaturas surgisse sem carne, mas brilhantes em esplendor, a saber, o diabo e todo o seu séquito, conservou esse esplendor para a lama que ele transformou em ser humano, que surgiu coberto com uma vil natureza terrena, para que não possa exaltar-se com a semelhança de Deus. Na verdade, aquele foi criado em brilhante esplendor, mas não revestido em uma forma miserável, como são os humanos, não podia manter sua autoexaltação; há somente um Deus Eterno, sem começo nem fim. E assim, comparar-se a Deus é o mais perverso de todos os crimes. E desse modo, Eu, o Deus do Céu, guardei a ilustre luz, que saiu do diabo devido a seu crime, e escondi-a dentro de mim mesmo, até que Eu a dei à lama da terra, que Eu havia formado à minha imagem e semelhança; tal como faz um ser humano quando seu filho morre e sua herança não pode passar aos filhos deste. Quando ele não tem filhos para herdar, o pai conserva a herança e planeja dá-la a filhos ainda não nascidos que, quando tiverem nascido dele, a receberão (HILDEGARDA, *Scivias*, 3, 1, 16).

Segundo Hildegarda, Lúcifer foi jogado do Céu com tanta força que não consegue mover-se do Tártaro, “sua sede infernal”. Caso ele pudesse fazê-lo, “(...) confundiria com sua fortaleza todos os elementos, de modo que faria retroceder o firmamento e ofuscaria o sol, a lua e as estrelas, reteria o curso das águas e faria murchar as criaturas”. Ele não fica só, mas, com sua capacidade de agregação, a ele

junta-se “(...) a um bando de demônios, uns com mais força e outros com menos”. No entanto, há alguns que se comunicam mais com os homens e não respeitam os lugares sagrados, tampouco a cruz e os ofícios divinos. Estes demonstram o quanto são tolos, porque “(...) maquinam com Lúcifer contra o mundo”. Na percepção de Hildegarda, “(...) comparado com a magnitude de Lúcifer, o diabo tem quase tanta força, poder e malícia”. Lúcifer, ao se ver tolhido em seus movimentos, “(...) envia o demônio ao mundo quase como Píton”. Suas habilidades para enganar, utilizando-se de dissimulações, são enormes, tanto que “(...) seduziu a Adão no Paraíso e o chamou de senhor da Terra. O diabo não se atreve a usar suas forças abertamente; mas sim como ladrão; por isso é mentiroso”. (HILDEGARDA, *LCC*, 2,126).

Hildegarda assegura que “(...) o diabo enganou o primeiro homem no Paraíso por meio da serpente, já que, entre todos os gêneros, não encontrou outro mais liso, com o propósito de enganá-lo”. Em sua opinião, “(...) como o diabo temia acercar-se abertamente do homem, elegeu a serpente como meio do engano”. Sua natureza faz com que ela engane com malícia e mate o homem com seu veneno mortal: “Com a astúcia da serpente, o Diabo persuadiu o homem a não ter nem alegria, nem confiança em Deus”. Ao provar do fruto proibido, o homem “(...) adquiriu a ciência do mal e, no suco da fruta, ele percebeu que tinha pecado. Deste modo, o diabo infundiu no homem todo o mal, mal que logo foi apagado pela água do batismo” (HILDEGARDA, *LVM*, 6, 16). A respeito de Lúcifer, ela afirma que ele foi “(...) constituído como um espelho com todos os seus adornos, porém quis ser ele mesmo luz e não sombra da luz. E Deus “(...) fez o sol, para que inunde de luz todas as criaturas em contraposição ao fulgor dele”. Colocou “(...) a lua com o intuito de que ela ilumine todas as trevas em contraposição a suas insídias e constituiu as estrelas a fim de que ofusquem todos os vícios”.

Hildegarda faz um contraponto entre Deus, que, “(...) com efeito, é aquela plenitude em que não existe, nem pode existir, nenhum espaço vazio, e o diabo, que “(...) é uma vasilha vazia, pois, enquanto viu perdido, por sua soberba, seu próprio resplendor, foi sepultado no Inferno, onde permanecerá sem glória e sem nenhuma honra de louvores, porque é um predador que espoliou o primeiro homem, roubou e fez que fosse desterrado do Paraíso”. E, completando, ela afirma que foi o diabo o assassino, “(...) que matou Abel e que atacou os homens com o mal quando pretendeu ser seu Deus” (HILDEGARDA, *LVM*, 6, 14).

O pecado de Lúcifer foi o seu desejo de dividir a unidade de Deus, igualando-se a Ele e originando com isso todo o mal: “Na expulsão do diabo, estas trevas exteriores,

cheias de todos os tipos de sofrimentos, foram criadas; de fato, estes espíritos maus, em contraste com a glória que havia sido preparada para eles, foram submetidos à miséria de muitos castigos e, em contraposição à luminosidade que eles possuíam, sofreram a mais densa escuridão”. Como? “Quando o anjo orgulhoso elevou-se às alturas como uma serpente, ele recebeu a prisão do Inferno, porque não era possível que alguém prevalecesse sobre Deus”. Hildegarda afirma que é impossível concretizar este desejo, e, a fim de se explicar melhor, ela utiliza de uma analogia com o corpo humano: “Com efeito, como dois corações poderiam existir dentro de um único peito? De maneira análoga, não podia haver dois deuses no Céu” (HILDEGARDA, *Scivias*, 1, 2, 6). Portanto, como no peito um só coração assegura a unidade de todo o corpo, também no Céu um só Deus garante a unidade de todo o universo.

A despeito de suas investidas, Lúcifer fracassa em sua intenção de recriar o homem também à sua imagem e semelhança. Contudo, esse fracasso ocorre apenas em parte, uma vez que ele consegue incutir no ser humano sentimentos como inveja, ganância, ódio, inimizade e destruição, valores contrários aos valores divinos, cuja palavra é verdadeira, ordeira e criadora. Como seu desejo é ser superior a Deus, ele ataca a criatura a fim de instigar a reação do Criador.

CAPÍTULO 6

EVA, A MÃE DA HUMANIDADE

Este capítulo apresentará uma peculiaridade: será dividido em duas partes distintas, mas, ao mesmo tempo, interligadas. Na primeira parte discorreremos sobre a defesa que Hildegarda faz de Eva, como descreve sua figura, a dicotomia Eva-Maria, o que as separa e o que as une; na segunda parte, enfocaremos a herança de Eva, o pecado não sendo encarado como hereditário: diferente das características físicas, herdadas dos pais, sim. Dentro das preocupações de Hildegarda com o universo feminino, veremos a abordagem de assuntos considerados tabus inclusive em nossos tempos, como menstruação, desejo sexual – o feminino, mas, também, o masculino. Hildegarda foi a primeira mulher de quem se tem notícias a ter descrito tanto o orgasmo feminino quanto o masculino. Mostrando o quanto se preocupava com questões práticas, ela opinará sobre a idade ideal para os jovens iniciarem sua vida sexual e, mais, até quando se teria o desejo sexual.

Iniciaremos enfocando a figura de Eva, emblemática na concepção hildegardiana, pois carrega uma dualidade: é, ao mesmo tempo, responsabilizada pelo pecado da desobediência, que culminou com a Queda da humanidade, e, por outro lado, é a primeira mãe dessa mesma humanidade. Em função dessa dualidade, Hildegarda tem o entendimento de seu papel ambivalente na história da vida humana, pois, se por um lado Eva representa o poder criador da divindade por meio da maternidade, por outro, Hildegarda não escapou nem da influência da tradição agostiniana, que ligava o pecado original à concupiscência ou ao desejo, nem da tradição monástica, com sua forte valorização da virgindade. Essas tradições, formadas e perpetuadas por “(...) homens celibatários, são notórias por sua tendência em identificar o sexo em geral com o sexo feminino em particular, condenando assim Eva e suas filhas como a fonte da tentação” (OLIVEIRA, 2013. p. 220).

É bem mais fácil identificar Eva com a raça humana do que Maria. Talvez isso explique por que Hildegarda dá mais atenção a ela em seus escritos. Eva, assim como todos os humanos, colheu os frutos do pecado cometido, identificando-se com a raça humana caída, incluindo os sofrimentos enfrentados por todo. Maria, em sua perfeição, permanece em um patamar inatingível, tornando-se muito difícil compará-la ao ser humano comum. Ela é Virgem e Mãe ao mesmo tempo, dois dados incompatíveis, pois uma mulher só poderá ser mãe se for desvirginada, e uma virgem humana, neste estado, jamais poderá ser mãe: “Com tudo isso, há em Maria outra coisa maior, que se admira, a fecundidade junto com a virgindade. Jamais se ouviu, nos séculos, que uma mulher fosse juntamente mãe e virgem” (SAN BERNARDO. 1941, 1, 7).

Se uma mulher causou a morte,
 ilustre Virgem a destruiu,
 por isso é benção suprema
 em feminina forma,
 mais do que toda a criatura:
 Deus se fez homem
 Na dulcíssima e beata Virgem. (De santa Maria. Hildegarda. *Apud*.
 CARAVALHO; MENDONÇA, v. XXV, 2004)

Um dos pontos básicos de Hildegarda é a dicotomia homem = força X mulher = debilidade. Entretanto, o sentido que ela apresenta para essa debilidade é muito mais positivo do que aquele costumeiramente aceito. Nos seus escritos litúrgicos, “(...) o pecado de Eva é sempre posto em relevo com o objetivo de exaltar o papel da Virgem Maria”; entretanto, em seus escritos científicos, ela “(...) apresenta uma nota mais naturalista, que se expressa em termos mais diretos sobre a união carnal do homem e da mulher e sobre os temperamentos femininos, situando-se assim em uma perspectiva mais clínica do que moralista” (ÉPINEY; ZUM, 2007. p. 54). Quando fala como representante da Igreja, Hildegarda tem uma atitude mais severa, dentro dos moldes preconizados pela reforma gregoriana; no entanto, quando fala por si mesma, sua posição é outra, e sua dualidade torna-se mais explícita.

De maneira geral, Hildegarda compartilhou o preconceito antierótico de sua herança beneditina. No entanto, é fascinante observar suas tentativas de “(...) contornar os corolários antifemininos” que isso geralmente provocava. Tal feito foi conquistado,

em parte, por meio de sua teologia sapiencial e, em parte, por meio das ideias alheias às tradições agostinianas, como, por exemplo, a sabedoria popular, o conhecimento médico sobre as mulheres e os “(...) motivos teológicos que derivam em última instância, de fontes gregas ou judaicas, e não latinas” (NEWMAN, 1989. p. 90). É notório que ela também poderia fazer uso de suas percepções instintivas e empíricas. No entanto, as tensões de sua vida estão incorporadas ao feminino e bem longe de serem completamente resolvidas.

Após a Queda, não é mais possível separar os efeitos do pecado, da natureza e da graça. Tais venenos, incutidos pela serpente, só poderão ser vencidos pela virgindade. Tanto o homem quanto a mulher, seres sexuados, manchados na fonte, ainda assim são capazes de receber e revelar a graça.

Eva e Maria apresentam semelhanças em vários aspectos. Hildegarda explica que Jesus foi engendrado de uma virgem, única entre todas as mulheres, “(...) cujo oculto jardim nada abriu nem nunca ousou tocar. Porque, como o orvalho penetra na terra, assim Jesus foi inserido em Maria, e não tem raiz no homem, sendo ele raiz da divindade, como o raio de sol que fecunda a terra a fim de que brote”. E como Maria concebeu sem corrupção nem dor, é certo que seu parto foi também indolor: “Assim, como em um sonho, Jesus nasceu, tal como Eva, que foi extraída do homem que estava dormindo e que, ao acordar, sem dor, nem ferida, a viu diante de si e se alegrou com o fato” (HILDEGARDA, *LDO*, 3,2,13).

Ó milagre tamanho
o Rei se ter introduzido
na feminina forma de uma súdita!
Deus o fez
pois eleva a humildade sobre todas as coisas.
Ó tamanha felicidade existe
nesta forma,
pois o mal, que procedeu duma mulher
uma mulher de seguida purificou,
confeccionou todo o suavíssimo odor das virtudes
e o Céu ornou mais
do que a Terra primeiro turbou.
(De Santa Maria. HILDEGARDA. *Apud* CARVALHO;
MENDONÇA, v. XXIX, 2004)

Em outra obra, Hildegarda afirma que, em se tratando das dores do parto, Maria foi poupada, pois o “Espírito Santo cobriu com sua sombra a Bem-Aventurada Mãe, de

modo que ela miraculosamente concebeu sem dor, deu à luz o Filho de Deus e ainda permaneceu Virgem” (HILDEGARDA, *Scivias*, 2, 3, 12). Graças ao nascimento virginal de Cristo é que “Maria havia recuperado a harmonia original de Eva”. Pela intercessão do Espírito Santo, ela “(...) não sentira o menor torvelinho de sensações descontroladas no momento em que concebeu Cristo”, pois a sensação física associada ao ato sexual “(...) fora plenamente consonante, no caso dela, com o movimento desimpedido de sua vontade” (BROWN, 1990. p. 334).

Quando de vergonha ruborizam os infelizes em sua progênie,
 Progredindo na peregrinação do pecado,
 Tu em alta voz os chamas,
 Deste modo elevas os homens
 Da perniciosa Queda.
 (De Santa Maria. HILDEGARDA. *Apud* CARAVALHO;
 MENDONÇA, v. XXVII, 2004)

Na ordem divina, Eva é a mãe da humanidade, portanto, “(...) por antecipação é também a mãe de Cristo; na ordem natural e social, é a parceira do homem; e, no mundo decaído, ela é vítima da inveja do diabo”. Após a Queda, não é mais possível separar os efeitos do pecado, da natureza e da graça, enquanto a mulher continuar a expressar sua sexualidade no casamento, pois só através da virgindade ela pode vencer totalmente o veneno da serpente antiga: “Como um ser sexual, a mulher é, como o homem, manchada na fonte, contudo, mesmo em sua Queda, ela é capaz de receber e revelar a graça” (NEWMAN, 1989. p. 90). Em seus comentários a respeito do episódio ocorrido no Jardim do Éden, tanto em sua obra visionária quanto na de cunho médico, Hildegarda absolve Eva e lança o maior fardo da culpa sobre Satã. Além disso, ela se utiliza da representação do casal, a fim de transmitir ensinamentos sobre matrimônio e sexualidade.

Eva, ainda mais do que a Virgem Maria, representa a mulher no pensamento de Hildegarda, possivelmente porque a ela foi atribuído o papel de mãe da humanidade. Embora o homem também seja partícipe no processo de procriação, é sobre a mulher que recai a responsabilidade maior do processo gestacional. É em seu ventre que um novo ser se desenvolve e foi graças a esse dom que ela foi vítima da inveja do diabo, pois ele reconhecia na maternidade a raiz de toda a raça humana, e os novos seres

gerados teriam a função de substituir os anjos caídos. Tal constatação despertou nele não só a inveja, mas também o ódio, ódio que o fez perseguir a mulher ao longo dos tempos, mas que, sobretudo, fez com que ele tentasse os primeiros pais, atacando em primeiro lugar a mulher.

Eva e Maria têm em comum o fato de que ambas serão, de certa forma, ofuscadas. Maria, pelo poder brilhante de Deus, através da gestação do filho d'Ele; Eva seria ofuscada pela escuridão satânica que a envolveria depois do pecado da desobediência. A névoa impregnada de sujeira e escuridão envenena o brilho do Céu. De certa forma isso explica o porquê de a inveja de Satanás ter triunfado sobre a ingenuidade de Eva e, através dela, sobre toda sua descendência. Uma vez que a mulher deu ouvidos ao que lhe dizia a serpente, a morte entrou no mundo. Através do engano do Diabo foi que surgiu o primeiro pecado, o original. A partir desse acontecimento, é como se uma nuvem tivesse subido aos Céus a fim de cobrir toda a Terra, em uma tentativa de esconder a pura luz e a sabedoria.

Na concepção de Hildegarda, tanto Eva quanto Maria tinham sido puras e imaculadas em relação à maternidade. Hildegarda “(...) combinou uma visão tipológica extrema de Eva com uma rejeição padrão da sexualidade em seu estado atual. Por mais corrompida que seja a atração sexual que agora experimentamos, ela sustentou que, na origem, o prazer do amor não é nem um mal nem um castigo” (NEWMAN, 1989. p. 112). Esta perspectiva fica mais evidente quando Hildegarda descreve a criação de Eva:

Deus fez com que Adão dormisse, retirou um osso de sua costela e criou a mulher para seu deleite. Depois da mulher criada, Deus lhes deu a virtude de criação, que é a capacidade de procriação. Quando Adão contemplou Eva, tomou consciência de que estava vendo a mãe com que devia engendrar seus filhos. E quando Eva contemplou Adão o viu quase no Céu, como a alma que deseja as coisas celestiais, porque sua esperança estava nele. E, por está razão, o amor entre o homem e a mulher deve ser único, nada se interpondo entre eles (HILDEGARDA, *LCC*, 1, 282).

Na defesa que Hildegarda faz de Eva, ela nos leva a refletir que, como Eva não foi criada de semente, mas sim da carne de um homem, “Deus a criou com a mesma manifestação de sua potência com que mandou seu filho à Virgem”. E ela acrescenta, em pensamento análogo ao de São Bernardo, que “(...) jamais vieram ao mundo outras

mulheres parecidas com Eva, Virgem e Mãe, nem com Maria, Mãe e Virgem” (HILDEGARDA, *LDO*, 2, 3, 13). Este foi o modo como Deus se revestiu de forma humana e com ela ocultou a mesma natureza divina, a que os anjos contemplam no Céu. Embora o Céu seja a morada de Deus, é também a morada do homem.

Quando Deus viu o homem, ficou satisfeito, porque Ele o criou considerando-o vestido de sua imagem e de sua semelhança, com o objetivo de que, com sua voz e dotado de razão, fosse o anunciador dos milagres divinos: “O homem é a plenitude das obras divinas, porque conhece a Deus e porque Deus criou todas as criaturas por ele e para ele, e o beijo do amor verdadeiro concedeu-lhe anunciá-lo e elogiá-lo com a razão”.

Depois que Deus criou o homem, percebeu que lhe faltava uma auxiliar. Por isso, lhe foi dada uma semelhante: “(...) espelho de seu corpo, que é a mulher, no qual estava contido invisivelmente todo o gênero humano, que devia gerar-se na energia da força de Deus, assim como o primeiro homem foi feito na mesma energia de sua força”. O homem e a mulher estão em relação tão estreita um com o outro que a obra de um se cumpre através da obra do outro: “(...) porque o homem sem a mulher não se chamaria homem, nem a mulher sem o homem teria o nome de mulher. A mulher é a obra do homem e o homem é o rosto do consolo da mulher, e nenhum dos dois pode existir sem o outro” (HILDEGARDA, *LDO*, 1, 4, 100). Quando Adão contempla Eva como em um espelho, ele vê sua imagem refletida nela. A consciência de que ela é sua igual fica explícita assim que ele a vê; então exclama que ela era osso dos seus ossos e carne de sua carne, e a chama de mulher.

Entretanto, “(...) a fraqueza de Eva pode defender a mulher de ser responsável exclusiva ou principal do mal humano, mas não impede as consequências de relegar a mulher a uma posição inferior relativamente ao homem” (XAVIER, 2001. p. 196). Essas consequências, que são omitidas em *Scivias*, fazem-se sentir especialmente na concepção quer do casamento, quer da organização eclesiástica. “Na união conjugal, define-se modelarmente a relação entre o homem e a mulher, como uma relação de poder: uma vez que a fortaleza do homem está para a fraqueza da mulher, como a dureza da pedra está para a moleza da terra”. Por isso “(...) a tarefa da mulher é apenas submeter-se ao comando da vontade do homem; em seguida, ela fica ocupada com a procriação de sua descendência, até que a traga ao mundo” (HILDEGARDA, *Scivias*, 2, 3, 22).

Eva teria sido ou não criada à imagem e semelhança de Deus? Esta é uma das questões levantadas tanto pelos autores eclesiásticos, quanto pelos filósofos. A pergunta tem sentido, uma vez que todos os animais foram criados do barro e apenas ela foi feita a partir de um osso da costela de Adão. Por isso, quebrando um pouco a ideia de igualdade, em alguns momentos, ao interpretar o *Gênesis*, Hildegarda a coloca como mais perfeita ou ontologicamente superior ao homem, Exatamente pelo fato de Eva foi ter sido criada a partir do homem e não diretamente da terra. Para ela, “(...) o homem é como a alma e a mulher como o corpo” e, por extensão, “(...) o homem significa a divindade e a mulher a humanidade do Filho de Deus” (HILDEGARDA, *LDO*, 1, 4, 100). Newman acredita que esta é “(...) a pista para a antropologia surpreendentemente radical de Hildegarda, que exalta não o macho, mas a fêmea, como o ser humano representativo. Adão simboliza, mas não compartilha a natureza divina. Em contraste, Eva simboliza e concede a humanidade divina, na medida em que prefigura Maria” (NEWMAN, 1989. p. 93). É pelo seu dom e não por sua aparência que a mulher representa a natureza humana de Cristo e carrega o selo de sua imagem. Criados à imagem e semelhança de Deus, homens e mulheres receberam os mesmo benefícios; no entanto, no que diz respeito à vestimenta corporal, a primazia é da mulher, porque está intimamente ligada à Encarnação.

Deus “(...) criou o homem e a mulher” (Gen. 1, 27). Isso implica que a diferenciação sexual, ser homem ou mulher, “(...) é apenas um acréscimo tardio à verdadeira natureza dos seres humanos. A única coisa que foi feita à imagem de Deus é a natureza humana, não as diferenças sexuais”, que são mero vestuário posterior da “imagem e semelhança” completas, um elemento animal destinado só aos animais. Para Ranke-Heinemann, o homem foi originalmente feito à imagem de Deus, ou seja, sem paixão, pois as paixões não pertenciam à natureza verdadeira do homem e, a princípio, eram peculiares aos animais: “De acordo com a vontade de Deus, o homem e a mulher habitaram o Paraíso como anjos, sem serem chamados pela luxúria sensual”. Não havia desejo do coito, não havia nem concepção, nem nascimento, nem qualquer espécie de corrupção: “Viviam na mais pura castidade, como no Céu, e eram abençoados nas relações com Deus” (RANKE-HEINEMANN, 1999. p. 65-67). Assim, a procriação através do sexo torna-se uma consequência do pecado de desobediência.

A primeira mãe

Na opinião de Agostinho, Lúcifer induziu Eva ao pecado da desobediência movido por inveja, por não suportar ver o homem desfrutando das delícias do Paraíso, o qual ele já havia conhecido, sendo dele expulso. Assim, sua maldade é direcionada para outra pessoa, a fim de que ela realize o ato que culminará com o rompimento entre Deus e o homem. Mesmo que o rompimento definitivo não aconteça, como punição Adão também é expulso do Paraíso, “(...) com o propósito de que cultivasse a terra, de que tinha sido tomado. [E Deus] expulsou Adão, e pôs diante do Paraíso de delícias querubins brandindo uma espada de fogo, na intenção de guardar o caminho da árvore da vida” (Gen. 3, 24).

Hildegarda, como Agostinho, percebe a inveja como o sentimento que move as ações de Satanás em relação a Eva. Isso se deve a vários fatores, mas principalmente à inveja da maternidade de Eva. É em Eva que será depositada a semente de que germinarão novos frutos. A inveja de Satanás, neste caso, se estende ao tecido celeste com o qual Deus revestiu o homem quando o criou, e que brilhava com grande glória. Satanás reconheceu na mulher a mãe em cujo seio se alojaria um possível grande mundo. Na concepção de Hildegarda, este foi o motivo que levou Satanás a tramar contra o casal, mas, sobretudo contra a mulher. Com intenção de alcançar seus objetivos, ele “(...) tratou de vencer Deus usando da mesma perversidade com que se revoltou contra Ele, fazendo com que o homem se aliasse ao diabo” (HILDEGARDA, *LDO*, 1, 1, 15). Depois tentou Eva, que, por sua vez, tentou o homem. A partir de então, ambos perderam a glória do vestido celestial, que era a imortalidade.

Agostinho formulou uma “(...) doutrina em que atribuiu a Adão e Eva liberdade moral e existencial”. Quando foram criados, eles tinham potencialmente a capacidade de escolher entre pecar ou não pecar e, como consequência do seu ato, morrer ou viver. Cientes disso, e responsáveis pelos seus atos, pecaram e colheram a corrupção da carne e a morte. A punição de Adão, além da mais conhecida, que é a de ganhar o pão com o suor do rosto, foi a de ficar à mercê da concupiscência ou do desejo desenfreado que “(...) originou-se como uma penalidade para o pecado e, ao mesmo tempo, tornou-se o meio pelo qual o pecado se perpetua eternamente, porque a luxúria infecta cada criança que é concebida com a mesma doença” (NEWMAN, 1989. p. 108).

Essa concepção do pecado original minimiza o papel do Diabo, pondo sobre o casal a responsabilidade direta pelo ato que cometeram, “(...) pois as insinuações do Diabo contra Deus não poderiam ter enganado Eva, a menos que, em sua mente, já houvesse um certo desejo pelo poder e uma presunção de tornar-se como Deus”.

A participação feminina no castigo ocorre no sofrimento do parto; e esta participação, considerada menor, será compensada pelos teólogos que colocaram sobre a mulher toda a carga da tentação e da luxúria desenfreada. Parece ser consenso entre os comentadores que, se Adão e Eva não tivessem caído na tentação, teriam experimentado o sexo sem prazer e o parto sem dor. O bispo de Hipona “(...) viu as três maldições: luxúria, agonia no parto e a morte, como intrinsecamente relacionadas”. No Paraíso, afirmou ele, os primeiros pais teriam vivido juntos “(...) sem a luxúria, sem trabalho e dor do parto, e, quando o número predestinado dos santos fosse cumprido, Deus teria mudado seus corpos animais para espirituais, sem que passassem pela morte” (NEWMAN, 1989. p. 109).

Hildegarda se referia ao pecado original em uma linguagem que lembra Agostinho; diríamos mesmo que assimila a dele em muitos pontos. No entanto, algumas de suas suposições são significativamente diferentes: “Inicialmente, ela colocou uma ênfase muito maior na glória, no que ocorreu antes da Queda de Adão e Eva, de acordo com a chamada tradição maximalista dos rabinos”. Nesse enfoque, o primeiro casal tinha sido agraciado “(...) com perfeições sobrenaturais: eles podiam ver a glória de Deus com seus olhos físicos, e conheciam todas as línguas, fossem humanas ou angélicas; seus sonhos continham a verdade profética e eles brilhavam como o sol, vestidos de luz”. Newman afirma que Hildegarda entende como característica mais distintiva da perfeição do primeiro casal o “(...) estado de integridade – totalidade da mente e do corpo, que inclui, mas transcende, a virgindade física”, e que, no Paraíso, “Adão e Eva estavam realmente livres da luxúria, mas sua união não havia sido sem prazer” (NEWMAN, 1989. p. 112).

Tão logo a mulher foi formada, Deus deu ao homem o poder da criação, pois agora ele tinha uma companheira, um ser que lhe era igual e, ao mesmo tempo, diferente, a fim de que, juntos, pudessem continuar a trabalhar como colabores de Deus em sua obra criacionista: “Como Deus, o homem é um ‘criador’ e Deus confiou a ele um mundo inacabado e mandou-o continuar a criação, humanizando o universo pelo seu trabalho” (TERRA, 1986. p. 57).

Newman afirma que, embora Hildegarda “(...) lamentasse a concupiscência, sua preocupação era evitar que se pensasse tratar de uma punição imposta por Deus” (NEWMAN, 1987. p. 112). Ao mesmo tempo, desejava minimizar a culpa de Eva tanto quanto possível. A solução foi culpar Satanás, o que ela fez com veemência e vigor. Dessa forma, baseada em sua influente leitura do livro de *Gênesis*, Hildegarda escapou tanto da inclinação de Agostinho, que pendia para uma visão vingativa da justiça divina, como da misoginia que caracterizava o século XII.

Conforme a mesma estudiosa, “(...) a Eva de Hildegarda nem persuade nem seduz Adão, embora o episódio de seu engano tenha proporcionado à maioria dos exegetas um arsenal de farpas misóginas”. Em vez disso, Eva simplesmente pega a doença do diabo, por assim dizer, e a transmite por contágio: “Preferindo essa analogia médica aos modelos forenses e legais da Queda, Hildegarda distanciou-se novamente da tradição agostiniana, com seu potencial para o antifeminismo”. Newman afirma que a Queda, em Hildegarda, “(...) representa o início de uma doença terminal causada pela maçã envenenada, corrompendo e perturbando todos os humores corporais”. Essa doença apresenta alguns sintomas, como “(...) perda de esplendor visível, cegueira espiritual e amnésia, luxúria, vergonha, depressão, raiva, fragilidade e perversão dos sentidos” (NEWMAN, 1989. p. 116).

O pensamento de Hildegarda se assemelha ao de Bernardo de Claraval, no que tange ao pecado original. Era lugar comum colocar sobre Eva a iniciativa e o peso da culpa, diferindo as opiniões somente quanto à mobilidade da mulher. O olhar de Hildegarda é mais radical, pois situa a iniciativa em Lúcifer e sua feroz luta de poder contra Deus, Eva acabando por ser mais uma vítima do assédio e sedução da serpente que uma protagonista ativa do ato de rebeldia. Lúcifer, devido à sua maldade sem fim, planeja que o mal seja realizado por outra criatura. Assim como o bem é algo difuso, também o é o mal, ainda que de maneira muito diversa.

Em vez de procurar atingir diretamente a parte forte, a serpente preferiu vencer a fortaleza de Adão através da fraqueza de Eva. Esta é, assim, mediadora, e não causadora, na origem do mal humano. Em Adão, detecta Hildegarda uma atitude condenável, pela qual só ele é responsável: ao ser chamado por Deus, após ter comido do fruto proibido, acusou Eva, em vez de confessar o seu ato. A covardia é, assim, o pecado próprio de Adão. Bernardo de Claraval também condena o procedimento de Adão:

Alegra-te Adão, nosso pai, e tu Eva, nossa mãe, enche-te de gozo: vós mesmos, assim como fostes pais de todos, assim fostes de todos homicidas e, o que é maior desgraça, antes homicidas que pais, consolai-vos com esta filha, e que filha!: Porém, alegre-se Eva principalmente, pois dela primeiro nasceu o mal e seu opróbrio passou a todas as mulheres. Porque já está perto o tempo em que se pagará o opróbrio, nem terá já de que queixar-se o homem contra a mulher; o qual, pretendendo desculpar-se imprudentemente a si mesmo, não duvidou de acusá-la cruelmente dizendo: ‘a mulher que me destes me deu do fruto da árvore e eu comi’. (...) São estas palavras cheias de malícia, as quais aumentam tua culpa, em vez de apagá-la (SAN BERNARDO. Homilia segunda, v. 3).

Contudo, Bernardo afirma que a salvação virá, pois a sabedoria vencerá a malícia; e esta salvação virá através de uma mulher, Maria, a qual ele exalta. Bernardo, portanto, continua, dirigindo-se a Adão:

Todavia, a sabedoria venceu a malícia, pois, ainda que perdeste a ocasião que Deus queria dar-te para o perdão de teu pecado, quando te perguntava e cuidava disso, achou no tesouro da sua misericórdia infalível desígnios para apagar tua culpa. Dá-te outra mulher em troca dessa mulher, uma prudente por essa presunçosa, uma humilde por essa soberba; a qual, em vez da árvore da morte, te dará o gosto da vida, em vez daquele venenoso bocado de amargura, te trará a doçura do fruto eterno. Portanto, muda as palavras da injusta acusação em louvores e ação de graças a Deus, e dize-lhe: Senhor, a mulher que me destes me deu o fruto da árvore da vida e comi dele; e foi mais doce que o mel na minha boca, porque nele me destes a vida. Olha para que foi enviado o anjo Gabriel à Virgem. Oh Virgem admirável e digníssima de toda honra! Oh mulher singularmente venerável, admirável entre todas as mulheres, que traz a restauração a seus pais e a vida a seus descendentes (SAN BERNARDO. Homilia segunda, V. 3).

Na opinião de Agostinho, há uma razão que explica os motivos que levaram Adão a transgredir o acordo feito com Deus: “(...) o primeiro homem não foi arrastado pela sedução, acreditando na verdade das palavras de sua mulher; cedeu, sim, devido à afeição que tinha à sua única companheira, à sua a si igual, à sua mulher” (AGOSTINHO. *A Cidade de Deus*. 14, 11).

Ela tomou por verdadeiro o que a serpente lhe disse, mas ele não quis separar-se da sua única mulher nem mesmo na comunhão do pecado. Não foi por isso menos culpável— pois pecou com ciência e consciência. Foi por isso que o Apóstolo não disse “ele não pecou”, mas sim “não foi seduzido”. Confirma-o quando diz: *Por um só homem entrou o pecado no mundo (Rom., V, 12)*. E, pouco depois, mais claramente ainda: *Por uma transgressão semelhante à de Adão (Rom., V, 14)*. Quis ainda dar a entender que “ser seduzido” é fazer o que se não considera pecado. Mas ele sabia que pecava. A não ser assim como é que seria verdade que Adão “não foi seduzido”? Mas, não tendo a experiência da severidade divina, pôde enganar-se ao julgar que a sua falta era venial. Ele não foi seduzido como o fora sua mulher, mas enganou-se quanto ao modo por que seria julgado o que ia dizer: *A mulher que me deste por companheira, essa mesma é que mo deu e eu comi (Gen., III, 12)*. Para que mais? Não foram ambos enganados por terem acreditado, mas ambos foram apanhados e envolvidos nas armadilhas do Diabo (AGOSTINHO. *A Cidade de Deus*. 14,11).

Hildegarda também apresenta a sua versão a respeito do fato de o diabo ter se utilizado da serpente na intenção de seduzir o casal, na visão e versão dela:

*(...) uma repugnante nuvem tenha se espalhado e assumido uma forma enganadora, como uma veia, significa que, do fundo da perdição, emergiu o embuste do diabo e invadiu a serpente, que já carregava dentro de si o crime da intenção fraudulenta, a fim de enganar a humanidade. De que maneira? Porque, quando o diabo viu o homem no Paraíso, ele gritou com grande aversão, dizendo: “Oh! Quem me toca na mansão da verdadeira bem-aventurança?”. E assim ele sabia que ainda não havia aperfeiçoado em nenhuma criatura a malícia que ele tinha dentro de si, mas vendo Adão e Eva caminharem com a inocência das crianças no jardim das delícias, com grande admiração ele se ergueu para ludibriá-los através da serpente. Por quê? Porque ele compreendeu que a serpente, mais do que qualquer outro animal, assemelhava-se a ele e estava ansioso por realizar, através da sua falsidade, o que ele não podia fazer abertamente em sua forma própria. Desse modo, quando ele viu Adão e Eva se afastarem de alma e corpo da árvore proibida, compreendeu que eles estavam obedecendo a um preceito divino e que, na primeira obra que comessem, ele poderia mui facilmente derrubá-los (HILDEGARDA, *SCIVIAS*, 1, 1, 9).*

Ela afirma ainda que “Adão poderia ter culpado sua esposa, porque, pelo conselho dela, ela lhe trouxe a morte; no entanto, ele não a dispensou enquanto viveu

neste mundo, porque sabia que ela lhe fora dada pelo poder divino” (HILDEGARDA, *Scivias*. 1, 2, 11). O primeiro homem também conheceu a Deus e “(...) o amou na simplicidade e, recebendo seus preceitos, dispôs-se a obedecer; mas, em seguida, inclinou-se para o mal e cometeu a desobediência”. Pois, “(...) quando o diabo lhe sugeriu o mal, ele se esqueceu do bem e perpetrou o mal e, conseqüentemente, foi expulso do Paraíso. Portanto, o mal deve ser lançado dentro da perdição da morte, e o bem abraçado no amor da vida” (HILDEGARDA, *Scivias*, 1, 4, 30). Em defesa de Eva, Hildegarda apresenta um argumento que, parece-nos, é o único na literatura medieval e exegética a respeito da Queda:

Se Adão houvesse pecado antes que Eva, o pecado teria sido tão forte e irremediável, que o ser humano teria caído em tão incorrigível obstinação, que nem queria, nem podia salvar-se. Como Eva pecou primeiro, o pecado foi mais fácil de eliminar, porque ela era mais frágil do que o varão. A carne e a pele de Adão eram mais fortes e duras que as dos homens de agora, porque Adão foi criado da terra e Eva a partir dele. Porém, depois que tiveram filhos, a carne destes se fez cada vez mais frágil e assim o será até o último dia (HILDEGARDA, *LCC*, 2,91).

Adão era viril por causa do verdor viril da terra, e era “fortíssimo graças aos elementos”. Ele era a “força”, ao passo que Eva era a “maciez”, porque foi formada a partir da carne: “(...) assim, ela era débil em suas entranhas, tinha mente aguda, de ar, e passava uma vida deliciosa, porque o peso da terra não a oprimia. Desta forma, ela foi tirada do homem, de modo que toda a humanidade vem dela” (HILDEGARDA, *LCC*, 2, 91).

Hildegarda alega que Eva foi induzida ao erro e que, por si só, ela não o cometeria. E mais, Eva não só comete o ato como livra o homem da responsabilidade. É a mártir que se entrega em função de um mal menor. Não fosse Eva, a perdição da humanidade seria infinitamente pior. Essa opinião também é compartilhada por André Capelão que afirma:

(...) O Demônio que conhece todas as astúcias, vendo que o homem era menos fácil de enganar e menos disposto a acreditar em tudo, resolveu induzir a mulher à tentação. Pois, se tivesse começado por

seduzir o homem, e se não tivesse obtido resultado algum, a mulher teria permanecido inabalável, a exemplo do seu companheiro (CAPELÃO, 2000. p. 174).

Em sua doutrina, Agostinho atribuiu a Adão e Eva tanto a liberdade moral quanto a existencial. Ambos teriam sido criados para fazer escolhas: pecar ou não pecar e, como consequência, morrer ou não morrer. Como eles cometeram o pecado da desobediência, receberam como punição a morte e a corrupção. Desta forma, “(...) a natureza humana ficou viciada e mudada, até a repugnante situação de padecer em seus membros a falta de obediência da concupiscência (*ut repugnantem pateretur in membris inobedientiam concupiscendi*)” (AGOSTINHO. *Cidade de Deus*, 13, 3). Agostinho expressa-se no plural, portanto ele não está se referindo apenas ao pênis, mas ao corpo todo, corpo este que se torna passível de pecar contra a castidade.

Assim, “(...) todos os elementos do mundo, que haviam existido antes em grande tranquilidade, caíram na maior agitação e mostraram horríveis terrores”. Isso ocorre porque, quando a humanidade escolheu a desobediência, rebelando-se contra Deus e trocando a tranquilidade em que vivia pela inquietude, “(...) aquela criação, que fora criada para o serviço da humanidade, voltou-se contra os humanos em uma infinidade de modos, de sorte que a humanidade, tendo-se rebaixado a si mesma, pudesse ser mantida sob seu controle” (HILDEGARDA, *Scivias*, 1, 2, 27). E a inimizade que inicialmente haveria apenas entre a serpente e a mulher estende-se a outros animais, que também passam a se mostrar hostis em relação aos humanos.

A concupiscência ou o desejo incontrolável não só se originaram como uma penalidade para o pecado como também se tornaram o meio pelo qual o pecado se perpetua, porque o prazer obtido durante a relação sexual infecta a criança com a mesma doença, perpetuando-se assim o pecado cometido pelos primeiros pais. Isso minimiza o papel do diabo na visão do pecado original, pois a responsabilidade recai sobre os homens. As insinuações de Satanás contra Deus não poderiam ter enganado Eva, a menos que ela já estivesse predisposta ao orgulho e à obtenção de poder. “Deus previu e não pode ignorar que o homem viria a pecar”. Esta é a opinião expressa de Agostinho, que continua: “Deus na sua presciência, previu uma e outra coisa, isto é, quão mau se viria a tornar o homem que ele criou bom e o bem que havia de tirar desse mal” (AGOSTINHO. *A Cidade de Deus*. 11).

Hildegarda apresenta uma explicação detalhada dos motivos que levaram Deus a permitir que o homem incorresse no erro. Em primeiro lugar, ela chama a atenção dos tolos, que não percebem a grandeza e a benevolência de Deus, “(...) porque vós sois tão tolos em vossos corações, vós que fostes feitos à imagem e semelhança de Deus”! Em segundo lugar, detalha os motivos pelos quais os homens passam pelas mais diferentes provações, que, a seu ver, são necessárias. Usando de analogia poética com vários elementos, ela diz:

O ouro precisa ser provado no fogo, e as pedras preciosas, para serem suavizadas, precisam ser polidas, e todas as coisas desse tipo devem ser diligentemente escrutinizadas. Conseqüentemente, ó tolos humanos, como pode o que foi feito à imagem e semelhança de Deus existir sem tentação! Com efeito, a humanidade deve ser examinada mais do que qualquer outra criatura e, portanto, deve ser testada através de outra criatura. Como? O espírito deve ser provado pelo espírito, a carne pela carne, a terra pela água, o fogo pelo frio, a luta pela resistência, o bem pelo mal, a beleza pela deformidade, a pobreza pela riqueza, a doçura pela amargura, a saúde pela doença, o longo pelo curto, o duro pelo macio, o alto pelo profundo, a luz pela escuridão, a vida pela morte, o Paraíso pelas punições, o Reino celestial pela Geena, as coisas terrenas pelas coisas terrenas, e as coisas celestiais pelas coisas celestiais. Por conseguinte, a humanidade é testada por cada criatura, no Paraíso, na Terra e no Inferno; então, ela é colocada no Céu. Vedes claramente apenas algumas poucas coisas dentre muitas que estão ocultas aos vossos olhos. Então, por que zombais do que é direito, e sincero, e justo, e bom entre todas as boas coisas aos olhos de Deus? Por que pensais que tais coisas são injustas? Deus é justo, mas a raça humana é injusta ao transgredir os preceitos de Deus, quando pretende ser mais sábia do que Deus (HILDEGARDA DE BINGEN, *Scivias*, 1, 2, 29).

Para Hildegarda, a característica mais marcante do seu estado de integridade-perfeição era a totalidade da mente e do corpo, que inclui, mas transcende, a virgindade física. Seu símbolo é a música de Adão, cuja voz soou com o som de toda a harmonia e a doçura de toda a arte da música. No Paraíso, Adão e Eva estavam realmente livres da luxúria, mas a sua união não teria sido sem prazer. Em vez disso, o marido e a esposa teriam ficado lado a lado, e gentilmente transpirariam como se estivessem dormindo. Então a mulher iria ficar grávida da transpiração do homem (suor) e, enquanto eles ficavam, assim, docemente dormindo, ela daria à luz uma criança, sem dor, do seu lado, da mesma forma que Deus trouxe Eva diante do homem, e que a Igreja nasceu do lado de Cristo. Para Hildegarda, o suor “(...) não tem as associações do suor do esforço, mas

de destilação de um perfume, uma qualidade divina, fora de qualquer coisa que é fértil ou bonito na Terra” (NEWMAN, 1989. p. 110-111).

Hildegarda esclarece que os olhos merecem uma atenção especial, pois são eles que dirigem e sujeitam os demais sentidos – audição, olfato, paladar e tato, – a fim de que o homem possa conhecer o que são as coisas e de que maneira são feitas, do mesmo modo que toda a estrutura do firmamento está ordenada e iluminada pelo sol, pela lua e pelas estrelas. Com os olhos, o homem vê o que depois entende com a ajuda da sabedoria, e estas coisas as aprende pelo ouvido, pelo olfato e pelo gosto. Em troca, o que está guardado em seu coração ele o conhece graças à ciência, porém não o vê com os olhos. Na opinião de Hildegarda, foi assim que a serpente conseguiu ludibriar o casal: o engano estava bem oculto, e se manifestou quando ela interrogou Eva pela primeira vez sobre o que ela conhecia e a enganou, sendo Eva, em princípio, inocente.

A herança de Eva

Em um mundo dominado pelos homens e no qual as mulheres normalmente ascendiam ao conhecimento quando ingressavam em um mosteiro, uma mulher trilhou um caminho diferente. Trata-se de Trótula de Ruggiero, ou Trótula de Salerno, a primeira mulher que escreveu e tratou temas de ginecologia e obstetrícia. A cidade de Salerno, no sul da Itália, torna-se referência, já no século IX, no que tange ao desenvolvimento dos estudos de medicina; e a particularidade desta escola foi a de aceitar a matrícula de mulheres, que ficaram conhecidas como *mulieres Salernitae*, ou Damas da Escola de Salerno.

Antes de Hildegarda, Trótula de Salerno, que teria vivido no século XI (ou XII) escreveu importantes trabalhos sobre ginecologia, saúde da mulher e cosmetologia. A sua abordagem de temas ginecológicos apresenta uma profunda compreensão do assunto, tratado com muita delicadeza. A ela foram atribuídas as obras: *De passionibus mulierum ante, in te post partum* (As doenças da mulher antes, durante e depois do parto), conhecida como *Trotula maggiore* (*Trotula maior*) e *De ornatu mulierum* (Como tornar belas as mulheres), também chamado *Trotula minor* (*Trotula menor*) (SIMONI, 2015. p. 16). Possivelmente ela terá escrito outros textos de medicina.

Para Trótula, a saúde das mulheres não pode ser desvinculada da beleza, e vice-versa: a mulher é um organismo completo e complexo que não pode ser dividido, tampouco compreendido em partes. O bem estar dependeria do funcionamento harmônico de vários fatores como saúde, beleza, harmonia, cuidado e afeto, elementos estes, como já dito, considerados em seu conjunto.

Além da estética, Trótula também se preocupava com o bem estar feminino. Para ela, era desnecessário o sofrimento da mulher durante o parto: propunha um parto com o mínimo de dor, utilizando-se de vinagre, absinto e vinho, além de outros analgésicos naturais, contrariando os preceitos da crença cristã pela qual as dores do parto seriam herança de Eva, portanto, necessariamente sentidas pelas mulheres. Ela acreditava que tanto homens quanto mulheres apresentam defeitos fisiológicos que causam dificuldades na concepção. Assim, a mulher poderia ter problemas uterinos e o homem, problemas na produção de sementes, o que causava espécie, porque, em seu tempo, aventar que um homem poderia ser incapaz de conceber devido a um defeito físico era algo impossível.

Não há registro de que Trótula e Hildegarda se tenham conhecido pessoalmente; da mesma forma, não há nada nos escritos de Hildegarda que nos possibilite levantar hipóteses de que ela tenha tido acesso a algum dos trabalhos de Trótula. No entanto, as duas, embora com histórias de vida bem diferentes, se assemelham quanto a cuidado e preocupação para com as mulheres, e ambas deixam registradas suas indicações farmacópicas a fim de curar e/ou aliviar os diversos males que afligiam as mulheres, sobretudo aqueles ligados a menstruação, concepção, parto e pós-parto.

O ser humano existe como homem e como mulher; e Hildegarda sabe que a relação de igualdade recíproca e substancial entre os sexos se “(...) apoia nesta estrutura ontológica da condição humana”. Na humanidade, no entanto, reside o mistério do pecado, que, pela primeira vez na História, se manifesta na relação entre Adão e Eva: “À diferença de outros escritores medievais, que punham na debilidade de Eva a causa da Queda, Hildegarda falava no excessivo amor de Adão para com Eva” (BENTO XVI, 2012. p. 23), e esforçava-se para liberar a mulher das suspeitas que recaíam sobre ela.

Não só em seu tratado médico *Causas e Remédios*, como também em suas obras visionárias, Hildegarda se mostra uma mulher que lidava com sua sexualidade e, com toda a probabilidade, conversava com outras mulheres sobre isso. Ela recebia muitos visitantes, não apenas monges e padres que a procuravam em busca de aconselhamento espiritual, mas também matronas em busca do que hoje chamaríamos de

aconselhamentos matrimoniais. É possível perceber, nas suas advertências contra os pecados da carne, que ela não era ingênua. Seus conselhos são, muitas vezes, práticos e objetivos. Tanto que ela se propõe explicar desde características físicas das crianças, até o prazer sentido durante o ato sexual. O que é sem precedentes, e característico de Hildegarda – e vários estudiosos de sua obra já observaram – “(...) é sua ênfase sobre as características psicosexuais, assim como a apresentação de esboços de personagens separadas, tanto para homens como para mulheres” (NEWMAN, 1989. p.131).

Em relação às características herdadas pelas crianças, havia algumas tentativas de explicá-las; e a monja apresenta sua teoria, segundo a qual vários fatores influenciam no momento da concepção. Um deles seria o amor nutrido pelos pais em relação um ao outro; depois, as circunstâncias e, até mesmo, o momento astronômico no qual ocorre a concepção. Em sua teoria, esses fatores condicionariam a saúde e as perspectivas de vida que envolvem o ser humano, e a biologia marcaria a diferença primordial entre homens e mulheres: às mulheres eram atribuídos humores frios e úmidos, enquanto que, aos homens, creditavam-se humores quentes e secos.

Hildegarda reforça ideias recorrentes em sua época, como por exemplo, a de que a lepra ocorria em função da libertinagem: “(...) pois o homem que é voraz e libertino se converte com frequência em leproso e torto” (HILDEGARDA, *LCC*, 1, 38).

Lembramos que, no período medieval, várias doenças eram denominadas lepra, incluindo erupções pustulentas, ou qualquer outra afecção cutânea. Em relação à lepra,

Havia um terror sagrado, porque os homens daquele tempo estavam convencidos de que no corpo reflete-se a podridão da alma. Pela própria aparência, o leproso já era visto como um pecador, pois ele desagradara a Deus e o pecado cometido purgava através dos poros. Acreditava-se que os leprosos eram devorados pelo ardor sexual, por isso havia a necessidade de mantê-los isolados (PINHEIRO, 2012. p.80).

A crença era de que os leprosos haviam sido concebidos no período menstrual ou fora do período permitido pela Igreja. Depois do nascimento, a lepra poderia ser contraída devido a um ar malévolos, pestilento ou à ingestão de alimentos suspeitos. Os sábios tinham a opinião de que essa doença era ao mesmo tempo hereditária e contagiosa. Ela recebe outros nomes, como “erisipela gangrenosa, fogo sagrado, fogo de

Santo André, fogo de São Marcelo, fogo de Santo Antônio, fogo do Inferno” (LE GOFF, 1997. p. 157). Com essas terríveis designações aparece, em meados do século X, a descrição dessa aviltante epidemia que, de tempos em tempos, assolava a população da Idade Média.

Em relação à menstruação, Hildegarda apresenta a seguinte explicação: “(...) quando o fluxo do desejo penetrou em Eva, todas as suas veias se abriram em uma torrente de sangue”. Por isso, toda mulher tem “(...) tempestades de sangue dentro de si e, à semelhança da lua que cresce e decresce, retém gotas de sangue ou o expulsa. Para isso, se abrem todos os seus membros que estão entrelaçados com as veias”. Do mesmo jeito que a lua cresce e minguia, também na mulher ocorre algo semelhante: “(...) os sangues e os humores se limpam na mulher no tempo da menstruação, uma vez que, de outra forma, não poderia durar, já que tem mais humores do que o homem e cairia em uma grave enfermidade” (HILDEGARDA, *LCC*, 2, 151).

A designação de Maria como “(...) carne pura, provavelmente implica que ela estava isenta da menstruação, a maldição de Eva” (NEWMAN, 1989. p. 172), porque a Virgem estava isenta da sexualidade caída, não importa se ela é comparada a Adão, a Eva, ou à fecundidade sexual da terra.

Sobre Eva, Hildegarda afirma que, “(...) ela foi à primeira mãe do gênero humano criada à semelhança do éter, o mesmo éter que contém em si todas as estrelas”; assim também, quando a Eva foi dito “crescei e multiplicai-vos”, ela “(...) abrigou em si, íntegro, sem corrupção e sem dor, todo o gênero humano”; depois da ‘Queda’; as mulheres “(...) passam pela menstruação e pelo parto com dor” (HILDEGARDA, *LCC*, 2, 223). A respeito desse assunto, Bernardo de Claraval diz: “Correm mães, correm filhas, correm todas as que depois de Eva, e por Eva, acercam-se do parto com tristeza e parem com dor” (SAN BERNARDO. 2, 2).

Hildegarda descreve os incômodos sentidos pelas mulheres durante o período menstrual. Ela compara a um vento forte, que gera uma tempestade em um rio, a agitação pela qual passam os humores do sangue, que se misturam e que se purgam, com o fluxo de sangue menstrual. Por isso, de acordo com ela, as mulheres “(...) sentem dores de cabeça, seus olhos se desfalecem e seu corpo se debilita”. Quando “(...) a menstruação é mais regular, as mulheres não têm tonteiras ou maiores incômodos” (HILDEGARDA. *LCC*, 2, 221). Para Hildegarda, se Eva tivesse permanecido todo o tempo no Paraíso, todas as veias da mulher teriam permanecido

íntegras e sãs; no entanto, quando consentiu com a serpente, seus olhos e ouvidos se fecharam para as coisas divinas e o esplendor que havia dentro dela se obscureceu.

Segundo o entendimento da monja de Bingen, a menstruação da mulher é como a seiva que sobe da raiz da árvore e se estende a todos os ramos, para cima; no momento do fluxo do sangue, as veias que se estendem por cérebro, visão e audição se veem agitadas até a efusão do sangue; e as veias que há no pescoço, nas costas e nos rins atraem a si outras veias do fígado, vísceras e umbigo, e cada veia se derrama em outra como a seiva da árvore faz enverdecer as ramas; e as veias que sujeitam os rins dissolvem a roda que envolve os rins e a contraem e retraem como se arrancam as unhas de uma avezinha (HILDEGARDA. *LCC*, 2, 220).

A Luz Vivente recomendava que a mulher evitasse manter relações sexuais durante o período menstrual, pois é possível que “(...) o fluxo de seu sangue leve consigo a semente madura depois de sua recepção, e que a semente, assim levada para fora, pereça”. (Podemos apenas especular se Hildegarda já tinha conhecimentos de que, durante o período menstrual, a probabilidade de que a mulher engravide é muito pequena.) Mas a voz prossegue: “(...) nesse período, a mulher está em dores e prisioneira e sofrendo uma pequena porção da dor do parto”. Em relação às dores do parto, sofridas por todas as mulheres, a explicação dada pela voz é convincente: “Eu não dispensei as mulheres desse período de dor, porque eu o concedi a Eva, quando ela concebeu o pecado, no provar do fruto”; no entanto, neste período, a mulher deveria ser cuidada com grande e atenciosa ternura. Neste comentário, Hildegarda reivindica toda a atenção para com a mulher em um período em que ela torna-se mais sensível. Embora faça restrições às atividades da mulher durante o período menstrual, a voz orienta que ela não deveria deixar de ir ao “(...) templo, pois a fé lhe permite entrar no serviço da humildade para sua salvação” (HILDEGARDA, *Scivias*, 1, 1, 20).

A monja revela “(...) preocupação de cuidar do doente mais do que da doença, a atenção dirigida aos sintomas como efeitos de um desregramento interior, a beleza, a harmonia como necessárias ao desabrochar do homem – princípios essenciais aos seus pensamentos”. Para ela o estado natural do homem é a saúde, que só é destruída pelo erro: “Recuperar, manter, proteger a saúde natural do homem, assegurar o pleno exercício de suas capacidades é questão de vigilância cotidiana, dirigida ao espírito e ao corpo ao mesmo tempo” (PERNOUD, 1996, p. 88/9).

De acordo com Hildegarda, o homem que é continente, tanto em comida quanto em bebida, terá o sangue bom e o corpo saudável. Contudo, é necessário cuidar bem do

corpo, a fim de que o sêmen não seja desperdiçado, “(...) pois quem satisfaz sempre seus desejos na libido e no supérfluo de seu corpo, quando chega o momento da procriação perde seu sêmen, porque já o gastou, porém quem derrama corretamente seu sêmen dá lugar a uma fértil descendência” (HILDEGARDA, *LCC*, 1, 38). A advertência tem como propósito a geração de filhos bons e saudáveis. Para Galeno, “(...) o casal era incentivado a crer que o próprio ato do coito, se realizado no estado de ânimo certo – a rigor, com o decoro correto – teria um efeito positivo sobre o caráter e o sexo do filho que dele adviria e, certamente, o descaso para com esse decoro poderia produzir uma descendência digna de vergonha e pena” (BROWN, 1990. p. 27-28). Ao atribuir o sexo da criança à contribuição biológica do pai, “(...) ela estava de acordo com a genética moderna”. No entanto, mesmo aqui “(...) ela não discutiu os caprichos do amor conjugal ou parental além da hora da concepção, então o viés determinista permanece primordial” (NEWMAN, 1989. p. 140).

Acreditava-se que crianças com problemas físicos ou mentais atestavam contra os pais, demonstrando que estes incorreram em pecados, sobretudo pecados sexuais. Para rebater essa crença, Hildegarda aponta razões científicas e lógicas. Ela não culpabiliza Deus ou o diabo, mas explica que as crianças são reflexos da herança genética que recebem dos pais. Quando uma pessoa foi concebida com o sêmen de um homem enfermo ou que seja débil e imaturo, misturado com algum defeito ou podridão, provavelmente a criança que nascerá também “(...) estará cheia de podridão e enferma por toda a sua vida” (HILDEGARDA, *LCC*, 1, 38). Nestes casos, podemos pensar nas doenças sexualmente transmissíveis que afetam as crianças, ou mesmo nas doenças hereditárias.

A voz explica que, quando “(...) quando macho e fêmea se unem no esquecimento de mim e na zombaria do diabo, aqueles que nascem descobrem-se atrofiados, de modo que seus pais, que transgrediram meus preceitos, possam sentir-se angustiados por terem tais filhos e, assim, retornem a mim na penitência”. Continuando os esclarecimentos, a voz diz que, muitas vezes, permite que esses estranhos nascimentos aconteçam entre as pessoas, para a sua glória e a dos seus santos, “(...) de modo que, quando aqueles que são assim deformados são restaurados à saúde, mediante o auxílio de meus eleitos, meu nome possa ser mais ardentemente glorificado entre as pessoas” (HILDEGARDA, *Scivias*, 1, 3, 15). A doença não seria uma punição, mas uma forma usada por Deus para mostrar seu poder e misericórdia para com os homens.

Hildegarda expôs um sistema genético aparentemente original, no qual concede um lugar decisivo aos fatores psíquicos. Para ela, o temperamento de cada pessoa é decorrente da herança genética, principalmente do que ocorre durante o ato sexual que culmina com a concepção da criança. Quando um homem se aproxima de uma mulher e, no ato sexual, ejacula seu “(...) forte sêmen com amor de caridade e a mulher também lhe tem amor verdadeiro, se concebe um filho varão, porque assim ordenou Deus”, permitindo a geração de um rapaz ornado com todas as virtudes. Essas pessoas possuem energia e herdam dos seus ancestrais o brilho espiritual e dons corporais, o que lhes possibilita florescer na prudência, discrição e proveito diante de Deus, não permitindo que o demônio encontre morada neles. Em sua explicação, não há outra forma de se conceber o varão, “(...) porque Adão foi formado do barro, que é matéria mais forte do que a carne”. No entanto, se a mulher não corresponde ao homem na intensidade do amor, mas se, contudo, o sêmen dele é saudável, ela conceberá uma criança do sexo masculino, mas que será “(...) débil, tolo e desonesto, porque na mulher faltava amor”. Isso ocorre “(...) porque o amor e a caridade do homem são superiores”. Mas, se o “(...) sêmen do homem não tem força, ainda que tenha amor casto a sua mulher, e ela também o ama, se conceberá uma mulher virtuosa”. No entanto, “(...) se existe amor do homem pela mulher e não da mulher pelo homem, ou se o há da mulher pelo homem e não do homem pela mulher, e o sêmen nesse momento é débil, também nasce uma mulher pela debilidade do sêmen”. Entretanto, se o “(...) sêmen do varão é forte, mas não tem amor de caridade pela mulher, nem esta por ele, como o sêmen foi saudável também se procria um homem, porém será amargo pela amargura de seus pais”. Agora, se o “(...) sêmen é tênue e os pais não se amam, nasce uma mulher de temperamento amargo, infeliz e dura de coração, e ainda, incapaz de erguer sua mente para coisas superiores”. O calor das mulheres, que têm “(...) natureza carnosa, supera o calor do sêmen do homem, de modo que, muitas vezes, o menino forma seu rosto semelhante a elas. Entretanto, as mulheres que são delgadas por natureza muitas vezes concebem um filho que se parece com o pai” (HILDEGARDA, *LCC*. 2, 63).

E como o homem e a mulher são uma só carne, a mulher concebe facilmente desse homem, contando que seja fecunda para conceber. Pois também a mulher e o homem assim se fizeram, são da mesma carne, pois ela estava latente na costela do homem de onde foi tirada e feita carne, e por isso o homem e a mulher confluem em um com seu

sangue e seu suor, para conceber com mais facilidade, pois a força da eternidade, que faz sair o menino do ventre da mãe, torna uma só, a carne masculina e feminina (HILDEGARDA, *LCC*, 2,139).

Tanto as obras médicas de Hildegarda quanto seus reputados milagres revelam sua solicitude para com as mulheres em todas as suas aflições, fossem elas doenças físicas, mentais, esterilidade, concepção ou parto. Também se preocupava com os homens, conforme atesta em seus escritos. Manteve uma vasta correspondência, que, nota-se, era mantida preponderantemente com homens. Das mulheres com as quais ela tinha correspondência, a maioria era de abadessas. Assim, de acordo com Newman, “(...) enquanto sua proeminência espiritual e social lhe dava uma extraordinária liberdade na esfera pública – o mundo dos homens – ela também permaneceu a amante de uma comunidade feminina, não só servindo a suas freiras, mas também preenchendo as necessidades das matronas locais”. Ela era uma autoridade confiável, de seu próprio sexo, que as mulheres poderiam procurar em seus momentos de angústia (NEWMAN, 1989. p. 152). Apresenta-se como uma mulher capaz de uma empatia surpreendente para com as mulheres casadas e também com os homens:

Se ela nunca decidiu o quanto era devido a Deus ou a Satanás, às paixões humanas, aos poderes naturais ou à interferência mágica, sua própria indecisão a impediu de ter falsas simplicidades. Quando escreveu como moralista, dirigiu seu desafio para a vontade lenta, em vez de para a mente que procurava. Clareza, não sutileza, era o *desideratum* principal. Assim, se ela teve que se preocupar com o comportamento sexual, ela permaneceu perto das posições clássicas sobre o pecado original, a concupiscência, a fornicação e o casamento, explicando como a sexualidade caída deve ser controlada e não como ela funciona em seu estado natural (ou subnatural) (NEWMAN, 1987. p. 154).

De acordo com Hildegarda, no homem há quatro elementos que impulsionam o ato sexual: “(...) vontade, reflexão, poder e endosso”. E explica como se desenvolve cada um deles.

Primeira a se manifestar, a vontade é que impulsiona uma pessoa a agir de uma ou de outra forma. Em seguida, ela é acometida de uma reflexão: se o ato que se vai

praticar é conveniente ou não, se é “um ato casto ou impudico”. Segue-se a isso o poder de “(...) suspender e/ou terminar o que se começou”. Por último, mas não menos importante, é o endosso, pois “(...) um ato não pode ser concluído sem consentimento e aprovação, portanto, estas quatro forças estão presentes no nascimento do homem” (HILDEGARDA, *LCC*, 2, 129). Nota-se a importância do consentimento mútuo, a fim de que o ato sexual se concretize e que o ser gerado a partir desta união seja uma pessoa de bem.

Hildegarda relaciona a teoria dos quatro elementos com as dos quatro humores, a fim de explicar a concepção: “(...) os quatro elementos que excitam os quatro elementos no homem chegam com abundância e violência”. Ela liga o fogo ao humor seco, “(...) que acende desmesuradamente à vontade”; o ar com o humor úmido, que “(...) move a reflexão mais do que o normal”; a água ao humor espumoso, que “(...) faz flutuar sobremaneira a potência; e a terra; ao humor quente, que faz ferver, referendando os demais”. Todos estes fatores juntos levam “(...) o sêmen, que, ao cair no lugar certo, se une ao sangue da mulher e, por isso, este ser que nascerá será do tipo sanguíneo” (HILDEGARDA, *LCC*, 2, 129).

Isidoro de Sevilha “(...) associa cada elemento a uma estação do ano; e o humor, ou fluído corporal, é caracterizado por suas duas qualidades mais importantes. As mulheres, de acordo com a sabedoria convencional, eram mais frias e mais úmidas do que os homens” (NEWMAN, 1989. p. 127).

Hildegarda afirma que a criança precisa de afeto para o seu perfeito desenvolvimento psicológico; e que, além disto, “(...) uma mulher bem constituída tem calor suficiente para que o filho se lhe assemelhe, enquanto que o homem vigoroso imporá os seus traços em face de uma mulher delicada”. Conforme Duby e Perrot, “Porque era mulher, Hildegarda reivindica a possibilidade de a criança ser parecida com a mãe. Esta preocupação está curiosamente ausente dos fundamentos teóricos do pensamento científico medieval. Nada pode então alterar a marca do homem na sua descendência” (THOMASSET, 1990. p. 83). O corpo, sendo o espaço destinado a manifestações do prazer, torna-se mais impetuoso e violento no homem: “(...) no homem o fogo do amor e do desejo se compara ao fogo intenso em uma mata”, na mulher “(...) o fogo seria comparado com a chama da madeira, que facilmente se apagará”. No entanto, “(...) o calor da mulher se compararia ao agradável calor que procede do sol e produz frutos, frente ao fogo ardente da madeira, e é o que também

produz frutos em sua descendência, com grande doçura” (HILDEGARDA. *LCC*, 2, 282).

Em outra passagem, Hildegarda afirma que, “(...) na mulher, o prazer se compara ao Sol que envolve a Terra com suavidade, doçura e constância, porque, se o Sol queimasse a Terra constantemente, prejudicaria os frutos mais do que os beneficiaria.” Portanto, o prazer da mulher teria um calor agradável e suave. Já no homem, a medula envia o fogo para as partes genitais e o faz arder com força (HILDEGARDA. *LCC*, 2, 152).

Hildegarda é a primeira mulher a descrever tanto o orgasmo masculino quanto o feminino. Em relação ao orgasmo masculino, ela explica que

(...) as veias que há no fígado e no estômago do homem chegam aos seus órgãos genitais e, quando o vento do prazer sai da medula do homem, cai nas costas e promove uma sensação de gosto no sangue. E como o espaço das costas é algo compacto, estreito e fechado, neste local o vento não pode se espalhar muito e arde tão fortemente de prazer que ele se esquece de si mesmo em seu ardor e é incapaz de se conter e deixa a espuma do seu sêmen, porque, por estar fechado em suas costas, o fogo do seu prazer arde com mais intensidade (Hildegarda. *LCC*, 2, 143).

O orgasmo feminino é descrito assim:

Quando o vento do prazer surge na medula da mulher, cai na matriz, que está aderida ao umbigo, e move ao prazer o sangue da mulher, e como a matriz tem um lugar amplo e como é aberto perto do umbigo, aquele vento dilata por seu ventre e, por isso, arde de prazer mais suavemente, ainda que com mais frequência, por sua umidade. Por temor ou por pudor, ela é capaz de conter-se mais facilmente que o homem. Por isso a espuma do sêmen surge dela mais raramente que no homem. Esta espuma é tão pequena e ligeira, comparada com a espuma do varão, como uma migalha comparada ao pão inteiro (Hildegarda. *LCC*, 2, 151).

A voz, no entanto, deixa bem claro que ela, Hildegarda, só está descrevendo o que lhe é ditado: “Estou explicando isso através desta pessoa [Hildegarda], a quem essa atividade humana é desconhecida; ela está recebendo esta explicação não a partir de conhecimento humano, mas de Deus”. (HILDEGARDA, *SCIVIAS*, 1,2, 18). A explicação tem por finalidade retirar de sobre a monja qualquer dúvida que poderia haver sobre sua experiência e prática relativa a tais assuntos.

Assuntos de mulher

Em *Causas e Curas*, Hildegarda deu mostras de se preocupar com a saúde e o bem estar das pessoas, tendo um carinho especial pelo que diz respeito ao instante da concepção, considerado um dos momentos mais sublimes da existência humana. Ela faz uma analogia entre a criança no ventre materno e a semente dentro da terra: “(...) a fêmea é como a terra cultivada pelo arado; recebe a semente do homem, envolve-a com seu sangue e a esquenta de modo que cresça até que se lhe infunda o alento vital e chegue o tempo adequado para sair” (HILDEGARDA, *LCC*, 2, 223). Ambas precisam do abrigo em que estão inseridas para germinar, crescer e florescer.

Segundo a monja, desde os primeiros momentos a criança recebe o sopro divino, que se manifesta através de uma esfera de luz; e é esta esfera que dá força e vida ao novo ser.

Em relação à concepção do ser humano, ela acredita que teve origem no prazer insuflado no primeiro homem “(...) pela serpente, através da maçã, que lhe atingiu diretamente o sangue”. Este mesmo sangue introduz na mulher uma “(...) espuma fria, que se coagula com o calor da carne materna e estende uma forma sanguínea”. Esta mesma espuma, com este mesmo calor, permanecendo assim através “(...) dos alimentos consumidos pela mãe, cresce e se condensa em uma criatura humana de pequena estatura”, até que o plano do Criador, que deu forma ao ser humano, embeba toda “(...) esta espessura de estatura humana, como o artesão dá forma à vasilha que vai criando”. No pecado de Adão, a força do homem no membro genital se converteu “(...) em espuma venenosa e o sangue da mulher se converteu em uma efusão contrária”. O sangue do homem de natureza forte e correta guarda o sêmen, porque a carne é feita de terra. Ainda que tenha natureza correta, “(...) o sangue da mulher, que é débil e tênue,

não tem sêmen e só desprende pouca espuma, já que não consta de duas coisas: terra e carne, porque foi tomada da carne do varão e por isso é débil, frágil e recipiente do varão”. E o sangue da mulher se agita por amor ao homem e produz uma espuma mais sanguínea que branca, em comparação com o sêmen do varão. A esta espuma se une a do homem e faz de sua semente algo quente e sanguíneo, confortando-o (HILDEGARDA, *LCC*, 2, 129).

Em relação ao sêmen, nem sempre os textos que tratam desta questão são claros. Inclusive, Hildegarda apresenta duas opiniões, denotando incerteza a respeito da existência ou não do esperma feminino. Ou ela “(...) nega a sua existência ou fala de uma pequena quantidade de semente fraca. Ela explica a concepção pela mistura de duas espumas, produto da agitação do sangue; parece que a semente masculina intervém então sem a presença de um produto feminino” (THOMASSET, 1990. p. 80).

Contudo, apesar de sua eventual indefinição quanto ao esperma feminino, Hildegarda apresenta o resultado do encontro entre as sementes. De acordo com ela, a partir do momento da concepção se configura uma forma humana que é como uma pintura, em que “(...) a medula e as veias se inserem e se repartem como fios”; depois, uma membrana, que rodeia a medula, se converterá em ossos. Então, se formará uma imagem, como desenhada por um pintor; e, onde estarão os futuros membros, abrem-se divisões na pele e o ser vai-se formando. Quando, então, ele já está formado, vem o sopro da vida, como Deus quis e na forma que determinou, vivificando-o em todas as partes, infundindo-lhe vida: “(...) todos os membros vão se separando lentamente como flores que se abrem ao calor do sol”. Assim, o espírito transpassa toda aquela forma, fortalecendo a medula e as veias, fazendo com que o novo ser comece a se movimentar dentro do ventre da mãe, até que chegue o dia do nascimento.

Para a monja, “(...) quando a mulher se une ao homem, então o calor de seu cérebro, que tem prazer dentro de si, prefigura o gosto desse prazer da união, assim como a efusão do sêmen do homem”. Depois que o sêmen cai em seu devido lugar, “(...) o fortíssimo calor do cérebro o atrai para si e o retém”; e depois, os rins da mulher se “(...) contraem e todos os membros que no tempo da menstruação estavam preparados para abrir-se, se fecham em seguida, como um homem forte que fecha alguma coisa em sua mão”. Então, o sangue da menstruação se mescla com o sêmen, torna-o sanguíneo e o faz carne. Em seguida se transforma em carne, “(...) o mesmo sangue o rodeia em um recipiente, como um verme que faz seu próprio invólucro”. Assim se organiza esse recipiente, dia após dia, até que o ser humano se forme e receba

o alento da vida; depois cresce e se estabiliza, de sorte que o feto não pode mover-se deste lugar até que saia do ventre (HILDEGARDA, *LCC*, 2, 222).

Hildegarda era muito atenta ao seu entorno. Em relação à concepção, ela dizia que os homens queriam “(...) procriar sempre segundo sua vontade e, por isso, os seres que nascem padecem de muitas dores corporais”. Ela acreditava ser imprescindível que tanto homens como mulheres observassem sua maturidade corporal, assim como as fases corretas da lua, “(...) a fim de que seus filhos não pereçam por seus defeitos e não se pareçam com as pessoas vorazes que se excedem na alimentação” (HILDEGARDA, *LCC*, 1, 38).

Na Baixa Idade Média, a maioria feminina girava em torno de 12 anos. No entanto, embora nesta idade algumas mulheres já apresentassem sinais de mudanças corporais, era possível que outras sequer tivessem experimentado a primeira menstruação. Segundo Hildegarda, mais ou menos nesta idade é que a menina sentiria os primeiros arroubos da paixão. No entanto, não seria prudente que ela já começasse a ter uma vida sexual ativa; deveria esperar até os quinze ou dezesseis anos, quando seu corpo estaria bem mais desenvolvido. O próprio corpo ofereceria elementos a fim de que se soubesse quando seria o momento para o início da vida sexual: “(...) quando o homem tem barba estará maduro para produzir sua prole. Já para a mulher, seria depois das regras menstruais” (HILDEGARDA, *LCC*, 1, 38,).

Em uma época em que as mulheres eram valorizadas pela sua capacidade de procriação, Hildegarda apresenta um olhar diferenciado, comparando a mulher que não pode mais ter filhos a uma árvore que não mais dão frutos como no auge de sua produção. No entanto, além de esporadicamente dar frutos, ainda assim fornece sombra e abrigo. Ela sabe que é o fluxo do mênstruo que sinaliza a aptidão para procriar: assim como a jovem árvore que não está preparada para produzir muitos frutos, assim também é a árvore velha, cujo tronco ou se converte em madeira dura, ou em madeira frágil e roída, mas nem por isso deixa de produzir sombra.

Dos quinze até os vinte anos, as articulações se completam de modo parecido ao que se tem quando se termina uma casa com vigas, e o teto, e a mobília: “E assim a mulher está madura em suas veias e na armação de seus membros e pode receber a semente do homem, retê-la e esquentá-la”. No entanto, Hildegarda adverte que, “(...) se uma mulher, antes dos vinte anos, concebe um feto, a criança nascerá pelo excessivo calor de sua natureza, ou de seu marido, ou do desejo de ambos, porém possivelmente será uma criança enferma e algo débil” (HILDEGARDA, *LCC*, 2, 226).

Assim como Hildegarda discorre sobre as mulheres, também fala sobre os homens. Para ela, “(...) aos quinze anos um homem começa a ter sensações de prazer e, por causa de vários pensamentos, destila com facilidade a semente humana, porém nem o prazer, nem sua semente alcançaram nele plena maturidade”. Por isso, é necessário que, quando seu sêmen ainda não está maduro, se abstenha, a fim de que não sucumba ante uma mulher e nem busque saciar-se com qualquer outro prazer distinto, pois, “(...) adiante, facilmente cairia insensato, com a cabeça oca e falta de sabedoria, e tenderia a ser de natureza insana e incontinente, porque ainda não tem maturidade para produzir um sêmen maduro”. Contudo, se se trata de um homem fisicamente robusto, alcança a maturidade para consumir o desejo aos dezesseis anos; e se é fisicamente débil, então sua fertilidade alcança a maturidade aos dezessete, quando terá inteligência plena e caráter melhor e mais estável que teria antes de amadurecer (HILDEGARDA, *LCC*, 2, 285): “A maturidade masculina chega a partir dos cinquenta anos, quando o homem abandona hábitos pueris e instáveis e adquire um caráter mais estável”. E se é de natureza viril e forte, o calor do prazer vai decaindo até os setenta anos, “(...) porém, se for de natureza débil, então se lhe atenuará a partir dos sessenta, pois, a partir dos oitenta anos, o vigor desaparecerá completamente” (HILDEGARDA, *LCC*, 2, 285):

Visto que uma mulher madura foi dada não a um menino, mas a um homem maduro, chamado Adão, assim também agora uma mulher madura deve se casar com um homem quando ele tiver atingido a idade plena da fertilidade, assim como o devido cultivo é dado a uma árvore quando ela começa a produzir flores. Com efeito, Eva foi formada de uma costela pelo calor e vigor enxertados de Adão e, portanto, agora é pela força e calor de um homem que a mulher recebe o sêmen para dar à luz uma criança. De fato, o homem é o sementeiro, mas a mulher é o recipiente da semente (HILDEGARDA, *SCIVIAS*, 1,2, 19).

Hildegarda aconselha “(...) que o homem não descarregue seu sêmen em desejo sexual excessivo antes dos anos de sua força”; pois, se isso ocorrer, será uma prova de que está pecando, sob a sugestão do diabo. Ela sugere que o homem evite as poluições ilícitas e voluptuosas, a fim de que não torne seu corpo desprezível, mas que ele aja como a natureza lhe ensina, buscando o modo “(...) justo com sua esposa, na força de

seu calor e no vigor de sua semente; e que ele o faça com conhecimento humano, por desejo de filhos” (HILDEGARDA, *Scivias*, 1, 2, 20).

Por outro lado, já aos doze anos as moças sentem em si o gosto pelo prazer, e também segregam a espuma do prazer por pensamentos lascivos, ainda que o dito prazer não as tenha preparado para receber o sêmen. Hildegarda acreditava ainda que, se uma jovem fosse de natureza vigorosa e úmida, “(...) seria madura e fértil aos quinze ou dezesseis anos”. Esta idade variaria de acordo com a classe social, com a alimentação e com os trabalhos (mais ou menos pesados), pois as que se alimentavam melhor e experimentavam uma vida mais cômoda, tinham um fluxo mais regular do que as que trabalhavam mais. Também era necessária uma vigilância constante sobre as meninas, a fim de que elas não se extraviassem e não caíssem na lascívia.

Hildegarda também escreveu sobre a menstruação e as doenças que tradicionalmente acompanhavam as mulheres (É importante ressaltar que a monja se preocupava com a mulher tanto na menarca como na menopausa). Na opinião dela, quando um “(...) homem se encontra na idade da força, de modo que suas veias estão cheias de sangue, então ele é fértil em seu sêmen”; portanto, que ele assuma, “(...) no casamento legalmente instituído, uma mulher que também se encontre na idade de calor”, de modo que ela possa modestamente receber a semente dele e gerar-lhe filhos na senda da retidão (HILDEGARDA, *Scivias*, 1, 2, 19).

A douta monja é sensível e atenta aos problemas ginecológicos que podem afligir as mulheres, sobretudo aquelas que desde cedo tinham filhos, e repetidos partos, o que levou muitas delas ao óbito. Também pode ser que, com sua argúcia e seu senso de observação apurado, ela tenha percebido que os filhos, tanto de pais muito jovens como de pais muito velhos, poderiam apresentar algum problema de ordem mental ou física, de tal maneira que, em *Causas e Curas*, ela aconselha a mulher a não ter filhos nem antes dos 20 anos, nem depois dos 50, quando se aproxima o fim de suas regras. Depois dos cinquenta ou sessenta anos, quando já cessou a menstruação, o sangue retorna para casa, como um campo que já foi muito trabalhado e não pode receber mais sementes de frutas ou de grãos, mas produz boas flores e ervas. Isso estende-se, na mulher, até os oitenta anos, quando então, de fato, suas forças começam a declinar completamente. Em relação à menopausa, Hildegarda apresenta um pensamento bem arrojado para o tempo em que viveu, pois ela situava o fim da menstruação em torno

dos cinquenta anos, mas reconhecia que o desejo sexual não acabava, podendo continuar até os 80, se a mulher fosse forte:

Desde os cinquenta anos ou, em algumas mulheres, desde os sessenta, a menstruação cessa e a matriz começa a encolher e retrair e já não podem conceber mais, salvo que alguma vez ocorra que, por alguma situação extraordinária, entre os cinquenta e os oitenta anos, possa conceber descendência com dificuldade e uma só vez. Nessa mulher haverá algum defeito, como ocorre muitas vezes naquelas que concebem e parem antes dos vinte anos, tão prematuramente como os bezerros de poucos anos. No entanto, desde os oitenta anos começam a declinar suas forças, até desaparecer, como o dia que finda ao ocaso (HILDEGARDA, *LCC*, 2, 227).

Para Hildegarda, depois que uma mulher concebe, uma criança se forma em seu ventre, com todos os seus membros: “No tempo divinamente determinado, a criança no ventre maternal recebe um espírito, e mostra, pelos movimentos de seu corpo, que vive, tal como a terra se abre e produz as flores costumeiras quando o orvalho cai sobre ela”. Esta forma imaterial infunde força ao coração, governando todo o corpo, “(...) assim como o firmamento do céu contém as regiões mais baixas e toca as mais elevadas. E também toca o cérebro da pessoa; de fato, em seu poder, ela conhece não somente coisas terrenas, mas também as celestiais, visto que ela sabiamente conhece Deus”; esta força que penetra o ser confere vitalidade à medula, às veias e aos membros de todo o corpo, assim “(...) como a árvore, a partir de suas raízes, concede seiva e verdor a todos os ramos”. Depois que a pessoa recebe o espírito vital no ventre materno e nasce, e, a partir de quando começa a realizar suas ações, “(...) seus méritos serão de acordo com as obras que sua alma realiza com o corpo, pois ele será posto na luz a partir das boas e, na escuridão, a partir das más”. (HILDEGARDA, *Scivias*, 1, 3, 16).

Para Hildegarda, o desejo feminino era importante e necessário para a concepção dos filhos, por isso ela afirma que “(...) uma mulher torna-se consciente da umidade em si, que se difunde através dela no fluido da fertilidade, com calor”. De outra forma, ela não estaria disposta a receber o marido; ela o recusaria e não se dobraria à vontade dele, nem procriaria filhos: “Na verdade, se não tivesse o fluido da fertilidade com calor, ela permaneceria estéril como a terra seca, que não serve para nenhuma utilidade frutuosa”. Mas, para a monja, “(...) esse fluido de fertilidade não está sempre inflamado no ardor

do desejo em uma mulher, a menos que ela tenha sido previamente tocada por um homem e, assim, conheça a paixão do ardor do desejo”; e prossegue ainda, afirmando que, na mulher, “(...) o desejo não é tão forte e ardente quanto em um homem, que é tão forte quanto um leão em seu desejo pela ação de procriar” (HILDEGARDA, *Scivias*, 2, 3, 22).

Hildegarda afirma que o homem tem a força do desejo e a ação; a tarefa da mulher é submeter-se ao comando de sua vontade, para, em seguida, ficar ocupada com a procriação de sua descendência.

Analisada fora do contexto, esta frase pode dar a entender que a monja subestime o poder e a ação das mulheres. No entanto, analisamos a atitude assumida por ela dentro do contexto no qual está inserida, ou seja, o papel da mulher como mãe e cuidadora dos filhos, em um período no qual estas atribuições eram aceitas sem o menor questionamento. Vimos que ela é uma mulher de personalidade marcante, que se faz respeitada em sua própria época e “(...) nos oferece uma visão extraordinária de como uma mulher medieval, dotada e capaz, podia superar a opressiva carga de crenças que tachavam as mulheres de inferiores e más e exerciam uma poderosa influência sobre os homens e as mulheres de seu tempo” (LABARGE, 1988. p. 136):

“Quase tudo o que sabemos sobre as mulheres na Idade Média foi, em boa medida, um legado deixado pelos homens. É possível suspeitar que a literatura desse período pode até ter sido escrita por mulheres sob o pseudônimo masculino. No entanto, o que nos chegou em grande medida foram vozes femininas por meio dos discursos masculinos. Neste sentido, Hildegarda rompe uma barreira ao nos deixar uma obra significativa, pois teve uma intensa atividade” (PINHEIRO; EGGERT, 2016. p. 101).

Sua excepcional contribuição para a cultura transcende o período medieval. E ela se expressa sempre em termos femininos, reconhecendo e apreciando o lugar devido à mulher na sociedade. Hildegarda entendia que os papéis e os dons, tanto de homens como de mulheres, eram complementares entre si, e que ambos eram igualmente necessários para um correto e bom funcionamento da sociedade.

CONCLUSÃO

É muito importante o papel feminino no universo medieval. Mas, embora o discurso misógino tenha permeado o período de forma contundente, ele não foi o único na Idade Média: especialmente no século XII, há uma maior visibilidade da espiritualidade feminina que se consolida de forma lenta, gradual e silenciosa.

O papel desempenhado pela mulher na vida política e religiosa dos séculos XII e XIII deve ser posto como fundamento do que poderíamos chamar de o renascimento da sensibilidade na Idade Média. Vauchez afirma que “(...) um dos aspectos mais originais da espiritualidade ocidental no século XIII é sem dúvida o lugar que nela ocuparam as mulheres, o que constitui efetivamente uma novidade” (VAUCHEZ, 1995, p. 167).

A relevância de uma pesquisa desta ordem ocorre em virtude do crescente interesse que a figura da monja tem despertado nos mais diversos segmentos dos saberes. Sua preocupação com o ser humano em sua totalidade, bem como o cuidado com o meio ambiente, faz dela uma personalidade ímpar. Sua obra, ignorada por 7 séculos, ressurgiu em fins do século XX, despertando o interesse de estudiosos de diversas áreas. Portanto, estudar Hildegarda de Bingen no campo literário é contribuir significativamente para resgatar o papel da mulher no século XII, século este conhecido como o do renascimento cultural da Idade Média.

Este renascimento ocorreu em todos os campos, mas sobressaiu-se na literatura em virtude da instalação do culto Mariano e da valorização feminina na literatura cortês. Entretanto, esta valorização não alcança todos os segmentos da sociedade, e também não alcança as mulheres todas da nobreza, que se supõe estarem mais próximas desta nova abordagem.

Mas Hildegarda de Bingen destaca-se em sua época, uma vez que sua voz foi aceita e ouvida em uma sociedade que temia conceder às mulheres o domínio da escrita, fato considerado perigoso (pois acreditavam, até, que a palavra escrita poderia ser usada magicamente por elas).

Hildegarda pode ser considerada como uma das precursoras no resgate deste papel feminino na sociedade medieval. Ela se esforçou para

(...) purificar a mulher de todas as suspeitas que sobre ela faziam pesar não só o papel essencial desempenhado por Eva no pecado original, como também a fraqueza intelectual e moral que lhe era atribuída por toda uma tradição literária com origem na Antiguidade, e que os autores medievais haviam subestimado. (VAUCHEZ, 1995, p. 167-8)

O que nos maravilha é a extraordinária quantidade de comentário os mais diversos, e a pluralidade de conhecimentos revelados por Hildegarda. Como terá ela adquirido tal conhecimento, visto que, embora viaje algumas vezes, permanece a maior parte do tempo dentro do seu convento? Sobre as águas dos rios, por exemplo, ela observa: “(...) a água do Rio Glan é bom(*sic*) para preparar alimentos, beber, banhar e lavar o rosto”, enquanto a do Rio Mosele “(...) não é boa nem para cozer nem como bebida, porque ataca as vísceras do homem por sua acidez” (PERNOUD, 1996. p. 85).

Em relação a seu dom especialíssimo, Hildegarda afirma categoricamente ouvir uma voz que se manifesta em suas visões. Para nós, tais visões, fossem elas provenientes de Deus ou não, inegavelmente a puseram em uma posição de notável poder, o que contribuiu consideravelmente para um novo olhar sobre a autoridade feminina. Essa prerrogativa de ver o que os outros não veem lhe permite fazer uma releitura de várias passagens bíblicas, incluindo *Gênesis* 1, que narra a criação dos primeiros seres humanos.

Alguns comentadores acreditam que Hildegarda se utilizava das visões para dizer o que pensava, sem restrições ou censuras, isto é, como mecanismo de defesa: “(...) contudo, suas visões colocaram um selo na autoridade profética que ela alegava: *sem elas, ela não teria tido nem uma mensagem nem um público ouvinte*” (NEWMAN, 2015. p. 26, *grifo nosso*).

Ao por essa voz à sua frente, ela não poderia ser acusada de heresia, tampouco de provocar dissidências dentro da Igreja. Além disso, serviria como um escudo, a impedir que ela e suas monjas fossem de alguma forma importunadas, por pensarem de forma diferente dos Homens da Igreja. Quanto ao fato de se autodenominar uma “*pobre mulher indouta*” e de apresentar sua existência submetida a um poder maior, entendemos que esse foi mesmo um sábio mecanismo de defesa, que fez dela o grande nome feminino da Igreja no século XII. Graças à voz que lhe diz o que escrever, ela

pode se posicionar e dizer o que pensava a respeito da sociedade da qual fazia parte – sobretudo suas opiniões em relação ao clero.

Em se tratando das visões, constata-se que Hildegarda não apresenta quaisquer sinais de loucura: ela as recebe na presença de terceiros, em estado de perfeita lucidez – e não em sonhos, êxtases ou devaneios – atestando, portanto, que não estava sob influências malignas. Suas visões tinham conteúdo político, moral e espiritual; eram fontes de verdade, não mediatizadas. E como Hildegarda fazia ver que as recebia direto da Luz Vivente, tinha liberdade para falar com autoridade sobre assuntos os mais variados.

Ressaltamos que não temos dúvida sobre sua capacidade de conectar-se com o transcendente: de fato, para o período no qual ela vivia, cheio de incertezas, de heresias e reformas, a Voz torna-se um porto seguro, onde ela poderia se ancorar e dizer suas verdades, sem ser importunada. É a autoridade que se constitui e que a fortalece, fazendo com que se destaque em um universo onde, como já vimos, o poder e o saber eram masculinos; e esta autoridade lhe permite considerar-se autora, visto que seu conhecimento vem direto do Além; e é original, pois chega até ela através do Ser que tudo criou.

Para Hildegarda, “(...) o conhecimento do bem e do mal é dom de Deus à humanidade, em vez de tentação do diabo” (NEWMAN, 2015. p. 59). Esta afirmação pode se referir tanto ao episódio ocorrido no Jardim do Éden quanto a ela própria, ao conhecimento que adquire a partir de seu contato com a Luz Vivente.

Também foi possível perceber que, mesmo traduzindo a voz divina, Hildegarda demonstra um vasto conhecimento de Exegese Bíblica, Filosofia e Teologia, e isso pode ser observado através de seus escritos. Mas, por vários motivos, não é possível precisar em quais fontes literárias ela bebeu. Além disso, há uma rica tradição oral a que, certamente, ela teve acesso. Observamos que Hildegarda se interessa não só por questões teológicas, mas por tudo o que envolve o ser humano, em sua natureza terrestre e multifacetada.

O episódio envolvendo os primeiros pais, que culminou no pecado original, marca significativamente a vida dos cristãos, sobretudo na Idade Média. A história da criação narrada no *Gênesis* serviu como um norte para a meditação sobre o homem e a mulher, pois o evento protagonizado por eles é uma sequência da queda de Lúcifer e um prólogo para a encarnação.

Hildegarda não se furtou a comentar a passagem bíblica, e ela o fez com mais detalhes em sua obra visionária *Liber Divinorum Operum*. A Queda do casal edênico recontada por Hildegarda apresenta uma dualidade, pois, se por um lado ela vê no casal o paradigma da sexualidade humana, planejado por Deus, tendo como propósito final a encarnação do Verbo, por outro ela também vê naquilo uma imagem e o prenúncio de todos os males morais e físicos, sobretudo aqueles concernentes aos desvios sexuais.

Hildegarda segue a narrativa do *Gênesis* fazendo sua interpretação peculiar, sob a égide da “Luz Vivente”: ela apresenta uma versão pela qual homem e mulher desempenham função primordial no papel criacionista. Nessa versão, o milagre da Encarnação foi prefigurado desde o princípio, porque Maria “vestiria” de carne o Filho de Deus, da mesma forma que Eva “vestiu” os filhos de Adão.

Ao aprofundarmos nossas pesquisas, entendemos que Hildegarda escolhe Eva por ela ser não só o contraponto de Maria, mas porque é, ao mesmo tempo, prenúncio dela. Ao defender Eva, pode-se dizer que, por extensão, Hildegarda defende as mulheres e sua condição de multiplicadoras da espécie; contudo, embora a maternidade seja sagrada, a virgindade também é reconhecida e valorizada. Maria representa um ideal inalcançável para as mulheres, pois, na vida, ou se é mãe, ou se é virgem.

A percepção da díade feminina pode ser evocada em uma linearidade, pois, com Eva, o pecado entrou no mundo, passando a fazer parte da história da humanidade, cujo salvador será concebido, sem mácula, por Maria.

A transgressão dos primeiros pais ocorreu pela impetuosidade com que se apoderaram do conhecimento, a partir do momento em que provam do fruto que lhes foi vetado. Após o ato, o casal abre os olhos, nisto significando aquisição do conhecimento e preocupação com nudez, simbolizando assim o *status* de civilizados e, ao mesmo tempo, passando a se distinguir dos animais. Depois da sentença divina que lhes foi imposta, trazendo-lhes o trabalho, o sofrimento físico, a morte e a expulsão do Paraíso, eles passam à condição de mortais.

Mesmo antes de pecar, era tarefa de Adão cuidar do jardim (Gen. 2, 15), e de Eva, o gerar filhos (Gen. 1,28). “Naturalmente as contrações já faziam parte do processo de expulsão do feto de dentro do corpo, como ocorre com todas as espécies de mamíferos”. Quanto ao suor, ele é resultado natural de um esforço físico. Contudo, “(...) assim como no caso em que as dores físicas das mulheres na hora da concepção podem estar condicionadas a vários fatores, o trabalho do homem também está”; e há

trabalhos que “(...) não requerem esforço físico, como o realizado por intelectuais e pensadores, por exemplo,” (PAGELS, 1992. p.182/183).

Quanto à desolação da terra e a maldição pela qual ela produziria espinhos e cardos, isso reflete a condição humana de desilusão, de cansaço e da sensação de perda que toma conta de Adão depois de perceber que rompeu o acordo que tinha com Deus. A destinação final (*tu és pó e ao pó voltarás*) revela a misericórdia divina e não sua ira, porque encerra a promessa de que o sofrimento terá fim. Deus consola a humanidade, em uma mensagem implícita de que o sofrimento não será eterno.

Antes mesmo do período que denominamos Idade Média, pairava no ar uma questão importante: a mulher, criada a partir de uma costela de Adão, seria igual ou inferior a ele? Os comentadores (excetuando Agostinho, que apresenta Eva como inferior ao homem) afirmam que ela foi criada como seu complemento e que lhe era igual: correspondia a ele por estar à sua altura, e era proporcional com o que lhe faltava. Antes dela, o homem não estava exatamente só, visto que compartilhava seu espaço com outros animais; mas estava incompleto; e Eva veio suprir esta falta.

Em relação à criação da mulher, Krauss⁶² compartilha da mesma opinião de Hildegarda: para ambos, o fato de a mulher ter sido retirada da costela de Adão a torna singular, uma vez que todos os outros seres foram criados a partir do pó da terra.

Para Hildegarda, Eva não seduz nem persuade Adão: foi o diabo quem seduziu Eva através da serpente, e esta seduziu Adão. Ela vê Eva, não como causadora da origem do mal humano, mas, sim, como a mediadora dele. Também para Agostinho, o primeiro homem não foi seduzido, acreditando nas verdades da palavra de sua companheira; mas cedeu, devido à afeição que nutria pela mulher.

Quando Adão contempla Eva, vê nela, como em um espelho, a sua imagem refletida. Ele percebe que ela é igual a ele, diz que ela é osso de seus ossos e carne de sua carne, e a chama de mulher. Hildegarda difere de outros autores que insistem em afirmar que Eva era inferior a Adão, por ter sido tirada de seus ossos: para ela, esta característica a torna especial e não menor do que o homem.

Para Agostinho, Satanás, que, através da serpente, se aproxima primeiro da mulher, procede assim por conhecer a debilidade de Eva; e prefere ir por partes, até chegar ao todo, que é o homem. Na concepção agostiniana, o homem não acreditaria facilmente no engodo da serpente, mas cedeu ao erro, pelo erro de Eva. Para

⁶² KRAUSS, 2006. p. 38.

Hildegarda, é na fragilidade feminina de Eva, compensada pelo amor de Adão por ela, que Satanás encontra a brecha que procura para induzi-los ao erro.

A figura de Eva sofreu transformações ao longo da história. Ela foi moldada e mudada a fim de atender a conveniências e propósitos de pessoas que a viam como a “pecadora” ou a “desobediente” e utilizaram-se destes epítetos para taxar todas as outras mulheres, colocando-as no mesmo nível. Por este prisma, Eva assemelha-se mais a Pandora, a que traz a perdição para o mundo; a parte que lhe coube de primeira mãe fica sendo a de complemento. Portanto, o papel de companheira no processo criacionista de Deus teria sido solapado, sendo Eva resgatada muito tempo depois na figura de Maria, a mãe do Redentor.

Eva também é mãe de toda a humanidade, logo, é a mãe de todos os humanos pecadores; Maria é mãe de um único homem, o salvador do mundo e, por isso, torna-se mãe de todos. Mas, ao contrário de Eva, sua missão é resgatar a humanidade perdida, o que fez gerando em seu seio a salvação do mundo.

Para Hildegarda, Eva é dual: traz em si o pecado e também a salvação. Ela a vê como antecessora de Maria, figura essencial, uma vez que vai gerar o Cristo, ao mesmo tempo em que resgata a primazia do papel feminino na condução da salvação humana.

Hildegarda entende, pois, que o papel de Eva na história da vida humana é ambivalente. Salientamos que, embora a monja seja ousada e manifeste essa ousadia em várias passagens de seus escritos, ela é herdeira tanto da tradição agostiniana quanto da tradição monástica. Em Agostinho, o pecado original leva à concupiscência e ao desejo, no monasticismo há uma estima especial pela virgindade.

Em Hildegarda, de um lado Eva representa o poder criador da divindade manifestado por e através da maternidade, e, de outro, está ligada ao pecado original.

A figura de Eva passa a ser vinculada à da mulher sedutora. Ela foi seduzida pela serpente e, por sua vez, seduziu Adão. O estigma se perpetuará de geração em geração e as mulheres passaram a serem vistas como as sedutoras e corruptíveis que induzem os homens aos pecados da carne, contribuindo assim para a sua perdição. Por isto, dentro do contexto da sociedade medieval, tira-se grande parte da culpa que seria imputada ao homem pelos desvios sexuais, uma vez que a responsabilidade pelos mesmos recai predominantemente sobre a mulher.

Em sua teoria sobre o pecado original, Agostinho afirma que as crianças são contaminadas desde o momento de sua concepção, porque o pecado de Adão corrompeu toda a espécie humana. Hildegarda apresenta uma linha de raciocínio que, embora não

seja exatamente a mesma de Agostinho, apresenta semelhanças no que tange à hereditariedade. Para o Hiponense, a herança recebida era relativa ao pecado; para Hildegarda, a herança seria genética e determinaria as características físicas e psicológicas da criança. Com isso, ela inaugura uma nova forma de ver as doenças que, antes taxadas sob o ponto de vista de maldição e castigo, com ela, ganham contornos científicos.

Em suas narrativas, tanto visionárias, quanto científicas, Hildegarda faz uma descrição minuciosa da Criação, da Queda e da Redenção humana. Nas obras utilizadas durante este trabalho, onde foram tratadas questões ligadas ao primeiro casal, Hildegarda defende a situação feminina, assim como o casamento e também a virgindade.

Para a monja, foi por inveja que Satanás investiu contra o primeiro casal, sobretudo contra Eva, porque reconheceu nela a mãe em cujo seio seria possível a (re)formulação do mundo. Percebendo a importância da capacidade reprodutiva da mulher, compreendendo que os novos seres gerados ocupariam o lugar que ele perdeu, e a fim de trazer para si novos adeptos, Satanás tentou fazer com que o homem rompesse com o Criador tornando-se seu aliado. Os comentaristas da Igreja (em geral homens), pressupuseram que a serpente se aproximou primeiro da mulher por ela ser menos inteligente que o homem. Assim, dizendo a Eva o que ela queria ouvir, a serpente poderia enganá-la com maior facilidade; com Adão poderia ser diferente.

Na visão de Hildegarda, “(...) a mulher é débil e se dirige ao homem para que cuide dela, como a lua recebe do sol a sua força”. Mas, se, por um lado, “(...) a mulher está submetida ao marido e tem que estar preparada para servi-lo”, por outro “(...) é ela quem veste o homem com a obra de sua ciência, porque foi criada da carne e do sangue, já o homem foi barro antes de ser formado e, por isso, ele, em sua nudez, se dirige a mulher para que ela o vista” (HILDEGARDA, *LDO*. 1, 4, 65).

Alguns comentadores veem, nestas afirmativas de Hildegarda, traços de misoginia. Não compartilhamos tais pressupostos, por entendermos que, embora ela se submetesse às leis e costumes que vigoravam em sua época, ao mesmo tempo atenua a situação de submissão feminina, ao afirmar que a mulher é responsável por dar a vida ao homem, o que dá às mulheres um lugar de destaque e de respeito.

O pecado de Adão e Eva é menor do que o de Lúcifer: enquanto este queria ser como Deus, o casal queria conhecer mais do que lhe era permitido. Assim, ao provar do fruto proibido, adquiriram a ciência do bem e do mal. Eles deveriam adquirir

conhecimento por si sós, ou pela obediência, mantendo-se confiantes de que, no momento adequado, este saber lhes seria transmitido, sem precisar experimentar do fruto da árvore do conhecimento. Porque, tendo sido criados à imagem e semelhança de Deus, este conhecimento estaria dentro deles, desde o primeiro momento.

Quando o diabo desejou que o pecado entrasse no mundo através de uma mulher, não conseguiu prever que a Redenção viria através de outra mulher. Na opinião de Hildegarda, se Adão pecou por desobediência e orgulho, Jesus redime a humanidade por obediência e humildade.

A presença das mulheres é marcante, tanto na Queda, quanto na Redenção. Ambas desempenham seus papéis. De um lado encontra-se Eva que, cedendo às insinuações da serpente, termina por praticar um ato de desobediência, recebendo o estigma de “a pecadora”; do outro lado encontra-se Maria, não cedendo a nenhuma tentação, mantendo-se firme em suas convicções, aceitando desde o princípio o que o Deus lhe reservava, cooperando com Ele em sua obra reparadora, recebendo o título de “Redentora”. E, a fim de promover a harmonia entre os homens foi necessário que o Filho de Deus derramasse seu sangue, livrando a humanidade das consequências daquela transgressão

(...) Porque na Encarnação do Filho de Deus, nascido da Virgem, o desejo celestial doi dupremo, ao passo que a lascívia terrena miraculosamente em salvação pelo sangue do Filho de Deus; não anteriormente, visto que ninguém, senão o Unigênito de Deus enviado ao mundo pelo Pai, podia eliminar aquela transgressão e possibilitar o acesso ao céu. Portanto, a menos que o Filho de Deus tivesse derramado seu sangue pela salvação humana de tal sorte que ela não poderia ter alcançado a alegria dos cidadãos do Céu (HILDEGARDA, *Scivias*. 2, 5, 12).

Mesmo sendo herdeira de toda uma tradição que carrega consigo o preconceito, sobretudo quando se trata de questões de cunho sexual, Hildegarda consegue sair deste círculo, se não completamente, pelo menos em parte. E isso foi conquistado graças às ideias que ela absorve da sabedoria popular, e também, possivelmente, consultando diretamente as fontes gregas, latinas, judaicas e árabes.

Embora permaneça fiel a sua origem e sua formação beneditina, Hildegarda rompe com muitos paradigmas. Sua contribuição teológica, moral, espiritual, exegética, profética, médica é um legado que contribui significativamente para que possamos compreender o século XII.

Ousamos dizer que, posicionando-se em favor de Eva, defendendo-a de acusações que, em sua percepção, eram injustas, colocando-se, como mulher, no papel de protagonista da História, ao trazer à tona a dualidade de Eva Hildegarda desvela sua própria dualidade. Defendendo Eva, defende as mulheres de todos os tempos e lugares, mulheres injustiçadas vítimas de preconceitos e misoginia. Com Eva e Maria, simultaneamente, ela consegue romper as barreiras impostas ao seu sexo, abrindo perspectivas a fim de que todas as mulheres também o possam fazer.

Hildegarda é um grande expoente que ultrapassou o seu tempo e chega até nós com o frescor preservado. Seus estudos e trabalhos mostram uma atualidade que venceu a barreira do tempo, e afluem até nós com a perspectiva de novo, de contemporaneidade.

(Re)descobrir Hildegarda e suas inúmeras facetas foi uma das maiores proezas que este trabalho nos proporcionou. Ela é, sem sombra de dúvida, o maior nome feminino da cristandade no século XII, devido não só ao conjunto da sua obra, mas também pela sua personalidade forte e marcante. Hildegarda é uma mulher que desperta em outras mulheres o desejo de inovar, mesmo que esta inovação ocorra dentro do sistema – sem a intenção de diluí-lo, mas de reformá-lo, mesmo estando inserida nele e nele permanecendo.

ANEXO

Transcreveremos aqui parte das visões de Eva, presentes nas obras visionárias que utilizamos: *SCIVIAS* (*Scito Vias Domini*) (Conhece os Caminhos do Senhor); *Liber Divinorum Operum* (Livro das Obras Divinas); *Liber Vitae Meritorum* (Livro dos Méritos da Vida; e na obra de cunho científico, *Liber Causae et Curae* (Livro das Causas e Curas.

A fim de mantermos a sequência nas quais as obras foram escritas, iniciaremos pela transcrição das visões da obra *SCIVIAS*.

LIVRO PRIMEIRO – SEGUNDA VISÃO – A CRIAÇÃO E A QUEDA

A Queda da humanidade – *SCIVIAS*, 2015. p. 107

Esta visão descreve a queda de Lúcifer e de seus anjos e a conseqüente Queda de Adão e Eva. A narrativa do Gênesis absolve claramente a Eva, e lança o maior fardo da

culpa sobre Satã, rompendo a tendência comum de interpretar esse texto em viés misógino (p. 54).

V. 6 - Na expulsão do diabo, foi criado o Inferno

Quando da expulsão do diabo, as trevas exteriores, cheias de todos os tipos de sofrimentos, foram criadas. Os espíritos maus, em contraste com a glória que havia sido preparada para eles, foram condenados à miséria de muitos castigos e, em contraposição à luminosidade que antes possuíam, foram imersos na mais densa escuridão. Como? – Quando o anjo orgulhoso elevou-se às alturas como uma serpente, ele recebeu a prisão do Inferno, porque não era possível que alguém prevalecesse sobre Deus, Com efeito, como dois corações poderiam existir dentro de um único peito? De maneira análoga, não podia haver dois deuses no Céu. Mas, uma vez que o diabo e seus seguidores escolheram a presunção altiva, encontraram o poço do Inferno preparado para si. Assim também as pessoas que os imitam em suas ações tornam-se participantes de seus sofrimentos, de acordo com seus merecimentos.

V. 9 - A trapaça do diabo, que enganou Adão poro intermédio da serpente

Que uma repugnante nuvem se tenha espalhado e assumido uma forma enganadora, como uma veia, significa que, do fundo da perdição, emergiu o embuste do diabo e invadiu a serpente, que já carregava dentro de si o crime da intenção fraudulenta, a fim de enganar a humanidade. De que maneira? Porque, quando o diabo viu o homem no Paraíso, gritou com grande aversão, dizendo: "Oh! Quem me toca na mansão da verdadeira bem-aventurança?". Satã sabia que ainda não havia aperfeiçoado em nenhuma criatura a malícia que tinha dentro de si, mas vendo Adão e Eva caminharem no jardim das delícias com a inocência das crianças, com grande admiração ergueu-se para ludibriá-los por meio da serpente. Por quê? Porque ele compreendeu que a serpente, mais do que qualquer outro animal, assemelhava-se a ele, e estava ansioso por realizar, pela falsidade dela, o que ele não podia fazer abertamente em sua forma própria. Assim, quando viu Adão e Eva se afastarem de alma e corpo da árvore proibida, compreendeu que eles estavam obedecendo a um preceito divino, e que, na primeira obra que começassem, ele poderia mui facilmente derrubá-los.

V. 10 - Somente a partir da resposta de Eva é que o diabo soube que a árvore era proibida

De fato, ele não teria sabido que esta árvore era proibida ao casal, a menos que se tivesse certificado mediante ardilosas perguntas e pelas respostas deles. Por conseguinte, *em uma região de luminosidade, ele soprou sobre uma nuvem branca que brotara de uma maravilhosa forma humana e continha dentro de si muitas e muitas estrelas*, porque, naquele lugar de deleites, Eva – cuja alma era inocente, porque havia sido tirada do inocente Adão, trazendo em seu corpo toda a multidão da raça humana, brilhando com a predestinação de Deus – foi invadida pelo diabo, por meio da sedução da serpente, para sua própria Queda. Por que foi assim? Porque ele sabia que a suscetibilidade da mulher seria mais facilmente conquistada do que a força do homem; e viu que Adão ardia tão veementemente em seu santo amor por Eva que se ele, o diabo, conquistasse Eva, Adão faria o que quer que lhe dissesse a mulher. Consequentemente, o diabo *expulsou tanto a nuvem quanto a forma humana daquela região*, porque o antigo sedutor, mediante seu engodo, alijou Eva e Adão da sede da bem-aventurança e lançou-os nas trevas da destruição. Como? Primeiramente ao enganar Eva, de modo que ela pudesse lisonjear e acariciar Adão e, assim, conseguir seu assentimento, visto que ela, mais do que qualquer outra criatura, podia levar Adão à desobediência, visto que foi feita de sua costela. Dessa maneira, a mulher sobrepuja mui rapidamente o homem, se ele não a odeia e aceita facilmente suas palavras.

V. 11 - Que coisas devem ser observadas e quais devem ser evitadas no matrimônio

Visto que uma mulher madura foi dada não a um menino, mas a um homem maduro, chamado Adão, assim também agora uma mulher madura deve se casar com um homem quando ele tiver atingido a idade plena da fertilidade, do mesmo modo como o devido cultivo é dado a uma árvore quando ela começa a produzir flores. Com efeito, Eva foi formada de uma costela pelo calor e vigor enxertados de Adão e, portanto, agora é pela força e calor de um homem que a mulher recebe o sêmen para dar à luz uma criança. De fato, o homem é o semeador, mas a mulher é o recipiente da semente. Por conseguinte, a esposa está sob o poder do marido, porque a força do homem está para a suscetibilidade da mulher, assim como a dureza da pedra está para a maciez da terra.

Mas o fato de a primeira mulher ser formada do homem significa a união entre esposa e marido. E assim é que deve ser entendido: esta união não deve ser em vão ou feita no esquecimento de Deus, porque aquele que criou a mulher a partir do homem instituiu, honorável e virtuosamente, esta união, formando carne de carne.

Conseqüentemente, como Adão e Eva eram uma carne, de modo igual agora também homem e mulher se tornam uma carne na união de santo amor para a multiplicação da raça humana. E, portanto, deveria haver amor perfeito nesses dois, tal como havia naqueles primeiros dois. Na verdade, Adão poderia ter culpado sua esposa, porque, pelo seu conselho, ela lhe trouxe a morte; no entanto, ele não a dispensou enquanto viveu neste mundo, porque sabia que ela lhe fora dada pelo poder divino. Portanto, por causa do amor perfeito, que o homem não abandone sua esposa, a não ser pela razão que a Igreja fiel permite. E que eles jamais se separem, a menos que ambos, unanimemente, queiram contemplar meu Filho, e digam com ardente amor por ele: “Queremos renunciar ao mundo e seguir aquele que sofreu por nossa causa!”. Mas se estes dois discordam quanto a renunciar ao mundo por uma devoção, então que eles, de maneira alguma, se separem um do outro, visto que, tal como o sangue não pode ser separado da carne enquanto o espírito permanecer na carne, de igual modo o marido e a mulher não podem ser separados um do outro, mas devem caminhar juntos em um só querer.

Contudo, se o homem ou a mulher infringir a Lei por fornicação, e o fato for tornado público – quer por eles mesmos, quer por seus sacerdotes – eles sofrerão a justa censura do magistério espiritual. De fato, o marido se queixará da esposa, ou a esposa do marido, a respeito do pecado contra a união deles diante da Igreja e de seus prelados, conforme a justiça de Deus; mas não de tal modo que o marido ou a esposa possam buscar outro matrimônio; ou eles ficarão juntos em justa união, ou ambos se absterão de tais uniões, conforme o mostra a disciplina da prática da Igreja. E eles não se despedaçarão por dilaceramento venenoso, mas amar-se-ão com amor puro, dado que tanto o homem quanto a mulher não poderiam existir sem terem sido concebidos em tal união, conforme meu amigo Paulo testemunha.

V. 12 - Palavras do Apóstolo a esse respeito

“Pois, se a mulher foi tirada do homem, o homem nasce da mulher, e tudo vem de Deus” (I Cor 11,12). O que quer dizer: a mulher foi criada por causa do homem, e o homem por causa da mulher. Assim como ela provém do homem, o homem também provém dela, a fim de que não divirjam entre si na unidade de gerar seus filhos; pois deveriam trabalhar unidos em uma única obra, tal como o ar e o vento se entretecem em seu labor. De que maneira? O ar é movido pelo vento, e o vento está misturado ao ar, de modo que, no movimento deles, todas as coisas estão sob a influência deles. O que isso significa? A esposa deve cooperar com o marido e o marido com a esposa no gerar

filhos. Portanto, o maior crime e o ato mais perverso são provocar, pela fornicção, uma divisão nos dias de criar filhos, visto que o marido e a esposa desviam o próprio sangue de seu lugar justo, enviando-o a um lugar estranho. Certamente eles incorrerão na fraude do diabo e na ira de Deus, porque transgrediram aquela ordem de Deus. Ai deles, portanto, se seus pecados não forem perdoados! Todavia, conforme foi dito, embora o marido e a esposa trabalhem juntos em seus filhos, apesar disso o marido e a esposa e todas as outras criaturas provêm da disposição e da ordenação divinas, visto que Deus os fez de acordo com sua vontade.

V. 13 - Por que, antes da Encarnação, alguns homens tinham diversas esposas

Antes da Encarnação de meu Filho, porém, determinados homens, entre os povos antigos, tinham diversas esposas ao mesmo tempo, conforme desejassem: eles ainda não haviam escutado a franca proibição de meu Filho, que, quando veio ao mundo, mostrou que o fruto correto desta união de marido e mulher é o fruto manifesto na união de Adão e Eva, uma união a ser exercida não pela vontade do homem, mas pelo temor a Deus. Efetivamente, é melhor ter essa justa união, mediante a disposição da prudência da Igreja, do que ansiar por fornicção; porém vós, humanos, ignorais isso, e perseguis vossos desejos carnis, não como humanos, mas como animais.

Contudo, que haja fé correta e amor puro do conhecimento de Deus entre marido e mulher, a fim de que a semente deles não seja contaminada pela arte do diabo e a vingança divina os golpeie, dado que estão se mordendo e dilacerando mutuamente em pedaços e lançando suas sementes desumanamente com a licenciosidade dos animais. Em tal caso, a inveja os torturará como uma serpente; e sem o temor de Deus e sem a disciplina humana, um impuro excesso de sementes será armazenado neles; e amiúde, pelo justo julgamento de Deus, essa perversidade da vontade deles será castigada nisto que serão privados de membros e de saúde em suas vidas aqueles que deles nascerem, a menos que eu receba deles a penitência e a eles me mostre propício. De fato, se alguns clamarem a mim em penitência por seus pecados, eu aceitarei a penitência deles por amor de meu Filho; pois, se alguém levanta um dedo para mim em penitência, ou seja, estende a mão para mim em penitência e gemendo em seu coração, diz: “Pequei, Senhor, diante de ti”, meu Filho, que é o Sacerdote dos sacerdotes, mostrar-me-á aquela penitência; de fato, a penitência que é oferecida a sacerdotes pelo amor de meu Filho obtém a purgação dos pecadores. Portanto, as pessoas que dignamente fazem penitência escapam das presas do diabo que, tentando engolir o anzol do poder divino, feriu

dolorosamente sua mandíbula; e agora, portanto, as almas fiéis ultrapassam a perdição e chegam à salvação. Como?

Porque os sacerdotes no altar, invocando meu nome, receberão a confissão das pessoas e lhes mostrarão o remédio da salvação. Assim, a fim de encontrar Deus propício, que elas não contaminem sua semente com variados vícios, visto que aqueles que derramam seu sêmen na fornicção ou no adultério tornam enfermos seus filhos assim nascidos. Como? Pode aquele que mistura lama ou estrume com barro puro fabricar um vaso duradouro? Semelhantemente, aquele que contamina seu sêmen na fornicção ou no adultério poderá jamais gerar filhos fortes? Muitos, porém, agem de maneiras diferentes no mais íntimo de seu ser, e muitos desses se tornam prudentes em relação ao mundo e em relação a Deus. E a Jerusalém celeste está plena desses: abandonando o vício e amando a virtude, eles imitam meu Filho na castidade e em grandes obras, trazendo em seus corpos, tanto quanto são capazes, seu martírio.

Mas quando não quero que uma pessoa tenha filhos, suprimo o poder viril do sêmen, de modo que não possa coagular no ventre da mãe; assim, também nego à terra o poder de produzir fruto quando, por meu justo julgamento, quero agir assim. Mas, ó humano, tu te perguntas por que permito que nasçam crianças do adultério e de crimes semelhantes? – Meu julgamento é justo. De fato, desde a Queda de Adão, não encontrei na semente humana a justiça que deveria haver nele, pois o diabo expulsou a justiça pelo gosto do fruto. Portanto, enviei meu Filho ao mundo, nascido de uma virgem, de modo que, por seu sangue, no qual não havia nenhuma imundície carnal, ele pudesse retomar do diabo aqueles despojos que havia conquistado da humanidade.

V. 14 – Nenhum ser humano ou anjo, mas somente o Filho de Deus podia libertar a humanidade

Com efeito, nenhum ser humano, concebido no pecado, nem anjo, que não tem nenhum invólucro de carne, podia salvar a humanidade, que se revolia no pecado e pelejava sob o peso da carne, do poder do diabo. Somente poderia fazê-lo aquele que, vindo sem pecado, com um corpo puro e limpo, entregou-o por sua paixão. Portanto, embora os seres humanos nasçam no pecado, ainda assim eu os reúno em meu reino celeste quando eles o buscam fielmente. De fato, nenhuma maldade pode tirar meus eleitos de mim.

V. 15 - Palavras da Sabedoria a este respeito

Depois que Adão e Eva foram expulsos do lugar de deleites, eles conheceram em si mesmos a obra de conceber e dar à luz filhos. E assim, caindo da desobediência para a morte, quando eles souberam que podiam pecar, descobriram a doçura do pecado. Desse modo, transformando minha instituição legítima em licenciosidade pecaminosa – embora devessem ter sabido que a comoção em suas veias não era para a doçura do pecado, mas para o amor dos filhos – por sugestão do diabo eles mudaram-na em depravação; e, perdendo a inocência do ato de procriar, eles o entregaram ao pecado. Isso não foi realizado sem a persuasão do diabo; para esse fim, ele lançou seus dardos, e não aconteceu sem sua sugestão. Conforme ele disse: “Minha força está na concepção humana e, portanto, a humanidade é minha!”. E vendo que, se a humanidade estivesse de acordo com ele, ela se tornaria coparticipante da punição, ele disse novamente de si para si: “Todas as iniquidades são contra o Deus Todo-Poderoso, visto que Ele certamente não é injusto”. E aquele enganador colocou isso como um grande selo no coração dela, de modo que a humanidade, que havia consentido com Ele por sua própria vontade, não pudesse ser tirada dele.

De fato, Lúcifer e a humanidade, cada um tentou, no começo de sua criação, rebelar-se contra mim: não puderam permanecer firmes, decaíram do bem e optaram pelo mal. Lúcifer, porém, apoderou-se do mal total e rejeitou todo bem; e não experimentou o bem, de forma alguma, e caiu na morte. Adão, porém, provou o bem quando aceitou a obediência; mas desejou o mal, e, em seu desejo, realizou-o por sua desobediência a Deus. Por que isso aconteceu tu não deves investigar, ó humano; um mortal não pode saber o que havia antes da criação do mundo, ou o que pode acontecer depois do último dia; somente Deus sabe isso, exceto na medida em que ele permita a seus eleitos o conhecerem.

V. 16 - Parentes consanguíneos não podem unir-se em matrimônio

Também não desejo que o sangue de parentes possa misturar-se no matrimônio, onde o ardor do amor familiar ainda não foi enfraquecido, para que ali não surja amor imoral na relação de consanguinidade; mas que o sangue de famílias diferentes flua junto, o qual não sente nenhum relacionamento sanguíneo ardendo dentro de si, de modo que o costume humano possa agir ali.

V. 17 - Exemplo do leite

O leite que é cozido uma ou duas vezes ainda não perdeu seu sabor, mas no momento em que está coagulado e é cozido pela sétima ou oitava vez, perde suas qualidades e não tem o gosto agradável. E assim como alguém não deve ter relações sexuais com um parente que é o próprio cônjuge, também deve abominar o relacionamento sexual com um parente ligado não a si mesmo, mas a seu cônjuge; que nenhum ser humano se una em tal acasalamento, o que a Igreja proibiu, mediante seus Doutores, que o determinaram em grande responsabilidade e honra. Estou explicando isso através desta pessoa [Hildegarda] a quem essa atividade humana é desconhecida; ela está recebendo esta explicação não a partir de conhecimento humano, mas de Deus.

V. 19 - Para casar-se, o homem deveria ser adulto e assumir somente uma esposa de idade núbil

Quando um macho se encontra na idade da força, de modo que suas veias estão cheias de sangue, então ele é fértil em seu sêmen; portanto, que ele assuma, no casamento legalmente instituído, uma mulher que também se encontre na idade de calor, de modo que ela possa modestamente receber a semente dele e gerar-lhe filhos na senda da retidão.

V. 20 - Evitação de poluição ilícita e voluptuosa

Que um homem não descarregue seu sêmen em desejo sexual excessivo antes dos anos de sua força; pois se ele tentar semear sua semente na ânsia do prazer antes que a semente tenha o calor necessário para coagular adequadamente, é prova de que ele está pecando por sugestão do diabo. E quando um homem já é forte em seu desejo, que ele não exercite sua força naquele ato tanto quanto ele puder; porque se assim der atenção ao diabo, estará fazendo uma obra diabólica, tornando seu corpo desprezível, o que é inteiramente ilegítimo. Mas que o homem aja como a natureza lhe ensina, e busque o modo justo com sua esposa na força de seu calor e no vigor de sua semente; e que ele o faça com conhecimento humano, por desejo de filhos.

Mas não quero que esta ação seja feita durante as menstruações da mulher – quando ela ainda está sofrendo do fluxo de seu sangue, na abertura das partes ocultas de seu ventre – para que o fluxo de seu sangue não leve consigo a semente madura depois de tê-la recebido, e que a semente, assim levada para fora, pereça; nesse período, a mulher está em dores e prisioneira, sofrendo uma pequena porção da dor do parto. Eu não dispense as mulheres desse período de dor porque eu o concedi a Eva quando ela

concebeu o pecado no provar do fruto; mas então a mulher deveria ser cuidada, nesse período, com grande e atenciosa ternura. Que ela se mantenha reclusa; no entanto, ela não deveria refrear-se de ir ao meu templo, pois a fé lhe permite entrar no serviço da humildade para sua salvação. Contudo, visto que a Noiva de meu Filho é sempre íntegra, um homem que tenha ferimentos abertos, visto que a integridade de seus membros foi rompida pelo impacto de um golpe, não deverá entrar em meu templo, exceto sob o temor de grande necessidade, a fim de que não seja violado, como os membros intactos de Abel, que era o templo de Deus, foram cruelmente quebrados por seu irmão Caim.

V. 22 - Aqueles que têm relações sexuais com grávidas são assassinos

Não quero que a relação de um homem e de uma mulher aconteça, desde o momento em que a raiz de uma criancinha já tenha sido colocada na mulher, a fim de que o desenvolvimento daquela criancinha não seja manchado por sêmen excessivo e desperdiçado, até a purificação dela depois do parto. Depois disso, pode ser feita novamente, em retidão e não em imoralidade, pelo amor dos filhos. Dessa forma, a raça humana pode procriar pelo costume humano honesto, e não como pessoas tolas tagarelam quando alegam que é legítimo satisfazer sua concupiscência, dizendo: “Como podemos refrear-nos tão cruelmente?”. Ó humanos, se prestardes atenção ao diabo, ele vos incitará e vos destruirá com seu veneno mortal; mas se levantardes os olhos para Deus, ele vos ajudará e vos tornará castos. Vós não desejais a castidade em vossas ações em vez de luxúria? A mulher está sujeita ao homem nisso que ele lança sua semente nela, tal como trabalha a terra para fazê-la produzir fruto. Por acaso o homem trabalha a terra para que ela possa produzir espinhos e cardos? Jamais, mas para que dê frutos dignos, Assim também, esse empreendimento deveria ser pelo amor dos filhos, e não pela concupiscência do desejo. Portanto, ó humanos, chorai e clamai a Deus, a quem vós tão amiúde desprezais ao pecardes, quando lançais vossa semente na pior fornicção e, por conseguinte, vos tornais não somente fornicadores, mas assassinos; com efeito, deixais de lado o espelho de Deus e satisfazeis a própria concupiscência à vontade; portanto, o diabo sempre vos incita a isto, sabendo que desejais sua lascívia mais do que a alegria dos filhos. Ouvi, pois, vós que vos achais entre as torres da Igreja. Em vossa fornicção, não me acuseis, mas considerai a vós mesmos; pois quando vós me desprezais e correis para o diabo, fazeis coisas ilegais e, por isso, não desejais ser castos, conforme meu servo Oseias diz, ao falar dos povos corrompidos.

V. 26 - Depois que Adão foi expulso, Deus cercou o Paraíso

Mas, conforme se vê, depois que Adão e Eva foram expulsos do Paraíso, um esplendor luminoso rodeou aquela região. A partir do momento em que eles, devido à transgressão, saíram daquele lugar de deleite, o poder da majestade divina afastou toda nódoa de contágio do lugar e fortificou-o com sua glória, de modo que daquele momento em diante, ele não seria tocado por nenhuma intrusão, o que também mostrou que a transgressão que aconteceu ali seria abolida, um dia, por sua clemência e misericórdia.

V. 27 - A criação opôs-se à humanidade porque esta se rebelou contra Deus

E assim, *todos os elementos do mundo, que haviam existido antes em grande tranquilidade, caíram na maior agitação e mostraram horríveis terrores*; porque quando a humanidade escolheu a desobediência, rebelando-se contra Deus e abandonando a tranquilidade em prol da inquietude, aquela criação que fora feita para o serviço da humanidade voltou-se contra os humanos em uma infinidade de modos, de sorte que a humanidade, tendo-se rebaixado a si mesma, pudesse ser mantida sob seu controle. O que isso significa? Que a humanidade mostrou-se rebelde contra Deus no lugar dos deleites e, por conseguinte, aquela criação, que havia sido submetida a Ele agora se opõe.

V. 28 - A respeito do deleite do Paraíso

O Paraíso, no entanto, é o lugar de deleite, que floresce com o frescor das flores e da relva, e os encantos das especiarias, cheios de delicados odores e dotados da alegria das almas bem-aventuradas. Dando umidade revigorante à terra seca, fornece força vigorosa à terra, assim como a alma concede vigor ao corpo, pois o Paraíso não é obscurecido por sombra ou pela perdição dos pecadores.

V. 29 - Por que Deus fez a humanidade de maneira tal que ela pode pecar

Portanto, escutai e compreendei-me, vós que dizeis em vossos corações: “Que significam estas coisas e por quê?”. Oh, por que vós sois tão tolos em vossos corações, vós que fostes feitos à imagem e semelhança de Deus! Como podem tamanha glória e honra, que vos são dadas, existir sem tentação, como se fossem uma caixa vazia do nada! O ouro precisa ser provado no fogo, e as pedras preciosas, para serem suavizadas, precisam ser polidas, e todas as coisas desse tipo devem ser diligentemente

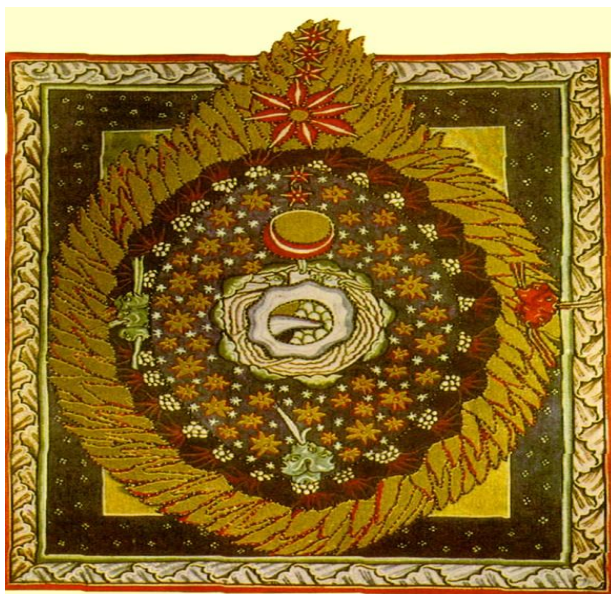
escrutinizadas. Consequentemente, ó tolos humanos, como pode o que foi feito à imagem e semelhança de Deus existir sem tentação? Com efeito, a humanidade deve ser examinada mais do que qualquer outra criatura e, portanto, deve ser testada através de outra criatura. Como?

O espírito deve ser provado pelo espírito, a carne pela carne, a terra pela água, o fogo pelo frio, a luta pela resistência, o bem pelo mal, a beleza pela deformidade, a pobreza pela riqueza, a doçura pela amargura, a saúde pela doença, o longo pelo curto, o duro pelo macio, o alto pelo profundo, a luz pela escuridão, a vida pela morte, o Paraíso pelas punições, o Reino celestial pela Geena, as coisas terrenas pelas coisas terrenas, e as coisas celestiais pelas coisas celestiais. Por conseguinte, a humanidade é testada por cada criatura, no Paraíso, na Terra e no Inferno; então, ela é colocada no Céu. Vedes claramente apenas algumas poucas coisas dentre muitas que estão ocultas aos vossos olhos. Então, por que zombais do que é direito, e sincero, e justo, e bom entre todas as boas coisas aos olhos de Deus? Por que pensais que tais coisas são injustas? Deus é justo, mas a raça humana é injusta ao transgredir os preceitos de Deus quando pretende ser mais sábia do que Deus.

V. 33 – Elogio da humildade e da caridade acima de todas as outras virtudes

Sem dúvida, a humildade levou o Filho de Deus a nascer da Virgem, em quem foi encontrada a humildade, não ávidos abraços ou beleza da carne, ou riquezas terrenas, ou ornamentos de ouro, ou honras mundanas. Mas o filho de Deus jazeu em uma manjedoura, porque sua mãe era uma jovem pobre. A humildade sempre geme, chora e destrói as ofensas, pois essa é a sua obra.

TERCEIRA VISÃO: O UNIVERSO E SEU SIMBOLISMO



O Universo – SCIVIAS, 2015. p.137

V. 30 - Analogia do médico

Eu sou o grande médico de todas as doenças e ajo como um doutor que vê um homem doente, que anseia por ser curado. O que isso significa? Se a doença é leve, ele a cura facilmente, mas se é séria, o médico diz à pessoa doente: "Exijo prata e ouro de ti. Se mos deres, ajudar-te-ei". Eu também, ó humano, faço isso. Pecados sem importância eu limparei nos gemidos, e nas lágrimas, e nas boas resoluções das pessoas; já para faltas graves, digo, ó humano, dedica-te à penitência e à correção, e mostrar-te-ei minha misericórdia, e dar-te-ei vida eterna. Não deverás escrutinizar as estrelas nem outras criaturas acerca de acontecimentos futuros, nem adorar o diabo, nem invocá-lo, nem perguntar-lhe alguma coisa. Com efeito, se buscares saber mais do que deves saber, serás enganado pelo antigo sedutor. O primeiro homem buscou mais do que deveria ter buscado, e foi enganado por ele, e caiu na perdição. Mas o diabo não previu a Redenção da humanidade, quando o Filho do Homem matou a morte e despedaçou o Inferno. O diabo, no princípio, conquistou a humanidade servindo-se da mulher, mas Deus, por fim, esmagou-o por meio da mulher que deu à luz o Filho de Deus. E este maravilhosamente aniquilou-lhe as obras, conforme atesta-o meu amado João.

V. 31 - Palavras de João

“Por esta razão, o Filho de Deus apareceu, para que pudesse destruir as obras do diabo!” (I Jo, 3,8). O que isso significa? O grande esplendor, o Filho de Deus, apareceu para a saúde e salvação da humanidade, assumindo a pobreza de um corpo humano, mas brilhando como uma estrela candente em meio às nuvens ensombreadas. Foi colocado no lagar, onde o vinho é esmagado sem os sedimentos da fermentação, porque ele, a pedra angular, caiu sobre o lagar e fabricou vinho de tal sorte que emitiu o maior odor de doçura. Ele, brilhando como um ser humano glorioso em meio à raça humana, sem nenhuma mistura de sangue poluído, pisou, com seu pé belicoso, a cabeça da antiga serpente; ele destruiu todos os dardos de sua iniquidade, cheios de ira e de devassidão como estavam, e tornou-o completamente desprezível. Portanto, quem quer que tenha o conhecimento do Espírito Santo e asas da fé, não ignore minha admoestação, mas experimente-a, abrace-a e receba-a em sua alma.

QUARTA VISÃO: A ALMA E SEU TABERNÁCULO



Corpo e alma – SCIVIAS, 2015. p. 159

V. 13 – A respeito da desigualdade da semente humana e a respeito da diversidade das pessoas provenientes dela

Podem-se ver também sobre a Terra pessoas carregando leite em vasos de barro e fazendo queijos dele; estas são as pessoas no mundo, tanto homens quanto

mulheres, que têm em seus corpos a semente humana, da qual as várias raças de povos são procriadas. Uma parte desse leite *é espessa, e dela fazem-se queijos fortes*; de fato, aquele sêmen forte, que é bem amadurecido e robustecido proveitosamente, produz povos enérgicos, a quem são dados dons espirituais e corporais brilhantes por seus grandes e nobres ancestrais, fazendo-os florescer em prudência, discrição e utilidade em suas obras diante de Deus e da humanidade, e o diabo não encontra neles espaço. *E outra parte é fina, e dela coagulam-se queijos fracos*; com efeito, esse sêmen, imperfeitamente amadurecido e avigorado em uma estação fraca, produz povos fracos, que são, em sua maioria, tolos, lânguidos e inúteis em suas obras perante os olhos de Deus e do mundo, não buscando ativamente a Deus. Mas, também, uma parte é misturada com corrupção, e dela formam-se queijos amargos; efetivamente, aquele sêmen é ordinariamente emitido na fraqueza e na confusão, e misturado inutilmente, e produz povos deformados, que muitas vezes têm amargura, adversidade e opressão do coração e são assim, incapazes de erguer suas mentes a coisas mais elevadas. Apesar de tudo, muitos deles se tornam úteis; embora eles sofram muitas tormentas e problemas em seus corações e em suas ações, eles se saem vitoriosos. De fato, se fossem deixados em paz e quietos, eles se tornariam lânguidos e inúteis; portanto, Deus força-os e condu-los à senda da salvação.

V. 15 - Por que nascem crianças atrofiadas e deformadas

E frequentemente, conforme vês, quando macho e fêmea se unem no esquecimento de mim e na zombaria do diabo, aqueles que nascem descobrem-se atrofiados, de modo que seus pais, que transgrediram meus preceitos, *podem sentir-se angustiados por terem tais filhos e, assim, retornem a mim na penitência*. Muitas vezes, permito que esses estranhos nascimentos aconteçam entre as pessoas para minha glória e a dos meus santos, de modo que, quando aqueles *que são assim deformados são restaurados à saúde, mediante o auxílio de meus eleitos*, meu nome pode ser mais ardentemente glorificado entre as pessoas. (177)

V. 16 - Uma criança é vivificada no ventre e confirmada por uma alma ao deixá-lo

E se vê a imagem de uma mulher que tem uma perfeita forma humana em seu ventre. Isso significa que, depois que uma mulher concebeu pelo sêmen humano, uma criança, com a totalidade de seus membros, é formada na câmara secreta de seu ventre. E aí está: pelo secreto desígnio do Supernal Criador; aquela forma mexe-se com

movimento vital, pois, pelo comando e pela vontade secreta e oculta de Deus, adequada e justamente, no tempo divinamente determinado, a criança no ventre maternal recebe um espírito, e mostra pelos movimentos de seu corpo que vive, tal como a terra se abre e produz as flores costumeiras quando o orvalho cai sobre ela. De modo que um globo ígneo que não tem traços humanos tem assim a posse do coração; ou seja, a alma, ardendo com um fogo de profundo conhecimento, discerne o que quer que haja dentro do círculo de sua compreensão e, sem a forma de membros (visto que não é corpórea ou transitória como um corpo humano) infunde força ao coração e governa todo o corpo como seu fundamento, tal qual o firmamento do céu contém as regiões mais baixas e toca as mais elevadas. E também toca o cérebro da pessoa; de fato, em seu poder, ela conhece não somente coisas terrenas, mas também coisas celestiais, visto que, sabiamente, conhece a Deus; e ela se espalha por todos os membros da pessoa: com efeito, confere vitalidade à medula, e às veias e aos membros de todo o corpo, tal como a árvore, a partir de suas raízes, leva seiva e verdor a todos os ramos. Mas, então, esta forma humana, vivificada desta maneira, adianta-se do ventre da mulher e muda sua cor de acordo com cinco movimentos que o globo faz naquela forma; o que quer dizer que, depois que a pessoa recebeu o espírito vital no ventre maternal, e nasceu, e começa suas ações, seus méritos serão de acordo com o que sua alma realiza com o corpo, pois ele será posto na luz a partir das boas obras e, na escuridão, a partir das más. (178)

V. 30 - Palavras de Deus à humanidade, segundo as quais ela deveria obedecer aos preceitos divinos

O primeiro homem também conheceu a Deus e o amou na simplicidade e, recebendo seus preceitos, dispôs-se a obedecer; mas em seguida, inclinou-se para o mal e cometeu a desobediência. De fato, quando o diabo lhe sugeriu o mal, ele se esqueceu do bem e perpetrou o mal e, conseqüentemente, foi expulso do Paraíso. Portanto, o mal deve ser lançado dentro da perdição da morte, e o bem abraçado no amor da vida.

SEGUNDO LIVRO – O REDENTOR E A REDENÇÃO

PRIMEIRA VISÃO: O REDENTOR



O Redentor – SCIVIAS, 2015. p. 217

V. 7- Depois das outras criaturas, o ser humano foi criado da lama terrena

Mas então a mesma chama, que está naquele fogo e naquela ardência, estende-se a um montículo de lama que jaz no fundo da atmosfera. Isso quer dizer que, depois que as outras criaturas foram criadas, a Palavra de Deus, na forte vontade do Pai e no supremo amor, considerou a pobre frágil matéria da qual a débil fragilidade da raça humana – tanto os bons quanto os maus – devia ser produzida, jaz agora em pesada inconsciência e ainda não despertada pelo sopro da vida; e aquece-o, de modo que se transforma em carne e sangue, isto é, derramou robusto calor dentro dele, pois a terra é o material carnal dos humanos, e nutriu-o com umidade, como uma mãe dá leite a seus filhos; e sopra sobre ele até que ele se erga sob a forma de um ser humano; despertou-o pelo poder celestial e miraculosamente ergueu um ser humano com inteligência de corpo e de mente.

V. 8 - Adão aceitou a obediência, mas, por conselho do diabo, não obedeceu

Quando isso é feito, o fogo ardente, por meio daquela chama que arde abrasadoramente com um suave sopro, oferece ao humano uma flor branca, que pende daquela chama, tal como o orvalho pendura-se na relva. Efetivamente, depois que

Adão foi criado, o Pai, em sua lúcida serenidade, deu a Adão, através de sua Palavra no Espírito Santo, o doce preceito da obediência, que em vigorosa fertilidade pendia da Palavra; por certo o doce odor da santidade gotejou do Pai no Espírito Santo, através da Palavra, e produzia fruto na maior abundância, tal como o orvalho que, caindo sobre a relva, a faz crescer *Seu perfume chega às narinas do humano, mas ele não a saboreia com sua boca, nem a toca com suas mãos*; de fato, ele tenta conhecer a sabedoria da Lei com sua inteligência, como se fosse com o nariz, mas não a digeriu perfeitamente colocando-a na boca, nem a cumpriu em completa bem-aventurança mediante a obra de suas mãos. *E assim, ele vira-se e cai na mais espessa escuridão, da qual não pode sair*. Na realidade, por insinuação do diabo, ele voltou as costas para o mandamento divino e afundou na escancarada boca da morte, visto que não buscou a Deus, nem pela fé, nem pelas obras; e, portanto, sobrecarregado pelo pecado, ele não podia erguer-se para o verdadeiro conhecimento de Deus, até que veio aquele que obedeceu a seu Pai sem pecar e em plenitude.

TERCEIRA VISÃO - A IGREJA NOIVA DE CRISTO E A MÃE DE FIÉIS



Mãe Igreja - SCIVIAS, 2015. p. 241

V. 18 - Porque a dupla Lei não foi dada a Adão

Mas a dupla Lei não foi dada a Adão. Por quê? Eu lhe dei uma lei acerca da árvore quando ele me respeitava na inocência de seu coração. Contudo, ele desprezou-me e concordou com a astuta serpente, e isso foi tão perigoso que nenhum olho mortal será capaz de ver-me enquanto permanecer neste mundo transitório. E porque Adão transgrediu meu preceito, ele e sua raça ficaram sem lei até o tempo que a nobreza de meu Filho prefigurou.

V. 22 - A criação de Adão teve três causas; assim também um homem que gera filhos

Na verdade, um homem tem três causas para seu ato: desejo, potência e zelo. Seu desejo inflama sua potência, e assim, tanto no homem quanto em sua obra, há zelo para completar a obra e vontade ardente. Da mesma maneira, houve três causas em ato na criação de Adão: a vontade de Deus formou a humanidade por meio de seu poder e aperfeiçoou-o em grande ternura amorosa à sua imagem e semelhança. Assim, na vontade de Deus nota-se um paralelo com o desejo de um homem; no poder de Deus, a potência de um homem; e na ternura amorosa da vontade e do poder de Deus, o zelo do desejo e da potência do homem.

Dessa maneira, a raça humana é gerada por homens e mulheres, como Deus fez a humanidade da lama da terra; e assim como a terra, em seu vigor, é constituída para produzir, a partir de sementes, os frutos do campo, assim também as mulheres, para dar à luz crianças nas águas do nascimento. O que isso significa?

Uma mulher, de vez em quando, torna-se consciente da umidade em si, que se difunde através dela no fluido da fertilidade, com calor. De outra forma, ela não estaria disposta a receber o marido, mas o recusaria e não consentiria à vontade dele, nem procriaria filhos. Na verdade, se ela não tivesse o fluido da fertilidade com calor, ela permaneceria estéril como a terra seca, que não serve para nenhuma utilidade frutuosa. Mas esse fluido de fertilidade não está sempre inflamado no ardor do desejo em uma mulher, a menos que ela tenha sido previamente tocada por um homem, e assim conhece a paixão do ardor do desejo; com efeito, nela o desejo não é tão forte e ardente quanto em um homem, que é tão forte quanto um leão em seu desejo pela ação de procriar. Ele, portanto tem a força do desejo e a ação, e a tarefa da mulher é apenas submeter-se ao comando de sua vontade; em seguida, ela fica ocupada com a procriação de sua descendência, até que os traga ao mundo.

V. 26 - O Céu estava fechado para a humanidade por causa da falta de Adão, até que veio o Filho de Deus

A Queda de Adão fechou o Céu por minha ira; efetivamente, a humanidade zombou de mim e deu ouvidos à ardilosa serpente e, por conseguinte, toda a glória do Paraíso lhe foi fechada. Esse fechamento durou até a vinda de meu nobre Filho, que, por minha vontade, entrou na corrente do Jordão, onde minha voz ressoou misericordiosamente, quando eu disse que ele era meu amado Filho, em quem me comprazia. Quis assim, a fim de que, no final dos tempos, eu pudesse redimir a humanidade através de meu Filho, que se une a mim no mais brilhante calor do amor, como o favo ao mel; portanto, eu o enviei à fonte, que simboliza a mim, a Fonte de água viva, de modo que ele mesmo, que é a fonte da salvação, pudesse soerguer aquelas almas a quem o Espírito Santo, pela água, redimira do pecado e da morte eterna. Razão pela qual o Espírito Santo apareceu lá também, pois, através dele, é concedida aos fiéis a remissão dos pecados; ou seja, no segredo místico, quando meu Unigênito foi indicado pelo Espírito Santo sob a forma de uma pomba, pássaro de comportamento simples e honesto; e semelhantemente, o Espírito Santo, acima de todo o bem, é bondade e justiça simples e infalível.

LIVRO SEGUNDO – QUINTA VISÃO: AS TRÊS ORDENS NA IGREJA (O CORPO MÍSTICO)



O corpo místico – SCIVIAS, 2015. p. 285

V. 12 - A grande diferença entre desejo celestial e lascívia terrena

Contudo, por baixo daquele esplendor, que cintila como a aurora, vê-se aparecer, entre o Céu e a Terra, uma espessa escuridão, cujo horror excede o que a língua humana é capaz de narrar. Isso é para dizer que, sob a glória da virgindade, a Queda de nosso primeiro pai encontra-se claramente entre o intelecto espiritual e o carnal, e que a Queda foi a mais escura sombra da infidelidade, de modo que ninguém podia explicar-lhe o terror. Por quê? Porque na Encarnação do Filho de Deus, nascido da Virgem, o desejo celestial foi supremo, ao passo que a lascívia terrena estava ausente; assim, a transgressão de Adão foi transformada miraculosamente em salvação pelo sangue do Filho de Deus; não anteriormente, visto que ninguém, senão o Unigênito de Deus, enviado ao mundo pelo Pai, podia eliminar aquela transgressão e possibilitar o acesso ao Céu. Portanto, conforme se ouve nesta visão, a menos que o Filho de Deus tivesse derramado seu sangue pela salvação humana, aquela transgressão teria oprimido a humanidade de tal sorte que ela não poderia ter alcançado a alegria dos cidadãos do Céu.

LIVRO TERCEIRO – A HISTÓRIA DA SALVAÇÃO SIMBOLIZADA POR UM EDIFÍCIO

PRIMEIRA VISÃO – DEUS E A HUMANIDADE



Aquele que está sentado no trono – SCIVIAS, 2015. p. 285

V. 16 - A glória perdida pelo diabo e pelos outros foi salva pelo Pai

Quando o diabo, por causa de seu orgulho e obstinação, perdeu seu imenso esplendor (pois Lúcifer era de luz mais pura do que todos os outros anjos), e quando as sementes da morte entraram nele e em todos os seus seguidores, aquele esplendor retornou a Deus Pai para ser conservado em seu secreto coração. De fato, não se permitiu que a glória daquele esplendor se desperdiçasse: Deus a conservou como uma luz para outras de suas criaturas. Com efeito, Deus, que ordenou que uma variedade dessas criaturas a saber, o diabo e todo o seu séquito, surgisse sem carne, mas brilhantes em esplendor, conservou esse esplendor para a lama que ele transformou em ser humano; este surgiu coberto com uma vil natureza terrena, para que não possa exaltar-se com a semelhança de Deus.

Na verdade, aquele que foi criado em brilhante esplendor, mas não revestido em uma forma miserável, como o são os humanos, não podia manter sua autoexaltação; há somente um Deus Eterno, sem começo nem fim. E assim, comparar-se a Deus é o mais perverso de todos os crimes. E desse modo, eu, o Deus do Céu, guardei a ilustre luz, que saiu do diabo devido a seu crime, e escondi-a dentro de mim mesmo até que a dei à lama da terra, que eu havia formado à minha imagem e semelhança; tal como faz um ser humano quando seu filho morre e sua herança não pode passar a filhos deste. Quando ele não tem filhos para herdar, o pai conserva a herança e planeja dá-la a filhos ainda não nascidos; e quando tais filhos tiverem nascido dele, ele lhas dará.

SEGUNDA VISÃO – O EDIFÍCIO DA SALVAÇÃO



O edifício da salvação – SCIVIAS, 2015. p. 469

V. 21- Os cinco ferimentos de Cristo apagam os pecados

E vê-se que o edifício tem cinquenta côvados de largura quer dizer que toda a largura dos vícios da humanidade deveria ter construído e reverenciado a obra de Deus, mas em vez disso, seguiu suas próprias paixões, é misericordiosamente apagada e perdoada pelas cinco chagas que meu Filho sofreu na cruz. Assim, os ferimentos de suas mãos apagam o ato de desobediência feito pelas mãos de Adão e Eva; as chagas de

seus pés clareiam o caminho do exílio para a humanidade voltar; e a ferida de seu lado, da qual jorrou a Igreja, limpou o pecado de Eva e de Adão depois que Eva foi feita do lado de Adão. E, portanto, meu Filho foi pregado na árvore a fim de abolir o que havia sido feito através da árvore, que ocasionou o pecado; e, por conseguinte, ele bebeu vinagre e fel a fim de eliminar o gosto do fruto pernicioso.

LIBER VITAE MERITORUM (1158-1163)

A segunda obra da trilogia visionária de Hildegarda de Bingen é o *Liber Vitae Meritorum* (Livro dos Méritos da Vida). Utilizaremos a versão em espanhol disponibilizada pela sociedade Hildegardiana, e traduzida do latim por Rafael Renedo⁶³.

PRIMEIRA PARTE: O HOMEM OLHA A OESTE E AO SUL

V. 21 - Antes do princípio do tempo, o Senhor, com grande força e poder, deu vida a toda classe de criaturas. A vida que criou continha dentro de si a semente fértil para a multiplicação de todas as criaturas. E criou todas as coisas completamente boas, de acordo com o plano que Ele tinha traçado desde sempre.

QUARTA PARTE: O HOMEM OLHA AO SUL E A OESTE

V. 20 - **A Terra, que sustenta e apoia as demais criaturas, também mantém o homem com tudo o que é necessário para seu corpo**

A terra em que o homem se encontrava desde a panturrilha até os joelhos tem humores, força vital e gérmen, visto que, contendo o que Deus ligou, dobrando, comprimindo e elevando seus elementos, e que sustenta com a sua força, tem em si o humor das águas superiores, interiores e subterrâneas para não ser reduzida a pó. E tem também a força vital de tudo o que nasce e cresce e contém o fluido vital que faz crescer a semente de tudo o quanto nela brota, e faz germinarem as flores com a plena louçania de sua fertilidade. A terra está, em certo sentido, na florescente e vigorosa beleza do homem, como se a força da terra servisse a ele de adorno. Porque a terra, quando forma e nutre o homem, e quando sustenta e apoia todas as demais criaturas que estão ao serviço do homem, mostra-se quase como uma flor de beleza e adorno da honestidade da virtude de Deus, que prepara, com sua força e justiça, todas as coisas. Do mesmo modo, a terra honra a potência de Deus, pois mantém o homem, que sempre tem que louvar e glorificar a Deus por tudo o que é necessário para seu corpo; e também sustenta

⁶³ As traduções das visões de Hildegarda na obra *Liber Vitae Meritorum*, para a língua portuguesa são de nossa autoria.

todas as demais criaturas que podem ser úteis ao homem, já que ela apoia a prosperidade de todos. Na verdade, quando o homem elogia a excelência de Deus, é como se a terra, de que é feito o homem, tributasse honras ao próprio Deus nas justas e santas obras dos homens. E isso ocorre porque a terra produz a vida em todas as suas formas. *Certamente todas as criaturas terrenas que se formaram foram produzidas pela terra.* Portanto, é uma espécie de mãe para os muitos tipos de criaturas, tanto as que nascem da carne como as que se desenvolvem de sementes, pois toda criatura terrena que tem forma e vida nasceu dela. E também o homem, que é animado pela racionalidade e pelo sopro da inteligência, está formado da terra.

V. 21 - A terra é matéria da obra de Deus no homem, e é também a matéria da humanidade do filho de Deus

A terra é o material da obra de Deus no homem, e é também matéria da humanidade do Filho de Deus, porque Deus criou o homem da terra, e a terra era também o material daquela Virgem sem mancha que deu a luz ao filho de Deus em sua pura e santa humanidade.

V. 114 - As mulheres que destruírem a vida humana que germina nelas, aceitem como penitência jejuns e açoites

As mulheres que destruíram a vida humana que germinava nelas, e, portanto, a condição material de uma pessoa, são sujeitas a rigorosa penitência, com jejuns severos e silícios dolorosos, para poderem livrar-se das penalidades descritas acima.

V. 115 - Os que levam à morte seus filhos nascidos, afligindo-se com jejum muito rigoroso, flagelação e vestidos ásperos, fazendo penitência na angústia da solidão

Aqueles que levam a morte a seus filhos já nascidos, pecando assim de modo mais que bestial, para livrar-se da condenação da morte eterna sejam punidas com a aspereza da solidão, com severos jejuns, cruéis cilícios e ásperas vestimentas para encontrar o remédio de salvação na vida futura.

SEGUNDA PARTE: O HOMEM OLHA A OESTE E AO NORTE

V. 41. A gula, seu comportamento e seu sentido

O homem foi seduzido em primeiro lugar pelas astúcias da serpente através da comida. Este pecado se combate com a abstinência, e o homem já está advertido para que não se exponha ao escárnio.

SEXTA PARTE

O HOMEM REMOVE TUDO, ATÉ OS QUATRO CONFINS DA TERRA

V. 16 - O diabo não encontrou animal mais inteligente para enganar o homem do que a serpente

O diabo enganou o primeiro homem no Paraíso por meio da serpente, já que entre todos os gêneros de animais, não encontrou outro mais inteligente para enganar o homem. Como o diabo temia acercar-se abertamente do homem, elegeu a serpente como meio do engano. Porque a serpente tem duas naturezas, ou seja, às vezes está na água e às vezes sobre a terra. Em ambos os elementos é sibilante e pérfida: da água tira os silvos e da terra, a perfídia. Por isso tem um movimento sinuoso em torno da água, e na terra, quase suplicante. Sua natureza é tal que engana com malícia o homem, e o mata com seu veneno mortal. Porém se o homem consegue vencê-la, em seguida se esconde e astutamente se move para ele.

Com a astúcia de uma serpente, o diabo persuadiu o homem a não ter nem alegria nem confiança em Deus. O homem, ao provar a maçã, adquiriu a ciência do bem e do mal e, com esse conhecimento, percebeu que havia pecado. Deste modo, o diabo infundiu no homem todo mal, mal que logo foi apagado pelas águas do batismo.

Homens se manifestando como se eles fossem espíritos celestes

(....) e ouvi uma voz do Céu que disse: “O ser humano que viu estas coisas e as revelou escrevendo-as, vive a vida terrena e não vive, considera-se cinza e não se considera, revela os milagres de Deus, não por si, mas porque isto o tem tocado, tal como a corda de cítara quando pulsa e produz um som não por si, mas sim porque alguém a tocou. Tudo isso é verdadeiro, e Ele, que é verdadeiro, quis se manifestar assim na verdade. Portanto se alguém com coração soberbo pelo conhecimento das Escrituras ou simplesmente por espírito presunçoso tratar de modificar seu sentido, merece ser submetido às penas que aqui foram descritas. Ou, se alguém, para opor-se, elimina algo em particular, merece ser privado dos gozos antes mostrados”.

E de novo, ouvi uma voz do Céu que me disse: “(...) tudo isto tem sido revelado e dito pela viva voz da eterna Luz Vivente e é digno de fé. Quem tem fé considera-o cuidadosamente, e o recorda para atuar o bem”. (p.254)

LIBER VITAE MERITORUM (1158-1163)

A terceira obra da trilogia visionária de Hildegarda de Bingen é o *Liber Vitae Meritorum* (Livro dos Méritos da Vida). Utilizaremos a versão em espanhol disponibilizada pela sociedade Hildegardiana, e traduzida do latim por Rafael Renedo⁶⁴.



PRIMERA PARTE

⁶⁴ As traduções das visões de Hildegarda na obra *Liber Vitae Meritorum*, para a língua portuguesa são de nossa autoria.

Na primeira parte se descreve a estrutura do universo, a criação dos anjos, a queda de alguns deles, a criação do homem à imagem e semelhança de Deus, sua Queda e a promessa da Redenção. Descrição das forças que atuam no universo, simbolizadas em círculos, astros e ventos, sua missão e como atuam sua influência e utilidade para o homem. Relações entre os elementos que compõem o universo, influência da queda do anjo, relação e influência dos elementos cósmicos na alma e no corpo do homem e juízo do homem por Deus.

PRIMEIRA VISÃO DA PRIMEIRA PARTE



Liber Divinorum Operum - 2013. p.31

V. 3 - Ouvi de novo a mesma voz do Céu que se dirigiu a mim nestes termos: Deus que criou tudo formou o homem à sua imagem e semelhança. Nele representou todas as

criaturas superiores e inferiores. Amou-o com um amor tal que lhe reservou o lugar do anjo caído e lhe reservou toda a glória e toda a honra que o já citado anjo havia perdido.

V. 14 - Quando Deus criou o homem, revestiu-o de uma veste celestial que resplandecia com grande glória. Porém Satanás viu a mulher e reconheceu nela a mãe em cujo seio se alojaria um possível grande mundo. Então tratou de vencer a Deus em sua própria obra com a mesma perversidade com que se revoltou contra Deus (...) de modo que o homem se aliasse ao diabo. Foi quando, uma vez comida a maçã, a mulher se sentiu outra, deu a maçã ao homem e ambos perderam sua veste celestial.

V. 15 – Depois, Deus disse: Adão! Onde estás? Estas palavras significam que Deus tinha sempre presente que havia criado o homem à sua imagem e semelhança e que desejava atraí-lo de novo para seu lado. Adão revestiu, ele mesmo, sua nudez com o produto de seu trabalho servil e foi para o desterro. Cobriu-se com uma pele de ovelha no lugar da vestimenta de luz, assim como havia trocado o Paraíso pelo desterro. Em seguida, Deus uniu a mulher ao homem com um juramento de fidelidade para que esta fidelidade recíproca nunca fosse destruída. Assim, a mulher e o homem que Deus uniu formam uma harmonia semelhante à união de corpo e alma. Quem romper o juramento de fidelidade e persistir em seu erro encontrará o exílio da Babilônia, ou seja, uma terra caótica e baldia, em perpétua aridez, afastada do verdor dos prados fecundos. Ou seja, carente das bênçãos de Deus. E a vingança de Deus recairá sobre ele até a última linha da descendência de sangue reaquecido deste homem gerado, porque um pecado deste tipo afeta até os descendentes.

V. 16 – Tal como Adão é o pai de todo o gênero humano, assim o povo dos homens de fé brota do filho de Deus feito carne na virgindade de sua natureza.

V. 17 – (...) esta terra, prefigurada pela vara de Aarão, é a Virgem Maria. Em sua grande humildade, ela é a câmara nupcial do rei, a habitação selada. Uma vez recebida a mensagem que lhe anunciou o desejo do rei de residir nas dobras de seu seio, olhou a terra de que foi feita e se chamou Serva de Deus. (...) Assim, a obediência de Abraão, durante a prova a que Deus o submeteu quando lhe mostrou um carneiro preso em um espinheiro, prefigura a da Santíssima Virgem. Ela também creu na palavra do

mensageiro de Deus e desejou que fosse feito nela o que lhe anunciaram. E por isto o Filho de Deus, prefigurado pelo carneiro na mata, se revestiu de carne.

SEGUNDA VISÃO DA PRIMEIRA PARTE

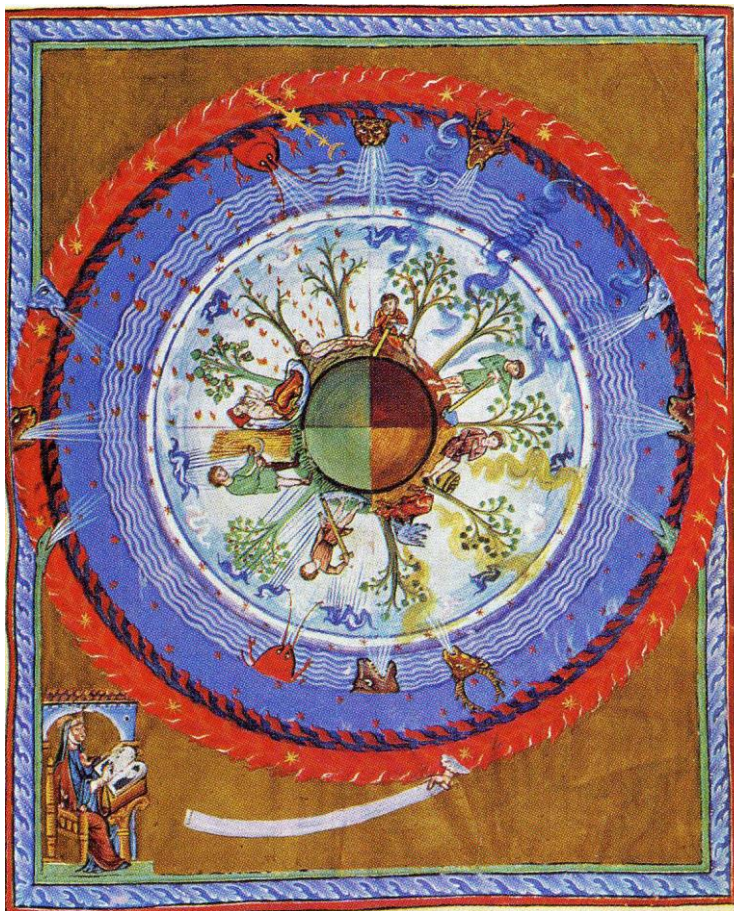


Liber Divinorum Operum - 2013. p. 41

V. 30 - Os castigos do Senhor têm sido severos, porém não me entregaram à morte (Sl. 117, 18). Isto se interpreta assim: O homem é muitas vezes inconstante e indisciplinado, e não é temeroso, exceto quando todas suas veias são atravessadas pelo sofrimento. Por isso, se compreende como o diabo enganou o primeiro homem quando o encheu de grande vaidade e ele queria ser o que não podia ser. Como resultado, o homem conheceu a tristeza e a dor. Na verdade, por causa do sofrimento, o homem adquiriu o medo; pela vaidade, o esquecimento; e pela desobediência à lei, a confiança tola. Porém, o temor de Deus prevalece, já que, graças ao temor, o homem treme diante de

Deus e conhece perfeitamente a inutilidade de todas as demais coisas. Primeiro, sobrevém ao homem o temor a Deus; em seguida, o abraço à caridade; e, por fim, chega o momento em que o homem ama a Deus e pensa como reconciliar-se com ele para que Deus não se recorde de sua iniquidade. Porém, quando o homem busca a Deus no amor, Deus não deixa de castigá-lo com sofrimentos contínuos, para fazê-lo dizer com confiança: “Ao castigar-me com seus flagelos, Aquele que é o Senhor de todas as coisas castiga um pecador; porém, sem dúvida, a causa daquele mesmo castigo com que me flagela não me entrega às penas mortais do Inferno, porque com amor eu fui buscá-lo e lhe confessei meus pecados; e neste mesmo castigo sou paciente e prudente, quando reconheço que seus juízos sobre minhas culpas são justos. E apresso-me, então, a voar para o seu lado com duas asas, a do conhecimento do bem e a do mal; com a asa direita ajudarei a esquerda até avançar no caminho reto e uniforme”.

QUARTA VISÃO DA PRIMEIRA PARTE.



V. 14 – (...) Do barro da terra formou o homem, com a forma prevista antes do começo dos tempos. Do mesmo modo que o coração do homem contém em si a racionalidade e põe em ordem as palavras que posteriormente emite. Assim, Deus, quando criou todas as coisas, produziu-as no Verbo, já que o Verbo é o Filho, escondido no Pai como o coração está escondido dentro do homem.

Deus fez o ser humano formando-o à sua imagem e semelhança porque quis recobri-lo de uma forma que revestisse a Santa divindade. Por isso depositou no homem o sinal de todas as criaturas, na mesma medida em que toda criatura procede da palavra divina. (...) Deus fez o homem e o vivificou com um alento vivente, que é a alma, e o coagulou na carne e no sangue, e o fez firme com a estrutura dos ossos, tal como a terra é consolidada pelas pedras, já que, como a terra não pode existir sem pedras, tampouco o homem pode existir sem ossos.

V. 37 – (...) Também o engano da serpente estava oculto e se manifestou quando a serpente interrogou a Eva pela primeira vez sobre o que ela não conhecia e a enganou porque ela, em princípio, era inocente. Assim, tudo que começou com o primeiro pecado original provém do engano do diabo, e se parece a uma névoa que se levanta do ar maléfico e cobre toda a Terra de modo que não se possa ver a pureza do dia – névoa que corrói as obras da sabedoria como se as depreciasse. Assim, o engano não tem nem alegria, nem felicidade e não há tranquilidade em nenhuma parte. Estas coisas indicam que todos os sentidos humanos se voltam para onde os dirige a intenção do homem, e as virtudes correm para corrigi-lo quando pergunta a Deus. O homem dirige seus sentidos para onde o conduz sua intenção; no entanto, não se conhecem os pensamentos de seu coração, porque permanecem em segredo. Por isso, Eva, quando foi enganada pelo diabo, não conhecia sua astúcia, porque o diabo se havia escondido tão bem que seu engano não pode ser visto por nossos primeiros pais. Assim, arrastou todo mundo para o mal, porque não tinha em si nada de bom.

V. 65 - A mulher é débil e se dirige ao homem para que cuide dela, como a lua recebe do sol a sua força. Por isto, a mulher está submetida ao marido e tem que estar sempre preparada para servi-lo. Porém é ela quem veste o homem com a obra de sua ciência porque foi criada da carne e do sangue; em troca, o homem foi barro antes de ser formado; e por isso ele, em sua nudez, se dirige à mulher para que ela o vista.

Tudo isso significa que o prazer da carne olha para o desejo da alma com grande tremor, porque a alma muitas vezes o repreende e submete. No entanto, não é capaz de

se separar das energias da alma, porque, como a mulher se dirige ao homem para que ele cuide dela, servindo-o com temor, assim o prazer da carne sempre olha na direção da alma. Porém, quando o homem, por causa do prazer, desfalece completamente, graças ao desejo da alma que o exorta, recobra de novo suas forças, e medita sobre porque não desiste do vício, embora tenha sido criado por Deus em tão grande honra. Deste modo a alma, com frequência, reconduz seu corpo ao amor das obras boas.

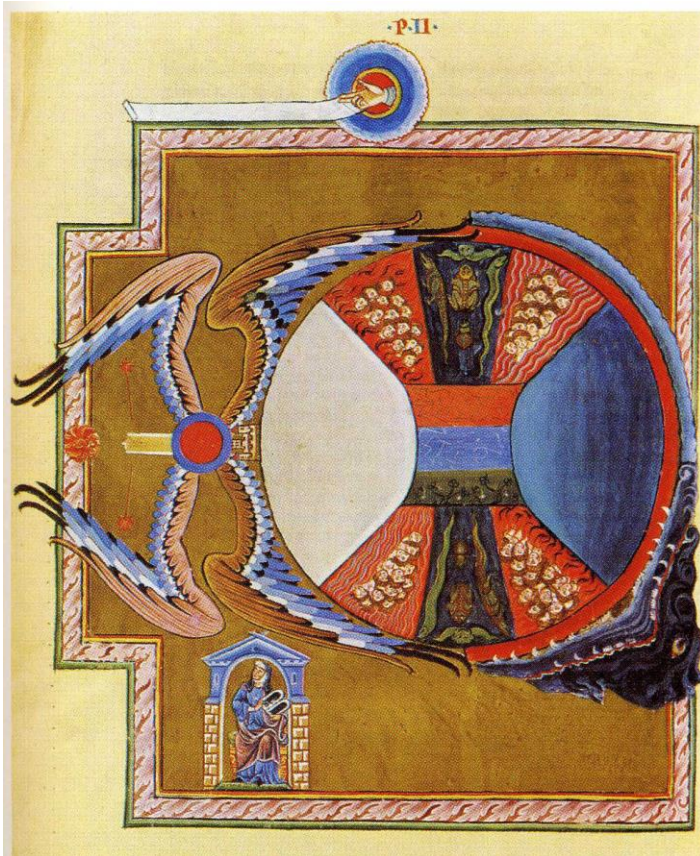
Esta faculdade de atuar diversamente é sempre interior ao homem, tanto que os anjos se alegram junto a Deus pelas boas ações humanas como se se levantassem na qualidade de juízes dos maus atos conforme o julgamento de Deus.

V.100 – (...) O homem e a mulher estão em relação tão estreita um com a outra que a obra de um se completa através da obra do outro; porque o homem sem a mulher não se chamaria homem, nem a mulher sem o homem teria o nome de mulher. A mulher é a obra do homem e o homem é o rosto do consolo da mulher e nenhum dos dois pode existir sem o outro. O homem representa a divindade, a mulher a humanidade do Filho de Deus. O ser humano se senta sobre o trono da Terra e manda sobre toda a criação, que lhe obedece e lhe é submissa.

SEGUNDA PARTE

Divisão do mundo em cinco partes entre as quais há umas cheias de luz e delícias e outras plenas de horror dos castigos e das trevas. Como o anjo caído inveja o homem pela glória perdida e pretende afastá-lo de Deus. Amplo comentário do capítulo primeiro do *Gênesis*, em que Hildegarda explica cada parágrafo, faz interpretações alegóricas; e mostra como todas estas conclusões se cumprem nos filhos da Igreja, formados na fé cristã, através da Encarnação do Filho de Deus, pela pregação do Evangelho e por obra do Espírito Santo.

PRIMEIRA VISÃO DA SEGUNDA PARTE



Liber Divinorum Operum - 2013. p.185

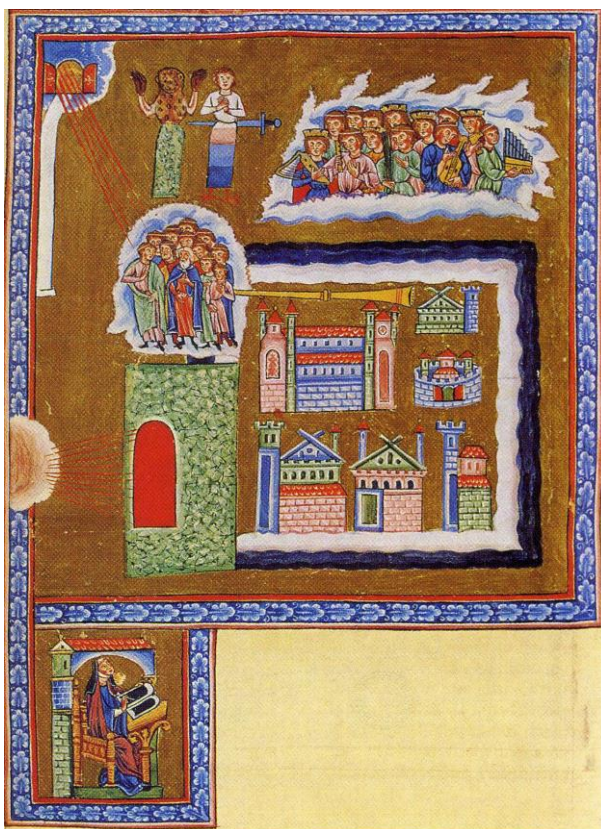
V. 9 – A antiga serpente se regozija com todas estas penas com que o homem se vê castigado na alma e no corpo. Ela, que perdeu a glória celeste, não quer que o homem a alcance. Efetivamente, quando percebeu que o homem atendeu ao seu conselho, ela começou a planejar para fazer guerra contra Deus dizendo: “Através do homem levarei a cabo todos os meus propósitos”.

V. 16 – (...) a antiga serpente, vendo que havia perdido o lugar onde quis se estabelecer, e que foi lançada no Inferno, exacerbou sua cólera contra a mulher reconhecendo nela a raiz do gênero humano, visto que é ela quem pare. Seu ódio cresceu ao extremo; e ela disse para si mesma que não deixaria nunca de persegui-la até que a destruísse, afogando-a na água do mar, depois de havê-la enganado primeiro.

TERCEIRA PARTE

Sobre a presciência, a predestinação e a ordem de Deus, que sabe com antecipação todas as coisas, desde a eternidade, que tudo cria no tempo e que examina com juízo severo as obras da criatura racional. Os anjos e a adoração das criaturas. História da humanidade e da salvação do homem, prenunciada pelos profetas. Diversidade dos tempos desde a origem do mundo até o presente. O Verbo encarnado atua para a salvação do homem por meio da Igreja. Estado atual da humanidade e crescimento da impiedade. Sobre a natureza dos juízos da potência divina, que se manifestaram quando se aproximou o fim do mundo. Como então, a maior parte dos homens abandonou a autêntica fé católica e se converteu ao filho da perdição. Sobre a concepção e o nascimento do Anticristo. Sinais, prodígios e tempestades que produziram com suas artes mágicas. Citações do Apocalipse de João sobre este tema. Breve epílogo deste livro, no qual se entoia a Deus um hino de louvor por sua obra, isto é, pela salvação do homem. Hildegarda e sua obra se encomendam a Deus e a seus fiéis.

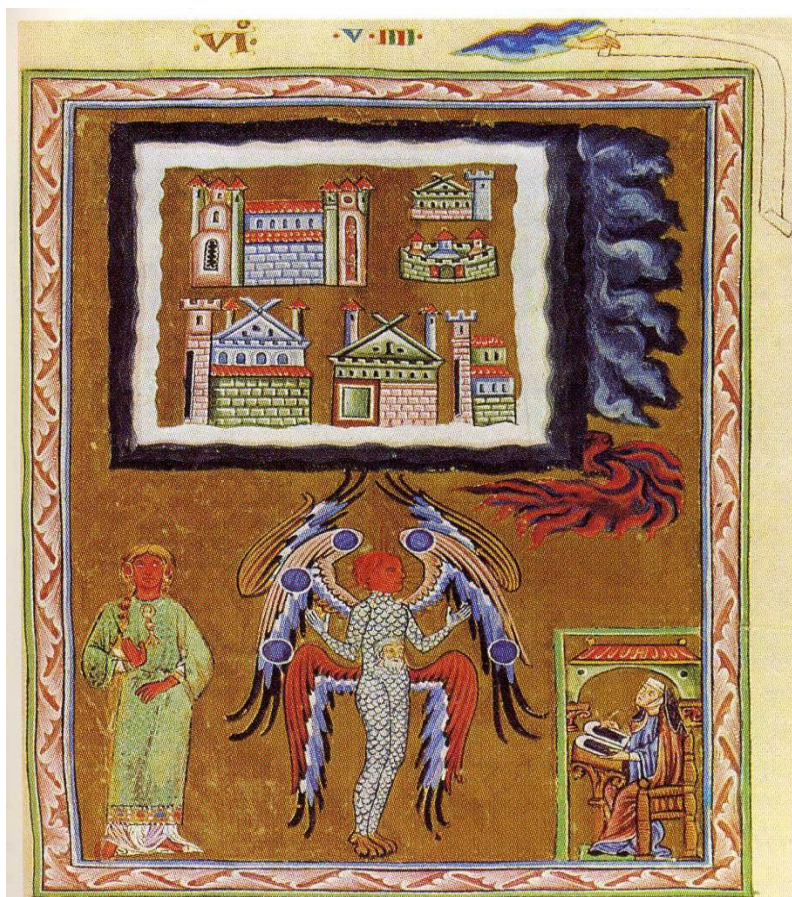
SEGUNDA VISÃO



V. 3 – (...) Deus criou o homem a partir da terra e o transformou em carne e sangue. **Porém, a mulher, tomada do homem, é carne de sua carne e não teve que se transformar em outra coisa.** Eles, no espírito de profecia sabiam por inspiração do Espírito Santo, que a mulher daria à luz o Filho de Deus como uma flor que cresce em ar fresco. Isto foi prefigurado na vara de Aarão separada da árvore, símbolo da Virgem Maria, cuja mente estava tão separada do homem que nunca foi tocado pelo prazer da união sexual, e seu único Filho foi gerado pelo fogo do Espírito Santo. Deus o cercou com todas as criaturas, que, surgidas dele, reconheceram dele o gosto e obedeceram todas à sua voz. Os profetas haviam dito que uma mulher pariria por obra do amor como a rama da raiz de Jessé, e todos aplicaram este parto virginal ao rei, isto é, ao Filho de Deus.

V. 13 – (...) como Eva foi extraída de um varão adormecido, que a viu diante de si sem dor nem ferida, e se alegrou. Do mesmo modo, a Virgem, única entre todas as mulheres, se alegrou por abrigar em seu seio a seu Filho. Eva não foi criada de semente, mas sim da carne do homem, já que Deus a criou com aquela mesma manifestação de potência com que enviou seu Filho à Virgem. E jamais tinham vindo ao mundo outras mulheres como Eva, Virgem e Mãe, nem como Maria, Mãe e Virgem. Deste modo Deus se revestiu de forma humana e com ela ocultou a própria natureza divina, aquela que os anjos contemplam no Céu. O Céu é morada de Deus, mas também do homem, ao qual é dada forma corpórea ordenada em três dimensões: altura, largura e profundidade, formando sua morada.

QUARTA VISÃO DA TERCEIRA PARTE



Liber Divinorum Operum - 2013. p. 267

V. 5 – (...) Enquanto Adão comeu a maçã nociva concebeu o gosto do pecado, que o fez ser capaz de pecar. Por isto, a glória do Paraíso o abandonou e foi enviado ao desterro. Em seguida, o diabo, para combater a Deus, lhe deu a luxúria e subverteu o modo de geração humana, mesclando-o com impudicícia. Enquanto refletia sobre seu engano, convenceu-se de que o homem, uma vez jogado no meio da imundície do pecado, não poderia entrar no Reino dos Céus, porque os filhos da fornicção não podiam formar parte do povo de Deus, e o próprio Deus não seria seu Deus. O diabo se alegrou muito da sujeira do impulso carnal, dizendo para si: “Eu tirei o homem do lugar glorioso em que ele estava e o joguei na máxima sujeira, e, portanto, não deixou a Deus sequer uma parte de si, porque Deus, que é todo puro, não quer, nem aceita a imundície. Assim, o homem cairá comigo”. Porém Deus não revelou à antiga serpente seu plano para libertar o homem e lavou, por meio de seu Filho, a sujeira que fermentou a causa do engano diabólico, fechando com Ele as feridas que a luxúria infligiu ao homem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

OBRAS DE HILDEGARDA DE BINGEN

HILDEGARDA DE BINGEN. *Liber Vitae Meritorum. Libro de los Méritos de la Vida.* Traducción del latín y notas por: Rafael Renedo. Madri: Hildegardiana, 2014. 256 p.

HILDEGARDA DE BINGEN. *Liber Divinorum Operum. Libro de Las Obras Divinas.* Traducción del latín y notas por: Rafael Renedo. Madri: Hildegardiana, 2013. 317 p.

HILDEGARDA DE BINGEN. *O livro das pedras que curam.* Sabedoria divina sobre a utilidade das pedras. Traducción: José María Sánchez de Toca. Espanha: Livros Livres, 2012, 257p.

HILDEGARDA DE BINGEN. *SCIVIAS, conhece os caminhos do Senhor.* Tradução: Paulo Ferreira Valério. – São Paulo: Paulus, 2015. 772 p.

HILDEGARDA DE BINGEN. *SCIVIAS, conoce los caminos.* Traducción de Antonio Castro Zafra y Mónica Castro. – Madri: Editorial Trota, 1999. 508p.

HILDEGARDA DE BINGEN. *Libro de las Causas y Remedios de las Enfermedades.* Traducción: José María Puyol y Pablo Kurt Rettschlag. Madri: Hildegardiana. 2013a. 189p.

AUTORES ANTIGOS E MEDIEVAIS:

AGOSTINHO Santo, Bispo de Hipona,; PEREIRA, J. Dias. *A cidade de Deus.* 2.ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000. 3 v.

BÍBLIA Sagrada. 10. ed. [s.l.]: Edições Paulinas, 1957. 1501p.

SAN BERNARDO. *Homilias sobre la Santísima Virgen Maria*. Tradução: Fr. Lorenzo Molinero. Buenos Aires, Cursos de Cultura Católica, 1941. 268 p.

SAN BERNARDO. *Obras completas de San Bernardo*. Edición española preparada por el P.Gregorio Diez Ramos. Madri: Biblioteca de Autores Cristianos. 1953. 1265p.

SÃO BENTO. *A regra de São Bento* (latim - português). Tradução: D. João E. Enour OSB. Juiz de Fora: Edições Subiaco, 2012. 377p.

ESTUDOS:

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Tradução: Alfredo N. Galletti. 5. ed. rev. e ampl. São Paulo: Martins Fontes, 2007. 1210 p.

AMATO, Ângelo. *Santa Hildegarda de Bingen*. Tradução: Mário José Dos Santos, ssp. Lisboa: Paulus Editora, 2013. 77p.

ARIES, Philippe; DUBY, Georges. *História da vida privada* / [coleção dirigida por] Philippe Aires e Georges Duby. Tradução: Hildegard Feist. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009. 5 v.

AUERBACH, Erich. *Introdução aos estudos literários*. Tradução: José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1972. 278 p.

AUERBACH, Erich. *Mimesis; a representação da realidade na literatura ocidental*. Tradução: Suzi Frankl Sperber. - São Paulo: Perpectiva, 1971. 496p.

AZEVEDO Leandro Villela. Midrash Rabbah: a Torá oral e a discussão rabínica medieval. Cadernos de Pesquisa do CDHIS — n. 36/37 — ano 20 — p. 165-174 — 2007. www.seer.ufu.br/index.php/cdhis/article/download/1212/1170 Consultado em 09/01/17.

AZUCENA A. Fraboschi; AVENATTI de Palumbo Cecilia Inés e ORTIZ, María Esther. *Cartas de Hildegarda de Bingen. Epistolário completo. Volume I*. Buenos Aires: Miño y Dávila, 2015. 301 p. in:

https://www.academia.edu/19387901/Cartas_de_Hildegarda_de_Bingen._Epistolario_completo._Volumen_I_2015_

BASCHET, Jérôme. *A civilização feudal: do ano mil à colonização da América*. Tradução: Marcelo Rede; São Paulo: Globo, 2006. 578 p.

BENTO XVI. CARTA APOSTÓLICA *por la que Santa Hildegarda de Bingen, Monja Profesa de la Orden de San Benito, es proclamada Doctora de la Iglesia universal. Ad perpetuam rei memoriam*. *L'Osservatore Romano* 8-9 octubre, 2012. Revista Teología • Tomo L • N° 113 • Abril 2014: 17-27

BLOCH, R. Howard. *Misoginia medieval e a invenção do amor romântico Ocidental*. Tradução: Claudia Moraes. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. 277 p.

BORRIELLO, L. *Dicionário de mística*. São Paulo: Edições Loyola; Paulus, 2003. 1084 p.

BOYARIN Daniel. *Israel carnal: lendo o sexo na cultura talmúdica*. Tradução: André Cardoso Rio de Janeiro: Imago, 1993. 286p.

BRANDÃO, Jacyntho José Lins. *Em nome da (in)diferença: o mito grego e os apologistas cristãos do segundo século*. São Paulo: Editora UNICAMP, 2014. 478 p.

BROCHADO, Cláudia Costa. As pouco silenciosas monjas medievais. In: STEVENS, Cristina et. al. (org.). *Estudos feministas e de gênero: articulações e perspectivas*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2014. 620 p. p.588-600.

BROWN, Peter Robert Lamont. *Corpo e sociedade: o homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: J. Zahar, c1990. 485p.

BROWN, Peter. Antiguidade tardia. In: ARIES, Philippe; DUBY, Georges. *História da vida privada*. Tradução: Hildegard Feist. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009. I v. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. 644p. p. 213-284

BYNUM, Caroline Walker. Prefácio. HILDEGARDA DE BINGEN. *SCIVIAS, conhece os caminhos do Senhor*. Tradução: Paulo Ferreira Valério. – São Paulo: Paulus, 2015. 772, p.9-19.

CABRAL, Juçara Teresinha. *A sexualidade no mundo ocidental*. Campinas: Papirus, 1995. 162p.

CAMPBELL, Joseph KENNEDY, EUGENE. *Isto és tu: redimensionando a metáfora religiosa*. Tradução: Edson Bini. São Paulo: Landy, 2002. 230p.

CAPELÃO, André. *Tratado do amor cortês*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo, Martins Fonte, 2000. 306 p.

CARVALHO, Joaquim Félix de; MENDONÇA, José Tolentino. *Flor Brilhante. Hildegard von Bingen*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004. 206 p.

CASAGRANDE Carla; VECCHIO Silvana. Pecado. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Tradução: Hilário Franco Júnior. Bauru, SP: EDUSC; São Paulo: Imprensa Oficial, 2002. 2 v. p. 337-351.

CASTELLO BRANCO, Lucia, 1955. *O que é erotismo*. São Paulo: Brasiliense, 1984. 73 p. (Primeiros passos; 136)

CIRLOT, Victoria. *Hildegard Von Bingen y la tradición visionaria de Occidente*. Barcelona, Herder Editorial, 2012. 230 p.

CIRLOT, Victoria; GARÍ, Blanca. *La mirada interior. Escritoras místicas y visionarias em la Edad Media*. Madri: Ediciones Siruela, 2008. 290 p.

CIRLOT, Victoria. Hildegard von Bingen. *Vida y visiones de Hildegard Von Bingen*. Madri: El Árbol del Paraíso, 2009. 304 p.

CONTRERAS, Isabel Vilches. *Hildegard von Bingen y Bernardo de Clairvaux: una voluntad de ser*. Universidad de Chile. <https://web.uchile.cl/publicaciones/cyber/19/ivilches.html>. Consultado em 09/04/2017.

DEPLAGNE, Luciana Calado. Vozes femininas da Idade Média: Auto-representação, corpo e relações de gênero. In: Anais Fazendo Gênero 8: Corpo, Violência e Poder. Florianópolis, 25 a 28 de agosto de 2008. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST70/Luciana_Calado_Deplagne_70.pdf. Consultado em: 30/08/2017.

DEPLAGNE Luciana Calado (DLCV/PPGL/UFPB). Palavras em ato: A Literatura de autoria feminina na Idade Média. In: <http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/17redor/17redor/paper/view/405/200>.

Novembro de 2012. Consultado em: 02/08/2017

DEPLOIGE Jeroen. Hildegard de Bingen y su Libro Scivias. Ideología y Conocimientos de una Religiosa del Siglo XII. *Revista Chilena De Literatura*. N. 55, p. 85-102 1999. <http://www.revistaliteratura.uchile.cl/index.php/RCL/article/viewFile/39218/40845>

DRONKE, Peter - *Las escritoras de La Edad Media* - Traducción castellana de Jordi Ainaud. Crítica – Barcelona. 1994. 338 p.

DUBY, Georges. *Damas do século XII: Eva e os padres*. Tradução: Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2013 168 p.

DUBY, Georges; PERROT, Michelle. *História das mulheres no ocidente*. Tradução: Maria Helena da Cruz Coelho Porto: Afrontamento, c1990. 5v. Volume 2

ELIADE, Mircea. *Imagens e símbolos: ensaios sobre o simbolismo mágico-religioso*. Tradução: Sonia Cristina Tamer São Paulo: Martins Fontes, 1991. 178p.

ÉPINEY-BURGARD, Georgette / ZUM BRUNN, Émilie. *Mujeres trovadoras de Dios: Una tradición silenciada de la Europa Medieval*. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, S.A. 2007. 280p.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa* /; coord. e edição Margarida dos Anjos, Marina Baird Ferreira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. 2128 p.

FINLAY, Barbara. The Origins of Charisma as Process: A Case Study of Hildegard of Bingen. *Symbolic Interaction*, V. 25, N. 4, p. 537–554, 2002.

FLANDRIN, Jean-Louis. *La moral sexual en occidente: evolución de las actitudes y comportamientos*. Barcelona: Ed. Juan Granica, 1984. 418 p.

GILES, Thomas R. *História da educação*. São Paulo: EPU, 1987. 304p.

GRAÑA CID, María del Mar. Santa Hildegarda de Bingen: Una mujer sabia. *Razón y Fe*, T. 266, N. 1369, p. 411-416, 2012. <https://repositorio.comillas.edu/xmlui/bitstream/handle/11531/7044/GRA%C3%91A-Hildegarda.pdf?sequence=1>

HARRINGTON, Wilfrid J. *Chave para a Bíblia: a revelação: a promessa: a realização*. Tradução: Josué Xavier, Alexandre Matyre. São Paulo: Ed. Paulinas, 1985. 644 p.

HIRSCHBERGER, Johannes. Santo Agostinho: O Mestre do Ocidente – História da Filosofia na Idade Média. In: http://www.consciencia.org/filosofia_medieval4_santo_agostinho.shtml. Consultado em 12/01/17.

Judaísmo Rabínico. IN: https://pt.wikiiversity.org/wiki/Introdu%C3%A7%C3%A3o_ao_Juda%C3%ADsmo/Ramifica%C3%A7%C3%B5es_do_Juda%C3%ADsmo. Consultado em 22/09/2016

KRAUSS, Heinrich. *O Paraíso - de Adão e Eva às Utopias Contemporâneas*. Tradução: Mário Eduardo Viaro. São Paulo: Editora Globo, 2006.

LABARGE, Margareth Wade. *La mujer en la Edad Média*. Madrid: Nerea, 1988. 318p.

LAPA, Manuel Rodrigues. *Lições de literatura portuguesa: época medieval*. Tradução: Hernani Cidade. Coimbra: Coimbra, 1981. 499p.

LE GOFF, Jacques. *O imaginário medieval*. Tradução: Manuel Ruas. Lisboa: Estampa, 1994. 367 p.

_____, Jacques. *As doenças têm histórias*. Tradução: Laurinda Bom. -Lisboa. Ed. Terramar, 1997. 368p.

_____, Jacques. *Uma longa Idade Média*. Tradução: Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. 316 p.

LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas. *Uma história do corpo na Idade Média*. Tradução: Marcos Flamínio Peres. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. 207 p.

MARROU, Henri-Iréné. *História da educação na antiguidade*. Tradução: Mario Leonidas Casanova. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1971. 639p.

MARTINENGO, Marirè *et al.* *Libres para ser. Mujeres creadoras de cultura en la Europa medieval*. Madri. Edições: Narcea. 2000, 329p.

NEWMAN, Barbara. Hildegard of Bingen: Visions and Validation. *Church History*, V. 54, N. 2, p. 163-175, Jun, 1985.

NEWMAN Barbara. *Sister of Wisdom: St.Hildegard of Bingen's Theology of the Feminine*. University of California Press. Berkeley and Los Angeles, California. 1989. 305 p.

NEWMAN, Barbara J. Introdução. In: HILDEGARDA DE BINGEN. *SCIVIAS, conhece os caminhos do Senhor*. Tradução: Paulo Ferreira Valério. – São Paulo: Paulus, 2015. 772, p.21-89.

NUNES Mariciane Mores. *Livre-arbítrio e ação moral em Agostinho*. Um estudo a partir do *De Libero Arbitrio*. 2009. 149f. Dissertação de Mestrado. PUC-RS, janeiro, 2009. In: <http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/2808/1/409453.pdf>

OLIVEIRA Maria Carmen Gomes Martiniano de. *A peregrinação da alma no Scivias de Hildegard de Bingen: criação, queda, redenção e salvação*. *História* (São Paulo) v.32, n.2, p. 209-240, jul./dez.2013. <http://www.scielo.br/pdf/his/v32n2/a11v32n2>

PAGELS, Elaine. *Adão, Eva e a serpente*. Tradução: Talita M. Rodrigues Rio de Janeiro: Rocco, 1992. 229p.

PAIRET, Montserrat Cabre I. Hildegarda de Bingen y la practica de la autoridade. *DUODA Revista @Estudis Feministes*. N. 16, p. 81- 95, 1999.

PALUMBO, CECILIA INÉS AVENATTI de. ¿Visionaria o mística? Hildegarda de Bingen en la encrucijada de lenguaje y experiencia del misterio cristiano. *Revista Teología* • Tomo XLIX • N° 108 • Agosto 2012: 11-24. <http://bibliotecadigital.uca.edu.ar/repositorio/revistas/visionaria-mistica-hildegarda-bingen.pdf>

PERNOUD, Regine. *Hildegard de Bingen: a consciência inspirada do século XII*. Tradução : Eloa Jacobina. Rio de Janeiro: Rocco, 1996. 134p.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. Tradução: Ângela M. S. Corrêa, São Paulo: Contexto, 2007. 190 p.

PICÓN Daniela. La ‘Conciencia Como Escriba’: Una Escena de Escritura Interior en la Obra de Hildegard de Bingen. *Revista Chilena De Literatura*, N 74, p.123 – 137, 2009. <http://www.revistaliteratura.uchile.cl/index.php/RCL/article/viewFile/1352/1249>

PINHEIRO, Mirtes Emília. *As herboristas nas literaturas antiga e medieval: Circe, Hildegarda de Bingen e Isolda*. 2012. 104f., Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais.

PINHEIRO, Mirtes Emília; EGGERT, Edla. Hildegarda de Bingen: as autorias que anunciam possibilidades. In: *Filósofas: A presença das mulheres na filosofia*. Juliana Pacheco (Org.) Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2016. 395 p.

PROENÇA, Eduardo de. *Apócrifos e pseudoepígrafos da Bíblia*. Fonte Editorial, 2012, São Paulo. V. I.

PROENÇA, Eduardo de. *Apócrifos e Pseudoepígrafos da Bíblia*. Vol I. Fonte Editorial, 2012, São Paulo.

RABASSÓ Georgina. De la experiencia místico-cognoscitiva a la epistemología mística: Hildegarda de Bingen. *Mirabilia*, N.17, p.100-114, 2/2013. http://www.revistamirabilia.com/sites/default/files/pdfs/2013_02_04.pdf

RANKE-HEINEMANN, Uta; FRÓES, Paulo. *Eunucos pelo reino de Deus: mulheres, sexualidade e a Igreja Católica*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1999. 383 p.

RENEDO, Rafael. *El Liber Divinorum Operum*. In: HILDEGARDA DE BINGEN. *Liber Divinorum Operum. Libro de Las Obras Divinas*. Traducción del latín y notas por: Rafael Renedo. Madri: Hildegardiana, 2013. 317 p. (p. 1-28)

RENEDO, Rafael. *El Liber Vitae Meritorum*. In: HILDEGARDA DE BINGEN. *Liber Vitae Meritorum. Libro de los Méritos de la Vida*. Traducción del latín y notas por: Rafael Renedo. Madri: Hildegardiana, 2014. 256 p. (p.1-24).

RENEDO, Rafael. *Libro de las Causas y Remedios de las Enfermedades*. IN: HILDEGARDA DE BINGUEN. *Libro de las Causas y Remedios de las Enfermedades*. Traducción: José María Puyol y Pablo Kurt Rettschlag. Madrid: Hildegardiana. 2013a. 189p.

RICOEUR Paul. *O Pecado Original: Estudo de Significação*. Tradução: José M.S. Rosa. Covilhã, 2008.

RIOS, César Mota. A versão de Eva: perspectiva, narrativa e interpretação em A vida de Adão e Eva. Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG. v. 3, n. 5.p. 1-12. ano 2009.

SARATXAGA, K. Movimiento místico y monástico femenino de los siglos XII y XIII. Nova et Vetera: *Temas de Vida Cristiana* V.32, (65), p.85-117, 2008. <http://semweb.org/DOCUMENTOS/Salamanca%2007/Misticas%20femeninas%20medievales.pdf>

SCHMITT, Jean-Claude. *O corpo das imagens: ensaios sobre a cultura visual na Idade Média*. Tradução: José Rivair Macedo. Bauru, SP: EDUSC, 2007. 380 p.

SCHMITT, Jean-Claude. *Os vivos e os mortos na sociedade medieval*. Tradução: Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. 300p.

SIMONI, Karine. De Dama da Escola de Salerno à figura legendária: Trotula de Ruggiero entre a notoriedade e o esquecimento. IN: Deplagne, Luciana Eleonora de Freitas Calado. *As intelectuais na Idade Média: Pensadoras, místicas, cientistas e literatas*. João Pessoa: Editora UFPB, 2015.

STEARNS, Peter N. *História da sexualidade*. Tradução: Renato Marques. São Paulo: Contexto, 2010. 285 p.

TERRA J. E. M., S.j. *A Bíblia e a Natureza*. Edições Loyola. São Paulo, 1986. 152p.

THOMASSET, Claudia. IN: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. *História das mulheres no ocidente*. Tradução: Maria Helena da Cruz Coelho ... [et al.]. Porto: Afrontamento, c1990. 5v. Volume 2. P.63-92.

THOMPSON, AUGUSTINE. Hildegard of Bingen on Gender and the Priesthood. *Church History*, Vol. 63, No. 3 pp. 349-364, 1994.

TROCH Lieve. Mística feminina na Idade Média historiografia feminista e descolonização das paisagens medievais. *Periódicos UFPB*, V.15, N.1, p. 1-15, 2013. <http://periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/viewFile/16324/9352>

VAUCHEZ, André. A espiritualidade da Idade Média ocidental: séc. VIII-XIII. Tradução: Teresa Antunes Cardoso. Lisboa: Estampa, 1995. 224 p.

VAZ, Armindo dos Santos. *A visão das origens em Genesis 2,4b-3,24: coerência temática e unidade literária*. Lisboa: Edições Carmelo: Edições Didaskalia, 1996. 605 p.

XAVIER Maria Leonor L.O. IN: Hildegarda, uma autora multidisciplinar. FERREIRA Maria Luísa Ribeiro (Org.), *Pensar no Feminino, Lisboa*, Edições Colibri, 2001, 295 p.

ZAFRA, Antonio Castro. In: HILDEGARDA DE BINGEN. *SCIVIAS, conoce los caminos*. Traducción de Antonio Castro Zafra y Mónica Castro. – Madri: Editorial Trota, 1999. 508p. p. 9-12